

B

@bernardoguterres.art

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA MARIA
CENTRO DE EDUCAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO - MESTRADO**

Luciano Anchieta Benitez

**PROFESSORES-PSICÓLOGOS (TRANS)FORMADORES:
NARRATIVAS ÉTICO-AFETIVAS DE MASCULINIDADES FORA DO
*CIS-TEMA***

**Santa Maria, RS
2021**

Luciano Anchieta Benitez

**PROFESSORES-PSICÓLOGOS (TRANS)FORMADORES: NARRATIVAS ÉTICO-
AFETIVAS DE MASCULINIDADES FORA DO *CIS-TEMA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação**.

Orientadora: Prof^a Dr^a. Valeska Maria Fortes de Oliveira.

**Santa Maria, RS
2021**

BENITEZ, Luciano Anchieta
PROFESSORES-PSICÓLOGOS (TRANS)FORMADORES: NARRATIVAS
ÉTICO-AFETIVAS DE MASCULINIDADES FORA DO CIS-TEMA /
Luciano Anchieta BENITEZ.- 2021.
176 p.; 30 cm

Orientadora: Valeska Maria Fortes de Oliveira
Dissertação (mestrado) - Universidade Federal de Santa
Maria, Centro de Educação, Programa de Pós-Graduação em
Educação, RS, 2021

1. Professor-Psicólogo 2. Gênero 3.
Transmasculinidades 4. Imaginário Social 5. Formação Ético
Afetiva I. Fortes de Oliveira, Valeska Maria II. Título.

Sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFSM. Dados fornecidos pelo autor(a). Sob supervisão da Direção da Divisão de Processos Técnicos da Biblioteca Central. Bibliotecária responsável Paula Schoenfeldt Patta CRB 10/1728.

Declaro, LUCIANO ANCHIETA BENITEZ, para os devidos fins e sob as penas da lei, que a pesquisa constante neste trabalho de conclusão de curso (Dissertação) foi por mim elaborada e que as informações necessárias objeto de consulta em literatura e outras fontes estão devidamente referenciadas. Declaro, ainda, que este trabalho ou parte dele não foi apresentado anteriormente para obtenção de qualquer outro grau acadêmico, estando ciente de que a inveracidade da presente declaração poderá resultar na anulação da titulação pela Universidade, entre outras consequências legais.

Luciano Anchieta Benitez

**PROFESSORES-PSICÓLOGOS (TRANS)FORMADORES: NARRATIVAS ÉTICO-
AFETIVAS DE MASCULINIDADES FORA DO *CIS-TEMA***

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM, RS), como requisito parcial para obtenção do título de **Mestre em Educação**.

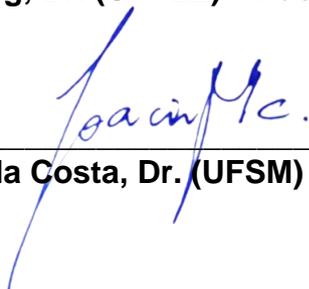
Aprovado em 03 de setembro de 2021:



**Valeska Maria Fortes de Oliveira, Dr^a.
(Presidente/Orientadora)**



Lui Nörnberg, Dr. (UFPEL) - videoconferência



Joacir Marques da Costa, Dr. (UFSM) - videoconferência

**Santa Maria, RS
2021**

Dedico este trabalho a “*Caio*” e “*Jorge*”, que compartilharam um pouco de si e me tornaram mais humano, e a todas as pessoas transvestigêneres que colocam seus corpos e suas existências politicamente em disputa para que possam sobreviver e TRANSformar o mundo.

AGRADECIMENTOS

Sou o resultado de todos os encontros que me potencializaram e me fizeram perseverar em minha própria existência. O que sou hoje, neste exato momento em que escrevo, tem um pouco de cada uma das pessoas que gostaria de agradecer aqui, mesmo aqueles e aquelas que esqueci de nominar ou que se perderam pelos caminhos da vida. Tarefa quase impossível abraçar a todos e todas com apenas dois braços, pensamentos caóticos e um turbilhão de emoções (justifico e desculpo-me pelos lapsos). Foram essas emoções que sedimentaram alguns (des)encontros, que me produziram e impulsionaram a produção desta dissertação.

Como diria Caio Fernando Abreu, que me acompanha desde a adolescência, “depois de todas as tempestades e naufrágios, o que fica de mim e em mim é cada vez mais essencial e verdadeiro”¹. Nos momentos de tempestades e de naufrágios, eles sempre foram meu lugar de afeto e proteção. Agradeço aos meus *viejos*, Carmen e Claudio, por estarem comigo todos os dias da vida, oferecendo leveza, amor, um colo, uma palavra de carinho ou uma sobremesa (das deusas!) quando a vida pesa sobre os ombros. Eles me presenteiam, a cada amanhecer, com a certeza de que não existe amor errado e que toda existência é digna de cuidado. Acho que fizemos um bom trabalho até agora. *Papys* e *Mamys*, é tudo nosso!

O afeto escolhe moradas inusitadas, às vezes precárias e provisórias. Quero agradecer ao Gus, “*vulgo Morzim*”, como dizia meu pai, que foi uma dessas breves, provisórias e precárias moradas. Mesmo chegando anteontem e partindo ontem, no meio do caos, *desbagunçou* minha vida, trouxe luz e o melhor capuccino gourmet do universo conhecido; transformou o dia-a-dia numa constante festa surpresa, cuidou da casa e me capturou. A ausência é uma marca na memória e neste trabalho fica o registro indelével desse breve encontro.

Entretanto, alguns amores permanecem, atravessando tempos e distâncias, mesmo que nossas vidas sigam outras afeições e nossos olhares escolham outros portos. Transformados, reinventados, seguimos presentes e resistentes. Sou agradecido ao universo pela possibilidade de, em algum momento longínquo, meu olhar ter encontrado o do Láinon, um artista incrível e uma das pessoas mais doces e ternas que já conheci. Obrigado por me ajudar a ver o mundo com mais beleza,

¹ Esta frase faz parte do conto *Lixo e Purpurina*, que é um apanhado de relatos de um diário, misturando realidade e ficção, escrito no exílio de Caio na década de 1970. (ABREU, C. F.. **Ovelhas Negras**. Porto Alegre: Sulina, 1995).

por me emprestar tua humanidade e por existir na minha vida, me tornando um homem mais sensível, inteiro e presente.

Obrigado, do fundo da alma, às minhas irmãs da vida, Sara e Priscila. Sara, que me acompanha desde a graduação em Psicologia nos cafezinhos e cigarros do intervalo, num choppinho estendido nos botecos da vida e que embarca nas minhas viagens epistemológico-filosófico-existenciais mais loucas. Priscila, que dividiu comigo o consultório e as angústias de recém-formados, as desmesuras de “jovens” psicólogos e que segurou minha barra nas breves escapadas para um bate-papo. Felizmente, fluímos!

Esta dissertação é um trabalho conjunto, feito de muitas participações, diretas e indiretas. Talvez as participações mais importantes sejam as dos bastidores. Por isso quero fazer um agradecimento super especial à Giana, minha analista, integrante “da equipe” há quase uma década e que me ajuda a olhar o horizonte com mais nitidez. Aos meus colegas de clínica, Josie e Antonio, que me acolheram com afeto, ética e zelo nos momentos em que nossos encontros de estudos clínicos se transformavam em grupo de apoio.

Aos professores e às professoras que me acompanharam ao longo da vida e que despertaram o desejo de conhecer e investir na educação como um caminho para a liberdade. Em especial, agradeço à professora Valeska Fortes de Oliveira, que me abraçou desde 2017 no GEPEIS/UFSM, orientou meu percurso com o mais sincero dos afetos e diariamente é um sopro de esperança e inspiração. Aos professores Izaque Machado Ribeiro, Joacir Marques da Costa e Lui Nörnberg, que compuseram a banca de avaliação e generosamente contribuíram com esta dissertação, desde a qualificação do projeto. Juntos, reinventamos imaginários e produzimos afetos.

TRAÇOS DE MIM

Carrego cicatrizes de ser quem sou
Mas quem não as tem?
Cada um carrega em si as marcas
de ser quem se é.

As minhas são expostas, nítidas,
Assim como minha vivência.
Elas são um traço de minha história.
São linhas divisórias de vida
Delimitando fisicamente
O momento do meu encontro comigo mesmo.

As minhas cicatrizes me lembram a todo momento
Quem sou
E de que não posso esquecer quem fui
Não nasci em um corpo errado
Mas foi necessário o corte no peito
Para trazer ao corpo,
Rasgando a norma
E esses traços carregam
as dores e sabores desse rompimento.

Em meu peito ficou a marca da emenda
Mas uma emenda que estabelece
O encontro do que fui com meu 'venho sendo'
São traços de um caminho para tornar-me Eu
Em meu peito carrego o desenho
da reinvenção de mim mesmo.
Minha obra prima.

(Caio²)

² Esta poesia foi escrita por um dos sujeitos coautores desta pesquisa (auto) biográfica. A fim de preservar sua identidade, mantive o pseudônimo escolhido por ele para a produção das narrativas.

RESUMO

PROFESSORES-PSICÓLOGOS (TRANS)FORMADORES: NARRATIVAS ÉTICO-AFETIVAS DE MASCULINIDADES FORA DO *CIS-TEMA*

AUTOR: Luciano Anchieta Benitez
ORIENTADORA: Prof^a Dr^a Valeska Fortes de Oliveira

Esta dissertação trata da formação docente em Psicologia, com atravessamentos de temas relacionados a gênero e sexualidade, com ênfase em transmasculinidades. A pesquisa foi desenvolvida através do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE), da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), integrando a Linha de Pesquisa “Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional”. A questão principal discutida é de que forma as vivências fluídas de pessoas de gêneros não conformistas convocam à reflexão sobre a formação de professores e de psicólogos. Assim, problematiza-se nesta pesquisa a Formação de Professores, relacionada com a Formação de Psicólogos, através de autorrelatos de dois professores de Psicologia transmasculinos, de diferentes estados brasileiros, acerca de seus processos formativos iniciais e continuados. Propõe-se trazer à discussão a percepção desses docentes do ensino superior sobre sua formação como Psicólogos e como Professores. A pesquisa foi realizada com o aporte do método (auto) biográfico, que possibilita que os sujeitos envolvidos produzam outro espaço e tempo de produção de subjetividades e interferências nas realidades da própria subjetividade. O texto está dividido em três momentos: duas seções, denominadas “CONSIDERAÇÕES PRÉ-PANDÊMICAS: Pactos para um futuro incerto” e “CONSIDERAÇÕES TRANS-PANDÊMICAS: Travessias e encontros (im)possíveis”, além de um terceiro, denominado “CARTA DE NAVEGAÇÃO PANDÊMICA: Um porto pós-pandêmico”. Os títulos foram escolhidos devido ao período em que a pesquisa foi desenvolvida (no segundo semestre de 2019, ao longo de 2020 e concluída no primeiro semestre de 2021) em meio à pandemia de SARS CoV - 2 (Coronavírus Covid-19). No primeiro momento, foi realizada, entre novembro de 2019 e julho de 2020, a delimitação das temáticas e a pesquisa bibliográfica, com ênfase na teoria do Imaginário Social de Cornelius Castoriadis e na Ética spinozana. O segundo momento, iniciado em junho de 2020, compreende a busca ativa por participantes, os primeiros contatos com os participantes, produção de narrativas, através de entrevistas orientadas por um Roteiro (Auto) Biográfico, e contextualização das narrativas produzidas. Por fim, o terceiro momento, realizado no primeiro semestre de 2021, foi a conclusão da produção e a análise das narrativas. A análise foi dividida em três categorias: imaginário de gênero, imaginário das identidades e imaginário da proficiência. A partir dessas categorias foi possível compreender de que forma esses sujeitos constituem seu fazer profissional e percebem-se como psicólogos e professores, atravessados por questões da produção de identidades e questões de gênero. As principais discussões suscitadas nas narrativas foram acerca das identidades (trans)masculinas, identidades profissionais e formação ético-afetivo-política de psicólogos e de professores, as redes de afeto na construção das masculinidades não hegemônicas e as questões de gênero no fazer(-se) docente.

Palavras-chave: Professor-Psicólogo. Gênero. Transmasculinidades. Imaginário Social. Formação Ético-Afetiva.

ABSTRACT

(TRANS)FORMATIVE³ TEACHERS-PSYCHOLOGISTS: ETHIC-AFFECTIVE MASCULINITY NARRATIVES OUT OF THE CIS-TEM⁴

AUTHOR: Luciano Anchieta Benitez

ADVISOR: Professor Valeska Fortes de Oliveira, PhD

The present Master's Thesis concerns teacher training in Psychology through topics related to gender and sexuality, emphasizing trans-masculinities. The research was developed in the Graduate Program in Education of the Federal University of Santa Maria, integrating the Research Line "Teaching, Knowledge and Professional Development". The main question is how fluids life experiences of people with non-conformist genders call for a reflection on teacher and psychologists' training. Thus, it is problematized in this research the Teacher Training related to Psychologist Training through self-reports of two trans-men Psychology's professors from different Brazilian states on their initial formative processes and continuing education. The proposal is to discuss their perceptions of Higher Education regarding their training as Psychologists and Professors. The autobiographical method served as a basis for the research, which allows the subjects involved to produce another space and time for the production of subjectivities and interferences in the realities of their own subjectivity. The text is divided into three moments: two sections called "PREPANDEMIC CONSIDERATIONS: agreement to an uncertain future" and "TRANSPANDEMIC CONSIDERATIONS: (Im)possible meetings and journeys", and a third called "PANDEMIC NAVIGATION CHARTER: a post-pandemic harbor". This research started to be developed in the second semester of 2019 and was concluded in the first semester of 2021, during the SARS CoV-2 (CORONAVIRUS/COVID-19), so we have considered this fact to choose the titles. At first, in November 2019, it was delimited the topics and bibliography research emphasizing the theory of social imaginary by Cornelius Castoriadis and in Spinoza's Ethics. In the second moment, on June 2020, it started the active searching for participants, the first contact with them, narrative productions through oriented interviews following a self-biographic guide, and contextualization of the narratives produced. Finally, the third moment realized in the first semester of 2021, we concluded the production and analysis of the narratives. The analysis is divided into three categories: gender imaginary, identity imaginary, and proficiency imaginary. From these three categories, it was possible to understand how the participants constitute their professional acting and perceive themselves as Psychologists and Professors through questions of identity production and gender issues. The main discussions raised on the narratives were about trans-masculine identities, professional identities and ethic-affective-politics Psychologists and Professor's training, affective circles in the construction of non-hegemonic masculinities, and gender issues in Teaching.

Keywords: Psychologist-Professor. Gender. Trans-masculinities. Social Imaginary. Ethic-Affective formation.

³ Pun using the words "formation" and "transformation".

⁴ Pun using the words "cisgender" and "system".

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO: DOS POTENTES ENCONTROS QUE ME CONSTRUÍRAM	10
PRIMEIRA SEÇÃO – CONSIDERAÇÕES PRÉ-PANDÊMICAS: PACTOS PARA UM FUTURO INCERTO	16
1 POR QUE FALAR SOBRE TRANSMASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR?	17
2 FIOS DE MEMÓRIAS: A TRAMA NARRATIVA DA TRAVESSIA PANDÊMICA	26
3 TRAVESSIA PRÉ/TRANS/PÓS-PANDÊMICA: CONSIDERAÇÕES METODOLÓGICAS	30
SEGUNDA SEÇÃO - CONSIDERAÇÕES TRANS-PANDÊMICAS: TRAVESSIAS E ENCONTROS (IM) POSSÍVEIS	36
4 IMAGINÁRIO DAS IDENTIDADES: CAIO, “O HOMEM DAS APOSTAS”, E JORGE, “O GUERREIRO DOS AFETOS”	42
5 IMAGINÁRIOS DE GÊNERO: QUANDO GÊNERO É UMA QUESTÃO EM EDUCAÇÃO?	53
5.1 DISTOPIAS REVELADAS: Notas sobre Gênero, Educação e Psicanálise	63
6 IMAGINÁRIOS DAS MASCULINIDADES: “UNS PENDURAM AS BOTAS, EU PENDUREI O PINTO!”	68
6.1 AS TRANSMASCULINIDADES COMO DENÚNCIA DA CRISE DAS MASCULINIDADES	76
6.2 O QUE AS MASCULINIDADES DISSIDENTES TÊM A DIZER PARA A UNIVERSIDADE: Transmasculinidades e educação superior.....	83
7 IMAGINÁRIOS DA PROFICIÊNCIA: IMAGINÁRIO DA FORMAÇÃO DE PROFESSOR E DA FORMAÇÃO DE PSICÓLOGO.....	89
7.1 AOS BONS ENCONTROS DO FAZER(-SE) DOCENTE: Autonarrativa, formação e afetividade.....	93
7.2 REINVENTAR A FORMAÇÃO ATRAVÉS DO IMAGINÁRIO	107
7.3 UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO.....	116
CARTA DE NAVEGAÇÃO PANDÊMICA: UM PORTO PÓS-PANDÊMICO	124
REFERÊNCIAS.....	137
ANEXO A – CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA	144
ANEXO B - ROTEIRO (AUTO) BIOGRÁFICO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES-PSICÓLOGOS.....	145
ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	148
ANEXO D – DIÁRIO DE CAMPO (TRANS)PANDÊMICO.....	150
ANEXO E – CARTA-DISPOSITIVO.....	173

APRESENTAÇÃO: DOS POTENTES ENCONTROS QUE ME CONSTRUÍRAM

Mas você? Você não ouviu nada. Você sequer fala a nossa língua.

(Preto Theo⁵)

Narrar encontros com o outro é narrar-se? Escrever essas narrativas é sempre uma tarefa difícil, que nunca cessa e nunca é conclusa. Escrever é traduzir-se também. Nesse movimento, mostramo-nos e descortinamos um imaginário com o leitor. E por ser uma exposição de si, esperamos o olhar do outro, a partir de cada silenciosa palavra escrita. E assim teço minha rede invisível de afetos e produzo a mim mesmo. Quando me traduzo, lembrando a poesia Traduzir-se, do saudoso Ferreira Gullar (GULLAR, 1985, p. 144-145), somam-se a esse sujeito que engendro uma parte que é todo mundo e outra que é ninguém, fundo sem fundo. Parte de mim é multidão, é tudo aquilo que vi, ouvi, senti, vivi e perdi. Hoje, esta dissertação é o resultado dessa parte multidão e parte estranheza, dessas partes de mim que ponderam e de outras que deliram.

É impossível escrever em terceira pessoa nestes tempos de estranhamento. Em qualquer assunto que eu pense e que tente escrever, imediatamente surgem imagens da minha realidade, da minha história, das minhas memórias de afeto, presentes e passados. Com o distanciamento social imposto pela pandemia SARS - CoV - 2 (Covid 19), abandonei um pouco o distanciamento asséptico da linguagem impessoal. Tudo, ou quase tudo, é em primeira pessoa, quase tudo é pessoal e quase tudo é urgente. Talvez seja uma tentativa de (re)conhecimento e de (re)encontro.

Este é um trabalho de muitas tessituras, principalmente de tecer-me nos encontros com outros. É a textura de um processo que ocorre em um momento existencial peculiar no mundo. Em meio a uma vida repleta de desencontros, isolamentos, angústias e silêncios, busco vozes dissonantes, dispondo meu texto como notas para acomodarem essas vozes. As minhas expectativas pré-pandêmicas, tornaram-se esperanças trans-pandêmicas e num futuro pós-pandêmico breve (rogo às deusas) transformem-se em sonhos realizados em

⁵ Poeta, produtor e ator da zona leste de São Paulo. Transmasculino, é slamaster no Slam Marginália (batalha de poesia para pessoas trans, não binárias, queer e gênero dissidente). Fonte: <http://www.sintratel.org.br/site/index.php/noticias/sintratel-cultural/2465-10-poetas-trans-para-voce-conhecer-especial-diadavisibilidadetrans>. Acesso em 28/07/2020.

partilhas. É uma construção do que posso ser a partir dessas vidas que brevemente foram compartilhadas comigo, sempre tão interessantes quando vistas à espreita pelo buraco da fechadura. Então, não serei o único autor deste trabalho. Apresento-me como o resultado de uma história de vida que é minha, mas que é sempre de um terceiro que não está aqui. O que posso dizer, quando traduzo minha parte vertigem em outra parte (linguagem)?

Minhas escolhas trouxeram-me até aqui, neste momento de contar histórias que me contaram e que contam também sobre mim. Sempre fui o menino calado, meio solitário, perdido entre *Playmobils*, ferroramas e a Enciclopédia Barsa. O olhar virado para a tempestade e o ouvido para a reação de espanto das pessoas com ‘pretume’ das nuvens, na calmaria que precedia a tempestade. Ouvir as vidas dos outros sempre me atraiu. Saber da existência das coisas, das pessoas e do mundo sempre me encantou. Influenciado por Marcel Proust, Bertold Brecht, Clarice Lispector, Fernando Pessoa e pelo mais revelador de todos, Caio Fernando Abreu. Foi Caio que despertou em mim o desejo de escrever, e de saber, sem culpa, que as asperezas interiores da minha própria vida poderiam ser contadas. Foi ele que me ensinou que sempre tem uma coisa bonita para a gente ver depois do medo: “Tudo aos poucos vira dia e a vida – ah, a vida – pode ser medo e mel quando você se entrega e vê, mesmo de longe.”. (ABREU, 2005, p. 63).

Foi por essa curiosidade sobre o mundo, sobre a vida e sobre as pessoas que escolhi, na juventude, estudar Filosofia. Mas não foi suficiente. Anos mais tarde caí nas (des?)graças da Psicologia. Temas relacionados à gênero e sexualidade sempre me acompanharam em meu percurso acadêmico. Da mesma forma, temas relacionados à educação, à formação discente, em minha formação na Filosofia, e docente, na minha formação em Psicologia.

E nessa malha de saberes e significados estou enredado até hoje. A escolha pelo tema das transmasculinidades não veio por acaso. Na verdade, não sei nem mesmo se escolhi esse tema. Estudar a pluralidade das masculinidades era uma necessidade minha, enquanto homem. Porque as masculinidades atravessavam meu corpo e me destituíam aquilo que eu julgava masculinamente meu território. Embora eu tenha os privilégios de ser um homem cisgênero branco (e não poderei falar de outro lugar), sou atravessado pelas violências da cisheteronormatividade, assim como todos os homens, cisgêneros ou transgêneros, brancos ou não, heterossexuais ou não. Mas algo nessa névoa da normatividade me afligia: somos

todos homens, todos afetados, de alguma maneira todos atravessados por essa violência intrínseca e estrutural. Mas há diferenças sensíveis e significativas. A cisheteronormatividade não atinge um corpo cisgênero branco da mesma forma que atinge um corpo transgênero. A transgeneridade pode ser entendida como uma dissidência de gênero porque ultrapassa o binarismo masculino/feminino e nos interpela sobre o que é ser homem ou mulher. São essas vozes dissidentes, masculinas como a minha, que ecoam sons diversos dos meus, que eu quero ouvir. São eles que, contando suas histórias, contam a minha também porque essas vozes recriam as masculinidades e ampliam seus espectros.

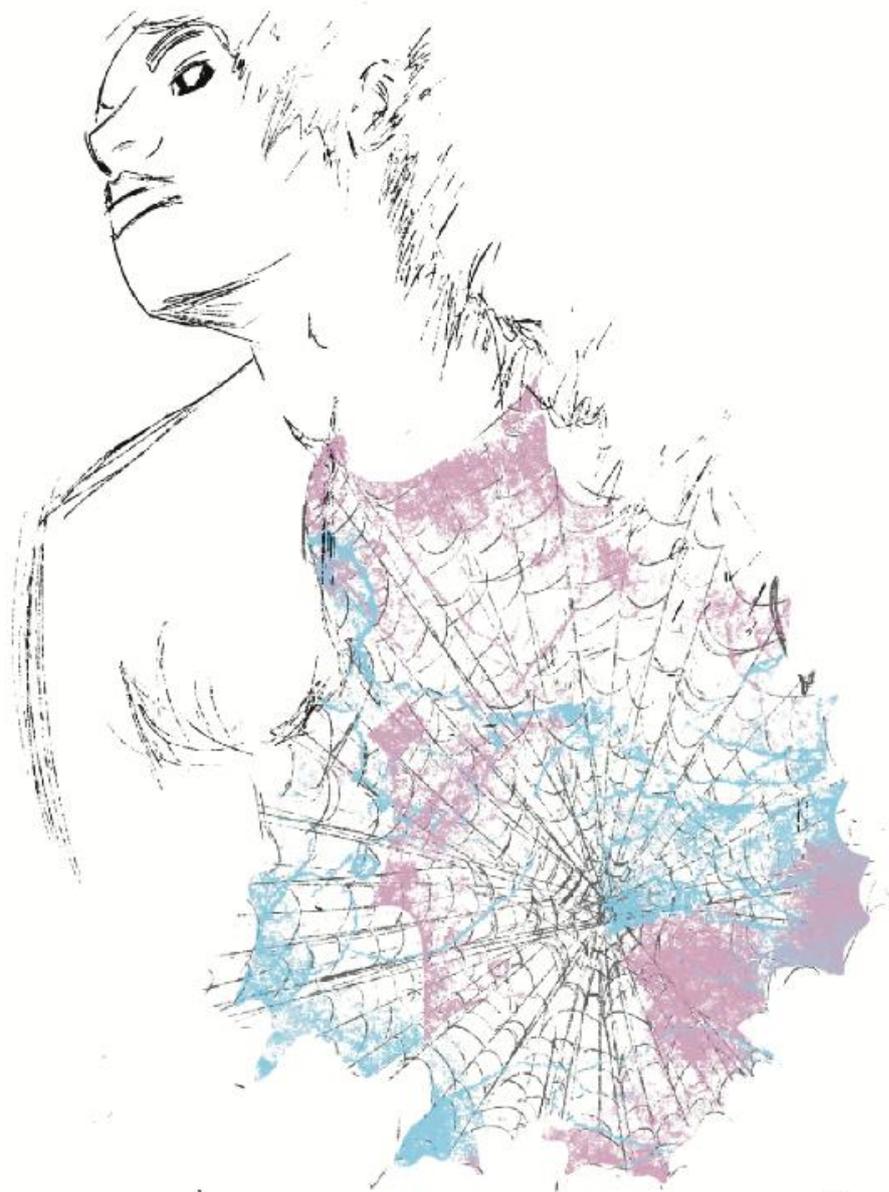
Esta pesquisa é um convite ao leitor para compreender o que essas vozes dissidentes nos dizem sobre a formação docente em Psicologia. É um convite a entrar nessa rede de sentidos, na tentativa de encontrar respostas sobre uma questão que emerge: Como professores-psicólogos convocam narrativas (auto)biográficas de suas experiências com as (trans)masculinidades⁶?

Esta dissertação é uma tentativa de desenredar, talvez, essa malha que me enreda. Pode ser uma doce ilusão saber dos enredos que enredam essas tramas de vidas, na tentativa de desenredar os enredos que me formam. Talvez eu tenha, ao fim e ao cabo, a mesma curiosidade infantil de olhar o mundo, em silêncio, pelo buraco da fechadura da casa dos meus avós. Mas cá dentro, ecoam, ainda, as palavras de Gullar (1985, p. 145):

Traduzir uma parte
na outra parte

- que é uma questão
de vida ou morte –
será arte?

⁶ As transmasculinidades são espectros das transexualidades. Existem diversas denominações para identificar sujeitos que foram identificados no nascimento como pertencentes ao sexo feminino, mas que se identificam com o sexo masculino.



obersantoguterres.art

PRIMEIRA SEÇÃO – CONSIDERAÇÕES PRÉ-PANDÊMICAS: Pactos para um futuro incerto

Fazer pactos com o nada
 ou aprender a lidar com tudo?
 Autoconhecimento não funciona
 para fazer do vazio do nada
 a suficiência do tudo.
 Tudo ou nada?
 Só dois caminhos não bastam.
 Não cabe hormônio
 no corpo que não se conhece mais.
 (Ika Eloah⁷)

É preciso fazer pactos. Pactos com os outros, com a vida e consigo mesmo. Até mesmo pactos com o nada, para que dele tenhamos a sensação, ainda que provisória, de que tudo vai ficar bem. E esperamos que realmente fique. Foi realizando pactos, também, que esta pesquisa foi possível. Pactos com o presente, com o passado e com o futuro. Fazer as pazes e realizar novos acordos, reconhecer e re-significar as trajetórias que haviam sido planejadas ao longo da vida e no projeto inicial.

O que será apresentado a seguir é o resultado de várias pactuações e repactuações. E talvez a imagem que ilustra esta seção, criada pelo artista visual Bernardo Guterres, represente esse olhar para o passado, para um pré-acontecimento, uma pré-invasão, uma pré-existência, a fim de trazer sentidos perdidos para o presente. A pesquisa (auto) biográfica é um olhar atualizado para o passado, é lembrar e reescrever(-se), é um presente ou pré-sente. O que podemos pré-sentir quando olhamos para aquilo que era pré-pandêmico?

Talvez não existam respostas suficientes para essa pergunta. Mas por se tratar de pré-sentir em encontros potentes, tentamos indicar o quanto a pesquisa (auto) biográfica em educação, relacionada a gênero e sexualidade, é mais que uma metodologia de pesquisa: é uma abordagem através de uma teoria-epistemologia, uma ferramenta de ser e estar, quando apenas dois caminhos, segundo nossa tradição científica binária, não são suficientes. Apresentamos a seguir alguns pressupostos desta pesquisa e a abordagem adotada para a tessitura das narrativas em encontros pandêmicos.

⁷ ELOAH, 2017, p. 50.

1 POR QUE FALAR SOBRE TRANSMASCULINIDADES NA EDUCAÇÃO SUPERIOR?

Às vezes eu sinto
como se o corpo fosse explodir.
do nada.

De tanto que
me queimam
esses olhares
incandescidos
de ódio
e
repulsa.

(Piê Poeta⁸)

Esta é uma pergunta que tem sido feita (por mim e por alguns de meus interlocutores) desde os primeiros movimentos da construção desta dissertação. Talvez uma pergunta mais assertiva poderia ser: Por que ainda se fala tão pouco sobre transmasculinidades na educação superior? Nós, educadores, estamos preparados e preparadas para ouvir as vozes transvestigêneres⁹, por muito tempo silenciadas? As questões levantadas, como espectro da formação em Psicologia, configuram uma reflexão no sentido do enlaçamento entre cuidado e formação, entendidos como intrinsecamente relacionados. A proposta de trabalho apresentada segue o sentido de Formação dado por Nóvoa (1988, p.116), quando afirma que “[...] ninguém forma ninguém, a formação é inevitavelmente um trabalho de reflexão.”.

Dessa questão dobram-se outras, que serão apresentadas ao longo desta dissertação. Trato as questões como dobras e não como desdobramentos por uma questão simples e forte: a produção de efeitos e de afetos e o trabalho (auto) formativo docente como uma dobra sobre si mesmo. O “pouco” que se fala sobre transmasculinidades na educação superior pode ser o muito dos efeitos desses silêncios. É inevitável uma dobra sobre as maneiras que as questões de identidade de gênero afetam a formação do psicólogo. E dessa dobra, outra: como reverbera,

⁸ Piê é mineiro de Belo Horizonte (MG), trans não-binário, autista, artista, biólogo, poeta, professor escritor, ator, artista plástico e músico. Fonte: <http://www.sintratel.org.br/site/index.php/noticias/sintratel-cultural/2465-10-poetas-trans-para-voce-conhecer-especial-diadavisibilidadetrans>. Acessado em 28/07/2020.

⁹ Termo criado por Indiananare Alves Siqueira, presidente do TansRevolução, idealizadora do PreparaNEM e da CasaNEM, para designar transexuais, travestis e transgêneros. Segundo a autora, o termo designa tudo o que está para além da vestimenta, da genitália, raça e do gênero, como contraponto ao termo queer (abrasileirado para cuir). (JESUS, 2013).

na formação docente, a (des) construção das masculinidades frente ao reconhecimento de um corpo transmasculino?

No ano de 2018 o Conselho Federal de Psicologia – CFP, em parceria com a Associação Brasileira de Ensino de Psicologia – ABEP e a Federação Nacional de Psicólogos – FENAPSI, lançou um movimento de discussões e reflexões sobre a Formação do Psicólogo chamado “Ano da Formação e Psicologia – Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais Para os Cursos de Graduação em Psicologia”. Esse documento traz reflexões sobre a formação inicial do Psicólogo e sua qualificação teórico-metodológica, afirmando que a formação deve ser generalista e permitir ao profissional acesso a conhecimentos e práticas que o preparem para diversas possibilidades de atuação (BRASIL, 2018). Desse conceito de “formação generalista”, surgem dois grandes questionamentos: o primeiro acerca do termo “formação” e o segundo acerca do termo “generalista”.

Santos (2020a, p. 48) desenvolveu uma pesquisa sobre a produção científica acerca das transexualidades, no período entre 1995 e 2018, com ênfase nos estudos sobre as transmasculinidades. Buscou refletir sobre as vivências, potencialidades e desafios relacionados às identidades transexuais, incluindo as transmasculinas. Os descritores utilizados foram: “Transexual”; “Transexualidade”; “Transexualismo”; “Transmasculinidade”; “Transfeminilidade”; “Transhomem”; “Transmulher”; “Transgênero”; “Transfobia”; “Cisheteronormatividade”; “Cisnormatividade” e seus plurais, em títulos e palavras-chave. Até abril de 2019 foram registradas 1.146.290 publicações disponíveis no Catálogo de Teses e Dissertações no *site* da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES). Dessas, 406 (323 dissertações de mestrado e 83 teses de doutorado) relacionavam-se às transexualidades, ou seja, menos de 1% de todas as publicações nacionais. A autora aponta que 2018 foi o ano com maior número de publicações, 103 no total e aponta para um crescimento desde 2010.

O estudo aponta para uma produção muito pouco expressiva sobre o tema das transexualidades, e em especial, quando refere-se às transmasculinidades, os números são ainda menos significativos. Do total identificado, apenas 21 pesquisas discutem especificamente corpos transmasculinos, correspondendo à 5,17%, ao passo que 94,83% são trabalhos que abordam temas relacionados às mulheres trans e travestis. As transmasculinidades ainda são mais invisibilizadas que as transfeminilidades. Os temas relacionados a homens trans estão associados aos

processos de transição, despatologização, saúde e corpo. Temas relacionados à educação foram desenvolvidos em Programas de Pós-Graduação da área da Educação, relacionados à temas como corpo e transmasculinidades de forma abrangente, em apenas dois trabalhos. (SANTOS, 2020a, p. 60 – 61).

Ribeiro (2019) realizou um estudo sobre produções realizadas nos Programas de Pós-Graduação em Educação públicos e privados do Rio Grande do Sul acerca de temas relacionados a transgêneros, travestis e transexuais e afirma que há uma produção incipiente sobre o tema. Os descritores utilizados na pesquisa foram: “travestis”; “transexuais”; “transgêneros”; “diversidade sexual e educação superior”; “nome social”, além do filtro “ciências humanas: educação: pós-graduação em educação”. Apresenta que as produções até 2017 são inexpressivas. De um universo de 3.981 teses e dissertações localizadas, apenas 24 trazem no escopo estudos de gênero, e dessas, apenas 05 têm interesse em estudos sobre pessoas trans no Ensino Superior, todas da Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Assim, além de escassos, os estudos concentram-se em grandes centros. (RIBEIRO, 2019, p. 82).

Este trabalho é construído na tentativa de responder às inquietações sobre a formação docente em Psicologia, com ênfase na abordagem de temas relacionados a gênero e sexualidade. Mais especificamente, a questão principal é como as vivências não normativas de pessoas de gêneros não conformistas nos convocam a repensarmos a formação de professores-psicólogos. Com a utilização do método (auto) biográfico, propõe-se trazer à discussão como as narrativas de professores-psicólogos, auto-identificados como transmasculinos, nos convocam a pensarmos a formação em Psicologia e as masculinidades não hegemônicas. Um dos objetivos é identificar as representações imaginárias desses professores de Psicologia sobre si mesmos em espaços educacionais, bem como sobre o imaginário instituído acerca da Formação de Professores e de Psicólogos em contextos educacionais.

Ferrarotti (2010) observa que a utilização do método biográfico trouxe controvérsias teóricas, em especial sobre o reconhecimento de seu estatuto científico como método de investigação autônomo. Isso porque há uma exigência de renovação metodológica que se contraponha ao artificialismo da separação sujeito-objeto e ao formalismo dos axiomas sociais buscados pela investigação. Outra questão que interessa sobremaneira nesta pesquisa é o que o autor aponta por uma correspondência do método às exigências de uma nova antropologia, no sentido de

se conhecer melhor as microestruturas da vida cotidiana. Segundo ele, a sociologia clássica é “[...] impotente para compreender e satisfazer essa necessidade de uma hermenêutica social do campo psicológico individual.”. (FERRAROTTI, 2010, p. 35). Dessa forma, o método biográfico apresenta-se como alternativa eficiente para realizar a mediação entre história individual e história social. Delory-Momberger (2011, 342) apresenta um pensamento que vai no mesmo sentido, afirmando que a biografia é “[...] uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos.”

São essas pontes de linguagem, nas vozes dissonantes de corpos dissidentes, que trazem força às autonarrativas que serão produzidas nesta pesquisa. A relevância da pesquisa proposta destaca-se pela necessidade de relacionarmos Formação de Psicólogos com ênfase em educação conexa às questões emergentes socialmente sobre gênero (transexualidade em especial), através de uma análise que tencione algumas posições no sistema hegemônico heteronormativo, que denomino *cis-tema*, em um trocadilho entre os termos sistema e cisgênero, produzindo questionamentos no território do gênero, em especial sobre o binarismo regulador masculino e feminino e sobre a produção das masculinidades.

Cisgêneras, ou “cis”, são pessoas que se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascerem. Pessoas não cisgêneras são aquelas que não se identificam com o gênero que lhes foi atribuído ao nascerem. Essas pessoas podem identificar-se como transgênero, transexuais, travestis, mulheres trans ou homens trans. Há, ainda, aqueles que não se identificam com nenhum gênero, sendo denominadas agêneras ou não binárias, termo guarda-chuva que abarca diversas identidades de gênero. Não existe uma unidade quanto aos termos mais adequados. Há uma interpretação que considera a categoria transgênero à parte das pessoas travestis e transexuais. Entretanto, Jesus (2012) apresenta um ponto de vista partilhado entre alguns especialistas que considera, a partir do reconhecimento da diversidade de formas de viver o gênero, dois aspectos na definição da denominação transgênero: a vivência do gênero como identidade (característico de transexuais, transgêneros e travestis) e funcionalidade (representado por *crossdressers*, *drag queens*, *drag kings* e transformistas).

Jesus (2014) afirma que é reconhecido que a população transgênero está marginalizada no processo social e excluída dos discursos e práticas sexistas, em

especial cissexistas e transfóbicos. Segundo a autora, surge no meio acadêmico grupos trans que produzem “[...] estratégias discursivas críticas ao imaginário social ligado à noção de uma separação morfológica rígida e imutável entre sexo e gênero.”. (JESUS, 2014, p. 10). Essa divisão é sempre binária, colocada a partir de marcadores biológicos de sexo, invariavelmente masculino e feminino. Decorre que pessoas trans estão condicionadas a esses enquadramentos, conforme a norma binária masculino/pênis, feminino/vagina.

Não há um consenso entre os pesquisadores sobre a terminologia utilizada para designar os sujeitos transexuais. Em algumas denominações, há a consideração do sexo e não do gênero e em outras a consideração do gênero e não do sexo, denominando-os transexuais masculinos. Em denominações que consideram o movimento *queer*, homens são denominados FTM (*Female to Male*), *Transman*, *transgender* e *transpeople* (ÁVILA, 2014). Neste trabalho as categorias empíricas transmasculino (s), FTM, homem trans e transhomem serão utilizadas como sinônimos e serão feitas as devidas ressalvas e pontuações sobre a terminologia quando se fizer necessário. Entretanto, o entendimento de Ávila (2014), pelo uso do termo substantivado transhomem apresenta-se mais consensual, pois não qualifica os sujeitos, como o termo homem trans, por exemplo. A autora afirma que, ao usar o termo transexual antes do termo masculino ou após o termo homem, há uma qualificação desse sujeito.

Existe uma produção importante, embora pouco expressiva quantitativamente, sobre gênero e sexualidade, em campos que entrelaçam Psicologia e Educação. Entretanto, ainda há um caminho considerável a ser percorrido e este trabalho tem como objetivo trazer contribuições sobre as discussões em gênero e sexualidade nesses campos. Uma das primeiras perspectivas, já ultrapassadas e que não será sustentada nesta dissertação, é de que gênero é uma construção conceitual que parte das diferenças físicas (biológicas) binárias de masculino e feminino. Sexo biológico é uma categoria sobre a qual há uma construção ideal, materializada por normativas regulatórias e práticas discursivas que o produzem e o replicam. Gênero, entretanto, não é causado pelo sexo biológico, podendo apresentar-se de maneiras bastante diversas e afastadas do binarismo masculino/feminino relacionado à pênis/vagina (BUTLER, 2018b). Sexualidade é um construto que se localiza espaço-temporalmente determinada. Foucault (1998; 2008) apresenta esse conceito como dispositivo histórico,

englobando discursos, instituições, classificações e normas. Apresenta-se com função estratégica, no exercício de saber-poder, ao condicionar estímulos aos corpos, reiterando resistência, controle e produzindo conhecimentos que correspondam às necessidades sociais.

Sobre esse tema, recorreremos a Butler (2016), que constrói uma teoria da sujeição e da performatividade de gênero, na qual coloca em prática uma teoria que transita entre a fenomenologia merleau-pontiana, a psicanálise lacaniana, a desconstrução derridiana e as teorias foucaultianas. Os marcadores de sexo e gênero são operados como conceitos performativos, transformados em materiais ficcionais, tendo realidade linguística inicialmente. Gênero e sexo, portanto, são construções sociais, culturais e históricas, muitas vezes sendo tomados um pelo outro. A produção discursiva, entendida como um sistema de códigos e significações, age sobre os corpos, estabelecendo relações de poder. Decorre que nessa concepção gênero não está para a cultura como sexo está para a natureza. Gênero é, também, discurso que produz a natureza do sexo, situando-o como pré-discursivo. A constituição biológica, assim, é politicamente neutra. Butler (2016, p. 29) afirma que, considerando que o corpo é uma situação, em referência à Simone de Beauvoir, “não há como recorrer a um corpo que já não tenha sido sempre interpretado por meio de significados culturais; conseqüentemente, o sexo não poderia qualificar-se como uma facticidade anatômica pré-discursiva”. O sexo, portanto, sempre foi concebido como gênero. A própria discussão de gênero na academia, atualmente, naturaliza o sexo pré-discursivo. Nesse sentido, os corpos são convocados a um lugar no tecido social e a luta (discursiva) das representações de masculinidades não hegemônicas também é convocada a ocupar um lugar.

A partir dessa compreensão discursiva do sexo imutável, desdobra-se a suspeição de um sistema cisheteronormativo estrutural no ocidente, que se reflete nas práticas educacionais, nas quais sexo, sexualidade e gênero são relacionados intrinsecamente como pertencendo à mesma matriz de inteligibilidade cultural, que supõe a linearidade entre sexo e gênero. Afirma-se o binarismo macho-fêmea, sustentado em discursos médicos, masculino-feminino, como uma dobra do conceito biologicista que evidencia uma performatividade de gênero associada à constituição biológica. Essas tecnologias do gênero ficam evidenciadas nas cadeias de significação de corpos construídos como masculinos ou femininos em termos normalizados que resultam em uma sexualidade heteronormativa compulsória.

(BUTLER, 2016). O sistema binário de gênero produz e reproduz a ideia de que o gênero é um reflexo do sexo que engendra e enlaça todas as demais esferas que constituem os sujeitos. Inexoravelmente, a natureza constrói a sexualidade e posiciona corpos conforme suas normas e disposições (BENTO, 2008).

As discussões sobre gênero e sexualidade repercutem nas discussões sobre termos que são caros a esta pesquisa, em especial os conceitos relacionados às identidades de gênero: Cisgeneridades¹⁰, Transexualidades e Transmasculinidades. Inicialmente, não é possível abordarmos questões relacionadas a gênero dissociadas de outras questões, como raça e classe, por exemplo. Isso porque os modelos e dispositivos de poder (FOUCAULT, 2008), que são impostos aos corpos e determinam as tecnologias de gênero, são regulamentados socialmente e são cruciais para a compreensão das forças que regulam a cisgeneridade e seus desdobramentos. Em termos foucaultianos, especificamente, o dispositivo de gênero que regula a cisgeneridade possibilita a compreensão das dinâmicas de forças diferentes com finalidades específicas. Essas forças são produzidas por práticas discursivas e não discursivas, instituições, leis, convenções sociais, normas morais e tendem a organizar os sujeitos.

Nesse sentido, a cisgeneridade está relacionada a uma tecnologia de gênero relacionada ao binarismo masculino-feminino, condicionando todas as demais manifestações à essa determinação inicial, na qual a natureza constrói a sexualidade e coloca os corpos em espaços supostos a partir da natureza, conforme apontam Mattos e Cidade (2016, p. 134), quando refletem sobre a importância de se propor o termo cisgeneridade:

Pensar, como propõem as transfeministas, a cisgeneridade como ideal regulatório das normas sociais mostra-nos as diferentes formas com que lidamos e produzimos discursos sobre os marcadores de sexo-gênero-desejo na sociedade e, conseqüentemente, como operam os processos de criminalização e patologização de experiências divergentes de tais normativas.

Transexualidade, numa perspectiva biologizante binária e patologizante de gênero, refere-se a uma dimensão identitária de gênero, caracterizada por conflitos potenciais com as normas de gênero. É um desdobramento inevitável de uma ordem

¹⁰ “Termo introduzido por ativistas transfemininas, como um neologismo no sentido de atribuir um nome às matrizes normativas e ideais regulatórios relativos às designações compulsórias de identidades de gênero.”. (MATTOS; CIDADE, 2016)

de gênero que confere aos corpos inteligibilidade. As pessoas transexuais reivindicam o reconhecimento social e legal de seu gênero, diferente do gênero designado ao nascimento, e desdobram-se nas definições de transhomens e transmulheres. (BENTO, 2008).

Butler (2016) afirma, com a teoria *Queer*, que existem traços aleatórios e distintos marcados nos corpos e disso resulta uma categorização de dois grupos sexuais, aos quais são atribuídos papéis de gênero. Esses papéis resultam do efeito da produção de identidades estabelecidas com o marcador da genitália. O termo performatividade surge do questionamento sobre os modos de construção dos discursos sócio-históricos, que produzem subjetividades e emolduram as ações de cada sujeito. Toda performance se dá na prática, no ato, tendo como meio instâncias aparentemente invisíveis. Essas instâncias materializam supostas identidades, entre elas a de gênero e de raça, e sustentam discursos de inclusão e exclusão. O binarismo é uma herança da modernidade, período do surgimento do contexto discursivo que sustentou a economia falocêntrica. Assim, a teoria *Queer* mostra-se com capacidade de compreensão se sexualidades não hegemônicas, fornecendo subsídios para oferecer resistência aos padrões cisheteronormativos.

A escolha pelo tema da formação do professor de Psicologia, em especial com ênfase na pesquisa sobre percursos formativos de professores transhomens, dá-se por uma série de motivos. Primeiramente, por uma questão pessoal de interesse na docência de maneira geral e na docência na área da Psicologia. Além disso, meu percurso acadêmico inicial é atravessado por questões de gênero, principalmente questões relacionadas às masculinidades. Aliando esse interesse, surge o desejo de investir em uma pesquisa que aborde questões relacionadas às masculinidades trans, assunto pouco desenvolvido na academia. Talvez uma grande motivação venha das palavras de Uchoa¹¹, que apresenta no prefácio de sua obra seu desejo de

fazer com que as vozes das personagens sejam uma espécie de porta voz do segmento de homens trans, que são invisibilizados e marginalizados por um ambiente extremamente hostil, a sujeitos que rompem com a norma vigente de masculinidade imposta de forma compulsória. (UCHOA, 2020, p. 11)

¹¹ “Luis Fernando Prado Uchoa, Jornalista, professor, palestrante, militante, ativista LGBTQIA+, coordenador do núcleo de transmasculinidades da rede Família Stronger, idealizador do evento Transmasculinidades em Pauta, articulista nos sites A Vida no Centro e no Pau Pra Qualquer Obra e graduando em licenciatura e bacharelado em Filosofia na Universidade Presbiteriana Mackenzie” (UCHOA, 2020)

Como tentativa de costurar esses interesses, em especial o de fazer com que essas vozes dissidentes ecoem e sejam ouvidas, o método (auto) biográfico apresenta-se como uma ferramenta importante. No contexto de inserção do olhar psicológico sobre a educação e sobre a formação, este recurso metodológico tem a capacidade de abrir a possibilidade de aprofundamento sobre os temas pertinentes a uma formação abrangente e generalista, a fim de dar conta das demandas inerentes às práticas da Psicologia. A potência da (auto) biografia de transhomens tem como proposta trazer uma provocação sobre como se constroem (e se desconstroem) contextos educacionais. Em última análise, as narrativas de professores transhomens carregam uma marca necessária para a compreensão sobre educação, em especial para pessoas cisgêneras. Desejo, então, conhecer e compreender o que esses professores-psicólogos têm a dizer sobre ser psicólogo, ser professor, ser homem, enfim, sobre Educação e sobre Formação.

Tendo como pressuposto os temas da formação e da identidade docentes, investigo as representações de identidades profissionais de dois professores de Psicologia no Ensino Superior, da rede particular de ensino. A discussão sobre transmasculinidades promove a reflexão sobre os paradigmas da Educação, da Formação e da própria Psicologia, a partir da representatividade e da visibilidade de corpos não hegemônicos ocupando espaços de saber-poder. Frente a esse panorama constitutivo da formação, é necessário que se discuta sobre as formas de criar uma práxis crítica, ética, estética e política.

2 FIOS DE MEMÓRIAS: A trama narrativa da travessia pandêmica

A quarentena provocada pela pandemia é afinal uma quarentena dentro de outra quarentena. Superaremos a quarentena do capitalismo quando formos capazes de imaginar o planeta como a nossa casa comum e a Natureza como a nossa mãe originária a quem devemos amor e respeito. Ela não nos pertence. Nós é que lhe pertencemos. Quando superarmos esta quarentena, estaremos mais livres das quarentenas provocadas por pandemias.

(Boaventura De Souza Santos¹²)

Esta pesquisa tem como objetivo trazer contribuições sobre temas relacionados à educação e sexualidade, a partir de (auto) biografias de professores de Psicologia de diversos estados brasileiros que se identificam como homens trans. A construção de narrativas de vida é impossível de ser descontextualizada dos acontecimentos sociais. Não havia possibilidade de pensar na produção deste trabalho apartado da pandemia SARS - CoV-2 (Covid-19), o novo Coronavírus. O medo da contaminação, o isolamento e o distanciamento passaram a fazer parte das nossas vidas e projetaram novos modos de existir. Do início desta pesquisa até o momento em que se encerra, o Brasil amargava uma triste e desesperadora marca de mais de 16 milhões de casos e mais de 500 mil mortes.

A pandemia desnuda nossas fragilidades e escancara nossas mazelas seculares e estruturais. Um vírus letal e desconhecido denuncia outros tantos vírus, simbolicamente construídos, tão letais quanto (ou mais?), mas nem tão desconhecidos. Butler (2020, p. 60) reafirma essa denúncia do fracasso do capitalismo e consequente fracasso da sociedade frente a uma pandemia:

Todos dão testemunho da rapidez com que a desigualdade radical, que inclui o nacionalismo, a supremacia branca, a violência contra as mulheres, pessoas queer e trans, e a exploração capitalista encontram formas de reproduzir e fortalecer seus poderes dentro das zonas pandêmicas (tradução nossa)¹³.

A pandemia reflete-se no asseveramento de violências já existentes, exigindo um reposicionamento político e ético. Assim, a noção de quarentena dentro da quarentena, levantada por Boaventura de Souza Santos, produz um sentido ainda maior neste contexto de lançar o olhar sobre questões de gênero na educação.

¹² SANTOS, 2020b, p. 32.

¹³ Todos dan testimonio de la rapidez con la que la desigualdad radical, que incluye el nacionalismo, la supremacia blanca, la violencia contra las mujeres, las personas queer y trans, y la explotación capitalista encuentran formas de reproducir y fortalecer su poderes dentro de las zonas pandémicas. (BUTLER, 2020, p. 60)

A construção da dissertação foi dividida em três seções ou três momentos, denominados de “pré-pandêmico”, “trans-pandêmico” e “pós-pandêmico”. Os títulos foram escolhidos devido ao período em que a pesquisa se desenvolveu, no segundo semestre de 2019 e primeiro e segundo semestres de 2021.

Dessa forma, a pandemia é trazida para a construção das narrativas como um dispositivo. O conceito de dispositivo remete à Ferry (2004) e está intrinsecamente relacionada com a noção de formação. Considera-se a formação, nesses termos, teórica e prática, sobre a qual o autor propõe a ideia de alternância que funciona como um dispositivo para a relação entre esses âmbitos acontecer. Há uma ênfase na construção formativa articulada entre os campos teórico e prático, assumidos de forma ativa por seu agente. Nesse sentido, trata-se de um processo autoformativo.

Ferry (2004) estabelece uma distinção entre ações de formação, dispositivos de formação e a formação propriamente dita. Esses movimentos de formação acontecem em todos os espaços, não somente em espaços formais (institucionais). Formação é um conceito amplo, experiencial, vivencial, que se volta sobre as trajetórias de vida, itinerários pessoais, modos de existir, identidades e percepções da realidade. O autor salienta a importância das histórias de vida e da (auto) biografia na formação de adultos como um movimento potente de voltar-se sobre si mesmo para a construção de caminhos, tanto pessoais quanto profissionais.

Lugar, tempo e a relação com a realidade são condições essenciais para a formação acontecer, segundo Ferry (2004). A ideia de formação se estabelece nas condições favoráveis para a tomada de ações analíticas e investigativas, exigindo do sujeito um distanciamento do vivido. Nesse espaço criado que há a possibilidade de elaboração da experiência. A pandemia torna-se um dispositivo formativo porque reposiciona os sujeitos em suas narrativas e estabelece novos modos de interação com a realidade e reflexão sobre as práticas profissionais e pessoais. Independentemente da distância geográfica com os coautores da pesquisa, os contatos foram realizados todos virtualmente, através de redes sociais, videoconferências e/ou trocas de correspondências.

Na primeira etapa do trabalho, denominada “Pré-Pandêmica”, compreendida entre os meses de novembro de 2019 e julho de 2020, foi realizada a delimitação das temáticas, objetivos, metodologia e foi iniciada a pesquisa bibliográfica, com ênfase na teoria do imaginário social castoriadiano e na ética spinozana, além de teorias sobre gênero. Nessa fase da pesquisa ocorreu a aproximação com entidades

representativas e coletivos da rede de apoio a docentes transexuais, com vistas ao aprofundamento das discussões sobre transmasculinidades. A escolha do contexto aconteceu de forma intencional, principalmente através das redes sociais das entidades e profissionais contatados.

A segunda etapa, designada “Trans-Pandêmica”, iniciou em junho de 2020. Este momento compreende a busca ativa por participantes e os primeiros contatos e produção de narrativas, através de entrevistas orientadas por um Roteiro (Auto) Biográfico. A busca por coautores da pesquisa ocorreu através de redes sociais das entidades identificadas, onde foi realizado o convite (ANEXO A) e solicitada a indicação de profissionais com perfil para a pesquisa. Nos meses de julho e agosto de 2020, entre ONGs, Coletivos, Associações, entidades sem fins lucrativos, organizações sociais de promoção de direitos de minorias e profissionais indicados, foram realizados 100 contatos.

A busca pelos sujeitos coautores da pesquisa foi realizada através das redes de contatos dos docentes participantes, através de coletivos e grupos organizados, tais como: Associação Brasileira de Homens Trans (ABHT), Instituto Brasileiro de Transmasculinidade (IBRAT), Instituto Brasileiro Trans de Educação (IBTE), Rede Trans de Educação (TRANS EDUC), Casa Transvivência, Articulação Homens Trans, Rede Trans Brasil, ONG Homens Trans em Ação, Associação Nacional de Psicólogos Trans (ANPTrans), Coletivo Petris, Rede Distrital Trans, Instituto Brasileiro de Trans Educação (IBTE), Associação Nacional de Travestis (ANTRA), ONG Nuances, Núcleo de Estudos de Gênero e Diversidade – NEGED/CEFET-MG, Instituto Nice, Coletivo SOMOS, Grupo Gay da Bahia, entre outros. Entre os meses de junho e agosto de 2020 foram contatados 105 entidades de apoio à população LGBT, Organizações Não Governamentais - ONGs, coletivos sociais, instituições de ensino e profissionais da área da Saúde, Educação e militantes sociais. Do total de contatos realizados, 57 retornaram, indicando profissionais ou informando que não tinham conhecimento de sujeitos com o perfil procurado. Dessa busca, dois sujeitos atendiam ao critério de ser Psicólogo e Docente e aceitaram participar da pesquisa.

A partir do momento da identificação dos possíveis coautores da pesquisa, foi realizada a aproximação para apresentação da proposta da pesquisa. Foi realizado em julho de 2020 o primeiro contato com os participantes, através de redes sociais, aplicativos de comunicação e e-mail. Foi enviado o convite oficial, informações sobre

a pesquisa, o Roteiro (Auto) Biográfico (ANEXO B) e o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) (ANEXO C).

No período entre agosto de 2020 e julho de 2021 foi realizada a produção das narrativas com os coautores da pesquisa, categorização das narrativas por temas para análise e análise propriamente dita. Todo o processo está registrado no Anexo D (Diário de Campo (trans) pandêmico). Após a produção das narrativas, produzidas com o apoio do Roteiro (Auto) Biográfico, elegi três categorias análise: Imaginário das Identidades, Imaginário de Gênero e Imaginário da Formação. Foram essas categorias que se desdobraram na estrutura deste trabalho, que foi dividido em três momentos: Duas seções, denominadas Pré-Pandêmica e Trans-Pandêmica, e um terceiro momento, denominado Pós-Pandêmico.

Na primeira seção, apresento um apanhado geral do processo de construção deste trabalho, uma breve introdução, justificativa pela escolha do tema e considerações metodológicas. Na segunda seção, realizo a análise das narrativas construídas com os coautores, divididas nas categorias de análise mencionadas. Realizo um movimento de construção, a partir do imaginário, das identidades, em sentido amplo, passando para imaginários de gênero, aprofundados em masculinidades e transmasculinidades, em suas interfaces com a educação, e culminando com os imaginários da proficiência, onde são analisados os imaginários da formação de professores e da formação de psicólogos. O terceiro momento traz os principais elementos identificados e discutidos na pesquisa narrativa, alguns elementos que não foram abordados, por escolha do autor e por limitações de espaço e tempo para análise nesta dissertação, e questões em aberto para possíveis encaminhamentos para pesquisas posteriores.

3 TRAVESSIA PRÉ/TRANS/PÓS-PANDÊMICA: Considerações metodológicas

Minha prática intelectual pode ser definida como uma viagem incessante ou, de preferência, como um movimento sem fim entre uma margem e outra. É o que chamo de “travessia”. Ela exige que a pessoa deixe o conforto do que já sabe e se exponha conscientemente ao que ameaça desestabilizar suas próprias certezas.

(Achille Mbembe¹⁴)

A viagem a que Mbembe se refere é semelhante a de muitos pesquisadores. Estamos todos em travessias, indo de uma margem a outra de um rio quase sempre turbulento e desconhecido. O que esta pesquisa realiza é, de toda sorte, uma travessia pelo (des) conhecido e pelo (re) conhecido. Para que essa travessia seja mais segura, profícua e consistente, nos cercamos de procedimentos e métodos. Método tem origem etimológica nas palavras *metá* (objetivo) e *hódus* (caminho), ou seja, um caminho determinado por metas. A pesquisa foi desenvolvida com o suporte do método (auto) biográfico, uma vez que oferece instrumentos para análise das vivências, além da dimensão ética na relação do pesquisador com os sujeitos da pesquisa.

No que se refere ao campo da educação, a pesquisa (auto) biográfica possibilita um novo posicionamento do pesquisador, juntamente como sujeitos coautores, em relação ao próprio campo, exigindo uma postura crítico-reflexiva. Ultrapassa-se, com esse método, a coleta de dados, sejam objetivos ou subjetivos, sendo não um instrumento, mas uma estratégia de investigação, a partir de narrativas das histórias de vida dos sujeitos participantes, registrando a visão de mundo, sentimentos, percepções e contextos sociais. Santos, Estevam e Martins (2018, p. 48) afirmam que se a pesquisa se estabelece em um campo do fazer, a partir e com o outro,

[...] compreende-se assim a cientificidade do método de investigação da pesquisa (auto) biográfica, ou seja, o auto entre parênteses, seria a investigação da própria história e aquilo que pode ser trabalhado no outro a partir dos vínculos construídos e refletidos para a ação-formação-docente.

Os autores ainda afirmam que o que sustenta a pesquisa (auto) biográfica em educação são as reflexões acerca da própria formação, através da criação de espaços potenciais que privilegiem a ação (auto) reflexiva, dada pela reflexividade

¹⁴ MBEMBE, 2020.

das experiências formadoras na relação com o outro. A dimensão da pesquisa-ação-formação, assim, desdobra-se das representações de si, interpeladas pelo outro. (SANTOS; ESTEVAM; MARTINS, 2018). O que busco, com esta abordagem, através de uma perspectiva de pesquisa-ação-formação, é estabelecer outros modos de produzir narrativas e relatar as memórias sobre si mesmos e sobre a formação de professores de Psicologia com o intento, talvez pretencioso, de apresentar a realidade com vistas às possibilidades de transformação, dialeticamente. Biografizar as histórias dos professores-psicólogos, sujeitos desta pesquisa, não teve como objetivo buscar uma verdade anterior, pré-existente, mas sim trazer à luz como esses sujeitos compreendem a si mesmos nessas vivências e (re) significam suas experiências.

Esta travessia, realizada em um mar (às vezes revoltado) de significados profundos e sentidos diversos, teve como carta de navegação o método (auto) biográfico, por compreendermos que possibilita que os sujeitos envolvidos produzam subjetividades e intervenham nas realidades a partir da realidade de seus corpos (NÓVOA, 1988). Pontuamos que o termo biografia faz parte das pesquisas narrativas, é tratado “[...]como uma dimensão do agir humano que permite aos indivíduos, dentro das condições de suas inserções sócio-históricas, integrar, estruturar, interpretar as situações e os acontecimentos vividos.”. (DELORY-MOMBERGER, 2011, p. 342). A autora diferencia a pesquisa biográfica das pesquisas sociológicas por dois motivos principais, que são a produção e a análise dos materiais da pesquisa. O objetivo da pesquisa biográfica é conhecer e investigar os processos de devir dos sujeitos em seus territórios e espaços sociais, apresentar como dão forma às suas experiências e significam acontecimentos de suas existências. Na interface do social com o individual, existentes um por meio do outro, em incessante processo de produção, a pesquisa biográfica ocupa um espaço de

perceber a relação singular que o indivíduo mantém, pela sua atividade biográfica, com o mundo histórico e social e em estudar as formas construídas que ele dá à sua experiência. Para dizê-lo de modo mais sintético: o objeto visado pela pesquisa biográfica, mediante esses processos de *gênese socioindividual*, seria o *estudo dos modos de constituição do indivíduo enquanto ser social e singular* (grifos da autora). (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 524).

A autora afirma que a pesquisa biográfica pode ser diferente de abordagens disciplinares. A distinção está na temporalidade biográfica da experiência da

existência. A postura da pesquisa biográfica, frente às dificuldades das ciências sociais em dar conta da dimensão temporal da experiência individual, é mostrar como a inscrição singular dessa experiência, marcada por um tempo biográfico, situa-se na percepção de uma elaboração particular de espaços da vida social. A pesquisa biográfica “[...] estabelece uma reflexão sobre o agir e o pensar humanos, mediante figuras orientadas e articuladas no tempo que organizam e constroem a experiência segundo a lógica de uma razão narrativa.” (DELORY-MOMBERGER, 2012, p. 525). Assim, a atividade biográfica, a partir de uma atitude mental e comportamental, está para além da produção discursiva, reportando-se a uma compreensão da experiência na relação do sujeito com o mundo que o cerca.

Conforme aponta Ferraroti (2010), narrativas biográficas prestam-se suficientemente para legitimar uma pesquisa. O autor, entretanto, aponta para a necessidade de revisão metodológica. O método surge como um contraponto às metodologias positivistas, criticadas por configurarem-se demasiadamente objetivas. Assim, surge a partir da crise dos métodos heurísticos da Sociologia. Além disso, é compreendido como uma metodologia que apresenta uma resposta à necessidade de compreensão concreta da vida cotidiana, incluindo contradições e dificuldades.

Em uma pesquisa de cunho (auto) biográfico estão implicados dois tipos de materiais: os primários, que consistem nas narrativas (auto) biográficas colhidas pelo pesquisador, através de entrevistas; e os materiais secundários, que podem ser correspondências, documentos diversos, fotografias, vídeos ou qualquer outro material que apresente dados ao pesquisador. Houve, historicamente, uma predileção pelos materiais secundários, dada sua materialidade e objetividade maior. A escolha do método nesta pesquisa prima pelos materiais primários, indo ao encontro do que afirma Ferrarotti (2010, p. 43):

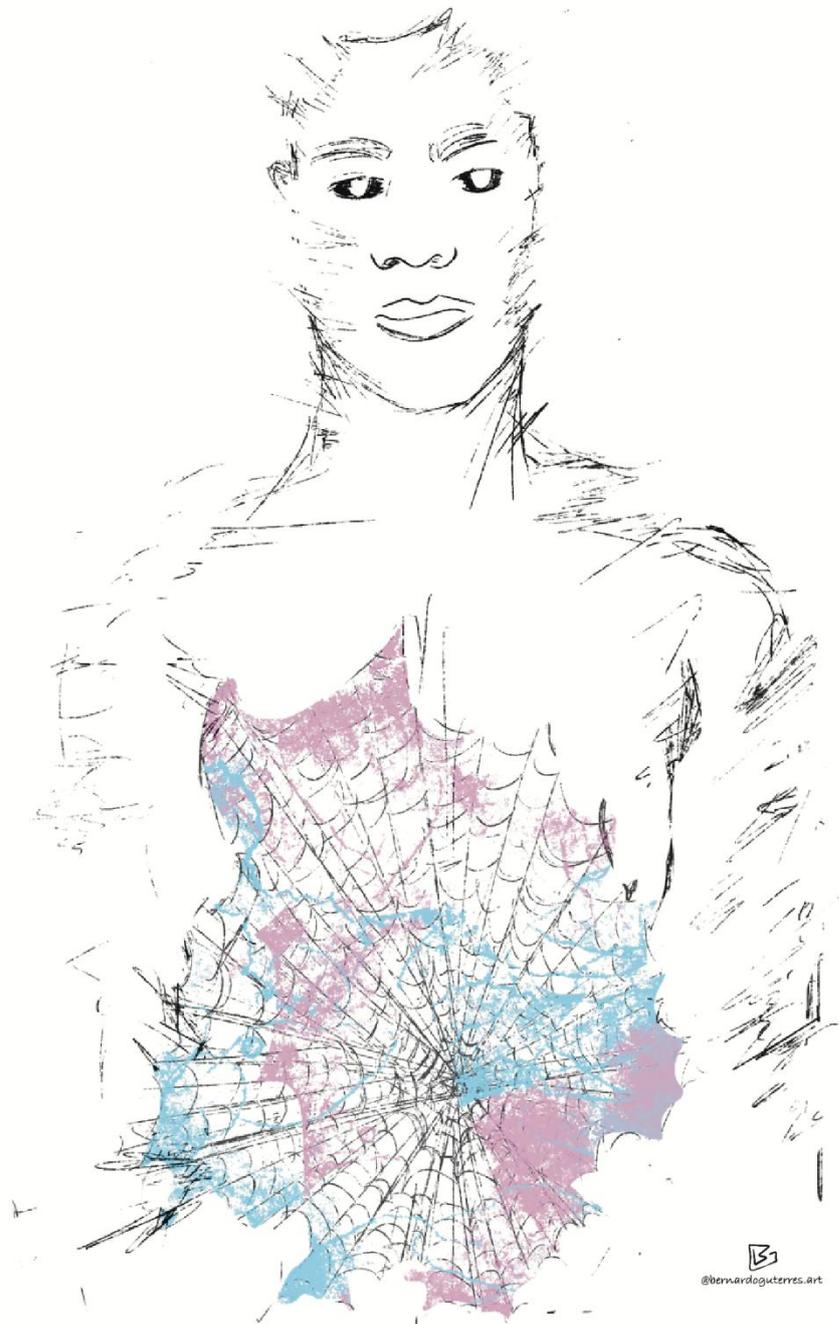
Devemos voltar a trazer ao coração do método biográfico os **materiais primários** e sua subjetividade explosiva. Não é só a riqueza do material biográfico primário que nos interessa, mas também, sobretudo, a sua **pregnância subjetiva** no quadro de uma comunicação interpessoal complexa e **recíproca** entre o narrador e o observador. (grifos do autor).

Esta concepção de autorrelato possui uma profícua caracterização como instrumento de pesquisa para a análise da formação de professores, visto que as narrativas individuais podem apresentar as configurações do que ocorre socialmente. Lendo uma biografia, lê-se uma sociedade, pois cada experiência vivida individualmente é uma representação de uma relação social. O pesquisador

coloca-se como interlocutor real, ainda que ocupe um lugar ilusório de neutralidade. Mesmo quando se trata de um monólogo, há uma tentativa de comunicação, onde o interlocutor é suposto. (FERRAROTTI, 2010, p. 45).

Nesse sentido, Josso (2010, p. 43) afirma que “[...] a narrativa de formação, por nos obrigar a um balanço contábil do que fizemos nos dias, meses e anos relatados, permite-nos tomar consciência da fragilidade das intencionalidades e da inconstância dos nossos desejos.”. A pesquisa caracteriza-se por ser do tipo pesquisa-formação, considerando que as narrativas dos sujeitos envolvidos resultam em um processo de formação. Esse tipo de pesquisa, segundo Josso (2010), aproxima o pesquisador-formador, forma-se e transforma-se durante a ação da pesquisa. Nessa perspectiva de pesquisa está contemplada a dimensão formativa. A produção de conhecimento, portanto, produz sentidos aos autores das narrativas, inscrevendo-os subjetivamente.

Nessa travessia de caminhos mapeados por afetos, o método (auto) biográfico é um suporte fundamental, pois promove o desenvolvimento de capacidades de análise e tomada de decisão, habilidades de comunicação e enfrentamento de situações adversas, por estimular o autoconhecimento. Estimulam o desenvolvimento pessoal e profissional dos professores, pois ultrapassam o relato de fatos, fomentando maneiras criativas de perceber suas práticas. Oferecem uma gama de elementos de interesse da educação, no sentido de compor uma análise com ênfase nas histórias de vida e profissionais dos educadores. (REIS, 2012). Com o método (auto) biográfico teceremos os fios da trama narrativa que amarrará a teia de sentidos dessas existências singulares.



SEGUNDA SEÇÃO - CONSIDERAÇÕES TRANS-PANDÊMICAS: Travessias e encontros (im) possíveis

As fotos me contam histórias sobre o passado.
 A cegueira me impede de ver o presente.
 O tempo dilacera, machuca, apodrece.
 Quem deve dizer o que se merece?
 (Calla¹⁵)

A obra que abre esta seção remete às possibilidades de encontros. Um corpo de dorso nu, protegido por um escudo-teia, manchado pelas cores azul e rosa da binariedade masculino-feminino, em referência à bandeira do orgulho transgênero¹⁶, olha para o vazio com olhar profundo. Um corpo que afeta e é afetado por outros corpos, que é potência dinâmica relacional e que existe para perseverar na própria existência, para ser seu *conatus*, para ser potência natural de autoconservação potencialmente indestrutível (SPINOZA, 2009). Um corpo que representa todos os demais e que traduz toda a potência de existir.

Todos os corpos nos afetam, seja positiva ou negativamente, aumentando ou diminuindo nossa potência de existir. As modificações geradas através dos encontros com outros existentes deixam registros, ideias e imagens marcadas no mundo, gerando afetos. Na perspectiva spinozana, afeto é o aumento ou diminuição de nossa potência de existir e para agir. Quanto mais intenso for o encontro, mais aumentam as possibilidades de liberdades dos sujeitos. Da mesma forma, quanto mais diminuída a potência, mais próximos esses sujeitos estão da servidão. Liberdade e servidão não se referem a uma situação social ou econômica, mas a uma relação entre corpos e desses corpos com o mundo.

Na poesia Uma Exclamação, a poetisa Calla pergunta que palavras ainda restam ser ditas sobre ela e, desse vazio da própria existência, surge a exclamação redentora e incontestável: “Meu Deus! Eu sou humana!”. O que tentamos, nos breves encontros que realizamos na construção deste trabalho, foi reafirmar nossa humanidade e promover encontros que produzam vida. Uma vida que às vezes se esconde pelos cantos, que está nas pequenas coisas do cotidiano, mas que sempre

¹⁵ CALLA, 2017, p. 32.

¹⁶ A bandeira do orgulho transgênero foi criada pela ativista estadunidense Monica Helms em 1999. Segundo a autora, a cor azul simboliza o masculino, o rosa simboliza o feminino e o branco todo o espectro de gênero e sexualidade que não se identifica com o binarismo ou que está em transição. A disposição das cores na bandeira simboliza que qualquer direção que os sujeitos sigam estará correta. (JESUS, 2012)

está pulsando em algum lugar. É necessário ouvir, sentir e ver (às vezes no escuro) os sinais de nossa própria humanidade e trazer a vida para a luz.

Nesta seção, serão apresentadas as narrativas produzidas com os coautores desta pesquisa: Jorge, “O Guerreiro dos Afetos”, e Caio, “O Homem das Apostas”. Ambos foram convidados, no início da produção das narrativas, a escolher um pseudônimo, a partir de um conceito que me apropriei de Berenice Bento (2008)¹⁷, associado a um conceito da teologia, que é o conceito de transubstanciação. É a possibilidade de um rebatismo. Então, eles foram convidados a escolher um pseudônimo, um nome que fosse representativo para eles na pesquisa, que foi utilizado na construção da narrativa. Caio relata como foi seu processo de “re-batismo”:

Isso é um processo muito louco, inclusive esse processo de escolha que você se rebatizar, no meu caso, com 24 anos, é um processo muito doido você escolher seu nome. Mas tu falando aí, eu lembrei de alguns nomes que ficaram...quase foram os meus nomes e não foram. Então, de repente acho que seria legal essa lembrança e esse possível retorno aí, nesse início desse processo...que eu passei por esse processo inicial. Alguns nomes foram [ele para, toma um gole de café, olha para cima] ... foram os últimos que ficaram: Caio, Gael e Miguel, eu acho, e Joaquim. Mas eu acho que seria Caio.

O processo de “re-batismo” de Caio, como ele mesmo afirma, foi importante para mim também. Foi uma coincidência bonita que acho interessante deixar registrada. Caio me remeteu ao escritor gaúcho Caio Fernando Abreu, um dos meus escritores favoritos. Caio (o escritor) me rebatizou, de certa maneira, porque foi com ele que comecei a pensar sobre questões de gênero e sobre a construção da minha identidade de gênero. Os primeiros contatos que tive sobre a construção da minha sexualidade foi através da literatura, em especial a de Abreu.

Jorge relata de forma intensa e afetuosa a escolha por seu nome:

Você pediu para escolher um pseudônimo e decidi por “Jorge”, o motivo é pelo santo São Jorge, sincretizado com Ogum e Oxóssi na Umbanda, a depender da região. Durante minha adolescência me afastei de práticas religiosas voltando recentemente a entrar em contato com a espiritualidade. Venho de uma família católica, mas atualmente me defino como umbandista

¹⁷ A discussão sobre os batismos linguísticos remete às reflexões de John Langshaw Austin (1990) sobre a capacidade de a linguagem criar realidades. Para esse autor, é necessário apontar que a linguagem não se resume a descrever a realidade, mas é uma de suas produtoras. No caso da linguagem científica, a tarefa de desvelamento dessa função é consideravelmente complexa, pois sua eficácia consiste na ideia da sua suposta capacidade em descrever dada realidade de forma neutra. (BENTO, 2008, p. 208).

e desde antes de entrar definitivamente na religião já sentia uma conexão com São Jorge, bem como com Ogum e Oxóssi, por esse motivo, escolho o pseudônimo.

Quase todo o processo de construção da narrativa com Jorge foi realizado através de cartas. Em todas elas havia uma referência a São Jorge e à religiosidade fortemente presente. Tivemos a presença de Ogum em nossos encontros, se não como o santo guerreiro, de espada em riste contra dragões, protegendo seu filho, pelo menos permeando a narrativa de Jorge, seu “Guerreiro dos Afetos”, como o chamei em referência a Ogum.

No dia 29 de julho de 2020 foi realizado o primeiro encontro por videoconferência com Jorge. Foi um encontro que durou 1h20min, através da plataforma de videoconferências *Google Meet*. Nos apresentamos e falamos sobre nossas trajetórias de vida acadêmica. Ele está realizando doutorado em Psicologia no Rio Grande do Norte e mora no estado de Alagoas. Temas relacionados às transmasculinidades são desenvolvidos em suas práticas profissionais na região Nordeste. Atualmente não atua na clínica ou na docência em Psicologia. A pandemia foi o principal motivo de demissão da faculdade em que lecionava.

Foram oferecidos diversos dispositivos para construção das narrativas. Ele preferiu que as narrativas sejam produzidas através de cartas, trocadas em interlocução com suas pesquisas no doutorado. As cartas farão parte do diário de campo de sua pesquisa. Trocamos e-mails com as narrativas e conversamos por videochamada algumas vezes, porque ainda precisamos do contato através do olhar. Divagamos sobre os espectros das masculinidades e, por fim, fizemos um pacto tácito, um acordo de cavalheiros: Juntos iríamos “bater na masculinidade”. Inicialmente, Jorge e eu trocamos cartas por cerca de sete meses, entre setembro de 2020 e abril de 2021. Ao final, assim como se deu em nosso primeiro encontro, não pudemos nos furtar de uma carta audiovisual, para encerrarmos esse ciclo de encontros.

No dia 31 de julho de 2020 foi realizado o primeiro encontro por videoconferência com Caio, que eu chamei de “O Homem das Apostas”, devido a algumas questões que ele coloca sobre sua trajetória. A conversa fluiu tranquilamente, como se fosse o encontro de velhos conhecidos. Percebi que ele sentia a necessidade de compreender onde estava “se metendo”, desvelar quem eu sou e uma necessidade (talvez maior?) de se apresentar. Apresentei minhas

intenções com a pesquisa e falei um pouco sobre meu percurso acadêmico. Ele relatou sobre sua trajetória, as escolhas pela Psicologia vinculada ao serviço público de saúde e suas alegrias, angústias, tristezas e decepções com a vida docente. A conversa toda teve em torno de 1h30min e só foi encerrada porque tínhamos outros compromissos.

Ele não demonstrou intenção de encerrar a conversa ou “esconder” qualquer informação. Pareceu um pouco mais resistente quando falou sobre a família e eu fiz uma intervenção que pode ter soado como investigativa ou interpretativa. Falou sobre os registros simbólicos da maternidade e paternidade como algo da ordem da violência simbólica. Começou falando sobre sua graduação em Psicologia, que coincide com o processo transexualizador. Ele diz: “entrei [na universidade] e saí outra pessoa”. O processo de invisibilização e invisibilidade de pessoas trans foi fazendo com que pensasse seu lugar e por ser a única pessoa trans nos lugares que ocupou, foi convocado a ocupar esses espaços politicamente. Sempre teve dificuldade com a visibilidade, desejava passar despercebido. Com isso, sempre foi muito silencioso/silenciado. Foi necessário romper com o silêncio que o acompanhava por muitos anos, quando ocupou a coordenação discente na residência multidisciplinar. Foi o primeiro transexual da universidade na qual graduou-se e sente que tem uma obrigação ética e política, enquanto homem trans, nesses espaços hegemônicos cisheteronormativos. Atuou como docente e ainda atua como psicólogo em clínica particular. Diz que esse caminho foi a abertura para pensamentos novos. Com sua preceptora, professora coordenadora da residência (enfermeira), iniciou o primeiro ambulatório trans do Nordeste.

As discussões de gênero sempre foram transversais na faculdade. Afirmou que teve uma formação não comprometida com as expectativas. Não queria ingressar na docência e fez a seleção para a residência para ter dinheiro para a mastectomia¹⁸ (realizada em 2018). Após, aceitou o cargo de professor para ter como se manter, “por livre e espontânea pressão”. Reconhece seu lugar político como um “corpo trans na docência”. Teve turmas de até 120 alunos. Nesses espaços, se posicionou como uma pessoa trans, mas não falava necessariamente de forma aberta sobre o assunto. Sempre se sentiu questionado em suas competências por ser um homem trans. Não sofreu ou sofre transfobia em seu

¹⁸ Procedimento cirúrgico de retirada das mamas.

ambiente de trabalho, talvez por sua passabilidade¹⁹. Sente a dificuldade das pessoas em lidar com as questões de sujeitos transexuais por não terem conhecimento.

Nesse encontro, ele levanta uma questão importante para ser discutida nesta pesquisa: a questão da territorialização. Especificamente as questões relacionadas ao território (Nordeste) no qual encontro os dois únicos homens trans psicólogos e professores de Psicologia, que participam da pesquisa. A não existência de outros homens trans com esse perfil (que se tem notícia até o momento) é uma questão que ele julga importante para minha pesquisa. Falar sobre as transmasculinidades representadas “fora do eixo”, na “periferia”. Ele levanta a seguinte questão: “Por que quando está no Nordeste é regional e quando está no eixo Rio de Janeiro/São Paulo é nacional?”.

Quando disse a ele quais eram as possibilidades e como pensei a pesquisa, afirmou que teria dificuldade de escrever, em função de tempo. Em seu entendimento, uma mesa de bar é sempre mais potente e gostaria de realizar os encontros em um bar. Então, nos encontramos entre setembro de 2020 e janeiro de 2021, com alguns lapsos de tempo bem pandêmicos. Inicialmente, a proposta era que conseguíssemos realizar encontros de bar quinzenalmente, às sextas-feiras, às 16h. Seria um bar virtual, onde ele beberia uma cerveja e eu um café (talvez). Isso não aconteceu desse jeito, mas nossos encontros foram grandes celebrações da vida. Ele também me interpelou e com ele fiz outro pacto: pensar na potência dos encontros verdadeiros em lugares verdadeiros, mesmo que sejam bares virtuais.

As narrativas foram construídas com cada um dos participantes através de um roteiro de entrevista aberto (ANEXO B), estruturado em tópicos ou fios circunscritores, e marcados por nós, para produção dos autorrelatos. O roteiro de entrevista está dividido em oito tópicos. Cada um contempla um aspecto a ser abordado na construção do autorrelato. Os tópicos são: TÓPICO I – *I AM WHAT I AM* – APRESENTAÇÃO; TÓPICO II – HISTÓRIA DE VIDA: COMO CHEGUEI ATÉ AQUI; TÓPICO III – TRAJETÓRIA ACADÊMICA: FORMAÇÃO INICIAL; TÓPICO IV – O HOMEM INSTITUINTE: QUANDO ME DEI CONTA DE QUEM SOU; TÓPICO V – SER PSICÓLOGO: QUANDO ME DEI CONTA DO QUE QUERO FAZER; TÓPICO

¹⁹ Experiência trans da produção de gênero a partir da configuração de elementos cisnormativos, aplicando valores aos corpos, estabelecendo hierarquias e relações de poder como estratégia de sobrevivência. (PONTES; SILVA, 2018).

VI – IMAGINÁRIO DE SER PROFESSOR; TÓPICO VII – REALIDADE SOCIAL DE HOMENS TRANS NO BRASIL: A DOR E A DELÍCIA DE SER QUEM SE É; TÓPICO VIII – SONHOS, DESEJOS E EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO: O QUE EU QUERO DAQUI PARA FRENTE.

O roteiro foi elaborado considerando um movimento na reconstrução (auto) biográfica dos sujeitos participantes. Partindo de um “re-rebatismo”, conforme aponta Caio, no qual o participante escolhe um novo nome para ser utilizado na coautoria da pesquisa, o caminho passa por elementos gerais da história pessoal de cada um. Alguns dos elementos apresentados para a produção das narrativas foram: formação acadêmica inicial, masculinidade e transmasculinidade, transgeneridade e cisgeneridade, elementos do imaginário de homem, de professor e de psicólogo, a realidade social com relação às questões de gênero, representatividade, LGBTfobia e resistência de corpos trans.

O processo de conhecimento de si, através da produção narrativa, parte das concepções que nos habitam a partir do momento em que compreendemos o caminho biográfico. O desafio está para além da compreensão de como o sujeito forma a si mesmo a partir da experiência, mas, também, da tomada de consciência do reconhecimento de si como sujeito permite, com maior ou menor potência, articular sua auto-orientação frente à vida. Trata-se de uma atualização das pré-concepções que nos constituem. (JOSSO, 2012). Dessa forma, o roteiro tinha como objetivo abrir a possibilidade para emergirem os desejos, expectativas e sonhos de Jorge e Caio sobre o futuro, sobre si mesmos e sobre as afetações de seus corpos com outros corpos. O movimento da construção narrativa é o de caminhar ao encontro de si, na busca por “[...] compreensão de que viagem e viajante são apenas um.”. (JOSSO, 2012, p. 21).

A análise da travessia pandêmica com Jorge e Caio será realizada a seguir. Esta seção de análise das narrativas produzidas está dividida em eixos temáticos, a partir do imaginário produzido sobre cada um dos temas, a saber: imaginário das identidades, imaginário de gênero e das masculinidades e imaginário da formação do professor e do psicólogo.

4 IMAGINÁRIO DAS IDENTIDADES: Caio, “o homem das apostas”, e Jorge, “o Guerreiro dos afetos”

O mundo é puro segredo.
Tudo é proibido.

É preciso, mesmo,
estar atendo e forte,
porque de morte
a gente já tá cheio.²⁰

As questões relativas às identidades são campo fértil das Ciências Sociais e Humanas, tradicionalmente, Sociologia, Psicologia, Antropologia e Estudos Culturais. Januário (2016) afirma que o conceito de identidade engloba um conjunto de características individuais, entre elas a história de vida e a personalidade. Assim, por identidade compreende-se o reconhecimento de si mesmo enquanto sujeito, a partir de semelhanças e diferenças com outros sujeitos. Uma das primeiras identidades é a de gênero, a partir das diferenças sexuais binárias de masculino e feminino. As escolhas identitárias se dão a partir das configurações individuais, que são respostas a fatores internos e externos, além de forças sociais e culturais, alheias ao controle individual.

Louro (2018) aponta que sexualidade não é algo natural em homens e mulheres, sendo imprescindível argumentar sobre a dimensão social e política dos corpos. Há a necessidade de uma desconstrução de uma concepção natural da sexualidade e inerente ao humano. Tende-se a universalização da experiência dos corpos, desconsiderando que a sexualidade envolve linguagens, rituais, fantasias, representações, simbolizações e construções imaginárias e sociais plurais. As identidades sociais (sexo, gênero, raça, classe, nacionalidade) se constituem no âmbito da história. Dessa forma, afirma, que reconhecer identidades inscreve-se, ao mesmo tempo, à atribuição das diferenças. Decorre disso o estabelecimento de desigualdades, ordenamentos e hierarquias, atravessados pelas redes de poder que circulam socialmente. Assim, “[...] o reconhecimento do ‘outro’, daquele ou daquela que não partilha dos atributos que possuímos, é feito a partir do lugar social que ocupamos.” (LOURO, 2018, p. 17). Portanto, hegemonicamente há a hierarquização das masculinidades hegemônicas, cisheterocentradas, e a subalternização do feminino e marginalização das sexualidades dissidentes.

²⁰ AUTORIA COLETIVA, 2017, p. 24

O conceito de identidade de gênero surge no final da década de 1960, com Robert Stoller²¹, para os estudos sobre sexualidade, e começa a ser absorvido pelas ciências sociais estadunidenses na década de 1970. Em especial, foi apropriado pelo movimento feminista, devido ao fato de se distanciar do determinismo biológico e de operar numa perspectiva mais relacional. Stoller tratava de dinâmicas de construção das identidades de gênero por uma via dos processos sociais, nomeação familiar e questões biológicas. Embora não estivesse disposto a abandonar as questões biológicas, ele tratava da instituição de um regime próprio de formação das identidades sexuais. Cossi (2018) afirma que Stoller voltou-se a estudos antropológicos, com objetivo de investigar a constituição das identidades sexuais e a expressão dos diferentes papéis de gênero em diversas culturas. Sua teoria sobre a transexualidade foi inovadora e controversa, sendo um referencial para novas sistematizações psicanalíticas, em especial de vinculação lacaniana. Stoller refere-se a sexo como o conjunto de estados biológicos (genética, caracteres primários e secundários do sexo, aparato anatomofisiológico, endócrino e cerebral). De outro lado, gênero refere-se a um conjunto de fenômenos como sentimentos, pensamentos e comportamentos relacionados às masculinidades e feminilidades, sem a ancoragem biológica necessária. Assim, pode-se entender que é consolidado culturalmente ao longo do desenvolvimento dos sujeitos. (COSSI, 2018, p. 32).

A questão é radicalizada com Judith Butler, através de perspectivas construtivistas de gênero. A ideia de gênero estava carregada de teoria positiva da ação política. Sua teoria tenta dar conta de como os sujeitos lidam com normas, as subvertem e produzem novos espaços de produção de singularidades. Butler (2016) vai além da compreensão do assujeitamento às normas e o quanto essas normas constituem subjetivamente, o que seria o abandono do essencialismo e a assunção da visão identitária de performatividade social. Sua teoria de gênero, dessa forma, não é apenas uma teoria da produção de identidades. Trata-se de uma teoria que se debruça sobre algo no interior da experiência sexual e não se submete às normas de identidade. Gênero, por conseguinte, é a abertura do desejo para o que desfaz o sujeito na relação com o outro. (SAFATLE, 2015).

Stoller é uma referência histórica sobre as questões relacionadas ao conceito de gênero, em especial quando incluído nos estudos psicanalíticos em 1964, em

21 STOLLER, R. Sex and Gender: On the Development of Masculinity and Femininity. NY: Science House, 1968.

seus estudos sobre *transexualismo*²². Foi o criador do termo “identidade de gênero” ou “gênero”, para diferenciar do sexo anatômico ou biológico, da concepção social, política ou psíquica da identidade. Com as contribuições da antropologia e do movimento feminista, a partir da década de 1970, surge o trabalho de Judith Butler, que vai se preocupar com o direito à existência legítima de pessoas transgêneras. O caminho que a autora faz tem como mote novos modos de realidade instituídos, inserindo outras possibilidades de existência na realidade dada. Assim, o movimento parte do *transexualismo* patológico e patologizante de Stoller para uma política de gênero que parte do singular, do não inteligível²³ e do abjeto. (PORCHAT, 2014).

Neste capítulo, para além da delimitação de uma identidade de gênero, pontuo algumas questões sobre as diferentes possibilidades de identidades ou identificações de Caio e Jorge, a fim de adentrarmos nas questões da formação por uma via das identidades afetivas. A primeira questão que surge, logo nas primeiras conversas com Caio, é o que me fez chamá-lo de “Homem das Apostas”. Ele falava sobre construir-se como alguém capaz de sustentar simbolicamente o lugar que ocupamos. Eu apontava ser um lugar difícil de sustentar²⁴. Ressalto, então, o quanto acho interessante a questão da aposta, de lançar-se em possibilidades, da vida ser transformada em uma constante aposta, como ser professor, como foi ser propriamente o “Caio”²⁵, retomando uma de suas falas. Pergunto, então, quais foram as apostas feitas. Ele responde o seguinte:

Que apostas foram essas? Rapaz, eu acho que na realidade eu passei a ser a pessoa da aposta [risos], de apostar na aposta, quando me tornei *Caio*²⁶. Eu acho que foi o apostar no *Caio*²⁷ que me fez ser a pessoa das apostas, apostar na vida, inclusive. Acho que quando eu apostei no *Caio*²⁸ eu apostei na vida. E foi meio que esse processo, assim, é a crise que a gente fala, chegou o momento crítico em que eu apostava na vida ou eu ia

²² O termo está grifado por ser um termo datado da época em que foi cunhado, sendo que o sufixo “ismo” foi abolido por tratar-se de patologização das sexualidades e das identidades.

²³ “Gêneros ‘inteligíveis’ são aqueles que, em certo sentido, instituem e mantêm relações de coerência e continuidade entre sexo, gênero, práticas sexuais e desejo. (BUTLER, 2016, p. 43). Coerência e incoerência somente são possíveis em relação às normas existentes, são proibidos e concedidos pelas próprias leis e nexos causais entre sexo biológico, gênero produzido culturalmente e as práticas sexuais como manifestação do desejo.

²⁴ Talvez aqui tenham surgido questões minhas com relação a sustentar simbolicamente um lugar, dentro de uma masculinidade hegemônica. Dessa sensação ficou o registro do quanto a fala de Caio me afetou.

²⁵ Aqui ele usa seu nome. Modifiquei para o pseudônimo escolhido nesta construção narrativa (Caio), a fim de resguardar a identidade do coautor.

²⁶ Aqui ele usa seu nome. Modifiquei para o pseudônimo escolhido nesta construção narrativa (Caio), a fim de resguardar a identidade do coautor.

²⁷ Idem

²⁸ Idem

para outra polaridade. Não tinha outra saída senão apostava na vida ou ia para a morte. Então, eu penso que foi esse o processo. E desde então foi apostando muito por exemplo, no processo da residência, de estudar pra caramba, pra tentar fazer a cirurgia, foi a aposta total na residência como a possibilidade da cirurgia.

O “Homem das Apostas” apostou na vida, para conseguir seguir em frente e ser quem é. Uma construção imaginária de identidade foi o resultado de um encontro, em que as imagens são metáforas e símbolos, sustentados por certo componente mítico. O imaginário é uma produção individual e coletiva, um relicário de memórias do cotidiano. Trata-se de um entrelaçamento de imagens e símbolos das imagens externas com a imaginação, assim se constrói o real. (CASTORIADIS, 1982). Maffesoli (1995, p. 94) afirma que imagens, enquanto fenômenos, não possuem “racionalidade instrumental”, prestam-se a expressar a “hiper racionalidade”, feita de sonho, ludicidade e fantasias. A hiper-racionalidade é a expressão da imaginação, da imagem, do imaginário e do simbólico e ela agrega as fantasias, este componente mítico. Não se trata, assim como Castoriadis (1982) define, de pensarmos que o imaginário é uma “imagem de”, mas, sim, uma criação.

Na segunda carta recebida de Jorge, em janeiro de 2021, ele responde ao meu questionamento sobre os fatos marcantes de sua trajetória, que contribuíram para a construção de sua identidade:

Acho que um fato marcante, que foi um ponto de inflexão para que eu me apresentasse enquanto Jorge, foi o meu divórcio. Após quase 4 anos com uma moça que tinha muita dificuldade em aceitar minha transgeneridade, acabamos de uma forma bem dolorosa, a partir dali entendi que era necessário que eu fosse radical no sentido de não abrir mão de mim, de quem eu era/sou. Isso fez com que dali em diante só me relacionasse com quem entendia o ônus e o bônus, é claro, de estar comigo. [...] O divórcio coincidiu com o fim da graduação e início do mestrado. Iniciei o mestrado ainda me apresentando com uma identidade feminina, apesar de já estar tudo muito claro sobre a necessidade das mudanças, coisa que sabia desde sempre, mas que, por haver uma certa zona de conforto em ser aceito socialmente como uma “mulher lésbica”, eu ia deixando de lado, até que o divórcio me fez entender que não dava mais, que eu precisava me fortalecer emocionalmente e encarar o que viria. A maior dificuldade de todas foi minha mãe, ela insistia que aceitava e respeitava, mas foram brigas e mais brigas até que tudo ficasse mais tranquilo.

Jorge reposiciona-se sobre sua identidade e demarca firmemente sua transmasculinidade a partir de um divórcio, um evento triste e doloroso que se transforma em potência de vida para seguir. A Interseccionalidade, nas identidades trans, é possível de ser lida e compreendida a partir do corpo. Jorge afirma que não

era reconhecido e aceito como homem trans hétero, ao mesmo tempo que tinha certa aceitabilidade enquanto mulher cis lésbica. Retomando uma fala de Caio, “é o mesmo corpo” e poderia ser a mesma relação com o outro. Então, ao que parece, há outra disputa nesse campo quando se trata de um corpo que se identifica como transmasculino hétero ou como cisfeminino lésbico. Um corpo sexuado é campo de disputa e conflito, conforme aponta Bento (2009). A autora afirma que a projeção de expectativas não acolhidas, em relação às determinações de gênero delimitadas pelo órgão sexual, aliado à (in)adequação das expressões de gênero, na relação com outro, é parte do processo de identificação. De um corpo sexuado espera-se que seja lido e compreendido a partir de dispositivos de adequação a uma norma. (BENTO, 2009). Nesse sentido, a adequação apontada por Bento aproxima-se do conceito de inteligibilidade de gênero em Butler (2016). Corpo, gênero e desejo não podem ser dissonantes, sob pena de não serem aceitos e compreendidos. A transmasculinidade denuncia a fragilidade da norma da inteligibilidade e das ficções naturalizadas de masculinidades cisheteronormativas, não restando alternativa a não ser a negação e o não reconhecimento de expressões incoerentes. Santos (2020a, p. 29) afirma que

[...] é mediante esta relação entre incluído e excluído estabelecida a partir destes sistemas simbólicos que os homens trans são excluídos socialmente e interditados espacialmente, sobrevivendo na medida do possível às desvantagens materiais tanto em relação à sociedade em geral, quanto da própria população trans.

Questiono a Caio sobre seu percurso até chegar à Universidade, em especial sobre eventos que tenham sido marcantes em sua trajetória anteriormente, um “momento charneira”²⁹, um momento de virada. Ele pergunta se me refiro ao processo de transição de gênero e respondo que não necessariamente, pois as questões de identidade não se referem exclusivamente à transmasculinidade ou ao processo de transição, mas, sim, ao que ele entendia como significativo desde sempre. Ele começa trazendo memórias de sua infância e adolescência, sobre suas percepções acerca do processo de transição:

²⁹ Charneira, de acordo com Josso (2010), refere-se a um evento ou passagem entre dois períodos da vida, sendo uma experiência que transforma, separa e articula dois momentos da vida.

Bom em relação à transição de gênero, algo que eu sempre lembrava é que muitas amiguinhas minhas da escola, quando criança, elas sempre tinham “o paquerinha”, que era o meninozinho bonitinho. Isso daí criança, né, enfim, nessa lógica heteronormativa que a gente insere nas crianças desde muito cedo, né. E que sempre uma delas tinha um meninozinho bonitinho, e isso eu tô falando isso muito jovem mesmo, aos 6, 7 anos de idade. [...] E eu percebo hoje, né, já adulto, fazendo uma leitura desse momento, que algo que me lembra muito é que eu não tive esse momento. E não porque eu tive o oposto, no caso de me interessar por uma menina, pois minhas amigas lésbicas já falam disso. [...] na minha leitura da minha vivência, eu não vejo que isso foi nem um nem outro. Na realidade, eu olhava muito para os meninos, mas não vou desejar os meninos. Hoje eu tenho essa leitura. E eu tenho essa memória, assim, de olhar muito e de não saber que eu era diferente dos meninos. Olha só que doido! [...] Simplesmente eu era igual ali, era igual aos meninos. Tanto é que eu até brincava com os meninos, jogava bola sem camisa no meio da rua. [...] a maioria dos meus amigos eram homens. Na adolescência e na vida adulta, tornaram-se a maioria das minhas amigas mulheres. [...]

Caio aponta uma questão amplamente debatida nas teorias de gênero, desde Stoller (1968) até a atualidade, que é de se pensar as questões das identidades, entre elas as de gênero, como uma imensa gama de (des)categorizações que condicionam sujeitos a corpos normatizados. Ele indica uma questão sobre as construções de gênero, que será abordada mais adiante neste trabalho. Traz a questão de sua autoimagem, como algo “muito doido”, de ver-se como homem, mais que desejar ter, reconhecer-se como sendo. Jesus (2012, p. 8) aponta de forma simples e direta: “O que importa, na definição do que é ser homem ou mulher, não são os cromossomos ou a conformação genital, mas a autopercepção e a forma como a pessoa se expressa socialmente”. Jorge traz com leveza e humor (e talvez certa ironia) uma percepção sobre si mesmo que corrobora com essas ideias:

Hoje, tenho me sentido cada vez mais confortável para lidar com a vida e todas as situações que se apresentam. A transexualidade não é uma questão, afinal, não fui eu quem dei nome aos bois, ou criei a ideia de gênero binário, muito menos defini o que é transgeneridade. Estou aqui para aproveitar a experiência. Com a bênção de São Jorge, não há inimigo que me alcance.

Denomino Jorge como “O Guerreiro dos Afetos” porque sua existência é pautada por embates e disputas, como ele mesmo coloca, motivadas e cuja força motriz é o afeto, com as bênçãos do Santo Guerreiro, São Jorge. Ele aceita sua experiência e vive sua existência, resistindo aos ventos contrários e resistências da cisheteronorma, como ele mesmo afirma de forma contundente:

Luiz Antônio Simas³⁰ tem dito que a melhor resistência contra esse governo que exalta a morte é viver, pois decido que vivo, como homem trans, como psicólogo, como professor, como pesquisador, como escritor, como filho, como tio, como amante e que se mesmo estiver morto, continuo vivo para lembrar que ser homem também pode ser leve, a leveza de Calvino, a leveza de um pássaro, o pássaro que Exu matou ontem com uma pedra que jogou hoje. Viverei com Exu nas encruzilhadas, terreirizando a vida. Como diz uma música de Alcione “Aruanda chamou, eu virei orixá, cavaleiro de Oxalá, hoje eu sou defensor, guardião do luar, sou São Jorge, Ogum Beira-Mar”.

A melhor resistência é viver. Estar vivo e estar com outros é dizer não às tentativas de aniquilamento. Em outro momento, quando estamos conversando no nosso último encontro, quando pergunto sobre suas escolhas teóricas em sua formação em Psicologia, Jorge reafirma seu posicionamento sobre a mobilização das identidades nos espaços públicos, como uma disputa pela vida:

[...] a gente tem que mobilizar as identidades, a depender de como a gente está disputando espaço público. Na verdade, não só espaço público, mas a vida. A forma como a gente tá disputando a vida, assim. E aí, a gente precisa entender onde as coisas estão, pelo que a gente vai mobilizar. Sejam os nossos afetos, sejam as potências, enfim. Mas o que a gente mobiliza naqueles espaços, onde a gente está. Acho que isso começa a ficar cada vez mais claro, assim, até para não se fixar numa, como eu posso dizer, por exemplo, eu não sou uma pessoa trans, eu preciso mobilizar isso em momentos específicos. Mas o conceito, essa criação, essa colocação, é uma forma de eu entender como funciona a relação do que eu produzo. Tem até uma coisa que o Castoriadis vai falar sobre linguagem. Deixa eu ver se eu acho. É uma coisa, quando ele vai falar, que ele coloca assim: *“Uma coisa a dizer é que não podemos escolher uma linguagem em uma liberdade absoluta e que cada linguagem se apodera do que ‘deve ser dito’.* Outra coisa é acreditar que somos fatalmente dominados pela linguagem e só podemos dizer o que ela nos leva a dizer. Não podemos jamais sair da linguagem, mas nossa mobilidade na linguagem não tem limites e nos permite tudo questionar. *Inclusive a própria linguagem e nossa relação com ela*”.³¹ E aí, eu acho, que é esse movimento de saber como mobilizar essa linguagem, nesses campos de disputa que estamos hoje.

Quando Jorge afirma sua postura sobre posicionar-se mobilizando identidades, ele fala respondendo um questionamento que fiz sobre outra fala, quando ele diz que é impossível pensarmos a clínica psicológica, e nos pensarmos como psicólogos, e aqui pode-se colocar ao lado a formação do professor, em uma

³⁰ Luiz Antonio Simas é carioca, botafoguense, lho de pai catarinense e mãe pernambucana. Trabalha como professor de História e faz pesquisas sobre culturas populares do Brasil. É autor, entre outros, do “Almanaque Brasilidades” (Bazar do Tempo, 2018), de “Pedrinhas miudinhas: ensaios sobre ruas, aldeias e terreiros” (Mórula, 2013), de “Ode a Mauro Shampoo e outras histórias da várzea” (Mórula, 2017), do “Dicionário da História Social do Samba” (Civilização Brasileira, 2015), em parceria com Nei Lopes, de “O corpo encantado das ruas” (Civilização Brasileira, 2019) e de “Fogo no mato: a ciência encantada das macumbas” (Mórula, 2018) e “Flecha no tempo” (Mórula, 2019), estes dois últimos com Luiz Runo. (SIMAS; RUFINO, 2020, p. 18)

³¹ CASTORIADIS, 1982, p. 153.

perspectiva clínica asséptica, dotada de uma “pseudoneutralidade”, de se estabelecer uma lógica de produção científica tradicional em que não cabe essa lógica. Recorre a Castoriadis (1982) para trazer a questão do simbólico que constitui a sociedade, a partir da linguagem, que constitutivamente nos aprisiona, mas que nos permite mobilidade para questionar o que está posto, inclusive a própria linguagem. O simbolismo, afirma Castoriadis (1982), está fulcrado no natural e no histórico, constitui a sociedade e pode ser abandonado, não com liberdade absoluta, mas com mobilidade para tudo questionar.

As experiências narradas por outros podem contribuir para a construção das identidades de cada sujeito. A identificação com outras narrativas, com outras existências dissidentes tornou-se objeto de pesquisa de Caio na pós-graduação. Ele fala sobre a solidão do processo de autoidentificação e sobre a potência de encontros verdadeiros, a partir de representatividades transmasculinas ou de masculinidades não hegemônicas.

Pois é, cara. Não é à toa que escolhi esse tema. Não à toa mesmo, assim. Você foi no ponto. Nesse processo todo que eu te falei, né, nesse caminhar solitário. Não à toa também é o nome do livro do João, né, *Viagem Solitária*³², porque diz muito do nosso processo. Hoje estamos ocupando outros espaços, mas somos solitários. Nós somos muito solitários nos espaços, como um todo...No trabalho...sobretudo a gente que tá no ensino superior, né, são poucos de nós que chegam a esse lugar. Então, isso é muito triste, inclusive. A minha leitura não é como algo que acho muito lisonjeiro, assim... “ah, sou uma pessoa trans no ensino superior, a primeira pessoa trans e *não-sei-o-que*” ... muito pelo contrário, acho até muito problemático. A gente problematizar isso demais. Em 2016, que foi quando eu me formei, fui a primeira pessoa trans a colar grau na UFCG, com nome social. 2016!! Então, é muito problemático isso. E é esse lugar solitário, né, que às vezes a gente ocupa nos espaços. E aí, para mim, como eu ia falando, né, existe uma potência muito grande no encontro. E pra mim foi em duas formas. Foi através da internet. E aí, por isso que eu falo dessa importância, como é que isso chega pra gente, porque muitas pessoas trans... isso não foi apenas comigo... Justamente por não ter outras pessoas no convívio, acessam pela internet outras pessoas trans e essas pessoas trans acabam aceitando esses *web-amigos* e esses *web-confidentes*. E são essas as relações, a partir da internet. E outra, do encontro físico mesmo. Eu não sei nem descrever pra ti, Luciano, qual é a sensação que eu tenho quando eu estou numa roda de pessoas trans. Eu não sei descrever minha sensação. Isso entre meninas e meninos. É uma sensação muito, muito, muito doída, assim, e muito “é aqui o meu lugar”, né, “aqui as pessoas têm uma história parecida com a minha. Essas pessoas entendem o que eu tô falando e dessa dor que eu falo. Entendem também desses amores que eu falo que eu sinto”. Então, é muito legal, sobretudo encontrar outros caras trans.

³² NERY, J. W. **Viagem solitária**: A trajetória pioneira de um transexual em busca de reconhecimento e liberdade. Rio de Janeiro: Leya, 2019.

É necessário interpelar o *cis-tema*, tensionar o instituído e desnaturalizar a falta de acesso e permanência de pessoas trans no ensino superior. Trata-se de algo que está para além da representatividade ou da inclusão, está relacionado ao reconhecimento natural e legítimo de todos e todas nos espaços de saber-poder. Caio continua, lembrando de uma passagem de sua adolescência que tem relação com a fala de Jorge, sobre a mobilidade do simbólico na linguagem. Relata que reconhecia, inicialmente, seu desejo afetivo-sexual por meninas, mas que os olhares para os meninos eram de desejar constituir-se fisicamente com aqueles códigos e símbolos da beleza da masculinidade, como um ideal a ser alcançado para sua constituição física. As conversas com mulheres lésbicas evidenciavam que sua percepção da masculinidade e de uma autoimagem eram distintas, o que possibilitava a certeza de não ser uma mulher cis lésbica. Caio afirma que a única semelhança entre ele e suas amigas lésbicas era o gosto por brinquedos “de meninos”. Até esse momento, ainda não havia despertado a percepção se ser um homem trans, até conhecer uma pessoa que transformaria sua percepção sobre si mesmo:

Daí, quando eu conheci o primeiro cara trans pessoalmente...enfim, era até um cara que eu não tinha intimidade nenhuma, foi quando houve as identificações mais reais, assim, digamos, assim, de história. Incrível! Foi incrível, assim, encontrar outros caras trans. Eu lembro, pronto! Uma passagem que eu lembro muito marcante na minha vida. [...] A primeira vez que eu ouvi falar em transexualidade eu tinha 19 anos. A primeira vez que eu vi um cara trans. Eu tenho essa memória. A primeira vez que eu vi um cara trans falando foi o João Nery, numa entrevista com a Marília Gabriela³³, e isso eu devia ter 20 anos, no máximo. E eu ficava abismado olhando o João. Eu pensava:“Ca-ra-lho! É um homem! Como assim, ele nasceu mulher? Meu irmão, não tem condição não!” Eu lembro que eu ficava assim “Não, pô, não tem condição não!” E eu lembro que as duas vezes, inclusive, foram minhas namoradas na época, que foram diferentes, mas enfim... coincidentemente foram elas duas que me mostraram, assim. Quando eu tinha 19 anos foi minha então namorada da época que me mostrou o... como é o nome dele? É um ativista trans norte-americano...que ele foi ator pornô. *Não-sei-o-que* Angel³⁴. E ele era ator pornô. Foi essa minha namorada que me mostrou. Aí, depois, um ano depois, foi outra namorada que me mostrou o João Nery. A gente tava vendo TV e aí ela que me chamou para ver. Eu lembro demais dessa recordação. A TVzinha bem pequeninha e ela: “Ah, vem cá ver esse cara!” E aí eu tenho essa recordação muito nítida.

³³ Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=8hTnTk80GfE> (parte 1); <https://www.youtube.com/watch?v=uLi05bUfvHw> (parte 2); <https://www.youtube.com/watch?v=hQlghiJdxNw> (parte 3); <https://www.youtube.com/watch?v=8rmafHvMv-s> (parte 4). Acessado em 10/12/2020.

³⁴ Referência ao ator e ativista trans Buck Angel.

As identidades não são fixas, imutáveis, essencialistas, tampouco coerentes. São construções a partir de (re)estruturações e (re)elaborações incessantes. Esse é um processo que é observado pela abordagem (auto) biográfica e que também alimenta as produções narrativas. O processo identitário de Caio, suscita a discussão sobre o que podemos compreender da constituição das transmasculinidades, a partir do reconhecimento de si mesmo, reconhecimento social, jurídico³⁵ e atravessado por experiências sociais. Ele continua seu relato registrando seu encontro com o primeiro homem trans que conheceu:

Mas, o primeiro cara trans mesmo que eu conheci...quando eu conheci esse cara foi muito doido porque até hoje eu não sei que fim levou esse menino. Parece que ele só apareceu na minha vida para dar um pontapé e foi-se embora porque o cara era de São Paulo. [...] Os meus amigos moravam numa república e eu sempre ia lá, porque minha namorada morava nessa república também. [...] E aí, teve uma época que vagou um quarto lá e do nada surgiu, brotou, esse cara. E era um cara trans. [...] Acho que se ele passou três meses em Campina Grande [...] dali a pouco ele foi embora e até hoje não sei onde ele tá. Perdemos o contato completamente, mas foi muito importante porque foi ele a primeira pessoa que eu conversei. Foi ele a primeira pessoa que foi no ambulatório Trans lá de João Pessoa. A gente andou *pacaráleo* conversando e a gente não tinha intimidade nenhuma. Foi só o contato de pares, né? “Tô entrando em contato aqui um cara que é como eu”. Ainda que na época, quando eu fui, inclusive, no ambulatório trans, eu não vestia ainda roupas ditas “masculinas”, eu não tinha cortado o cabelo, eu fui uma menina completa, né. [...] E foi muito importante esse encontro. Eu costumo dizer, inclusive, em todo espaço que eu falar para pessoas trans, a potência que é o encontro da gente nos espaços. Porque normalmente somos muito solitários nos espaços que nós estamos. Por exemplo, eu trabalho rodeado de pessoas cis. Meus alunos, um era trans nesse montão que eu te falei. Então, assim, a gente está rodeado de pessoas cis a todo tempo. Então, a gente não tá...eu pelo menos, no meu convívio, não tenho amigos trans. Meus amigos trans, a maioria são de fora [...]

Nesse registro fica marcada a potência e a importância dos encontros e das identificações desses sujeitos, a partir de suas narrativas e suas histórias de vida. Caio narra o processo de tornar-se homem, de descobrir-se homem. As transmasculinidades, assim, revelam que as masculinidades são atributos não naturais. Não há nada de natural na masculinidade, nem mesmo a sexualidade, a agressividade e a força. Essa narrativa revela a desconstrução de uma perspectiva cartesiana de identidade, na qual há na natureza um padrão de masculinidade anterior, *a priori*. Dessa concepção se desdobram condutas machistas e a sustentação da cisheteronormatividade hegemônica. Os estudos sobre identidades

³⁵ Um exemplo é o Provimento 73/2018, de 28/06/2018 do CNJ, através da averbação da alteração do prenome e do gênero no assento de nascimento e casamento de pessoas transgênero no Registro Civil de Pessoas Naturais.

de gênero, a partir da década de 1980, voltam-se para o estudo das masculinidades e tendem a rejeitar o modelo tradicional que estabelece a experiência masculina hegemônica (cisgênera, heterossexual, branca e ocidental) como norma. (JANUÁRIO, 2016).

5 IMAGINÁRIOS DE GÊNERO: Quando Gênero é uma questão em Educação?

Eu sou resistência.
Transcender a alma, elevar a força,
dar resistência ao corpo, um espírito
que não se deixa levar no mar morto
chamado sociedade.
Eu luto!
Eu sobrevivo!
Eu resisto!
Eu existo!
Sou parte de um mundo não mais escondido

(Luan Bressani³⁶)

“Gênero é um assunto esquisito”. É assim que Connell (2016, p. 16) inicia o prefácio da obra *Gênero em Termos Reais*. Há uma pluralidade de compreensões sobre gênero, desde as mais concretas e biológicas, até as mais abstratas e existenciais, passando pela anatomia, hormônios, política, história e linguagem. Há possibilidade de definição como papéis, identidades, discursos ou classificação de corpos. Mas o que realmente importa são as práticas sociais dos sujeitos, concretizadas nas instituições. Gênero, corporeidade e sociedade estão intrinsecamente relacionados. Isto porque gênero é sempre corporificado e corpos não existem fora de uma sociedade. Assim, gênero é questão de corporificação social e pode ser definido por práticas dos corpos, que os posicionam na história.

Anteriormente, quando analisava as políticas da masculinidade, Connell³⁷ (1995, p. 189) já apontava a dificuldade com relação à compreensão sobre gênero, em função da sua multiplicidade: “Gênero é sempre uma estrutura contraditória. É isso que torna possível sua dinâmica histórica e impede que a história do gênero seja um eterno e repetitivo ciclo das mesmas e imutáveis categorias”.

Quando tratamos dessas questões de gênero, Caio faz uma reflexão sobre o lugar que ocupa, enquanto homem trans, nos espaços públicos, em especial quando está acompanhado de outras pessoas trans:

Eu sempre acredito nesse espaço como potente, como gerador de vida pra gente, sabe. A gente estar entre pares é muito gerador de vida. E pra mim também, por exemplo, estar com as meninas trans também é muito forte porque acaba que muitos de nós homens trans, depois da hormonização,

³⁶ BRESSANI, 2017, p.87-88.

³⁷ Neste ponto cabe uma observação: Nesse período, Raewin Connell ainda se identificava como Robert Connell, um homem cisgênero que problematizava, na academia, a masculinidade. O processo transexualizador de Connell ocorre após a publicação do livro *Masculinities* (CONNELL, R. **Masculinities**. Berkeley: University Of California, 1995).

nós temos muita passabilidade. Nos espaços, as pessoas não pensam que nós somos homens trans. Muitas vezes. As pessoas simplesmente nos olham e não questionam, por quê? Porque eu...minha leitura é: o corpo do homem não é muito questionado como o corpo da mulher. O homem é aceitável ter peito grande, peito pequeno. Ele é aceito baixo e ele é aceito alto. Ele é aceito, enfim, gordo e magro. A mulher é diferente. Homem é aceito com rosto mais feminino e é aceito com rosto mais masculino. Isso para o olhar do outro, né. Então, assim, nós acabamos que temos essa passabilidade, principalmente por conta de que a hormonização tem ação muito rápida, né, se comparada com a das meninas.

Ele levanta uma questão importante sobre as possibilidades de encontros que produzem vida e que deixam marcas significativas, no que se refere às concepções binárias de gênero, em especial com relação à possibilidade de não identificação imediata de homens trans. Aponta, ainda, a questão da transfobia direcionada mais às mulheres trans que aos homens trans, numa vinculação da transfobia à misoginia, uma vez que os corpos femininos são mais expostos e vulnerabilizados que os masculinos. Nesse sentido, a violência contra mulheres trans é atravessada pela violência contra quaisquer manifestações do feminino, ao passo que as masculinidades estão envoltas por uma proteção da inquestionabilidade. Em outro momento, Caio ainda afirma sua posição a partir de uma dimensão do corpo inteligível ou de um corpo (in)adequado para ocupar determinados espaços de produção de subjetividades, em uma perspectiva que rompa com a cisnorma:

Eu acho que a maior questão é essa. Nosso corpo não está errado, né? Tá errado um monte de coisa aí, no mundo, um monte de normatividade. Agora, não é o nosso corpo. [...] Nós só temos esse corpo, então por que que ele tá errado? Um corpo que tá com funcionamento perfeito, por que que tá errado, então? Alguma coisa tá errada. Tem, mas não é o corpo. [...] Mas eu vejo isso assim, que isso ajudou muito a repensar a minha relação com meu corpo. Eu só tenho este corpo. Então, o que eu vou fazer com ele? Ah, posso modificá-lo? Posso! Mas desde que seja para o meu desejo, que seja para o meu prazer, para eu me sentir bem. Não para atender a um ideal cisnormativo de um corpo.

Compreender um corpo que rompa com a cisnormatividade para poder compreender, talvez anteriormente, quais são as concepções de gênero que estão em disputa. Na mesma esteira de Connell, Scott (1995, p. 86) define gênero em duas proposições: “[...] (1) o gênero é um elemento constitutivo de relações sociais baseadas nas diferenças percebidas entre os sexos e (2) o gênero é uma forma primária de dar significado às relações de poder.” Assim, gênero é definido como binário, sempre submetido às concepções de masculino e feminino, e é uma forma básica de significar as relações de poder. A autora afirma, ainda, que gênero

representa quatro elementos inter-relacionados, no que se refere ao primeiro pressuposto, sobre os quais propõe um esboço do processo e construção das relações de gênero que serviriam para análises interseccionais.

O primeiro pressuposto refere-se à compreensão de gênero como símbolos culturais, isto é, elementos que evocam representações simbólicas contraditórias, em grande medida binárias, concebidas a partir da cultura. Nessa construção simbólica, a representação da mulher surge de maneira mítica ou religiosa, em figuras que representam oposições como luz e sombras, pureza e impureza, inocência e corrupção:

conceitos normativos que expressam interpretações dos significados dos símbolos, que tentam limitar e conter as suas possibilidades metafóricas. Esses conceitos estão expressos nas doutrinas religiosas, educativas, científicas, políticas ou jurídicas e tomam a forma típica de uma oposição binária fixa que afirma de maneira categórica e inequívoca o significado do homem e da mulher, do masculino e do feminino. (SCOTT, 1995, p. 86).

A questão é compreender quando, de que forma e com qual objetivo cada representação é invocada. Essa binariedade pressupõe uma cisgeneridade e heterossexualidade normativas, havendo uma carga simbólica intensa de representações da cisheteronormatividade nessas construções culturais de gênero. Por ser binária, mantém-se pela via da repressão e da rejeição do tangenciamento da normativa estabelecida, em que todas as configurações de masculino e de feminino, estão condicionadas às representatividades simbólicas de cada um desses espectros. Dessa compreensão de gêneros binários, opostos e bem delimitados, há o desdobramento da compreensão do gênero em termos fixos, que traz uma aparente continuidade e estabilidade de gênero binário ao longo do tempo. Toda instabilidade nas representações de masculino e feminino é entendida como resistência ou coerção política, alijando as questões políticas como constitutivas do gênero.

O segundo pressuposto de Scott (1995), no qual apresenta uma teorização sobre gênero, propriamente dita, aborda a noção de gênero também discutida por Butler, no sentido de teorizar o gênero sob uma forma de significar relações de poder. O poder é articulado em um campo primário do gênero. Embora não seja o único campo, há indícios na tradição judaico-cristã ocidental de que se firma como um campo de poder significativo. O terceiro pressuposto refere-se à restrição do uso do termo gênero ao sistema de parentesco, no qual a família é central como

organização social. Segundo a autora, gênero é constituído através de parentesco, mas não somente. Ele é constituído igualmente na economia e na política, que operam de forma independente de parentesco. Traz a noção de identidade subjetiva como quarto e último desdobramento. Gênero é, nesses termos, constituído a partir de elementos simbólicos e imaginários.

A construção simbólica do gênero, compreendida a partir da perspectiva castoriadiana, será sustentada nas concepções de instituinte e instituído, fundamentais na teoria do autor. Gênero, enquanto instituído, é o resultado de uma construção da rede simbólica, constituída de símbolos e representações. A realidade social-histórica está entrelaçada com o simbólico, pois os elementos que constituem o social são uma malha simbólica. A linguagem surge como um dos primeiros simbólicos, relacionando significantes e significados. A instituição é a formação da rede simbólica socialmente estabelecida. Consequentemente, as significações estão relacionadas às estruturas produtoras de representações sobre os espectros de gênero, calcadas em discursos instituídos simbolicamente. Castoriadis afirma que a coletividade, na instituição da sociedade, é cindida em masculinidades e feminilidades, resultado das transformações do natural ontológico, e tudo o que dessas representações simbólicas decorre. Masculinidades e feminilidades, então, não são naturais e não há gênero *a priori*, mas trata-se de construções imaginárias e simbólicas sobre o masculino e o feminino e sobre o que é ser homem ou mulher. Dessa constatação podemos pensar a (des)construção das representações simbólicas instituídas binárias de gênero. (CASTORIADIS, 1982; OLIVEIRA e MACHADO, 2018).

A noção de constituição imaginária do gênero é aprofundada nesta pesquisa em uma perspectiva do imaginário social castoriadiano. Para Castoriadis (1982), o imaginário institui o sentido da criação de espaço para indeterminação do sujeito e da sociedade, compreendida como uma instituição sócio-histórica que produz, enquanto instituinte, o próprio sujeito. Nessa esteira, o imaginário instituinte é radical. O imaginário radical, em Castoriadis (1982), consiste na capacidade dos sujeitos de refletirem sobre si mesmos e de deliberarem. Esta capacidade de produzir a si mesmo estende-se a representações para outros sujeitos e de que forma é produzida ou instituída histórica e socialmente. Será esse reconhecimento que mobilizará a psique e as instâncias sociais da criação do indivíduo como

produtores de uma totalidade sócio-histórica. A criação tem origem na imaginação radical e produz novas formas de realidades sociais e históricas incessantemente.

Enquanto criação imaginária sócio-histórica, as representações de gênero binário, fixado nos espectros do masculino e feminino, em certa medida são colocadas a serviço da produção da cisheteronormatividade compulsória. Isto porque a construção do gênero, de viés antropológico e psicanalítico, visa acentuar as diferenças entre sujeitos nesses espectros, submetidos a marcadores biológicos/anatômicos. A construção do imaginário cisheteronormativo compulsório nas sociedades ocidentais, nesse sentido, pode ser compreendida a partir da instituição imaginária de uma sociedade que categoriza e determina um *locus* existencial a todos os sujeitos, a partir de marcadores de masculinidade e feminilidade fixos, em uma ordem social pré-instituída. Disso decorre uma fixidez de papéis performativos de gênero no que se refere a comportamentos, funções, poderes e saberes.

Seguindo esse pensamento, Catani (et al., 1997) aponta que masculinidade e feminilidade são demarcadas pelas diferenças sexuais e são impostas aos sujeitos desde a infância e que, para homens e mulheres, “[...] modos de ser e de estar no mundo são, portanto, construções históricas e culturais.” (CATANI et al., 1997, P. 39). O conjunto diverso e vasto de elementos que formam nossa cultura interfere no desenvolvimento da consciência social de indivíduos submetidos aos marcadores binários de gênero. A fala de Jorge, quando relata sua experiência clínica como psicólogo, acerca das questões de gênero, vai ao encontro dessa ruptura com as concepções binárias e gênero, em especial quando há uma cisão do instituído acerca das masculinidades cisheteronormativas e emergem novos demarcadores de identidades:

Eu estava discutindo umas questões sobre gênero, e aí os colegas “ah, porque no consultório, a gente vê muito ainda essas questões de gênero, como a gente percebe, heterossexual e *não-sei-o-que*”. Claro, a gente tá aculturado por isso, não tem como. Quando eu marco a identidade transexual – a gente tava discutindo o texto da [Teresa de] Lauretis *Tecnologias de Gênero*³⁸, em que tem uma hora que ela fala assim: “quando eu marco mulher na ficha, eu estou me marcando no mundo, estou marcando em mim que eu sou mulher” – então, quando eu me digo transexual, estou me marcando. Mas por que isso? É preciso que eu entenda o lugar que essa identidade ocupa no debate político. E aí, como isso vai se desdobrar na minha vida privada, pensando isso nesses dois

³⁸ LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses: o feminismo como crítica cultural**. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

aspectos, é uma outra questão. A forma como eu vou lidar com isso, como eu vou experienciar minha identidade de gênero, como vou experienciar minha sexualidade, como vou experienciar minha vivência, enfim, tudo isso. Mas eu preciso saber que quando eu me inscrevo, quando eu marco um "X" em mim, o que eu tô disputando, né?

A questão que Jorge aponta pode ser analisada pela quarta proposição que Lauretis (1994, p. 209) lança para compreensão do conceito de gênero. A primeira é a de considerar gênero uma representação; a segunda é que é uma representação dada por sua construção cultural, social e histórica; a terceira é que essa construção é contínua ao longo dos tempos e que se faz em todos os espaços sociais e de poder. Por fim, na quarta proposição, a autora afirma que a construção se faz através da própria desconstrução de gênero enquanto produção de discurso de representação ideológica falsa. Assim, gênero é, além de sua representação, seu excesso, o que escapa e está foracluído do discurso, como um potencial trauma e que pode desestabilizar as representações quando excluído. Nesse sentido, os marcadores invisibilizados de gênero que Jorge coloca como as marcas a serem inscritas podem representar essa disputa que ele questiona. O que o sujeito está disputando quando anuncia sua experiência de gênero que está fora? Jorge apresenta uma reflexão que pode ofertar pistas sobre possíveis respostas:

Então, acho que tá faltando um pouco isso, assim, até enquanto movimento social, essa estratégia de saber onde tá disputando, onde tá...e disputando, localizando isso, deixando muito bem localizado. Acho que tá faltando isso, localizar as coisas, sabe. E não que as coisas estão soltas, enfim. Não que as pessoas não venham fazendo isso, pelo contrário, há um exercício imenso de se fazer isso. E aí, é não se deixar capturar pela lógica, pensando que isso tá instituído, pelo contrário, mas pensar isso sempre num caráter instituinte. Porque se você se deixa capturar pela lógica, sabe...e acho que no sistema que a gente vive, inevitavelmente a gente vai ser capturado pela lógica da dominação, pela lógica do poder, pela lógica do dizer sobre o outro. E aí, enfim, a gente vai ficando num imaginário completamente circular.

Lauretis (1994) afirma que o conceito de gênero como diferença sexual e o que se desdobra conceitualmente dele, entre eles a cultura da mulher e a própria feminilidade, tornam-se uma limitação, mais que um demarcador no mundo, uma espécie de deficiência do pensamento feminista. Gênero a partir das diferenças sexuais aponta para uma diferença da mulher em relação ao homem, ou seja, a própria diferença no homem, amarrando o pensamento feminista sobre as diferenças ao patriarcado. A primeira limitação do conceito de gênero a partir das

diferenças sexuais é que limita o feminismo a uma oposição universal do sexo, colocando todas as mulheres como um conceito universal, em que todas as mulheres seriam de alguma maneira personificações arquetípicas do universal mulher ou personificações melhores ou piores de uma feminilidade metafísico-discursiva. A segunda limitação é que o conceito de diferenças sexuais produz uma epistemologia do feminismo nos limites do patriarcado. O sujeito é constituído no gênero não apenas pela diferença sexual, mas por meio de códigos linguísticos e representações culturais. A autora já aponta para algo fundamental nos estudos de gênero: a Interseccionalidade. Não são somente as relações do sujeito no que se refere às diferenças sexuais que constituem o gênero, mas os recortes de classe e raça. O caminho apontado é o de pensar a construção do gênero não vinculado às diferenças sexuais, mas que seja considerado uma derivação dessa diferença como efeito de linguagem ou como puro imaginário e não relacionado ao real. Nesse sentido, Caio afirma algo que aponta para essa compreensão das vivências das transmasculinidades de forma não genérica, pensada a partir da Interseccionalidade:

a vivência trans, de forma geral, ela não é genérica. A vivência da transmasculinidade não é genérica. Então, acho que a primeira coisa a tentar é justamente essa questão interseccional, de que aquele corpo que tá falando ali...outra questão: aquele ali é um corpo coletivo. As pessoas que a gente encontra é um corpo coletivo. Falamos, enunciamos, muitas vozes em uma só voz. Então, eu acho que são as duas principais questões. Entender que não é fácil isso. Pode parecer duas 'diquinhas', mas não é fácil. Entender que não são vivências genéricas é perceber a singularidade. Novamente é o que eu falo: parece uma coisa óbvia para a Psicologia, mas quando se trata da operacionalização disso parece que não é tão óbvio assim. A gente fala muito nesse singular e na prática não vê isso. Pode parecer paradoxal: como você tá me falando que é um corpo coletivo, mas ao mesmo tempo é singular? Mas é dessa ordem mesmo. Esse corpo coletivo é uma voz coletiva, mas é também uma voz singular.

Caio aponta, em outro momento, algumas questões também importantes sobre as construções de masculinidades e feminilidades a partir de alguns determinismos sociais que experienciou. Ser um corpo masculino com passabilidade, o coloca em uma posição menos vulnerável, em decorrência da masculinidade pública não ser interpelada. A interpelação da masculinidade se dá em esfera privada, na intimidade, mas publicamente ela está protegida.

Podemos pensar que há certa cisão das concepções de masculino quando se trata do âmbito privado, havendo certo tensionamento ou desconstrução desse masculino hegemônico. A narrativa de Caio aponta para um corpo masculino que é inviolável publicamente, ao passo que o corpo feminino é sempre público.

Entretanto, esse questionamento e essa inviolabilidade de um corpo masculino é colocada à prova quando se trata da esfera privada. Dessa forma, a masculinidade é questionada quando se trata de uma performatividade íntima, privativa, de uma forma diferente das performatividades públicas. Alguns elementos vinculados à virilidade e à própria construção do homem estão associados a uma perspectiva anatômico-fisiológica, que desconstrói a inviolabilidade e a inquestionabilidade do masculino quando aproximado ou associado ao feminino.

O tensionamento público surge, conforme relato de Caio, a partir de “estar com” mulheres trans publicamente. A presença masculina associada a um feminino dissidente faz uma grande denúncia, que não é uma denúncia ao corpo masculino trans, mas, sim, da representação pública que um homem tem, enquanto homem, de inquestionabilidade de sua masculinidade.

A violência transfóbica, nesse sentido, apresenta-se como uma interdição, menos por ser um corpo de um homem trans, mas por ser um corpo masculino que está politicamente colocado em um espaço público ao lado de um corpo (trans) feminino. E essa questão desdobra-se em algo que Caio relata, a questão da transmasculinidade machista:

Então, quando você falou na questão do corpo, né, que não é interpelado, me rememorou muito um processo que eu sentia muito na época (hoje tenho ainda lembrança muito vívida, assim), mas na época, que *tava* mais recente, eu pensava muito sobre isso. Eu era um corpo, enquanto lido como corpo feminino, eu era um corpo “boazuda”, né, digamos assim, bundão, peitão, aquela coisa toda. Que qualquer espaço que eu passava...pedreiro, essas paradas todas, né, passar no meio de um círculo, por exemplo, calçada onde tivessem homens e passar no meio era saber que ia rolar olhares, piadas, enfim, todo esse tipo de processo. Eu comecei a perceber na minha transição, pessoalmente, depois do hormônio, como isso foi mudando drasticamente. O quanto isso é efeito da forma como o masculino é visto, o quanto isso é efeito deste corpo masculino no mundo. Inclusive, na forma que eu tinha medo...que eu tinha e deixei de ter... da forma como eu tinha, né, de andar na rua, determinados horários na noite. Eu tinha muito medo de andar na rua, hoje nem tanto. Porque hoje eu tenho medo de roubarem meu celular, antes eu tinha medo de ser estuprado.

A construção da masculinidade, em espaços públicos, aparentemente é confortável (por ser inquestionável), mas existe nitidamente a reprodução do ideal cisheteronormativo do masculino quando se fala de machismo. Caio afirma, espantado, que é o mesmo corpo e que ele anda nos mesmos espaços, da mesma forma, nos mesmos círculos de homens. No entanto, os olhares e as piadas cessaram, os abusos não existem mais porque é um corpo masculino ocupando

esses espaços públicos de dominação e poder masculinos. Quando questionado sobre as decepções e a solidão de pessoas trans com os ideais sociais e românticos cisheteronormativos, Caio afirma que

a cisnormatividade incide fortemente sobre a gente, eu percebo. Porque a gente não reflete muito sobre isso a todo tempo. Não apenas na questão do corpo, mas na própria vivência, que por a gente ser trans tem uma série de dificuldades, que para uma pessoa cis jamais passa pela cabeça dela. Então, eu acho, sim. Na minha vivência, eu percebo isso e atendendo pessoas trans, escutando isso na clínica também, eu tenho ficado cada vez mais atento a isso, o quanto isso adocece, sustentar a cisnormatividade como a única narrativa para uma pessoa trans.

[...]

Parece que nós trans temos uma única narrativa sobre nossos corpos e nossas vivências, que é a narrativa cis. É aquele corpo tal, como um ideal tal, a família tal, a masculinidade tal. Enfim, tudo isso bem bonitinho lá, conforme a cisnormatividade manda. E acho que o desafio, também, pra gente é como produzir novas narrativas, enquanto psicólogos que estamos atendendo pessoas trans e para as pessoas trans. Como produzir outras narrativas. [...] Enfim, produzindo outras narrativas possíveis e que produzem em vida. Diferente dessa narrativa cisnormativa que só adocece. Porque é algo que nunca haverá, né? É algo que nunca haverá.

Essa passagem remete à reflexão sobre o desejo e a potência de vida, sobre pensar-se a partir daquilo que existe como desejo, modos de existir que se capturam no reconhecimento do desejo, da existência do desejo e sobre a vulnerabilidade de alguns corpos. Jorge também relata suas impressões sobre o machismo e as configurações de masculinidades que afetam seu corpo socialmente e das diferentes formas de violência de gênero que corpos transmasculinos e transfemininos sofrem:

É porque também tem uma diferença, quando vamos pensar homens trans e mulheres trans, né. Porque nisso você ganha... por exemplo, se eu não me digo trans, eu dificilmente tenho dores de cabeça, nos lugares que eu vou, ninguém vai me proibir de entrar no banheiro, enfim. Isso nunca... não vou passar por esse tipo de constrangimento, entende? E aí...até porque o medo se torna o contrário, de por exemplo, ser violado. Aí é uma outra perspectiva. Mas essa ideia de que...muitas vezes é mais potente quando a gente traduz isso para mulheres trans e para travestis, muitas vezes é uma questão porque...se você tem passabilidade...tanto que teve uma roda de conversa com o Mães Pela Diversidade³⁹ e aí...não lembro exatamente o que foi...ah! a discussão foi ter usado tal coisa pode ter influenciado ser muito alta, quanto tempo para ficar mais passável, mais feminina, né. E aí é como, por exemplo, é como algumas mulheres trans e alguns homens trans falam: "Cara, eu quero ser passável porque eu não quero ter dor de cabeça. Eu não quero andar na rua e ter as pessoas me olhando". E é realmente uma condição confortável, assim, você andar na rua e ver que não tem, a cada lugar, alguém que vai olhar para você.

³⁹ Organização Não Governamental que defende a garantia de direitos da população LGBTQ+ e tenta combater a homotransfobia, amparando a comunidade LGBTQ+ e familiares. Fonte: <https://maespeladiversidade.org.br/>, acessado em 20/04/2021.

Seguindo o mesmo sentido da reflexão sobre as violências e invisibilização de corpos trans, questiono Jorge sobre essa proibição ou interdição da circulação de corpos dissidentes, em especial mulheres trans e travestis, utilizando um exemplo dado por ele próprio, na utilização de banheiros públicos. Questiono se essas observações podem ser pensadas a partir do que Judith Butler dirá sobre corpos abjetos. Jorge afirma o seguinte:

Essa discussão ela existe e claro [...] incomodar quando você tá em alguns lugares e você tenciona algumas coisas, você ocupa e você, enfim, né, se coloca ali naquele lugar que é um... a higienização social e todas aquelas questões, isso não deixa de ter. Tem essa discussão. Mas aí, só que essa discussão, muitas vezes também tá capturada pela masculinidade. [...] Inclusive, teve uma certa vez, que eu fiquei muito mexido numa roda de conversa porque eu percebi realmente que a mulher tava se colocando... e era muito engraçado, ela não era contra, de fato, mulheres trans usarem o banheiro [feminino] e eu só percebi isso depois porque uma amiga minha me cutucou. Porque ela fez: “não é só uma questão com mulheres trans, mas é o medo de assédio”. [...] E tanto que é um argumento que mais se usa, quando os conservadores querem bater nessa tecla, sabe. É o argumento do abuso, é o argumento de que mulheres trans vão fazer isso, por quê? Porque elas têm falo, porque elas têm pênis e *não-sei-o-que*.

A captura do desejo do outro sobre o próprio corpo pode ser pensada a partir da objetificação do corpo, seja para possui-lo, seja para destruí-lo, seja para os dois simultaneamente (BUTLER, 2019). Nesse sentido, Jorge aponta, quando relata as questões que entende importantes no que se refere à existência de corpos trans em espaços como a docência:

Mas é sempre isso, a existência dessa ordem sexual, na verdade, heteronormativa. E, na verdade, é engraçado porque isso não fica no debate aberto. Isso fica nas entrelinhas. Então, fica naquela coisa, aquele debate, tipo: “ah, não é porque a gente considera os corpos trans corpos abjetos”. Isso também tem, porque não é só o uso do banheiro, é o uso dos espaços de modo geral. Você ocupar um espaço, por exemplo, como professor. Isso gera tensões. Nem todo mundo vai querer que tu ocupe aquele lugar.

Butler (2019, p. 25) afirma que “[...] somos constituídos politicamente em parte pela vulnerabilidade social dos nossos corpos – como um local de desejo e vulnerabilidade física, como um local de exposição pública, ao mesmo tempo assertivo e desprotegido”. É importante a reivindicação da autonomia sobre o próprio corpo, a capacidade de corpos trans de autodeterminarem-se. Um corpo implica mortalidade e vulnerabilidade, suscetíveis à agência e à violência. Mas há uma dimensão para além do individual, uma dimensão pública do corpo: quando se luta pelo direito ao próprio corpo, luta-se pelo direito de outros corpos, não apenas o

próprio. Assim, um corpo é público, é e não é próprio, a vida social é fundamental na sua formação. (BUTLER, 2019).

Os encontros com Caio e Jorge convocam a pensar e problematizar as políticas que produzem vidas sobre as quais há a insígnia da precariedade, aumentada pelas vulnerabilidades e (re)adequações compulsórias a determinadas normas de gênero e políticas que colocam algumas vidas como indignas de serem vividas, fazendo-os viver ou deixando-os morrer. (ROCON, 2021; BUTLER, 2015a).

A linguagem, afirma Scott (1995), é um elemento fundamental na constituição psíquica, trazendo certa certificação da importância da psicanálise na construção social do gênero, mas que traz um problema. Afirma que a teoria lacaniana foi útil para a reflexão sobre a construção da identidade generificada, mas que cabe aos historiadores trabalhar de forma mais histórica. E complementa abordando que, com o pressuposto psicanalítico do medo da castração como base da identidade de gênero, há a recusa da investigação histórica. Além disso, a realidade das experiências de homens e mulheres com gênero não os fazem cumprir as prescrições sociais ou de categorias analíticas. (SCOTT, 1995, p. 87-88).

5.1 DISTOPIAS REVELADAS: Notas sobre Gênero, Educação e Psicanálise

A fim de situar alguns contextos da produção das narrativas cumpre o registro de algumas notas sobre as relações entre gênero e psicanálise. O objetivo principal é o de demarcar algumas construções nos relatos dos coautores desta pesquisa, bem como as minhas próprias (des)construções sobre gênero, visto que Jorge, Caio e eu somos psicólogos e nossa leitura sobre o mundo está atravessada por essas concepções. Ademais, é necessário que se façam alguns apontamentos históricos e se pontuem brevemente alguns conceitos que envolvem a triangulação Gênero-Psicanálise-Educação.

Freud, em *O Mal estar na cultura*⁴⁰, afirma que existem três profissões impossíveis: a de educar, a de governar e a de psicanalisar. As contribuições do criador da psicanálise foram importantes na área da educação, em especial para que possamos pensar as relações professor-aluno a partir dos conceitos de

⁴⁰ FREUD, S. (1930). **O mal estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

transferência⁴¹ e de sublimação⁴². A partir do conceito de transferência, é possível compreendermos de que forma o desejo do aluno é investido no professor. O desejo é investido em uma figura que representa as dimensões inconscientes do desejante. O desejo confere poder àquele que é objeto, ou destinatário, do desejo. Assim, há certo “poder” na docência que o aluno confere ao professor. A partir do conceito de sublimação é possível pensarmos as dinâmicas das relações entre sujeito e objeto (de desejo). As bases da sublimação se dão através das pulsões sexuais e de certa repressão para que o destino da pulsão seja socialmente compreensível e que o sujeito não sucumba ou aniquile-se. Educar, nesse sentido, é ofertar outros destinos à pulsão, o que não é possível, uma vez que não há uma pedagogia do desejo, o que torna a profissão da ordem do impossível. (KUPFER, 2005).

Sobre a discussão entre gênero e psicanálise, Porchat (2014a) destaca que a psicanálise freudiana pode ser interpretada como uma teoria sobre a aquisição e gênero, em uma época em que essa não era uma discussão. Há na obra freudiana uma tentativa de esclarecimento quanto à transformação ou não de crianças em homens e mulheres com atributos de masculinidade e feminilidade socialmente inteligíveis ou aceitos, mas resta claro que esse percurso não é natural e óbvio. O conceito de identidade de gênero surge na década de 1960, com Robert Stoller. Seguindo essa acepção, psicanalistas vinculadas ao feminismo tentam sustentar que a psicanálise descreve a aquisição de gênero em nossa sociedade e deixa de problematizar a hierarquia que se estabelece entre os gêneros, tendendo a reproduzir essa hierarquia e a relação de poder entre os gêneros.

Com Freud, a compreensão das diferenças sexuais foi considerável. Em sua obra é possível compreendermos que a questão da constituição sexual é relacionada a uma representação simbólica e não a uma constituição física, pautada pelo processo edípico. Entretanto, existem limitações na teoria freudiana no que diz respeito, especialmente, ao Édipo como sustentação de uma explicação sobre o feminino. Soler (2005, p. 17) afirma que o Édipo freudiano responde à pergunta “[...] como pode um homem amar sexualmente uma mulher?”, que pode ser resumida à

⁴¹ Processo pelo qual desejos inconscientes são atualizados na relação estabelecida do sujeito com o objeto. Refere-se a uma repetição de protótipos infantis vivida com um sentimento de atualidade mais intensa. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p.514)

⁴² Processo postulado por Freud para explicar atividades humanas sem qualquer relação aparente com a sexualidade, mas que encontrariam o seu elemento propulsor na força da pulsão sexual. (LAPLANCHE; PONTALIS, 2008, p. 494).

renúncia da mãe como objeto primordial e ao gozo referido a ela. Ou ainda, “não sem uma castração do gozo”. A autora salienta o fracasso freudiano na tentativa de produzir a mulher a partir do Édipo, assim como fez com o homem. E sobre o fracasso de Freud afirma: “Seu famoso ‘que quer a mulher?’ confessa isso, no final, e poderia traduzir-se assim: ‘O Édipo produz o homem, não produz a mulher’”. (SOLER, 2005, p. 17).

A acepção freudiana sobre a sexualidade consiste na autoafirmação do sujeito como homem ou como mulher a partir do Édipo. Nos anos 1950, Lacan (1998) confirma essa postura em relação ao Édipo, na qual o sujeito se estruturaria a partir da matriz normativa heterossexual. Configurações que tangenciam a norma heterossexual apontam para uma falha na constituição do Édipo. Butler (2016) critica a concepção binária de sexo operada por Freud, que conduz a uma ontologia da identidade sexual apoiada na origem natural dos gêneros. Recusa, também, a concepção do Complexo de Édipo, cujo desfecho é a formação de uma identificação de gênero, uma escolha de objeto e uma neurotização do desejo pela fantasia (COSSI; DUNKER, 2016).

Porchat (2014a, p. 35) afirma que as considerações freudianas, no que se referem a gêneros masculino e feminino, aliados à teoria da bissexualidade, são compatíveis com a noção de incoerência e descontinuidade sustentados por Butler. Espera-se certa inteligibilidade e coerência entre sexo, gênero, desejo e prática sexual. Nesse ponto, Freud mostra o contrário dessa compreensão, interpretação a qual Butler se aproxima, pois os gêneros são naturalmente não inteligíveis.

Butler (2016) aponta que existem traços, dispostos de forma aleatória pelo corpo, que marcam a categorização e divisão binária dos sexos. A esses corpos são atribuídos papéis de gênero que funcionam como efeito da produção de identidades historicamente pré-concebidas, a partir do que se estabelece como masculino e feminino, definidas pela anatomia das genitálias desses corpos. A autora desconstrói o caráter ontológico dos discursos sobre as categorias sexuais, bem como as categorias da sexualidade e do gênero. Os discursos produzidos sobre os corpos, como tentativa de definição de identidades individuais, têm estatuto de biopoder, evidenciando a construção histórica dos corpos, arbitradas social e juridicamente. Há, assim, uma interdição e uma normatização das liberdades individuais.

A noção de gênero é de tal forma problemática que não pode ser pensada sem a sustentação performativa da linguagem e fora das políticas que estabelecem

transformações nas relações de poder entre os gêneros. A autora oferece algumas indicações a serem percorridas na construção desta análise, considerando a originalidade de sua análise do gênero, partindo do que foge à norma: “[...] certos tipos de identidade de gênero parecem ser meras falhas do desenvolvimento ou impossibilidades lógicas, precisamente porque não se conformam às normas de inteligibilidade cultural”. (BUTLER, 2016, p. 39).

Performance é linguagem artística, por exemplo, e performatividade é ação, é a capacidade de um ato, seja ele qual for, de constranger e produzir efeitos que se desdobram de forma infinita e constante em cada ato. Gênero não é uma performance. Existe uma performance de gênero, mas gênero é, *per se*, performativo porque produz mais gênero. Transgride a norma a partir da norma, podendo ser também normativa. A norma nos impulsiona a agir de determinada maneira, produzindo um determinado modo de gênero, uma performatividade. A performatividade de nossos atos de gênero e a norma de nossos atos específicos nos impulsionam para a normatividade, que se trata da ilusória estabilidade e normalidade masculina e feminina. A performatividade pode ser subversiva ou normativa. Mas é sempre performativa, é o efeito das práticas, sejam normativas ou subversivas. Performatividade é o movimento de constrangimento do real, é uma discussão de Butler que aparece na obra Problemas de Gênero (BUTLER, 2016) e é retomada na obra Corpos em Aliança e a Política das Ruas (BUTLER, 2018a), na qual a autora pensa a política das aparições e dos corpos em assembleias.

O conceito de gênero é tomado como uma construção social e cultural sobre as diferenças percebidas entre os sexos. Essas configurações sempre estão impregnadas de cultura e de sentidos, não são neutras e são pautadas em relações de poder que estão em constante tensão, mostrando-se com sentidos complexos e atravessados por outras categorias como etnia e classe (BUTLER, 2016). Já identidade de gênero liga-se a um comportamento motivado psiquicamente. Dessa forma, gênero e identidade de gênero não se tratam da mesma categoria. Identidade de gênero refere-se a uma condição de origem biopsicossocial e não necessariamente é um comportamento correspondente aos condicionantes biológicos (STOLLER, 1968)⁴³.

⁴³ Com a teoria do gênero nuclear Stoller contrapõe a teoria freudiana sobre a sexualidade, na qual há indicação de uma pretensa superioridade masculina.

Odara (2020) afirma que a educação deve servir como instrumento para processos de socialização e valorização das diferenças. A lógica da política excludente, entretanto, marginaliza corpos que estão fora da norma dominante, estabelecendo dispositivos excludentes calcados em racismo estrutural, sexismo/machismo e cisheteronormatividade. Corpos dissidentes são marginalizados e excluídos, tornando-se urgente descolonizar os processos educativos, fundados pela colonialidade. Frente a isto a autora propõe a Pedagogia da Desobediência⁴⁴, carregando elementos a partir da insubmissão, e afirma o que a cisheteronorma negligencia. É uma possibilidade de enfrentamento e intervenção, rompendo com modelos educacionais ultrapassados.

As discussões sobre gênero são fundamentais para compreendermos os significados das conexões nas relações humanas. O conceito de gênero legitima e constrói as relações sociais, estando em relação recíproca com a sociedade. Para compreendermos as relações políticas e sociais (e podemos incluir as relações sociais na educação) torna-se um caminho eficaz compreender como se desenvolvem as relações de gênero (SCOTT, 1995). Nesse sentido, respondendo à pergunta que inicia este capítulo, gênero é uma questão em educação sempre e o tempo todo.

⁴⁴ “A Pedagogia da Desobediência é um processo insurgente que travestiliza os espaços educacionais, confrontando o processo de exclusão, se caracterizando através das experiências de luta e resistência dos corpos de travestis por uma educação libertadora e emancipatória.”. (ODARA, 2020, p, 96).

6 IMAGINÁRIOS DAS MASCULINIDADES: “UNS PENDURAM AS BOTAS, EU PENDUREI O PINTO!”

Não precisamos ser eternamente
o que nos determinaram
quando nascemos.
Nós somos transformação,
tudo isso é construção.
É que para o capital
para onde eu vou é contra-mão!

(Luq Souto Ferreira⁴⁵)

As verdades para as masculinidades, assim como para tudo o que se refere a gênero, estão inscritas pela sociedade e materializadas por meio das reiterações das instituições sociais (família, igreja, escola e ciências, etc.). Podemos pensar que a necessidade de afirmar sistematicamente as diferenças entre masculino e feminino está diretamente relacionada ao sucesso desses ideais não ocorrerem como se deseja. Assim, o sistema não é coerente e pode ser instável, fazendo com que o poder da lei regulatória se volte contra ela mesma, indicando limites e eficácia da própria lei. De outra forma, a constante necessidade de relacionar gênero à natureza alerta sobre a instabilidade do conceito de gênero, denotando que é uma entidade construída no tempo e suscetível a uma repetição estilizada de atos. As formas idealizadas de gênero constroem a exclusão e a hierarquização dos corpos e das identidades, que coloca determinadas expressões como falsas ou carentes de originalidade, enquanto outras são outorgadas verdadeiras e originais. Disso decorre que algumas existências são condenadas a deixar-se morrer, caso não se ajustem às idealizações. Essas idealizações podem ser compreendidas no sentido do desejo de responder o que é um homem ou o que é uma mulher, ou ainda o que faz querer ser ou entender-se como homem ou mulher. Quando se pensa gênero articulado a esses atributos de “homem” e “mulher” trata-se de pressuposições, baseadas nesses atributos idealizados. (BENTO, 2006).

A verdade dos gêneros está para além dos corpos biológicos. A vontade de verdade está impressa nos corpos, quando se pensa um corpo descolado de uma genitália. Assim, um corpo-vagina-mulher ou um corpo-pênis-homem não são necessariamente verdadeiros. Os corpos devem ser entendidos como um efeito de um regime que regula e cria diferenças entre os corpos. As masculinidades, e em

⁴⁵ FERREIRA, 2017, p. 89-91

especial as transmasculinidades, trazem à tona questões que dão visibilidade e estabelecem os gêneros por negociações e interpretações do que seja um homem ou uma mulher. A transexualidade, dessa forma, carrega a desestabilização das identidades naturalizadas, centradas no binarismo biológico masculino e feminino. (BENTO, 2006).

A partir disso podemos pensar que a masculinidade está em crise? Uma resposta simples e direta para essa pergunta é: “desde sempre!”. Contudo, talvez fosse simplista e parcial. Isto porque a crise da masculinidade é a crise do homem e a crise do macho. É uma crise do homem porque revela que a humanidade se constitui em categorias civilizatórias desiguais. E é uma crise do macho porque as estruturas patriarcais que sustentam essas desigualdades, falocentradas, não sustentam as diferenças sem o silenciamento e tentativas de aniquilação. Há um determinado padrão de masculinidade que é mais reconhecido, especialmente por ser associado ao poder e à autoridade. A longo prazo essa posição garante o lugar privilegiado coletivo dos homens. Desse imaginário hegemônico decorre a ilusão de que existe apenas uma masculinidade. (ÁVILA, 2014).

Para compreendermos a “crise da masculinidade” precisamos desmembrar a expressão em “crise” e “masculinidade”. Nolasco (2001) define a palavra “masculinidade” com raízes nas concepções de virilidade, energia e atividade. Em uma sociedade patriarcal a base da organização está sustentada nessas concepções da masculinidade com esses atributos. Para o autor, as crises da masculinidade estão associadas a valores sociais que ultrapassam as dimensões individuais. Caracterizam-se pela tentativa de enquadramento dos homens em padrões de masculinidades estabelecidos socialmente e para os quais há um endereçamento a esses indivíduos. Em uma definição sobre crise afirma que

A crise masculina se define diante desta transição, e pode ser interpretada em um primeiro momento como uma tentativa dos homens de se diferenciarem do padrão de masculinidade socialmente estabelecido pelas sociedades tradicionais. Esta crise representa a problematização da representação social masculina que converge para a crença na existência do *homem de verdade*, em torno do qual todo menino é socializado. (NOLASCO, 2001, p. 77-78, grifos do autor).

A “crise”, afirma o autor, está na denúncia que esse mal-estar expõe. Isto porque a crise denuncia a quebra do cinismo sobre a existência de um homem, dotado de todos os atributos necessários, acessíveis a qualquer homem comum. O respeito e o reconhecimento estão em ser considerado útil, necessário, provedor,

numa sistemática “performatividade” que confira a esses sujeitos a confirmação de seu lugar no mundo. E a crítica de Butler (2016) contra a concepção binária dos gêneros vai justamente endossar essa ruptura.

Caio relembra uma passagem de suas experiências, em que esteve em um encontro com outros homens trans, que corrobora essa percepção das relações performativas binárias de algumas masculinidades, mesmo que não cisgêneras, de um modelo cis-centrado:

Nesse mesmo encontro que eu falei com você, que eu falei que foi extremamente potente para mim, encontrei um cara trans que ele era mais velho, sei lá, já tinha 40 anos. Na época eu tinha 24 e ele já tinha filho, né, que ele mesmo gerou, mas na época antes dele se entender como homem trans. E aí, ele puto porque um dos filhos dele, que tinha 12 anos na época, estava se percebendo gay. E aí, eu lembro demais de uma fala que ficou marcada para mim, isso tem quatro anos, e eu não esqueci. Ele disse assim: “Porra! Como meu filho está sendo gay? Porra! Tu tem um negócio e tu não vai usar? Eu que não tenho, tô aqui pelejando. E tu tem e não vai usar? Como que pode um negócio desse?” Isso ele falou na roda com a gente.

[...]

E eu fiquei assim: “Cara! O cara vem dessa outra condição, né, de ser um homem trans. Ele não é um homem cis, nem sempre foi lido como um homem. E tem essa visão, né?”. De outros caras escrotos mesmo com as meninas, machista pra caralho, de dizer: “Ah, vamos comprar cerveja e as mulheres ficam fazendo a comida”.

Essa passagem pode ser analisada com referência ao conceito de “masculinidade hegemônica” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). O conceito engloba uma perspectiva de gênero relacional para refletir sobre as masculinidades. De fato, parte-se do reconhecimento de sua pluralidade e das diversas relações atravessadas por diversos marcadores (classe e raça, por exemplo). Entretanto, o conceito aponta para um “sistema de gênero” (CONNELL, 1995), um modelo dominante socialmente, que colocava determinadas expressões de gênero no centro dos debates e relegava outras à periferia. Assim, a masculinidade hegemônica distingue-se das masculinidades subordinadas, deixando evidente uma hierarquia velada em sua estrutura e um caráter fortemente normativo. (BRAZ; SOUZA, 2018).

Scott (1995) afirma que pelo gênero há indicações de construções sociais acerca dos papéis que seriam propriamente masculinos e femininos. Gênero é uma categoria imposta sobre um corpo sexuado, sendo importante uma distinção entre gênero e sexo. Connell (1995, p. 188) define a masculinidade a partir de uma “[...] prática em torno da posição dos homens na estrutura das relações de gênero”. As

masculinidades são uma produção social constituídas a partir de interações às vezes tensionadas por diversos campos. Por se tratar de uma construção social se dá nos dispositivos e práticas sociais, nas quais a masculinidade está assentada em oposição às práticas consideradas femininas. Práticas, aqui, têm o significado de racionalidade e historicidade. Entretanto, não significa que as práticas são racionais. A violência de gênero, por exemplo, não é racional, mas não é uma explosão insensata. Trata-se de uma ação propositada que tende a manter a supremacia masculina. Seguindo essa ideia da supremacia e violência do masculino (cisgênero e hegemônico), Jorge aponta uma questão bastante interessante e impactante sobre as discussões sobre questões relacionadas às travestis e mulheres trans:

E é inclusive o que eu falo, não é só pensando isso numa disputa de um campo teórico, mas no dia-a-dia mesmo, quando você tá numa roda de conversa, quando você vai debater sobre questões de uso de banheiro, por exemplo, a disputa sobre mulheres trans usarem o banheiro feminino é uma disputa, uma discussão muito pesada. Porque, por exemplo, eu não posso dizer para as mulheres [cisgêneras] que é injusto elas sentirem medo de um falo. Não posso dizer isso para as mulheres, se eu pensar que algumas mulheres trans vão manter o seu pênis. E aí, eu não posso dizer. Mas assim, porque...e aí entra na questão, porque na realidade o que elas estão colocando não é necessariamente o medo da mulher trans, não é o medo de uma travesti, o medo não é esse. É preciso que se fale, a gente tá falando aqui do medo de uma pessoa com pênis, desse falo, dessa dominação que surge a partir de alguém com falo acreditar que pode manipular o corpo do outro.

[...]

Em realidade, é o medo do pênis. E tudo o que ele representa, quando associada a um homem hétero. Porque a ideia de que um homem hétero vá se vestir de mulher e entrar no banheiro é assustadora para as mulheres. Enfim, por questões de violência, de agressões e assédio sexual é que não é injusto. Elas estão corretas. Quando falo corretas, assim, é um medo que a gente compreende. Porque quando a gente vai para os números de violência sexual, assédio, enfim, escola, ao longo da vida. Então, é até compreensível. E é por isso que é preciso que se coloque. Ali não é disputa entre uma mulher cis e uma mulher trans ou uma travesti, pela travesti ou pela mulher trans ser quem ela é, mas é isso que tá por trás, é esse medo.

Connell e Messerschmidt (2013) apontam para os benefícios do patriarcado, no qual homens que se beneficiam dele, adotam uma forte cumplicidade masculina e tornam o conceito de hegemonia eficaz. A fala que Caio relata, revela um discurso de reconhecimento dessa hegemonia masculina relacionada ao pênis, na qual mulheres e outras representações das masculinidades são subordinadas, reafirmando posturas machistas. Caio complementa o relato com a seguinte passagem:

Em relação aos homens trans machistas, a minha leitura eu não consigo ter outra leitura senão essa, é uma afirmação da masculinidade e parte do machismo. Eu só consigo ter essa leitura. Para mim foi um movimento muito diferente, porque eu vinha de movimento feminista, eu estava na época da Marcha Mundial de Mulheres, antes de me entender como um homem trans. Já vinha com outras leituras feministas e até um bom encontro, porque eu tô lendo recentemente o livro do Preciado, o livro *Testo Junkie*⁴⁶. E aí, ele fala, em determinado momento: “Eu, homem trans, que sempre apostei, sempre me dediquei aos estudos feministas, como homem, agora?” E foi meio que este o questionamento que eu fiz: como homem agora, se eu tô vindo de movimento feminista? Como é que eu vou ser tudo isso que tanto eu luto contra? E aí até um momento que, pode ser algo muito óbvio, mas só quando foi, que passou a fazer sentido, foi que pra mim foi uma vivência mais tranquila, que a luta não era contra o homem, era contra o machismo. Então, por isso que eu digo, é uma coisa muito óbvia, mas que não fazia sentido, até que eu me dei conta disso. E é muito triste para mim encontrar com outros caras trans que são machistas.

Na teoria de Butler (2016), gênero interroga o estabelecido em relação às identidades dos sujeitos, colocando em questão uma suposta estabilidade que de fato não existe. A estabilidade é desconstruída por não haver uma essência no que se refere a gênero e porque se considerarmos pessoas dissidentes da cisheteronormatividade, evidencia-se o problema da adequação a um ideal normativo excludente de indivíduos inadequados. Disso decorre a patologização dessas identidades e surge outro problema: o da definição do que é homem, o que é mulher, o que é humano e o que pode ser reconhecido como tal. Nesse sentido, Caio novamente se posiciona de maneira bastante impactante sobre o reconhecimento de sua (in)adequação e o quanto isso poderia ser adoecedor:

Até eu comprar o packer⁴⁷, que eu tinha um desejo imenso de ter, porque eu só ia me sentir seguro se eu usasse o packer, porque se eu tivesse na rua, ou se eu tivesse em um bar, e um cara chegasse e dissesse: “ah, tu não é homem”, eu mostrava o packer. Então, veja que nível de segurança era esse que o falo trazia, né, que o pênis trazia. E aí, aos poucos, eu fui me dando conta. Eu não uso o packer, a não ser na relação sexual. E muitos caras trans usam, como volume e tal. Eu não uso, não gosto. Mas justamente eu passei por esse processo. Eu comecei a usar e dali a pouco eu comecei a me sentir incomodado, porque eu: “Porra! Meu corpo funciona completamente. Eu não vou mijar nessa porra, que sai pra todo lado. É uma merda para utilizar, se tá funcionando tudo normal”. Claro que era massa fazer em pé, porque pelo menos não pegava uma doença nesses cantos, né? Mas, tá funcionando tudo ok, que bom que tá tudo ok. Não tenho tanto problema assim, então, por que eu vou usar? Se também não me traz

⁴⁶ Preciado (2018) faz uma descrição detalhada do processo de transição ao qual se submeteu. Na abertura, em tom autobiográfico e confessional, ele afirma: “Como explicar o que me acontece? O que fazer com meu desejo de transformação? O que fazer com todos os anos que me defini feminista? Que tipo de feminista serei agora: uma feminista viciada em testosterona, ou melhor, um transgênero viciado em feminismo?”. (PRECIADO, 2018, p. 23).

⁴⁷ Trata-se de um pênis, confeccionado em silicone, com funcionalidades semelhantes ao órgão. É utilizado por alguns homens trans cotidianamente, com finalidades estéticas e funcionais, como urinar e em relações sexuais, pois sua anatomia é projetada para proporcionar prazer mútuo durante o ato.

segurança, né. Eu passei por esse processo de desconstrução, até que eu pendurei o pinto. Uns penduram as botas, eu pendurei o pinto (risos).

Na sequência, Caio relata como foi libertador desfazer-se dessas construções que transitam entre a patologização das identidades trans e a necessidade de adequação a modelos binários de gênero cisheterocentrados. Relata como foi o processo de estabelecer um relacionamento amoroso com uma mulher cisgênera e heterossexual, de abolir o uso do packer e suspender a hormonização.

E aí, quando eu parei a hormonização, falei: “Cara!” Menstruar é uma bosta, continua sendo. É uma merda. Uma merda completa. Mas é como se...eu falei para ele, né, é como se eu tivesse cada vez mais aceitabilidade do meu corpo como ele é. De entender o corpo de um homem dessa forma, acho que é esse o sentido que pra mim fez. Menstruar foi esse o sentido que eu peguei, né, ainda é um corpo de homem e parece que cada vez é mais meu, assim, é mais uma masculinidade, ainda que menstrua, isso não quer dizer nada, assim, em relação à feminilidade. É um corpo de homem que tem um útero. [...] Cada pessoa constrói e produz sua masculinidade de forma diferente. Nem mais certa, nem mais errada.

Caio convoca todos os homens a pensarem sobre os lugares que ocupamos. Existem múltiplas masculinidades e diversas formas de legitimar uma experiência que é absolutamente pessoal, com relação à própria masculinidade, ao próprio corpo, à própria história e principalmente, à história que se quer construir, enquanto homem, a partir do próprio corpo. É um convite ao processo de ressignificar algumas posições e algumas práticas. Além disso, questionar e ressignificar o próprio corpo constantemente. A binariedade, que estabelece essa ilusória estabilidade ao gênero, deve ser imposta e aceita irrestritamente. Para tal, é necessária a crença de que há uma substância ou essência para o que é ser ‘homem’ e o que é ser ‘mulher’, o que em si é frágil e insustentável. (PORCHAT, 2014b).

Em determinado momento questiono Jorge sobre a cisheteronormatividade e sobre a compulsoriedade da masculinidade hegemônica, se pensarmos que a masculinidade hegemônica é cisgênera, heterossexual e patriarcal. Dessa forma, sempre temos essa referência como produção de discurso, de identidades e de subjetividades. Jorge se posiciona da seguinte maneira:

Sim, exato. Eles estão sempre o tempo todo falando sobre isso. Mas o que eu falo é isso. Quando a gente está no campo de disputa, sei lá, eu tô disputando com a cisgeneridade. Aí, quando eu tô disputando com a cisgeneridade, eu não tô disputando só com a masculinidade hegemônica, eu acabo tendo que disputar, por exemplo, com uma mulher preta, que é cisgênera, entende?
[...]

Acho que isso é uma questão para se mapear isso, entende. Porque essas dobras vão vir da masculinidade, vão responder a ela, que institui, mas é preciso tomar cuidado para colocá-la neste aspecto, senão vai voltar isso, assim.

Sobre essa essência do masculino e do feminino e uma ruptura brutal com essa masculinidade normativa, Caio se posiciona da seguinte maneira:

Mas eu vejo que é desse lugar que eu venho, né, eu venho de outras leituras de mundo. Outros caras trans encontram apenas no machismo uma forma de ter uma masculinidade. Como se isso fosse a única forma de ser masculino. Eu costumo até brincar, né, Luciano, em certas rodas: “Mas rapaz, uma buceta não me fez ser mulher, não é uma blusa, não é nada que vai me fazer ser, né?” (risos). Se uma buceta não me fez ser...

[...]

Então, assim, não faz sentido, para mim é ilógico. Mas eu não convivo com caras machistas trans. Não passo pano para isso. Não é porque é trans que vou ter no meu convívio, apenas por ser trans, saca? Se o cara é machista não consigo conviver, independente de ser trans ou cis.

É preciso pensar o masculino a partir da posição dos homens, social e da construção de corpos, e na estrutura da relação de gênero. As masculinidades são corporificadas sem deixarem de ser sociais. Além disso, pensar a estrutura significa pensar que gênero é uma estrutura ampla que ultrapassa as relações homens/mulheres. Gênero é uma estrutura complexa e pensar as relações de constituição e manutenção das masculinidades implica em analisar as relações econômicas, familiares e de sexualidade. Ultrapassa, portanto, a dimensão dos papéis sexuais ou a biologia reprodutiva. (CONNELL, 1995).

Caio coloca algumas questões significativas sobre a construção do gênero a partir do desejo, de um desejo que é, em certa medida, heterocentrado. Em uma passagem ele relata sobre um relacionamento com uma mulher que o deixou inseguro com seu próprio corpo. O fato foi que não houve relação sexual no primeiro encontro, embora houvesse desejo de ambos, e esse impedimento estava relacionado à insegurança de Caio com relação a revelar ser um homem trans. Ele foi interpelado não pela possibilidade de não sentir desejo, mas foi questionado sobre sua masculinidade. Isso revela o quanto a masculinidade está colocada numa configuração de somente assegurar-se enquanto tal se concebida como um corpo masculino sempre disponível para o sexo.

Mas eu percebi muito isso nesse processo de transição de gênero. Esse lugar onde eu fui colocado, de agora eu ter sempre que querer transar, porque se eu não quiser transar eu não sou homem. Aí, isso bate numa questão para a gente que é trans: a gente parte de um processo de afirmação dessa masculinidade, ou tantos outros aspectos. E aí, essa

questão do privado, como você está trazendo, justamente o sexo...e é justamente nesse privado, onde a gente não tem o pênis, né, que é muito falocêntrico... “não tem o pênis. Aí, tu não quer transar? Então, tu não é homem”. Então, eu penso que isso são duas violências. Eu acho que a violência da masculinidade em si, desse discurso machista. E a violência dessa negação dessa identidade, quando é a gente, nós, homens trans: “não quer transar porque não é homem. Então, tu não é homem”. Como se eu não tivesse os desejos de um homem comum da minha idade porque eu não quero transar naquele momento. E eu passei por um rolê desses, de questionar isso. Já teve vezes que eu transei simplesmente para mostrar que eu sou homem, pelo menos para mim, né. De não negar fogo por conta disso. Até que eu me questionei: “cara! Isso é muito foda. Eu não preciso de transar, necessariamente, sem vontade, para não dizer que eu não sou homem.”

[...]

Eu acho isso muito complicado porque eu percebi isso também nesse processo da saída da feminilidade para a masculinidade. Eu passei de um corpo que não necessariamente precisava aceitar sexo, inclusive era importante demarcar esse espaço: “não quero!” ...sair desse lugar desse corpo que era importante dizer “não quero. Respeite meu corpo.”, para um corpo de “Você tem que querer, sim!”. Só que é o mesmo corpo (risos). É muito doido isso, né? Como esse processo de feminilidade e masculinidade chega, né? Porque é o mesmo corpo. Então, como assim antes eu podia dizer que não queria e era certo, e agora não é mais? Como assim, ter autonomia sobre meu corpo e dizer “não quero” não é mais certo? Muito estranho isso.

Para pensarmos uma política sobre gênero é necessário pensar o gênero suscetível às mudanças históricas, justamente por ser um produto histórico. Assim, uma mudança consciente e aberta democraticamente somente é possível se reconhecermos o gênero construído e reconstruído historicamente. (CONNELL, 1995). De qualquer forma, podemos pensar que toda transformação implica em uma crise porque mudar é crítico. Mudanças não significam, necessariamente, progressos. Pensemos em uma crise da masculinidade não como a ruptura radical de padrões sociais estabelecidos como um modelo. O questionamento dos modelos, a reflexão sobre as práticas e o desconforto frente aos modelos impossíveis demonstram que vivemos em processo de transformação.

6.1 AS TRANSMASCULINIDADES COMO DENÚNCIA DA CRISE DAS MASCULINIDADES

Eu quero ser o homem
que sou
de vagina
no pau, nas mãos,
no corpo
de Raquel Virgínia

(Theodoro Albuquerque⁴⁸)

As diferenças entre homens e mulheres não são naturais; são o resultado de construções sociais sobre corpos biológicos, não sendo o marcador da genitália um definidor de masculino ou feminino. Sexo é biológico, gênero é social, construído culturalmente. Gênero transcende a concepção sobre sexo. Trata-se de expressão de subjetividades socialmente, autopercepção e autonegação. (JESUS, 2012).

Bento (2006) levanta a discussão da construção da identidade transexual como uma experiência construída a partir de deslocamentos. Parte-se de uma pretensa inadequação entre corpo-sexuado e gênero, não havendo respaldo da suposta correspondência entre anatomia e cultura. A pluralidade de concepções e expressões de gênero é inconcebível e essas formas diferenciadas constitutivas estão em posição de conflito com as normas hegemônicas desse campo, a saber, cisgêneras e heterossexuais. Assim, a suposição implícita da patologização das identidades trans está relacionada a um pretense aprisionamento de uma mente heterossexual em um corpo equivocado. Não há trânsito possível de um corpo-sexuado homem reconstruir-se como um corpo-sexuado mulher e eleger um objeto de desejo mulher, pois um dos pressupostos fundamentais do conceito de mulher é a heterossexualidade e a destinação à maternidade.

Constitui-se homem ou mulher, assim, passa por uma repetição utilizada de atos, o que abre espaço para experiências de gênero em lugar diferente do referente biológico. Mas são, de certa forma, expressões referenciadas com a origem. Em outras palavras, as ações dos devires homem e mulher estão em consonância com o conjunto de verdades que está em jogo na disputa por afirmar-se como homem ou como mulher. As ações estão postas a corroborarem com o posicionamento legítimo do masculino ou feminino. Entretanto, quando não correspondem às expectativas abrem espaço para desestabilizarem as normas de gênero através da violência

⁴⁸ ALBUQUERQUE, 2017, p. 109.

(física ou simbólica) para manter essas práticas à margem do considerado aceitável. (BENTO, 2006; BUTLER, 2016). Caio discorre sobre seu posicionamento acerca dessas manifestações de masculinidades performativamente violentas e cisheterocentradas:

Tem um cara trans que eu conheci aqui, é meu xará inclusive, *Caio*⁴⁹, que ele é muito escroto, assim, ele é muito escroto! Muito escroto! Muito escroto! De beijar mulher à força, de ser escroto pra caralho, assim, de todos os níveis de homem que você imaginar de homem, esse ideal de homem cis, hétero, escroto, *topzera*, é ele. Só com a diferença que ele é trans. Pronto. Essa é a única diferença. [...] E aí, quando comecei a ouvir algumas coisas dele... bolsonarista, inclusive. Puta que pariu, meu irmão, como é que pode? Não! É uma pessoa que eu não convivo de forma alguma!

Ele continua sua narrativa afirmando que pessoas com esse tipo de posicionamento despertam certa repulsa e um conseqüente afastamento. Atualmente, continua, aproxima-se de pessoas com outro perfil e que tem liberdade para conversar sobre todos os assuntos que dizem respeito à sua masculinidade, como hormonização e menstruação, por exemplo. E conclui afirmando que um de seus amigos, que namora uma mulher trans, fala sobre coisas muito íntimas que de forma alguma desafiam a masculinidade de ninguém, desafiam apenas o machismo.

Gênero é uma categoria social, cultural e historicamente em construção. A definição não se dá unicamente a partir de uma determinação histórica das diferenças entre os sexos, mas é o que atribui sentido a essa diferença, é constitutivo das relações sociais fundadas sobre as diferenças entre os sexos (SCOTT, 1995). Butler (2016), inclui o elemento da performatividade de gênero como efeito discursivo e sexo como efeito de gênero. A noção de performatividade não é compreendida como um ato singular ou deliberado, mas como uma prática reiterada pela qual o discurso produz efeitos nomeados por ele (BUTLER, 2018b). O corpo é habitado por discursos, mesclando-se e confundindo-se com o próprio corpo.

O sexo é uma espécie de materialização, resultado de práticas regulatórias replicadas ao longo do percurso histórico. Ele é um dispositivo regulatório idealizado que se materializa através de práticas ritualizadas de normas e tecnologias de gênero. Butler (2018b, p. 201) afirma que

⁴⁹ Aqui ele usa seu nome. Modifiquei para o pseudônimo escolhido nesta construção narrativa (Caio), a fim de resguardar a identidade do coautor.

Se o gênero é a construção social do sexo e se não existe nenhum acesso a esse “sexo”, exceto por meio de uma construção, então parece não apenas que o sexo é absorvido pelo gênero, mas que o “sexo” torna-se algo como uma ficção, talvez uma fantasia, retroativamente instalado em um local pré-linguístico ao qual não existe nenhum acesso direto.

A viabilidade e o reconhecimento social dos sujeitos somente são possíveis se mediados por essas práticas. Considerando que o sexo é uma categoria tomada em seu gênero, não é compreensível construir uma interpretação cultural do sexo. Gênero não deve ser a inscrição cultural em um corpo previamente dado, mas deve designar o aparato de produção mediante o qual os sexos são definidos. A relação gênero/ cultura não está na mesma forma que sexo/natureza. O gênero é o meio cultural e discursivo que produz o sexo (natural). Esse sexo é pré-discursivo, mas a cultura age sobre essa superfície politicamente neutra. (BUTLER, 2016, p. 27).

Bento (2008, p. 19) afirma que “[...] a transexualidade é um desdobramento inevitável de uma ordem de gênero que estabelece a inteligibilidade dos gêneros no corpo.”. A autora sugere que a transexualidade é uma experiência identitária que tem como característica o conflito com as normas de gênero. As definições binárias de gênero, nas quais são estabelecidos os atributos para definição de homens e mulheres como tais, desdobram-se na discussão, também binária e biológica, do que é a verdadeira transexualidade. Há a pressuposição, nesse sentido, da cisheteronormatividade, de um modelo único de masculino e de feminino, ao qual todos estão submetidos. Tudo o que rompe com esse modelo normativo é anulado ou invisibilizado, a fim de manter a supremacia de um modelo de sexualidade e de gênero. Seguindo esse pensamento, Jorge aponta algumas questões bastante relevantes sobre a construção das sexualidades e das identidades, em especial da transexualidade:

E eu acho que quando se fala de gênero, é justamente isso, assim, como é que a gente continua disputando essas questões. A gente vai continuar disputando essas questões pensando possibilidades de identidades, enquanto ainda tem uma estrutura que se mantém ali, um núcleo duro, que consegue se reinventar, consegue, mesmo que tenha o mesmo formato, mas ainda tá ali, sabe. É sempre criação de identidades para responder à masculinidade, sabe. É o queer, quer dizer, o queer não é identidade, o trans, é o bi, é a lésbica, é o homem, é a mulher, para responder a essa normatividade, a essa identidade, né? A transexualidade surge para responder a essa identidade, sabe? Porque você precisa responder a essa identidade, você precisa responder a essa masculinidade. E aí, é como eu falo, eventualmente a gente vai estar capturado, né. Ah, Jorge⁵⁰, então é

⁵⁰ Aqui ele usa seu nome, substituído pelo pseudônimo escolhido pelo coautor para preservar sua identidade.

uma contradição você dizer que não há uma resposta a isso, quando, por exemplo, se usam hormônios para isso, está aí essa figura, essa aparência masculina, *não-sei-o-que*, a mudança do nome, e *tarara tarara*. Mas é justamente a questão de pensar que pelo contrário, o que eu faço é potencializar que existem possibilidades diversas de se expressar. E as pessoas não gostam quando eu uso nem o termo 'experiência', nem o termo 'brincar'. E principalmente brincar, quando eu falo assim: "Não, cara, eu tô brincando com gênero". [Eles dizem]: "Não, mas você precisa entender que para algumas pessoas isso é muito sério!" Por que é sério? É porque é a coisa da patologização mesmo. De se pensar: "Não, pessoas trans precisam fazer isso". E se eu levar isso com tranquilidade? E se eu disser "não, eu tô aqui brincando com isso"? Eu tô aqui dizendo: "olha, essas concepções de gênero aí, eu posso brincar com elas do jeito que eu quiser". E eu posso fazer com o meu corpo o que eu quiser, inclusive usar dessa estrutura medicamentosa, dessas tecnologias médicas até o momento que eu quiser. Se eu quiser parar, eu paro, sabe. Se eu quiser continuar, ou se eu quiser fazer isso com academia. Ou se de repente eu disser que não, que eu vou reformular, e aí eu vou voltar. Então, essas coisas, elas não são estruturas que são impossíveis de serem manipuladas. Pelo contrário, acho que é escancarar o quanto elas são manipuláveis. E eu acho que a transexualidade, ela passa por isso. É escancarar o quanto elas são manipuláveis.

Há nas sexualidades dissidentes (transexualidade, travestilidade ou transgeneridade) a divergência dessa norma, uma ruptura com o real do corpo e com as possibilidades de existência, estabelecidas pelas normas de gênero. Na experiência transexual estão evidenciados os gestos que dão estabilidade aos gêneros, fazendo um tensionamento das expressões de masculino e feminino. Simultaneamente, rompe a lógica de causalidade entre sexo/gênero/desejo e com os limites do sistema binário, calcado no corpo-sexuado (corpo-homem e corpo-mulher) que tem como referência normativa a masculinidade. (BENTO, 2008). Esse pensamento vem ao encontro de um relato de Jorge, sobre as questões de base não serem, ainda, o enfrentamento à masculinidade hegemônica:

Eu não tô buscando a cisgeneridade, por mais que eu experiencie coisas que possam beirar a ideia da cisgeneridade. Eu estou experienciando multiplicidades de gênero. E isso é uma outra perspectiva, sabe, que inclusive, muitas vezes incomoda. Porque as pessoas querem que você se coloque nesse lugar: "Não, eu preciso do hormônio, eu tenho que fazer a cirurgia tal, eu tenho que fazer isso, eu tenho que fazer aquilo. E pessoas trans precisam disso para se sentirem bem", enfim. E cara, às vezes você vai entendendo que eu posso viver o meu corpo de várias maneiras. Então, eu acho que é esse limiar. A gente tá tão acostumado com esse núcleo duro, com essa coisa principalmente da cisgeneridade, né...e é engraçado, eu acho muito engraçado: "ah, a cisgeneridade". Cara, não é a cisgeneridade. Não é só a heterossexualidade, é a masculinidade. Porque quando eu penso a cisgeneridade e quando eu penso a heterossexualidade, eu teria que colocar inclusive mulheres nesse bolo. E, claro, não significa que mulheres não possam expressar, por exemplo, questões de preconceito, qualquer pessoa pode porque tá todo mundo capturado por isso. Mas não foram as mulheres que instituíram esse caráter, a forma como a gente pensa. Quando você pega a ideia do belo na concepção ocidental

do termo 'belo', o que é ser belo? Por que o ser belo é o ser que é inclusive as formas muito bem delimitadas? Enfim. Porque vem do corpo masculino, não vem do corpo feminino, o conceito de belo vai vir do corpo masculino. É a masculinidade que está ali o tempo todo. E a gente fica "mas não, a cisgeneridade". É importante que se coloque a cisgeneridade, é fundamental, a heterossexualidade também. Mas são termos que vão vir de uma necessidade teórica da masculinidade, dela posta da forma como está, enfim. E aí, vai ramificando todos esses espaços, vai se ramificado, ramificando...e aí, às vezes parece que cansa, porque você tá o tempo todo respondendo a uma questão que, assim, não adianta ter resposta, enquanto a masculinidade se mantém.

Almeida (2012) traz impressões das experiências com homens trans, em questões relacionadas à visibilidade e autodeterminação. Afirma que é comum a inserção de homens trans em grupos sociais LGBTs subsumidos em contextos lésbicos devido a dificuldades de autodeterminação. Essa autodeterminação acaba por ocorrer em espaços virtuais a partir de representações midiáticas ou em espaços de saúde, educação ou movimentos sociais LGBT. Caio traz suas impressões, a partir de sua experiência com o movimento feminista:

Na verdade, eu vejo o maior confronto das feministas radicais, mais com as meninas trans, nem tanto com a gente. Mas aí, acaba que elas colocam no bolo as pessoas trans e acabam marcando a gente também. Por exemplo, quando a gente vai lá em algum espaço que está falando sobre menstruação, sobre gravidez, e a gente diz: "Peraí! Que não é só mulher grávida, tem outra identidade que também engravida, que a gente precisa falar de direitos sexuais e reprodutivos também dos homens trans." E aí, elas ficam putassas! (risos): "Porque agora, pronto, os homens vão descategorizar a mulher!" Porque muita gente já chega a falar assim, né, "pessoas com útero", não "mulher". Elas ficam muito putas com isso, em falar "pessoas com útero" e "pessoas com vagina", e não "mulher". Mas é um impacto muito mais forte entre as meninas, de tirar elas todo tempo desse lugar do feminismo. Minha leitura é essa.

[...]

Eu, enquanto homem, eu não posso, nesse lugar, mesmo trans, eu não posso me colocar nesse lugar de feminista... "ah, sou feminista!"...sou pró-feminista, eu defendo esses ideais. Eu entendo que eu defendo minha luta contra o machismo, mas desse lugar de homem. Eu, num espaço, por exemplo, com muitas mulheres, para falar sobre feminismo, a coisa é delas. E será. Porque, como eu falei, meu corpo agora é outro e é lido de outra forma. Ainda que eu tenha nascido, pela leitura social, como uma mulher, hoje, por exemplo, quando eu ando na rua, eu não sou interpelado.

Jesus (2014) afirma que a transfobia está associada ao cissexismo que vulnerabiliza, invisibiliza e estigmatiza pessoas trans. Nesse sentido, o transfeminismo é uma categoria que surge como reação à lacuna deixada pelo feminismo de base biológica, no reconhecimento de sexo e gênero como categorias distintas. Será esse sexismo, fortemente caracterizado como legal-biologizante, que fundamenta a negação do estatuto de feminilidade das mulheres trans e da masculinidade dos homens trans, colocando-os em uma categoria diferenciada dos

homens e mulheres “de verdade”. Gênero, dessa maneira, quando não completamente compreendido como construção social, sustenta o discurso do feminismo essencialista reforçando estereótipos, não somente sobre a população trans, mas a todo e qualquer sujeito que não se enquadre no modelo binário sexo/gênero. A autora inclui nessa análise todos os sujeitos histerectomizados (retirada do útero), mastectomizados (retirada das mamas), orquiectomizados (retirada dos testículos), entre outros, levantando a questão da construção de tecnologias de gênero que alteram, por questões de saúde ou de práticas afetivo-sexuais divergentes do normativo.

A análise que Almeida (2012) realiza vai no sentido das configurações das masculinidades cisnormativas e do falocentrismo, que negam o movimento desses sujeitos em relação às representações de masculino por homens não cisgêneros. Na perspectiva de Caio, esse pensamento se sustenta, inclusive, nos discursos produzidos no movimento feminista, em especial nos segmentos mais radicais do feminismo:

Eu acho muito complicado o processo das radfem⁵¹, porque é um discurso que não faz sentido, porque se nós, homens trans, a lógica não é a mesma, entende? Por exemplo, pra elas a lógica é essa: já que somos homens, não pertencemos mais ao feminismo. Só que para as meninas, já que elas são mulheres, elas também não pertencem ao feminismo. Então, não é uma coisa contra as mulheres trans ou os homens trans, é contra as pessoas trans. É uma transfobia completa. Porque se é homem trans, exclui, mas se é mulher, por ela ter sido um dia homem, exclui também. Então, como assim? Elas tentam praticar uma lógica, mas não se aplica aos mesmos corpos, aos corpos diferentes.

Um desdobramento dessa impossibilidade, apontada por Almeida (2012), é a negação do reconhecimento de um corpo trans construído sem a totalidade dos atributos imaginários da masculinidade. Um corpo trans, dessa forma, poderá ser reconhecido como masculino se submetido à tecnologia de gênero e intervenções cirúrgicas que reconfigurem esse corpo como masculino, atribuindo-lhe passabilidade. Essa questão colocou, durante algum tempo, as transmasculinidades

⁵¹ “Durante a segunda onda do feminismo, surge o Feminismo Radical, nos Estados Unidos, nas décadas de 1960 e 1970, caracterizando uma corrente rica em reflexão e investigações acadêmicas sobre a origem das desigualdades sexuais, além da forte militância contra todas as formas de opressão feminina originárias do sistema patriarcal, nominalmente a luta pelos direitos das mulheres, o repúdio contra as violências sexuais e domésticas. Sendo assim, afirma que a raiz da desigualdade social em todas as sociedades é o patriarcado, a dominação do homem sobre a mulher.” (TILIO, R. de.; NERO, P. M. DEL.. Análise do discurso no blog RadFem: ser mulher para além do corpo. **Revista Estudos Linguísticos**. Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p. 401-422, 2019)

como campo político menos visível, frente às demais pautas das lutas dos movimentos sociais de minorias sexuais.

Em função dos marcadores sociais como raça, classe social, geração, orientação sexual e território, as transmasculinidades constituem-se diversas entre si. Almeida (2012) afirma que o termo “transexual” é forjado pela classificação médico-psiquiátrica que patologizou as pessoas trans, destituindo-as parcialmente de sua autonomia e autorizando discursos e práticas desumanas e discriminatórias. Assim, a categoria “trans” implica associação ao estigma do transtorno mental. Devido a isso, o autor mantém a proximidade com a definição de corpo como realidade biopolítica, advinda de Foucault. O termo “transexual”, de alguma maneira, contribui para a manutenção de estereótipos que despersonalizam os sujeitos.

As transmasculinidades desassossegam a “masculinidade hegemônica” (CONNELL; MESSERSCHMIDT, 2013). Historicamente, essa masculinidade idealizada se diferencia das demais masculinidades, em especial as subordinadas. Embora não seja reconhecida pela maioria dos homens, ela é normativa. Isto porque encerra em si todos os atributos de virilidade, honradez e excelência no que se refere a ser homem. Por ser normativa, exige que todos os outros homens se posicionem em relação a ela e legitima ideologicamente a subordinação de homens e mulheres. As transmasculinidades são a subversão da subordinação do imaginário da masculinidade.

Enquanto performatividade, o gênero é uma produção de práticas reiterativas e referenciais que produzem efeitos e nomeações a partir do discurso. Enquanto norma, o gênero é uma forma de poder social, que confere inteligibilidade aos sujeitos. Ele funciona como um dispositivo que instaura a binariedade, naturalizando a norma reguladora de masculino e feminino. Enquanto norma reguladora, da mesma forma, essa produção pune e anula aqueles que dela desviam. Mas será com a emergência de performatividades que escapam desses binarismos impostos, tais como as masculinidades não hegemônicas e as transmasculinidades, que haverá a insurgência de territórios que descolam o binarismo naturalizado, desestabilizando esses territórios demarcados.

6.2 O QUE AS MASCULINIDADES DISSIDENTES TÊM A DIZER PARA A UNIVERSIDADE: Transmasculinidades e educação superior

O espectro das masculinidades é amplo. Faremos um pequeno recorte, a partir das perspectivas de Oliveira (2015) e Almeida (2016). Os dois autores apresentam contribuições significativas sobre os estudos das transmasculinidades. O trabalho de Almeida (2016) traz a discussão sobre a categoria identitária “homem trans” a partir de diferenciações com outras categorias identitárias ou expressões de gênero. Tratando da temática do autorreconhecimento, problematiza a construção das masculinidades no contraste entre visibilidade e indiferenciação desses homens. Oliveira (2015) faz uma análise dos discursos de transhomens brasileiros sobre a despatologização das identidades trans, a partir de uma perspectiva da teoria *queer*. Jorge traz algumas impressões de suas experiências na educação superior, no que se refere a essas questões:

A questão da transexualidade pouco era falada, a discussão de gênero era bem fraca na realidade, quando eu saí da graduação e fui para o mestrado na mesma instituição a coisa mudou de figura. A discussão começava a ficar quente, especialmente sobre pessoas trans, intersecções, se como graduando esse assunto pouco me atravessou, como mestrando quase todo mês havia rodas de conversa, cheguei a produzir oficinas na instituição. Eu não pesquisava sobre pessoas trans, mas como pesquisador na área de gênero e masculinidades juntava minha experiência pessoal e acadêmica em diversos momentos.

[...]

Então, acho que são coisas que eu vejo que a Psicologia está tencionando, em alguns espaços mais, em outros menos. E aí, é como eu falo, não sei se era um problema da faculdade, pelo *modus operandi* ali, né, por mais que alguns professores no mestrado e no doutorado tenham outras perspectivas, até similares, né. Mas acho que vem um pouco disso, assim, dessa...e de não...e quando se fala de gênero é muito engraçado, assim, porque não...como é que se diz? É... “não, a gente tá falando disso aqui, mas o ideal era que a gente não precisasse falar disso”. Mas a gente tem que falar, porque enquanto a gente não falar continua essa névoa, que você não combate, que você finge que não existe.

Elenco quatro representatividades de masculinidades para propor uma breve discussão sobre a educação superior. A primeira representatividade é um modo de existir de sujeitos que publicamente sucumbem aos modelos cisheteronormativos de gênero, não se deslocando do gênero associado ao sexo. Dessa forma, publicamente, em função de pressões sociais ou condicionantes ambientais, esses homens mantêm-se adstritos a representações femininas performativas. Intimamente, entretanto, as representações de masculinidades emergem em detalhes como aparência e nomeação. A segunda representação refere-se a

homens que não submetem seus corpos às tecnologias de modificações corporais, sejam cirúrgicas e/ou hormonais. Esses sujeitos recorrem a outros dispositivos e recursos culturais para construírem uma imagem que expresse o gênero com o qual identificam-se. A terceira representação refere-se a um grupo de sujeitos que constrói sua identidade e sua expressão de gênero rompendo com modelos binários de gênero. Por fim, a quarta representação diz respeito aos sujeitos que se utilizam de todo o aparato tecnológico de gênero para construírem sua identidade e sua expressão de gênero, tais como hormonização, intervenções cirúrgicas e recursos sociais (PASSOS; CASAGRANDE, 2018).

Butler (2016) interroga as teorias da construção social por uma via de questionamento do caminho de como chegar a ser uma construção real que diga algo sobre o sujeito. Mas a construção desse discurso é profunda e causa a impressão de ser perene, como se fosse natural e estivesse presente desde sempre. O que Butler propõe é justamente quais são as práticas, aparatos institucionais e ordenamentos que colocam as questões internas e interiores como se fossem o “Eu” e o “gênero”, fundidos de tal maneira que quando o sujeito é convocado a dizer sobre si, sempre se enuncia a partir e acompanhado de uma concepção de gênero. Assim, não *temos* gênero, *somos* gênero.

A linguagem não é normativa para Butler (2016, 2018a), é performativa, e vai depender das condições de enunciação, da linguagem em funcionamento e não da linguagem em si. O que Butler diz é que a aparição por corpos subalternos pode ensejar a mudança da norma. Quais são os mecanismos, ações, forças, forma de tornar-se homem ou mulher? O que pode esse corpo quando aparece? Podemos analisar o gênero como uma tecnologia heteronormativa, outorgada e operacionalizada pelas instituições (escola, ciência, linguística e igreja, por exemplo) que produzem masculinidades associadas a corpos-homens (BENTO, 2006). A heterossexualidade compulsória se sustentará nos discursos sobre os corpos que produzirão devires masculinos e femininos, numa matriz naturalizada que conferirá sentido e inteligibilidade às diferenças sexuais entre os corpos. As normas de gênero, reiteradas, conferem aos corpos aparência de gênero, incorporando atos consolidados ao longo do tempo. Sobre essas questões, representadas em espaços acadêmicos de saber/poder hegemônicos, Jorge denuncia certa hipocrisia da constituição das estruturas normativas:

Eu me lembro, quando entrei na graduação, eu tinha professores gays que não podiam se assumir. A gente tá falando em 2013, 2014. Gente como 20 anos de profissão, que não deve nada a ninguém, mas que não podia se assumir gay. Que era óbvio que todo mundo sabia que era gay, mas ficava aquela coisa, né. Chegava em sala de aula e tinha que falar “minha namorada”. Que porra de minha namorada? Todo mundo sabe que tu é casado, bicho. Ah, não, porque a Psicologia não é mais essa. Porra! Vamos assumir que a Psicologia, em realidade, foi essa durante muito tempo, porque senão a gente não precisaria ter uma resolução sobre o atendimento a pessoas trans, a gente não precisaria de uma resolução sobre racismo na Psicologia. Então, são essas coisas, assim, que eu acho que é aquela ideia de “não, isso não cabe mais”. Ah, era ótimo se não coubesse mais, de fato não cabe mais, mas é preciso que a gente compreenda o processo histórico disso, para não continuar caindo nessa de que essa ciência não foi legitimadora.

O poder é performativo. A violência é um aparato de verificação da normalidade, punindo a transgressão e garantindo a continuidade da norma como práticas sociais. Foucault (1978; 1998; 2013) demonstra como nascem instituições que irão receber e docilizar esses corpos que desviam. O corpo louco oferece a fragilidade de nossa sanidade, o deficiente, nossa normalidade. Butler, com influência foucaultianas, apresenta uma concepção própria de poder. Entretanto, trata-se de uma relação que existe em movimento, uma relação entre saberes e entre pessoas. De tal modo que nenhum sujeito é desprovido de poder, da mesma forma que o poder não pertence a ninguém. É uma trama histórica que constitui a todos em uma relação de saber e de poder.

Não se trata de uma construção social que simplesmente se impõe a nós. O sujeito tem, em relação às normas de gênero e sua produção incessante, alguma liberdade e agenciamento. Devido a isso que podemos compreender que as normas de gênero se transformam. O gênero se constrói à medida que ele é feito. As normas de gênero coagem, obrigam, impelem, interpelam, constituem e o sujeito pratica essas normas cotidianamente como um conjunto de atos estilizados cotidianamente. O gênero ser performativo significa dizer que a cada ato do sujeito produz gênero e transforma o seu próprio gênero e o dos outros. Nessa lógica, Jorge aponta algo que vem no sentido de compreender quais são as lógicas de saber/poder e os jogos de construção do gênero, quando se fala de masculinidades não hegemônicas:

E aí vem também dessas relações que a gente vem pensando...pênis, vagina, como isso se coloca. Então, são coisas que é mais cômodo não se questionar tanto as masculinidades, porque de algum modo ela vai dialogar com essa masculinidade. Mas será que ela dialoga, será que ela consegue de algum modo? Porque ela pode ser capturada, ela pode ser em algum

momento capturada. Mas querer dizer, por mais que eu seja uma pessoa branca, uma pessoa de classe média, nossa, eu vou estar sempre protegido pela masculinidade? Cara, quando for conveniente para ela. Se não for, ela vai mandar se foder mesmo, desculpa a palavra, mas a verdade é essa. Enquanto ainda tá de boa, não tá incomodando, não tá enchendo o saco, a gente deixa.

Quando reconhecemos os aparatos e dispositivos de poder institucional em espaços educacionais revelamos a violência da separação de “corpos que importam” dos “corpos que não importam” (BUTLER, 2018b), cujas existências são imersas na estigmatização e marginalização. Os sujeitos excluídos formam uma segmentação de não sujeitos, exterior ao domínio dos sujeitos, conforme afirma Butler (2018b, p. 197):

Esta matriz excludente pelas quais os sujeitos são formados exige, pois, a produção simultânea de um domínio de seres abjetos, aqueles que ainda não são sujeitos, mas que formam o exterior constitutivo relativamente ao domínio do sujeito. O abjeto designa aqui precisamente aquelas zonas “inóspitas” e “inabitáveis” da vida social, que são, não obstante, densamente povoadas por aqueles que não gozam do *status* de sujeito, mas cujo habitar sob o signo do inabitável é necessário para que o domínio do sujeito seja circunscrito. Essa zona de inabitabilidade constitui o limite definidor do domínio do sujeito;

O corpo abjeto é aquele que não é, de maneira alguma, compreendido e que causa incômodo à norma que, por sua vez, é axiológica⁵² e ideológica⁵³. Ela produz coerência, mesmo que de forma arbitrária. Não resistimos à forma taxionômica⁵⁴ de atribuir sentido a todas as coisas que vemos, esse é o domínio do sujeito. O lugar da abjeção é um lugar que não é inteligível, por isso exterior a esse domínio do sujeito. O corpo abjeto é aquele que não é compreendido e, por não ser plenamente reconhecido, é tido como menos digno de existir e é submetido a práticas violentas de intelecção a um sistema de compreensão.

⁵² Axilogia é o padrão dominante de valores em determinada sociedade. (VIANA, 2007, p. 33).

⁵³ “Axiológico quer dizer uma determinada configuração dos valores dominantes e ideológico um determinado fragmento extraído e simplificado de uma ideologia (no sentido marxista do termo, ou seja, sistema de pensamento ilusório.”. (VIANA, 2014, p. 93). Viana (2010) afirma que ideologia é uma consciência ilusória da realidade, constituída sistematicamente, ao passo que ideológico é o que resulta da ideologia, de forma fragmentada e isolada, reproduzido afastado da totalidade da ideologia originária.

⁵⁴ Significa a parte da sistemática que, considerando a semelhança e dissemelhança de caracteres, agrupa os seres, constituindo as categorias sistemáticas ou grupos taxinômicos, como o tipo, a classe, a ordem, a família, o gênero e a espécie. (fonte: <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa/taxinomia>, acessado em 25/07/2021). Neste contexto, trata-se de um neologismo, apropriado da biologia, para reflexão sobre a necessidade de categorização dos gêneros para torná-los inteligíveis.

Como exemplo desse domínio da abjeção temos o caso de Dandara dos Santos (Dandara Kettley), mulher travesti violentada, espancada e brutalmente assassinada no Ceará em 2017, vítima de transfobia. (HOLANDA, 2019). O corpo abjeto não é reconhecido como igual, o reconhecimento não é possível. Humanos que ocupam lugares abjetos no interior das mitologias contemporâneas, não podem ser compreendidos. O abjeto é aquilo que não tem lugar, não tem sentido, e só podemos lidar com ele no sentido de enquadrar, encaixar, colocar esse ser em algum lugar. Ele é radicalmente indizível. Como podemos falar sobre um corpo abjeto e dizer que ele não se materializa? No corpo abjeto a própria dimensão da ontologia está condicionada. (BUTLER, 2018b).

Há uma ruptura ontológica e discursiva sobre corpos trans. Consideremos a existência de imposições jurídicas e sociais que estabelecem limites de aparição de corpos masculinos e femininos em espaços públicos. Há um regramento social e jurídico que impede que mulheres exponham seus seios publicamente. Uma mulher trans, cujo corpo configura-se feminino por possuir seios, se não reconhecida como mulher, não poderá ser punida por estar com o dorso despido em público. Isto porque não há uma proibição expressa e tácita sobre corpos masculinos. Então, ou essa mulher é reconhecida como tal e impedida de despir-se ou é reconhecida como homem, para quem é permitido desnudar o dorso em determinados espaços. Essa inconsistência lógica sobre o reconhecimento dos corpos trans é o cerne da violência LGBTfóbica. Quando questionado sobre como percebe o enfrentamento da LGBTfobia em espaços acadêmicos, Jorge afirma o seguinte:

São quase sempre tipo assim: “olha, vamos fazer roda de conversa”. Inclusive é uma coisa que eu tô cansado de fazer (risos). Eu fui num seminário agora porque foi um amigo que me pediu. Mas, assim, zero paciência. Tem uma colega minha que diz assim: “Rapaz, eu só aceitei porque eu soube que tu ia. Tu vai fazer slides?” E eu fiz: “Minha amiga, eu não tô com paciência se me botasse pra dar aula, tu imagina para eu falar”. Zero paciência para essas coisas. É muito assim, isso, vamos fazer roda de conversa... Por exemplo, uma coisa que tá me cansando é essa coisa do “não, eu não respeito porque eu não sei o que é”. E eu até dei uma...um cara me pediu uma entrevista para um jornal, e era justamente sobre isso, sobre as pessoas falarem de *mimimi* e aí, ele colocava assim: “como a desculpa que as pessoas usam é porque não tem conhecimento”. E aí, eu respondi, nem sei se ele colocou no negócio, mas disse assim: “Cara, respeito não tá em livro acadêmico não. As pessoas usam isso como desculpa para preconceito delas, seja com pessoas trans, seja com racismo, enfim”. Elas são preconceituosas porque elas compreendem que o mundo é do modo como elas querem mesmo, enfim. Porque já tá ficando assim.

Pensemos que o discurso violento e preconceituoso, cujo pretense desconhecimento é uma desculpa, refere-se à performatividade, pois ela não é um ato singular, “[...] é uma reiteração de uma norma ou conjunto de normas”. (BUTLER, 2018b, p. 213). O preconceito que Jorge aponta nas falas LGBTfóbicas são perfeitamente compreensíveis a partir do pensamento de Butler (2018b, p. 219), quando apresenta a ideia de que os corpos abjetos são exteriores à norma, mas de alguma forma esses corpos que fracassam sustentam a materialização da norma e qualificam os corpos que pesam. A contradição, para Butler (2018b), é construir discursos sobre uma ontologia existente. Dessa forma, a autora nos condiciona a inaugurarmos um novo discurso sobre corpos, inaugurando um gênero. Tenciona, assim, uma fissura no existente. O abjeto é aquele que é externo à norma. Não conseguimos dizer sobre ele, defini-lo. Existem vidas de tal modo precárias que gozam de reconhecimento menor, que não são inteligíveis no ponto de vista da norma, mas são inteligíveis de seu ponto de vista, de seu lugar. É nesse sentido que a educação é interpelada a questionar o fazer docente na educação superior. A investigação segue o sentido de traçar algumas notas (performativas) sobre a presença e visibilidade de corpos submetidos historicamente à invisibilização em lugares de saber/poder.

7 IMAGINÁRIOS DA PROFICIÊNCIA: Imaginário da Formação de Professor e da Formação de Psicólogo

Não se acovardem.
Ser o que somos não tem preço.
Viver uma mentira nos enlouquece.
(João W. Nery)

Neste capítulo proponho algumas questões que entendo importantes nesta pesquisa, que são a formação do psicólogo e a formação do professor de Psicologia numa análise atravessada pelo imaginário castoriadiano e pela ética spinozana. As tessituras das narrativas de Caio e Jorge serão feitas a partir da aproximação possível com a dimensão imaginária de ambos em relação aos fazeres psicológicos e docentes. Essa tessitura se faz mais forte em interlocução com a teoria do imaginário social, que oferece uma ampliação do olhar sobre as questões educacionais como a docência e a formação.

O conceito de imaginário social, em Castoriadis (1982), traz potência para a compreensão das significações imaginárias presentes nas narrativas analisadas:

[...] mais genericamente, o que denomino o imaginário, nada tem a ver com as representações que circulam correntemente sob este título. Em particular isso nada tem a ver com o que algumas correntes psicanalíticas apresentam como “imaginário”: o “especular”, que, evidentemente é apenas imagem de, e imagem refletida, ou seja, reflexo, ou, em outras palavras ainda, subproduto da ontologia platônica (*eidolon*) [...] O imaginário não é a partir da imagem no espelho ou no olhar do outro. O próprio “espelho”, e sua possibilidade, e o outro como espelho são antes obras do imaginário que é criação *ex nihilo*. [...] O imaginário de que falo não é imagem de. É criação incessante e essencialmente indeterminada (social-histórica e psíquica) de figuras/formas/imagens, a partir das quais somente é possível falar-se de “alguma coisa”. Aquilo que denominamos “realidade” e “racionalidade” são seus produtos. (CASTORIADIS, 1982, p. 13)

Castoriadis diferencia o imaginário social das concepções de imaginário correntes, até a década de 1960. Em especial, enfrenta as concepções psicanalíticas de imaginário. Segundo Roudinesco e Plom (1998, p. 371), imaginário é utilizado como substantivo na psicanálise para denominar aquilo que se relaciona com a imaginação, com a faculdade da representação de coisas em pensamentos, não relacionada à realidade. O termo foi inicialmente utilizado por Jacques Lacan⁵⁵, a partir de 1953, associado ao simbólico e ao real, e está relacionado com o Estádio do Espelho, que designa uma imagem dual com o semelhante, fundamental no

⁵⁵ LACAN, J.. O simbólico, o imaginário e o real. Trad. André Telles. In. **Nomes-do Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 09-53. (Original publicado em 1953).

desenvolvimento do “Eu” infantil. O imaginário, na concepção lacaniana, é o lugar do “Eu” por excelência, com seus fenômenos de ilusão, captação e engodo, é o lugar das ilusões do “Eu” e da alienação. O imaginário, nesse sentido, é um registro demarcado da cultura, apropriado pela criança no período que denomina Estádio do Espelho.

Percebe-se que, menos de dez anos após a concepção lacaniana, Castoriadis desconstrói essa teoria, relacionada ao imaginário, afastando o imaginário de construção de imagens especulares, reflexos do “Eu”. O imaginário, assim, não é um reflexo, uma imagem projetada em espectro, mas é uma criação inovadora, que surge sem precedentes, “do nada” (*ex nihilo*). A realidade social e histórica é o produto dessa criação incessante do imaginário.

Além disso, Castoriadis também diferencia sua concepção de imaginário social da ontologia platônica, em uma referência ao Mito da Caverna⁵⁶. Trata-se de uma alegoria para refletir sobre as dificuldades do desenvolvimento do conhecimento, os caminhos necessários para alcançá-lo, partindo-se da opinião (*doxa*) até o conhecimento (*epistémé*). O objetivo está além da verdade sobre os objetos, está em acessar às ideias morais que regulam as sociedades, a saber, o bem, o belo e o justo.

Em Castoriadis, o Estádio do Espelho lacaniano é colocado ao lado das ideias platônicas. O autor diverge de Platão quanto à razão, ao sustentar que o grau mais elevado do saber não se dá através da razão, mas é a própria razão que fez imergir a potência de criação de significação, condicionando a cultura ocidental a determinações da ordem da racionalidade. Em Platão, o imaginário é relegado a um saber menor, relacionado a um saber do homem comum, o homem dentro da caverna. O contraponto de Castoriadis, nesse sentido, é de colocar o imaginário social ocupando um lugar de destaque, pois é ele que institui a realidade social-histórica e dá suporte às manifestações criativas. Criação, aqui, refere-se às possibilidades de instituição do novo, que pode ser o estabelecimento de novos modos de existir, de criar o mundo e a si mesmo, numa relação incessante de produção de alteridade. Isso coloca os sujeitos como potentes relacionais e transformadores da realidade.

A afetividade presente nas narrativas produzidas com Caio e Jorge são permeadas de novos sentidos sobre a vida, deixando pistas para pensarmos a

⁵⁶ PLATÃO. *A República*. Trad. Enrico Corvisieri. São Paulo: Nova Cultural, 2004.

educação e a formação docente, em especial. Spinoza (2009) também rompeu com a dualidade mente-corpo cartesiana e desestabiliza a noção de *cogito*. Assim, não há um poder transcendente da mente sobre o corpo. Seu projeto se faz na imanência⁵⁷, isto porque é a forma mais adequada de viver plenamente esta vida e produzir sentidos para a própria existência. Somente a partir da imanência é possível que se pense sobre as dinâmicas dos afetos, do encontro dos corpos, com intuito de produção de conhecimento. São os encontros com outros corpos que produzem conhecimento, sendo necessário que se colha resultados desses encontros, bem como que se investigue suas causas, no sentido de compreender as composições e decomposições que os corpos podem produzir.

Spinoza (2009, p. 99) traz o primeiro postulado sobre a origem e a natureza dos afetos: “O corpo humano pode ser afetado de muitas maneiras, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, enquanto outras tantas não tornam sua potência de agir nem maior, nem menor”. Spinoza não escreveu uma teoria dos afetos relacionada à educação. Sua teoria está para além das relações professor-aluno e justamente por isto ela se torna apropriada para pensarmos o lugar da docência nesta perspectiva da potência dos encontros.

Os encontros de Caio são afetivos e epistemológicos. Em última instância, são encontros que produzem sentido e produzem vida, como ele em diversos momentos de sua narrativa praticamente clama. Em se tratando desse potencial de produção de alteridade e de afetos, ele continua relatando suas memórias com um exemplo interessante do seu processo formativo:

Tem uma professora minha que até hoje, quando ela me encontra, ela ri dessa situação. Foi uma disciplina de Educação em Saúde e ela perguntou qual era a expectativa da gente com a disciplina, né. Aí, ela chegou para mim e eu disse “olha, tenho expectativas péssimas com esta disciplina” (risos). E ela disse: “por que?”. E eu: “porque não gosto de educação e nem gosto de saúde. E esta disciplina é educação e saúde. Então..”. E aí, acaba que meu TCR foi em saúde, Psicologia, Educação e Saúde, meu Trabalho de Conclusão de Residência, né? Toda vida, quando encontro ela, ela ri muito da minha cara, né, *frescando*. Mas foi isso, acho que meu encontro mesmo com a Psicologia foi na prática. Foi quando eu passei a ser psicólogo. Eu saí da graduação dizendo que eu não ia atuar em clínica, justamente porque eu não...meu pai dizia sempre “ah, não sei o que, vai para a clínica”. E eu dizia “não, não vou gostar”. Hoje é um dos espaços que eu mais me sinto à vontade. É um dos espaços que eu mais tenho desejo de estudar. Isso é muito doido, né?

⁵⁷ Refere-se a algo que tem princípio e fim em si mesmo, relacionado com a realidade material, aquilo que é apreendido pelos sentidos. É o conceito antagônico à transcendência, que se refere a algo que possui fim externo a si mesmo.

O potencial de transformação de Caio nos processos formativos é esse movimento de construir a si mesmo e reinventar trajetórias, a partir das relações e encontros possíveis com a docência, associando as produções imaginárias ao simbólico. Jorge e Caio têm percepções e sentimentos diferentes em relação à docência. Entretanto, apesar de todas as diferenças de trajetória formativa, algumas semelhanças são bastante visíveis. Uma delas é o quanto esse percurso formativo na educação foi transformador.

Mas quando eu fui pensar isso para a clínica, eu disse: “bom, pelo menos aqui eu acho que vou ganhar um fôlego, pelo menos pelo que eu entendo, enquanto um espaço de produção de saúde”. Porque é uma tecla ainda, né, de a gente precisar bater nisso. Mas também de continuar batendo numa tecla que é uma tecla de produção de saúde, mas uma tecla de produção de saúde modelo biomédico. A gente tá aqui para responder a essas demandas.

Jorge e Caio colocam-se como sujeitos políticos e transformadores dos espaços em que se inserem. Toda a construção simbólica de homens trans, docentes e psicólogos, está em jogo na instituição imaginária do fazer das diversas áreas da Psicologia, enquanto produção de saúde. Ambos colocam seus corpos e suas existências para promover um olhar que desconstrua uma perspectiva biomédica da saúde e de um olhar biologicista, binário e normativo sobre as profissões de professor e de psicólogo.

Azevedo (2018), acerca de Castoriadis, afirmará que as determinações do simbólico não esgotam sua substância. O imaginário está presente em todo símbolo. O imaginário diferencia do real e é possível de ser expressado a partir dos símbolos, a partir do simbólico, em uma espécie de materialização do imaginário efetivo. Trata-se de uma capacidade essencial de evocar uma imagem, “[...] transformar um sentido (algo que nos afeta) em uma representação”. (AZEVEDO, 2018, p. 115). Castoriadis (1982, p. 154) afirma que há um componente imaginário em todo símbolo, independentemente do nível em que se situe. O imaginário deve utilizar-se do simbólico para existir, não somente como possibilidade de expressão. Quaisquer representações são feitas de imagens que representam outras coisas, possuindo uma função simbólica. Por outro lado, simbolizar implica em uma habilidade imaginária, pois pode ser, além de abstração, a capacidade de criar outras imagens a partir de algo. Finalmente, a capacidade imaginária criadora desassocia-se do

simbólico e cria algo novo, um imaginário radical, raiz comum do imaginário efetivo e do simbólico.

7.1 AOS BONS ENCONTROS DO FAZER(-SE) DOCENTE: Autônarrativa, formação e afetividade

No descomeço era o verbo.
Só depois é que veio o delírio do verbo.
O delírio do verbo estava no começo, lá onde a
criança diz: *Eu escuto a cor dos passarinhos.*

(Manoel de Barros⁵⁸)

Há uma multiplicidade de formas de contar uma história. Essa é a potência do espaço biográfico, trazendo dimensões diversas para a experiência da vida, em sentido ético e estético, no conhecimento de si mesmo e do outro. A narrativa, distingue-se operativamente do discurso argumentativo, e está sujeita a procedimentos distintos, entre eles a temporalidade. A narrativa biográfica, assim, pressupõe uma sustentação imaginária no passado, na fantasia e reconstrução de um tempo. A narrativa configura uma experiência e abre caminho para uma reflexão sobre o tempo da experiência, o tempo da narrativa e o tempo da leitura. (ARFUCH, 2010). Em referência a Paul Ricoeur, a autora afirma que a ilusão substancialista, de haver um sujeito idêntico a si mesmo, aparece com problema da inscrição da temporalidade no espaço autobiográfico, que tenta dar conta de quem é o sujeito atual na fala. A questão é dirimida pela inclusão de um “si-mesmo” na narrativa, uma identidade sujeita ao jogo narrativo, à mudança, ao devir: “A temporalidade mediada pela trama se constitui, desse modo, tanto em condições de possibilidade do relato quanto em eixo modelizador da (própria) experiência”. (ARFUCH, 2010, p. 116). Caio faz um breve resumo de seu percurso formativo, a fim de situar as questões que depois desdobraria em sua narrativa:

Um breve histórico...eu entrei...eu entrei...eu não sei se eu falei da outra vez, eu entrei na função de tutor de prática. Eu passei na seleção de professor lá, e só que aí meu título de especialista da residência ainda não tinha saído. E aí não deixaram eu começar na docência, ainda que o título fosse sair dali a um mês. Mas não deixaram e aí eu tive que...me ofereceram essa vaga de tutor, enquanto não saía meu título de especialista. E aí, eu comecei como tutor nessa instituição. Diga-se de passagem, foi um lugar que me abriu as portas. Tentei em muito canto, mas tava muito ruim de emprego...e aí, enfim, foi o local e depois disso...isso foi em março de 2019...é...e em agosto de 2019 eu comecei na função de docente. E desde então me confrontei com muitos processos.

⁵⁸ BARROS, 2010, p. 301.

Antes de entrar na função de docente nessa instituição, eu fui professor de uma escola técnica de enfermagem. Mas foi algo muito curto, era apenas um módulo de saúde mental, e aí eu já me confrontei com alguns aspectos assim. Hoje eu vejo que era desse lugar de docente. Mas na época eu achava que era, enfim, as opções de trabalho. Enfim pagavam muito, muito, muito, muito ruim. Enfim...Aí nessa outra instituição que eu fui só pagava “ruim”, nesse outro era “muito ruim” [risos].

As temporalidades da experiência e da narrativa são permeadas pelas emergências dos sujeitos, as quais permitem o conhecimento e a exploração de si-mesmo. Caio revela que sua inserção no campo da docência não se deu por desejo de ser docente, mas por uma questão de inserção no campo de trabalho. Seu percurso docente não foi muito longo, mas foi intenso e, em certa medida, difícil e doloroso. Em uma passagem ele relembra um acontecimento envolvendo uma aluna e um colega professor. Ocorre que a aluna encontra os dois em um espaço público, conversa com o outro professor e ignora Caio. Ele reflete sobre esse comportamento, a partir do rigor ético enquanto professor e questões de possíveis rejeições transfóbicas:

Eu não tenho condição de te dizer com toda certeza que é simplesmente pelo fato de eu ser trans, mas eu acho que isso tem relação. Porque também tem a questão que eu fui muito exigente. Fui e não me arrependo nem um pouco. Eu fui muito exigente, ao ponto que os que falam comigo e dizem que tem admiração e que ainda mantêm de alguma forma um vínculo comigo, são alunos que quando se formarem eu tenho condição de indicar alguém, assim, na hora: “Olhe, vá para aquele!”. Eu confio nessa prática. E, incrivelmente, esses alunos que não falam comigo são justamente que eu jamais indicaria, de forma alguma, alguma pessoa, jamais! Ja-mais! Eu penso que tem um ponto que essa questão da exigência de uma cobrança ética, que para mim...eu era professor de ética, inclusive, dela especificamente [referindo-se à ex-aluna]. Eu era muito exigente em relação a isso, ao compromisso ético com a profissão. Eu acho que tem disso, mas tem também esse lugar de ser um professor trans. Talvez, inclusive, a minha exigência com a ética também fale desse lugar, seja atravessado por isso: “É difícil estar aqui e vocês precisam ser éticos também”. Há uma cobrança excessiva. A cobrança que eu faço é que eu não me arrependo. Se eu fosse professor de novo [batendo três vezes na mesa de madeira e rindo] eu faria de novo. Eu bati na madeira aqui três vezes. Uma madeira super frágil, acho que vou escolher outra. [gargalhadas]

Caio bate na madeira três vezes, em tom debochado. Mas isso denota o quanto o processo docente é algo que ele, hoje às gargalhadas, relembra de um momento bastante difícil. Dadas as condições oferecidas ele chegou a ter quatro vínculos empregatícios, em duas universidades, um cargo público municipal e a clínica de Psicologia. Disso decorreu um processo de adoecimento e certa desilusão com a docência, questões que serão abordadas neste capítulo.

Em um trabalho que tem como objetivo a discussão sobre a formação docente, falar sobre esse processo do lugar do sofrimento é um caminho importante e necessário. Diferentemente de Jorge, que investiu no processo formativo docente, Caio insere-se na docência por outros caminhos e suas experiências não foram totalmente positivas. De tal forma que não se identifica como professor. O processo de produção das narrativas (auto)biográficas é intenso e profundo, mesmo quando com leveza trata-se da emergência de assuntos dolorosos ou passagens difíceis da história de vida. As questões levantadas por Arfuch (2010) sobre as potencialidades da experiência narrativa são trazidas anteriormente por Josso (2008, p. 18), quando coloca a imaginação e a crença nos diversos saberes do sujeito sobre si-mesmo:

A reflexão biográfica permite, portanto, explorar em cada um de nós as emergências que nos dão acesso ao processo de descoberta e de busca ativa da realização do ser humano em potencialidades inesperadas. Para isso, devemos ser capazes de imaginar e de acreditar na possibilidade de poder, de querer e ter, para desenvolver ou para adquirir, o saber-fazer, saber-pensar, saber-escutar, saber-nomear, saber-imaginar, saber-avaliar, saber-perseverar, saber-amar, saber-projetar, saber-desejar etc., que são necessários às mudanças, ao desconhecido que vem ao nosso encontro assim que abandonamos o programa familiar, social e cultural previsto para a nossa história.

Posteriormente, Josso (2012, p. 22) afirma que “[...] uma das dimensões da construção da história de vida está na elaboração de um autorrelato dinâmico por meio das diferentes identidades que orientaram e orientam as atividades do sujeito [...]”, deixando evidenciar posições existenciais. Essas evidências permitem que se tome consciência de seu lugar e sua postura de sujeito no mundo. Trata-se de um projeto de si, “auto-orientado”, que implica em uma consciência da passagem da compreensão da formação para o conhecimento das características da subjetividade em ato. Esse movimento existencial, a partir da reflexão biográfica, permite a exploração de emergências interiores que revelam uma busca ativa de superação.

Quando relata sua experiência de gênero, Jorge expõe que está “brincando com gênero” quando afirma que seu corpo e essas configurações hegemônicas impostas para as possibilidades de encontros com outros corpos são de tal forma frágeis e inaceitáveis que resta refutá-las para continuar existindo. Questiono se essas questões passam por certa autorização de uma masculinidade inquestionável, isto é, de serem possíveis diversas configurações das masculinidades porque a própria masculinidade não é interpelada, em especial em espaços educacionais,

onde saber, poder e autoridade andam juntos, reconfiguram as relações e reforçam o gênero hegemônico. Em se tratando de acesso e permanência de homens e mulheres trans na docência, pergunto se ele percebe se existe diferenças, pensando a partir da passabilidade ou da autorização dessa masculinidade inquestionável. Jorge responde de forma direta:

Olha, tem. Tem porque primeiro isso esbarra no próprio acesso, enfim, de educação, de poder ocupar esse lugar através da pesquisa etc. Então, tem sim. Por mais que a gente tenha hoje travestis incríveis como docentes, tanto no ensino básico, ensino médio e ensino superior, mas tem uma diferença, sim, a forma como...porque muitas vezes a inscrição no corpo já tá dada, muitas vezes eu posso dar aula, chegar na sala de aula, chegar, sair, falar, falar, falar e fica aquela “é ou não é”.

E conclui seu pensamento relembando uma situação em que uma ex-aluna envia, por engano, uma mensagem em uma rede social para Jorge (a mensagem deveria ser enviada a uma outra colega). A mensagem era “Lu, é ou não é trans ele?”. Jorge prontamente responde: “Se ele for eu, sou, sim”. A inquestionabilidade do lugar do masculino se dá em esfera pública. Em âmbito privado, esse imaginário de uma masculinidade contra-hegemônica que claudica na performatividade é presente. Talvez, em espaços educacionais, a esfera pública coloque essa masculinidade ainda mais demarcada sob o espectro do suposto saber, que possui bordas ainda mais delimitadas quando se trata de saberes psicológicos, conforme aponta Jorge:

Mas eu acho que a grande questão é se manter essa postura de se ver, de dizer sobre, sempre, é o poder sobre o outro. E isso me pega, assim. Então, é um erro que eu acho que a Psicologia ainda tem de se manter nessas posições, sabe. E até na própria formação, inclusive, quando se está em sala de aula. Às vezes até quando você percebe algum movimento de alguns professores, de tentar, você acaba se vendo capturado dentro dessa lógica, quando você vai para a sala de aula. Porque é essa expectativa de quem tá ali, assistindo aula, é que você diga isso. [...] E é preciso aceitar isso [não saber todas as respostas]. Porque isso diz de você entender que você não é o conhecedor de todas as coisas, que muitas vezes você vai precisar ou ligar para alguém ou retomar algumas coisas. E isso não significa que isso te diminui, enquanto profissional, que tu é menos Psicólogo por isso ou enfim... E aí, essas questões...é...é...mas aí, é essa coisa do professor que vai trazer todas as respostas, ou então que vai trazer as respostas redondinhas.

Jorge promove uma reflexão que vem em dois sentidos: o de pensar a própria formação como professor e Psicólogo e o de pensar a relação professor-aluno. Em ambas está implicado o sentido do saber/poder/fazer. Um caminho possível de investigação dessas afecções, nos encontros e desencontros da formação, dá-se a

partir do olhar sobre as estruturas de saber e de poder existentes, entre elas os saberes e poderes a partir do gênero.

Será através dos afetos que uma perspectiva filosófica epistemológica passa de teórica para prática. Dessa forma, o conhecimento somente será possível através dos afetos (MARTINS, 2008). Os corpos⁵⁹ são afetados de maneiras particulares e diversas. O que afeta um corpo afeta-o de modo muito singular, mesmo quando as ideias sobre essas experiências podem ser compartilhadas e compreendidas coletivamente. Dessa forma, Spinoza (2009, p. 163) afirma que “[...] por afeto compreendo as afecções do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afecções”.

Na teoria de Spinoza (2009), cabe diferenciar os termos afeto de afecção. Esta se refere às modificações que os encontros com outros corpos promovem, entre elas as sensações, marcas, modificações no corpo ou mente dos sujeitos. A cada encontro uma ideia ou imagem é gerada, sendo representações desses corpos no mundo. Às imagens geradas desses encontros produz-se um afeto. Assim, este se trata de um aumento ou diminuição da potência de existir e/ou de agir de um sujeito. Spinoza (2009) não se refere aos afetos positivos ou negativos como perfeitos ou imperfeitos, mas, sim, afirma que existem encontros que produzem uma perfeição maior ou uma perfeição menor. Configura-se como uma oscilação da potência de existir: quanto maior a potência, maior o grau de perfeição e mais liberdade os sujeitos possuem. Quando menor a potência, menor o grau de perfeição e maior a proximidade com a servidão. Para o autor, liberdade ou servidão não se referem a uma situação social ou econômica, mas a uma relação entre os corpos e com o mundo.

As afecções são as modificações que um corpo sofre no encontro com outros corpos e somente pode ocorrer se existir encontro entre esses corpos. Em Spinoza (2009) são identificadas três afecções primárias: Alegria, Tristeza e Desejo. Todas as demais afecções são desdobramentos destas. Eventos ou experiências podem causar, aleatoriamente, uma dessas três afecções. O afeto é a alteração da potência de ação, isto é, a variação do *conatus*, entendida como a essência de todos os corpos. Pode ser entendida como uma pulsão, uma força que movimenta o ser para existir e sem a qual a existência é impossível. Trata-se da força que todos os corpos

⁵⁹ Corpo, nessa concepção, é tudo aquilo que exprime de maneira determinada a essência de Deus, quando considerada como *res* ('coisa') extensa. (Spinoza, 2009, p. 51)

possuem para continuar sendo o que são, reafirmando suas existências e estabelecendo novas relações. A afetividade humana, então, é uma manifestação individualizada da potência da natureza.

A docência é o lugar do encontro e a posição que o docente ocupa nessa relação é fundamental para que esses encontros sejam potentes. Jorge faz uma reflexão sobre o lugar que ocupa, enquanto psicólogo e homem trans, olhando retrospectivamente para sua formação inicial em Psicologia:

A gente tá ali no processo transexualizador para dar o laudo e atestar se a pessoa é ou não é transexual. Teve até um seminário que eu tava esses dias, que eu falei muito. É preciso uma Psicologia que não se entenda como o grande poder de dizer sobre o outro. E eu ainda sinto que parece que a Psicologia está fazendo esse movimento. E eu sinto que parece que a Psicologia ainda tá fazendo esse movimento de dizer sobre o outro, nós temos a resposta do comportamento do outro, nós temos as respostas sobre os sentimentos do outro, sabe. Não! Ele que encontre o caminho, mas eu tenho as respostas. Quando ele encontra o caminho, eu digo. Eu digo que, em realidade, não é esse o caminho, porque, enfim, ele tá neurotizando essa forma, ou enfim... é isso que me inquietava na graduação e me inquieta até hoje na Psicologia. É claro que eu não sei se isso tá certo ou tá errado, mas me inquieta, me faz tencionar, me faz, enfim, colocar isso. E não é diferente quando eu penso na própria prática.

Jorge afirma o quanto a profissão de psicólogo ainda se rende e sustenta um discurso biomédico, servindo para comprovação de patologias para acesso a procedimentos corretivos e patologizantes de subjetividades, em especial, as não normativas. Dizer sobre o outro é promover encontros que não promovem liberdade, que condicionam e mantêm subalternas determinadas subjetividades.

Avaliando esta dinâmica dos afetos, resultante do encontro de corpos, como fonte de conhecimento, será considerando a filosofia spinozana como uma teoria da imanência que será possível refletirmos sobre as relações estabelecidas em espaços educacionais a partir desses encontros. E é dada ênfase aos bons encontros que se referem aos encontros nos quais a potência de existir é aumentada. (SPINOZA, 2009, p. 99). Caio traz uma passagem, sobre sua experiência docente, em que podemos pensar, à luz da teoria dos afetos, o quanto um encontro com outros corpos pode diminuir a potência de existir:

Eu estava pensando hoje à tarde, inclusive, que eu era mais... e eu tinha um outro olhar sobre a educação, também, que hoje já se perdeu muito. Por conta desse processo de precarização, a forma que eu acreditava na educação, enfim. E aí, eu estava nessa condição de ser professor, mas eu já estava vendo que esse processo de... tô em casa e tô sempre trabalhando. Saio do trabalho, dou minha aula, chego em casa e vou preparar mais aula, para dar aula e depois corrigir prova e corrigir trabalho,

enfim...essa rotina...e principalmente a quantidade de trabalho, que eu ganhava muito pouco, então, tinha que pegar muita disciplina para poder ganhar um pouquinho mais para poder pagar as contas. Então, todo esse processo, né, levar para análise, inclusive, de não apenas precarização do trabalho, mas a precarização da vida, né.

Spinoza (2009) afirma que as ações são determinadas por papéis indicadores, assumidos pelos corpos, aumentando ou diminuindo a potência do sujeito. Os encontros, nesses termos, são concebidos como ativos ou passivos. Os encontros passivos são aqueles nos quais os corpos não possuem entendimento sobre a causa do encontro e estão relacionados às “paixões tristes”. Elas promovem ações reativas, que não se dão em termos de autonomia, e, sim, de heteronomia, sendo compreendidas no sentido que o autor chama de servidão:

Chamo de servidão a impotência humana para regular e refrear os afetos. Pois o homem submetido aos afetos não está sob seu próprio comando, mas sob o do acaso, a cujo poder está a tal ponto sujeitado que é, muitas vezes, forçado, ainda que perceba o que é melhor para si, a fazer, entretanto, o pior. Propus-me, nesta parte, demonstrar a causa disso e, também, o que os afetos têm de bom ou de mau. (SPINOZA, 2009, p. 155)

Os bons encontros aumentam a potência de agir, fortalecendo o *conatus*. Cabe salientar que os encontros passivos e ativos configuram-se com a mesma alegria, diferenciando-se somente pelas causas. No que se refere aos encontros passivos a alegria resulta de causas externas ao próprio encontro, sendo contingente, e por não expressar a causa, acabam sendo fonte de erros e ilusões. Por outro lado, os encontros ativos resultam de causas internas, ideias que expressam a causa, revelando a força produtiva do ser e a ordenação e a conexão das coisas.

Embora Spinoza não tenha pensado em sua teoria voltada à educação, é possível realizarmos algumas analogias e inferências sobre essas relações específicas que ocorrem em encontros professor-aluno. Merçon (2009) aponta que a docência é um campo de atuação no qual os encontros são organizados visando atualizar aquilo que há de útil aos sujeitos. Avançamos, inquerindo se existem especificidades que atinjam essas potências de existir de bons encontros quando se trata de corpos trans afetados. Caio relembra uma passagem de sua experiência docente e traz suas impressões sobre como se deram os encontros com seus alunos:

O *feedback* que recebo dos meus alunos é muito positivo. Eles falam que gostavam muito das minhas aulas, muito embora tenha sido jogado em algumas disciplinas que nem vi na faculdade (risos). Então, assim foi uma loucura. Principalmente nesse primeiro semestre que eu fui professor. Os alunos que estavam comigo agora, que começaram nessa outra instituição, estavam muito empolgados com a forma como eu desenhei a disciplina. As primeiras aulas, estavam curtindo muito as leituras. Então, assim, eu faço as apostas e vem bem, dando certo.

[...] Tem alunos que não falam comigo. Explicitamente. Eu falo isso porque aconteceu recentemente, eu saí com um ex-colega do trabalho, um professor lá que trabalhava comigo, e ele é muito carismático, um homem cis branco, acho que é importante esse recorte (risos). Ele é muito carismático, de fato, aquela coisa toda. E teve uma situação um dia, que a gente tava num barzinho e veio uma aluna falar, ela foi minha aluna também, na mesma época que foi aluna dele inclusive, aí veio falar com a gente. Ela passou diante de mim, me viu, olhou no meu olho, passou direto por mim e foi falar com ele, abraçou e foi embora. Explicitamente, assim. [...] eu não sei o que falavam nos corredores. Eu tentei nunca saber, mas já ouvi de colega que a maioria dos docentes, acho que cheguei a falar da outra vez, a maioria dos docentes eram gays. Também comigo, e eu escutei já falar, de um deles. Então, se falava dele, falava de mim atrocidades com certeza piores do que falavam desse professor cis gay. [...] Mas nunca chegou aos meus ouvidos. Mas com certeza havia essa certa resistência porque estou ali. Dois movimentos: alguns que diziam que tinham uma oportunidade ‘massa’ porque estavam estudando com um professor trans, então teriam a oportunidade de ter discussões que outras pessoas ali não poderiam ter. Eu via um movimento desses alunos, uma minoria, uma pequena minoria. Mas um outro movimento eu vejo que é isso, assim.

Caio faz um recorte interessante sobre as questões das possibilidades de encontros potentes e positivos, tendo como referência as questões relacionadas a gênero. O fato de ser um homem trans ocupando o lugar de professor, com toda a carga simbólica do lugar do professor e das rupturas com a cisnormatividade da profissão docente, possibilitou uma pluralidade maior de encontros, com potências de intensidades distintas. Observo, ainda, que a questão com a cisheteronormatividade afeta, também, professores cisgêneros com orientações de gênero não heterossexuais. Isso é evidenciado quando Caio aponta para “um homem cis branco” que recebeu um tratamento diferenciado do dispensado a ele em uma situação. A experiência de Jorge, embora diversa da de Caio, corrobora em alguns pontos relevantes acerca da cisheteronormatividade hegemônica e dos corpos transmasculinos na educação ocuparem um lugar de tensionamento ético e político:

Nesse sentido, a docência caminha no mesmo processo, é chamar a atenção dos alunos para esse processo ético-político necessário da Psicologia, não sei se há necessariamente uma desconstrução das masculinidades frente a um corpo transmasculino, pois é um corpo que ainda expressa algum nível de masculinidade hegemônica, e essa encruzilhada criada pela cisnormatividade permite no máximo que criemos

rasuras, provoquemos tensões, e modos de fazer isso. É, inclusive, debatendo a importância do posicionamento, desconstruindo a ideia de um terapeuta sabe tudo, do terapeuta que pode dizer sobre o outro até mais do que ele mesmo, porque isso se conecta com os ideais de masculinidade, é a masculinidade hegemônica que aponta o que o outro é, para onde o outro poder ir, como ele deve se portar, talvez não seja à toa que os teóricos mais lidos da Psicologia sejam homens, e que eles digam tanto sobre os outros e quase nada sobre si mesmos. Afinal, o problema do Édipo resvala na mãe não é mesmo?

Lembro numa certa aula, quando havia chegado naquele semestre numa universidade, uma aluna do 7º período me disse “professor, pela primeira vez no curso eu consigo enxergar um caminho na Psicologia”. Sem romantismos, sem aquela coisa do professor super-herói, ou de um senhor sabedor que tem o “dom” de ensinar, a fala dela dizia sobre o debate estar situado na neutralidade.

As questões que Caio e Jorge levantam podem ser refletidas numa retomada dos conceitos de sexo e corpo, a partir de Butler (2016). A autora rejeita a metafísica da substância, pertencente ao pensamento filosófico e que, em certa medida, sustentou pensamentos cristalizados sobre corpo e sexo, colocados como categorias fixas e imutáveis (*a priori*) nas sociedades ocidentais. Essas categorias também são produzidas performativamente. Juntamente com a centralidade do gênero e as questões da produção do sujeito, culturalidade versus natureza, ela já abordava a questão da construção linguística da realidade. Através do conceito de performatividade, desdobra-se outro ponto de apoio para a (des)construção das noções de construção cultural, fundamental para a teoria de gênero. Assim, propõe a separação das categorias sexo, dado como biológico, e gênero, como construção social e cultural, dada sua arbitrariedade. Sexo e gênero são contingentes, discursivos, produtos históricos e culturais, sendo assim, construções sociais, submetidas a uma determinada historicidade e temporalidade.

Essa questão é retomada e relacionada com o “eu”. Butler (2015b) afirma que a narrativa fracassa quando o “eu” contado nela não dá conta de relatar como esse “eu” é capaz de descrever o percurso para se tornar capaz de narrar algo atualizado no momento em que narra. A narrativa é o encadeamento de diversos elementos do passado, da história narrada e de si-mesmo. O “eu” narrado é uma encenação do sujeito sobre si-mesmo. O “eu” narrativo é evocado na própria narrativa, mas alerta que

paradoxalmente essa evocação é um ato performativo e não narrativo, mesmo quando funciona como ponto de apoio para a narrativa. Em outras palavras, estou fazendo alguma coisa com esse “eu” – elaborando-o e posicionando-o em relação a uma audiência real ou imaginária – que não é

contar uma história sobre ele, mesmo que “contar” continue sendo parte do que faço. (BUTLER, 2015b, p. 89).

Butler (2015b) se propõe a pensar uma teoria da ação que produz materialidades, construindo sua teoria a partir do corpo como a melhor alternativa para pensar a materialidade a partir da ação. Propõe olhar para o corpo não como algo biológico, mas fundamentalmente como algo implicado em sentidos sociais. Esse movimento novamente reconfigura o *cogito*, pois o corpo é colocado na narrativa do agora, na presença, no presente. A mente, que estaria presentificada, e que conseqüentemente reproduziria essa dicotomia mente como pensamento e corpo como prática, desaparece, uma vez que a mente passa a ser efeito do corpo. Assim, o modo como o sujeito pensa e vê a si mesmo, e é visto pelo outro, passa a se configurar a partir das disposições do corpo que se tem e do modo como esse corpo é lido em uma determinada realidade, ou seja, em uma cena do reconhecimento. Disso decorre refletir sobre os marcadores sociais que permeiam esse corpo e que configuram a imagem de si-mesmo e a imagem social de um sujeito.

Caio, em diversos momentos da produção das narrativas, afirmou que não se trata de serem corpos (trans) errados, mas de serem a eles, e a todos os outros, atribuídos discursos errados. Essa é uma responsabilidade de todos e todas, sejamos cisgêneros ou transgêneros, mas, em especial, a responsabilidade de produzir um discurso “certo” é das pessoas cisgêneras. Caio denuncia, nas entrelinhas de sua narrativa, que há uma falha significativa por parte das pessoas cisgêneras em conseguir capturar e compreender determinadas existências sem o filtro da cisheteronormatividade. Cabe à cisgeneridade desconstruir o discurso e ajustar o foco nas questões que realmente precisam ser olhadas.

É sabido que um número muito pequeno de pessoas trans conseguem acessar o ensino superior, um número ainda menor consegue permanecer⁶⁰ e um número ainda mais inexpressivo consegue chegar à docência⁶¹. Questiono a Caio como é possível pensarmos um homem trans docente e como é possível a

⁶⁰ Em pesquisa de 2016, 43% da população LGBT se sentia insegura no ambiente escolar e 55% dos estudantes afirmaram ter ouvido comentários negativos sobre travestis e transexuais. (ABLGBT, 2016). Em 2017, pesquisa aponta que 57% da população travesti e transexual não conseguiu concluir o Ensino Fundamental, 72% não possuem o ensino médio, e apenas 0,02% conseguiram ingressar em cursos superiores de graduação. (ANTRA, 2017)

⁶¹ Não foram encontrados relatórios com estatísticas atualizadas e gerais sobre a quantidade e a localização de professores e professoras trans no Brasil.

desconstrução desse discurso sobre as masculinidades e sobre as transmasculinidades, e em relação às sexualidades como um todo, frente ao reconhecimento desses corpos trans na educação. A pergunta surge de uma colocação de Caio sobre as possibilidades e limitações da escuta de pessoas trans na educação, considerando que há uma dificuldade de encontrar essas pessoas nesses espaços, em decorrência da impossibilidade de acesso e permanência da população trans ao ensino.

[...] tem uma questão que Céu⁶² que me fez me dar conta disso. Eu nem tinha me dado conta disso. E ela escreveu um texto, inclusive, não sei se você já viu. Saiu um texto pelo CRP [Conselho Regional de Psicologia] de Santa Catarina em 2019. Um dos textos de Céu, ela fala, ela cita um encontro que a gente teve aqui, presencial. Ela fala sobre isso, do quanto produziu vida nela esse rolê de eu viver aqui como uma pessoa normal. E não porque eu me esconda, que não diga que eu sou trans, nos espaços. Não por isso, mas porque às vezes eu tento não ser só isso. A gente reclama muito que as pessoas nos limitam a ser só trans, mas às vezes tem um movimento nosso também. Eu não falo isso culpabilizando, né, tem toda uma questão do porquê desse movimento. Mas é um movimento que eu nunca me toquei disso. E foi Céu que se atentou a me dizer isso: “Cara, que massa! Tu tá conseguindo. Por exemplo, hoje tu é servidor público da Prefeitura. Hoje tu tá como docente numa faculdade particular. Tu tá como ‘não-sei-o-que’ e tu não é questionado nesse lugar. Tem lá seus desafios, mas que massa que tu é reconhecido”.

No texto de Céu Cavalcanti que Caio se refere há um emocionante e sensível relato de um potente e transformador encontro. O encontro de dois corpos que se potencializam e perseveram na existência, retomando Spinoza (2009). Cavalcanti (2019, p. 28) propõe a escrita de “uma breve carta de amor”. Nela, confessa suas fúrias e seus afetos, retoma fôlego na leveza das existências possíveis, entre elas a de Caio, e espalha-se em fúria pelas tentativas de invisibilização e aniquilamento. A partir da constatação da necropolítica⁶³, em sua carta de amor ela reconhece e adentra às entranhas do mais nefasto e horrendo submundo da violência, marcada como exercício de poder e soberania. As questões trazidas na interlocução com Caio são retomadas por Cavalcanti, no que se refere ao ideal da cisgeneridade autocentrada, colocada em um estatuto absoluto de verdade a partir da negação do corpo trans. Ela traz a questão da autodeterminação de pessoas trans como um

⁶² Céu Cavalcanti - Doutoranda em Psicologia pela UFRJ; Professora substituta do departamento de Psicologia da UFF

⁶³ Termo criado pelo filósofo, teórico político e historiador camaronês Achille Mbembe, que significa o exercício do poder político e social, por parte do Estado, colocado enquanto regra, de política de morte, onde o Estado determina quem pode permanecer vivo e quem deve morrer. O Estado, através de ações ou omissões, vulnerabiliza e coloca em risco grupos ou setores da sociedade, gerando desigualdades, exclusões e precariedades. (MBEMBE, Achille. *Necropolítica*. São Paulo: N-1 edições, 2018.)

campo político em disputa, frente às imposições cisnormativas. Em outro momento, Cavalcanti (2019, p. 32) afirma algo que Caio também relata sobre seu processo de autodeterminação e sobre um corpo certo submetido a um discurso errado: “A experiência de patologização, muito longe de ofertar cuidado, apenas reforçou em mim o desejo de automedicação como um processo de vida”. A autora afirma que a determinação de identidades trans vai de encontro com o saber psiquiátrico (patologizante), enquanto espaço hegemônico.

Tomo a liberdade de reproduzir o trecho que Cavalcanti (2019, p. 37) refere-se ao amigo. Não por mera curiosidade ou ilustração do que Caio relata, mas porque tem algo interessante a ser pontuado sobre a construção da narrativa de Caio:

O que me chamou atenção foi perceber que a vida dele seguia com certas levezas, que ele encontrava espaços dentro e através da Psicologia, que ele se inseriu em grupos onde sua autodeterminação é inquestionável e suas opiniões constantemente buscadas e validadas. E me peguei emocionada em ver que, durante e pós-transição, ele encontrou lugares confortáveis no mundo, onde a vida e os afetos se fazem tão possíveis quanto para outras pessoas cis de nossos convívios. É complexo e ambíguo me afetar por levezas e possíveis. Isso me apontou que, em nível de coletividade, nossas vidas trans têm sido ainda tão atravessadas por impedimentos e negativas que, inevitavelmente a vida mais possível de qualquer “um/uma/ume” de nós torna a minha própria vida um pouco mais possível e respirável. Esse também é um dos nossos segredos de sobrevivência: mesmo sem perceber, agimos por contágio e proliferação.

Eu conto a história que Céu conta de Caio. Três histórias sobre o mesmo corpo. E como diria Caio: “E é o mesmo corpo, ali!” Recontamos durezas e levezas. Mas, nesse momento, a leveza de Céu e de Caio não me permitem durezas. As ações de Caio e Céu proliferaram em mim e me contagiaram na produção de novos sentidos. Relatar a si mesmo faz do sujeito um intérprete de si e de uma realidade sócio-histórica da qual é produto e produtor. As potencialidades do discurso biográfico e os percursos de formação são traçados pelo sujeito que produz a si mesmo discursivamente, permitindo dar significados diversos a experiências individuais. As narrativas (auto) biográficas, compreendidas como processos socio-individuais, podem abrir novos horizontes dialéticos entre o processo de formação de professores. O relato de si toma corpo pela interseção da vida íntima de cada sujeito com a sua inscrição em um contexto sócio-histórico e cultural. Butler (2015b, p. 55) afirma que

Na construção da história, crio-me em novas formas, instituo um “eu” narrativo que se sobrepõe ao “eu” cuja vida passada procuro contar. O “eu” narrativo contribui efetivamente com a história toda vez que tenta falar, pois

o “eu” aparece de novo como perspectiva narrativa, e essa contribuição não pode ser totalmente narrada no momento em que fornece a âncora de perspectiva para a narração em questão.

Ao “eu” não é possível um relato definitivo sobre si mesmo porque ele não pode retornar à cena determinada que o instaurou e relatar todas as dimensões retóricas sob as quais está submetido para relatar a si mesmo. Essas dimensões não podem ser reduzidas à linguagem narrativa. Para Butler (2015b), o sujeito é discursivo porque age, ele não é pré-discursivo porque é produzido no discurso. Outra questão importante que a autora traz, quando configura o olhar sobre esse sujeito, é que não está operando com uma ideia de discurso que se diferencia da ideia de prática. Assim, discurso é ação porque não está relacionado a uma herança filosófica clássica do século XIX, na qual há uma separação entre discurso e prática. Butler, ao afirmar que o discurso é ação, o faz a partir de um diálogo com Foucault, que é exatamente pensar que tudo o que se diz, se faz. Não há uma diferenciação entre pensar e fazer, pois pensamento é algo suscitado (de modo reflexivo) à ação. Quando há uma desarticulação entre prática e pensamento, e reconhece-se que ambos são a o mesmo, decorre que o pensamento e o próprio sujeito resultam da ação.

A preocupação de Butler (2015b) era dialogar com algumas teorias da linguagem, produzidas no final do século XIX e início do século XX, em especial Heidegger, Wittgenstein e Austin. O pensamento vai no sentido de estabelecer que a linguagem, enquanto esse fazer, falar, atribuir sentido ao mundo é, em última instância fazer o mundo. No mesmo momento em que se atribui sentido a um signo, esse signo está sendo feito, porque seu significado e sua materialidade se constituem nesse processo da ação. Mobiliza, então, as teorias da linguagem para pensar como vai se produzindo essa ideia, que é uma sensação de realidade dada. Em *Relatar a Si Mesmo*, Butler (2015b) retoma uma questão da obra *Problemas de Gênero* (BUTLER, 2016), que é a questão dos regimes de verdade. Ela opera para pensar como, na ação, constitui-se uma gama de sentidos que emergem como realidade dada, como algo que precede a própria existência, algo que sempre existiu. Porém, isto é efeito desses processos e das trocas de sentidos que acontecem sempre numa relação social. Há uma dimensão na teoria da ação butleriana, fundamentada na noção de interação. É imprescindível estar com outro, constituir uma ideia de alteridade e de outro para produzir sentido e,

consequentemente produzir verdade. Estamos mergulhados nessa gramática de interação na produção de sentidos, sempre na interação com o outro. Como consequência, nessa relação, a produção do Eu e do não-Eu, ou seja, o outro.

De alguma maneira, Butler (2015b) inverte a posição do cogito cartesiano⁶⁴ porque primeiro o sujeito faz, e, então, pensa. A existência não estaria no ser que pensa, mas estaria no fazer; constrói o ser e posteriormente pensa sobre a ação. Butler (2015b) afasta-se da concepção clássica do pensar anterior ao existir e coloca a ação em primeiro plano, em que fazer e pensar tornam-se o mesmo processo. No pensamento cartesiano, nessa operação do *cogito* há um sujeito, anterior à ação, que pensa e é responsável por suas ações. Nessa perspectiva, pensamento e ação estariam temporalmente separados, ao passo que o pensamento antecede à ação.

A noção de materialidade (aquilo que se vê), advinda da teoria da ação, está alicerçada numa esfera prática; não há uma concepção de transcendência ou ontologia, em que o sujeito está fora da matéria. Ou, ainda, em uma dimensão de sentido que é importante para explicar a função de uma materialidade, mas que escapa a ela própria. Não existe uma forma, ou matéria, que esteja fora da ação. O modo de pensarmos que algo pode ser além do visto, do observável, não se trata de algo que realmente é para além do apreendido, mas é o efeito do modo como atribuímos sentidos à matéria. Assim, há uma relação entre matéria e linguagem. E é esse sentido que interessa nesta pesquisa.

O sentido é atribuído às coisas a partir da dicotomia de pensar que pode haver algo além da materialidade. Justamente neste ponto, Butler (2015b) dirá que não há algo além. Trata-se de uma operação de linguagem e o modo como os sujeitos constituem para relacionarem-se com o mundo e atribuindo sentido a ele. Dessa forma, a matéria é um processo em curso. Se está na ação, está em incessante transformação. Talvez aqui esteja uma relação com a noção de regimes de verdade, trazido desde a obra Problemas de Gênero: existe uma preocupação com desassociar pessoas, corpos e sentidos de identidades (pensadas como cristalizadas). Butler não sustenta a ideia de que as coisas ou pessoas são permanentemente as mesmas, imutáveis, bastando uma descrição poética, estética ou jurídica para descrevê-las permanentemente. Quando se coloca uma teoria da

⁶⁴ “O pensamento cartesiano nas *Meditações Metafísicas* descreve o mundo como a *res extensa* – domínio espacial e físico da ciência – e a *res cogitans* – domínio metafísico e racional do pensamento filosófico. A experiência cartesiana que funda essa divisão é o cogito, tendo a dúvida hiperbólica como método.” (MAGALHÃES, 2015, p.13).

ação, ou uma determinada ação para compreender processos sociais, há o pressuposto de que tudo é processo e não basta olhar para um evento isolado, mas, sim, relacionar com outros acontecimentos, é necessário construir enquadramento.

Inserir sujeitos e sentidos na ação é assumir que ambos estão em transformação. São coordenadas cristalizações e normatizações de sentido, que durante o período histórico dão conta do acontecimento, mas no enquadramento da ação está em disputa permanentemente. A teoria de Butler pode ser considerada uma teoria de conflito, pois o tempo todo estamos pensando que as coisas mudam e a mudança tem uma disposição histórica. A mudança é reconhecida porque os sentidos dos contextos, dos enquadramentos, estão em disputa constantemente.

7.2 REINVENTAR A FORMAÇÃO ATRAVÉS DO IMAGINÁRIO

O imaginário pode ser compreendido como o lugar onde não há divisão entre sujeito e objeto (de desejo). O simbólico é definido primordialmente pela inserção da linguagem. É através da linguagem que o sujeito poderá organizar o seu universo psíquico, compreendendo o inconsciente como linguagem. O real, da ordem do intangível, é representado como ficção, filtrado pela lente da linguagem, subordinado a ela e vinculado ao desejo. O real é o espaço da incompletude perene, no qual o desejo nunca encontrará ancoragem em um objeto determinado, restando ao sujeito desejante as angústias do desejo insatisfeito. (LACAN, 1985).

Castoriadis (1982) afasta-se dessa concepção lacaniana, em diversos momentos de sua obra. O autor coloca que a complexidade das instituições da vida social, em toda a tessitura, é o produto de uma instituição imaginária. Para o autor, o simbólico dará sustentação ao imaginário. Dessa base que se desdobrarão todos os demais níveis de constituição social, dando espaço para o surgimento da criação, a “dimensão inventada”. Entretanto, o simbólico não é somente a sustentação do imaginário, um fio de onde o imaginário se desdobra, mas “o simbólico comporta, quase sempre, um componente ‘racional-real’: o que representa o real ou o que é indispensável para o pensar e o agir”. (CASTORIADIS, 1982, p. 155).

Segundo Oliveira (1997), referindo-se a Castoriadis, a sociedade é uma criação do homem. É o homem que institui a sociedade a partir de valores, ideias e normas, redefinindo a práxis humana de tal forma que “[...] o conceito de imaginário traduz a crítica feita pelo autor às teorias sociais e históricas que postulam um projeto já predeterminado do homem e de uma sociedade ideal, a partir de um

sentido acabado para a História”. (OLIVEIRA, 1997, p. 65). O imaginário é esse algo fora da ordem da nomenclatura em um campo racional. É algo da ordem do imponderável, carregando elementos da cultura, da produção social, uma espécie de *zeitgeist*, o espírito ou clima cultural e social de uma época. Assim, individual e social se atravessam e se interceptam nos elementos simbólicos de uma cultura. A criação é algo imaginário porque não podem ser substrato reduzido da realidade. Ao mesmo tempo, é social porque é instituída e inserida coletivamente. (CASTORIADIS, 1982, p. 287).

Azevedo (2009, p. 10) afirma que a reflexão sobre o mundo a partir da experiência e das relações com o outro, é refletir sobre o imaginário social castoriadiano que compreendia que a sociedade é uma construção imaginária, constituída da produção sócio-histórica, sendo que “[...] o imaginário é um magma de crenças e simbolismos sempre em mudança, que orientam nossa percepção e nossas ações”. Penso ser um caminho interessante e profícuo refletir sobre si mesmo a partir do imaginário e da imaginação. Nesse sentido, Castoriadis (1982, p. 176) aponta que é impossível e inconcebível pensarmos a história externamente à imaginação produtiva ou criadora. A isso ele chama de “imaginário radical”, pois se manifesta simultânea e indissolúvelmente no fazer histórico.

Esse fazer se dá na constituição de um universo de significações e é anterior a qualquer racionalidade explícita. Pensar a sociedade e os indivíduos a partir da dimensão imaginária significa capturar o simbolismo que eles carregam, ultrapassando considerações formais e disciplinares. O imaginário é um elemento que rompe os limites e amplia os horizontes, em dinâmicas que, às vezes, não são visibilizadas por modelos e paradigmas. Castoriadis (1982; 2004) nos direciona à movimentação por correntes instituídas e instituintes de significações imaginárias. Em um mundo em que não conseguimos compreender no horizonte a linha que separa o oceano da abóbada celeste, ele nos convida a imaginar que há algo que ultrapassa o olhar. Buscamos, assim, compreender os sentidos constituídos por uma sociedade, os quais formam os sujeitos e os impulsionam à ação.

Podemos considerar que as “significações imaginárias sociais” (CASTORIADIS, 2004, p. 130) são o suporte do imaginário social. Quando cristalizadas nas instituições, são chamadas de imaginário social instituído, assegurando a continuidade de uma sociedade, replicando e reproduzindo as mesmas formas que regulam as vidas das pessoas. Elas permanecem pelo tempo

necessário para que uma nova mudança social venha a transformá-las ou substituí-las por outra. O imaginário social é, portanto, necessário para a manutenção da sociedade e solidificação das instituições sociais. Nesse sentido, o autor oferece algumas pistas para pensarmos algumas representações imaginárias de professores de Psicologia. Jorge faz um relato sobre seu processo de formação como psicólogo que vem atravessado por seu lugar como aluno de graduação e, posteriormente, como professor, que traz implicações éticas e epistemológicas:

Pensando como Psicólogo, assim, eu sentia muita falta na minha formação na graduação... eu não sei se era um problema da instituição, eu não sei se em outras instituições isso acontece, mas em certa medida era, porque, enfim, era instituição privada e aí rola toda aquela questão de formação no mercado de trabalho *não-sei-o-que*. Mas eu ficava pensando assim: “Pô! A gente precisa de mais pluralidade, assim, sabe”. Eu achava e ainda acho o currículo da Psicologia muito fechado. Parece que a gente ainda está voltando para o mesmo lugar, as mesmas discussões, as mesmas coisas, sempre. E isso era algo que me inquietava. Eu ficava pensando: “Bicho! Não dá, assim”. A gente tá batendo em coisas que não era mais para a gente tá batendo, sabe, que de fato era para a gente ter superado. E a gente não supera porque a gente sempre volta para o lugar comum, a gente sempre volta para a mesma...por exemplo, tô relendo o texto da [Donna] Haraway, Manifesto Ciborgue, e é como ela fala, a gente sempre volta para a relação edípica⁶⁵. Tá...parece que não vai, assim. Isso me incomoda e nessa coisa, ainda, da ideia de um terapeuta que tá ali como algo neutro, sabe. Não dá mais para tratar a Psicologia como algo neutro. Até mesmo porque a ciência nunca foi neutra.

É preciso romper com suposta (e ilusória) neutralidade das ciências, em especial da Psicologia. Jorge aponta que sua formação se deu com um direcionamento para o mercado de trabalho, ou seja, para atender determinadas demandas que podem ser consideradas de uma estrutura capitalista hegemônica. A falta de pluralidade denuncia um currículo fechado e pode ser compreendida como um sintoma de determinadas políticas educacionais vigentes no país. Relacionada a essa questão do profissional que se forma para atender demandas de mercado há certa outorga ou endosso da cisheteronormatividade quando Jorge refere-se à Haraway (2009). O ciborgue de Haraway é um organismo quase mítico, ficcional, ao mesmo tempo que é uma criatura de realidade social, é uma ficção capaz de transformar o mundo. Somos todos ciborgues, quimeras de uma construção social, política e biomédica. A autora aponta que a biopolítica foucaultiana é uma “[...] débil

⁶⁵ “O complexo de Édipo constitui uma das problemáticas fundamentais da teoria e da clínica psicanalítica. Para a teoria psicanalítica, o momento crucial da constituição do sujeito situa-se no campo da cena edípica. Dessa forma, o Édipo não é somente o “complexo nuclear” das neuroses, mas também o ponto decisivo da sexualidade humana, ou melhor, do processo de produção da sexuação.”. (MOREIRA, 2004, p. 219).

premonição da política-ciborgue”. (HARAWAY, 2009, p. 37), pois somos ontologicamente ciborgues, fabricados discursiva e empiricamente. O ciborgue é nossa ontologia, nos constitui imaginária e materialmente. E esses são os direcionamentos da nossa transformação histórica⁶⁶. O ciborgue não repete mimeticamente informações, ele as produz de forma horizontal, afirma Preciado (2017, p. 167):

O ciborgue não é um sistema matemático e mecânico fechado, mas um sistema aberto, biológico e comunicante. O ciborgue não é um computador, e sim um ser vivo conectado a redes visuais e hipertextuais que passam pelo computador, de tal maneira que o corpo conectado se transforma na prótese pensante do sistema de redes.

Jorge aponta uma questão, a partir de Haraway (2009) que é o quanto o ciborgue rompe com a prescrição e com o destino edípico, que cura e uniformiza as dissidências de gênero, por meio de uma utopia simbólica de destino de uma subjetividade por um gênero essencialista e imutável. O ciborgue é o representante da era pós-gênero, sem compromisso com o estatuto da psicanálise, de uma bissexualidade primordial, com a simbiose pré-edípica ou com o trabalho não alienado. (HARAWAY, 2009, p. 38).

Nesse sentido, há uma aproximação com o pensamento disruptivo do olhar clínico proposto por Deleuze e Guattari (2010), em relação ao Édipo, na esquizoanálise. A crítica uníssona de Haraway e Deleuze, em relação à psicanálise, é de que ela não oferece subsídios para analisar e compreender os fenômenos psicológicos, sociais, históricos e políticos e promover agenciamento⁶⁷ de práticas de ordens diversas das normativas, o que promove uma fissura na estrutura do saber hegemônico e rompe com o instituído, fazendo emergir saberes rizomáticos⁶⁸. Decorre que se a premissa é de certa claudicação e crise da psicanálise, em termos estruturalistas, a esquizoanálise pode prestar-se como instrumento, como uma

⁶⁶ Neste ponto há uma possibilidade de aprofundamento da discussão do ciborgue pela via do imaginário como produtor e produto da sociedade.

⁶⁷ Conceito destitui a ideia dominante de humanidade, *a priori* (sujeito de conhecimento, modo superior de desejar e de ciência neutra). Refere um conjunto de relações materiais a signos. O conceito é composto por uma expressão (agenciamento coletivo de enunciação) e um conteúdo (agenciamento maquínico), que são inseparáveis. Trata-se de uma expressão do desejo, que é múltiplo e heterogêneo, e se apresenta através de relações entre termos de naturezas distintas. Família, escola, mídia, judiciário e gênero são exemplos de agenciamentos coletivos de enunciação. (DELEUZE; GUATTARI, 1995).

⁶⁸ Deleuze e Guattari (1995) interpelam o estruturalismo, enfaticamente presente na psicanálise e na linguística, propondo que a linguagem seja operada a partir do conceito de rizoma, onde, tal qual as raízes de uma planta, cadeias semióticas e estruturas de saber/poder estão inseridas. As cadeias rizomáticas atravessam os diversos territórios sociais.

“caixa de ferramentas”⁶⁹, para compreender questões relacionadas às subjetividades, além da redução do inconsciente a um simulacro edípico, fundado em explicações parentais.

O inconsciente deleuziano, e Haraway segue na mesma esteira, é aberto às produções do real e o Complexo de Édipo está implicado com a cultura. Deleuze dirá que ao desejo nada falta, sendo inútil a definição da sexualidade pela busca do prazer inalcançável. Por conseguinte, não somos sujeitos de falta, pois a busca constitutiva por um objeto faltoso é inútil. A prática da psicanálise dramatizaria os interditos do incesto como representação da negatividade dos desejos, sendo um erro metafísico acoplado a uma prática reacionária, evidenciada pelo delírio psicótico, pois o desejo é geográfico-político, estando relacionado à cidade, à geografia e à história dos povos. Quando, na psicanálise, esse delírio é reduzido à familiaridade (Édipo), deixa nítido que o fenômeno do Édipo não é compreendido, isto porque não é individual, particularizado em um sujeito patológico, mas denota que o desejo é inseparável dos contextos sócio-históricos. (DAVID-MÉNARD, 2014).

Jorge e Caio reafirmam que a estrutura dos currículos e as práticas na formação acadêmica não são as ideais. Isso pode ser apenas um efeito colateral ou um sintoma do próprio ensino brasileiro, que não corresponde às necessidades do mundo contemporâneo. (AZEVEDO, 2009). Há uma grande inadequação das estruturas disciplinares e das práticas formativas nos cursos superiores de Psicologia, podemos inferir, a partir das experiências dos coautores desta pesquisa narrativa. Jorge traz uma passagem que exemplifica pontualmente seu olhar sobre a formação quando questiono como vê o futuro da profissão docente em Psicologia:

Olha, no atual momento, a profissão docente, de modo geral, é algo que eu não faço a mínima ideia de como será o futuro (risos). Tanto que eu tô sem dar aulas e não me vejo dando aula. Não me vejo dando aula até uma visualização clara de um pós-pandemia, sabe. Porque eu, as vezes que eu venho dando aula, eventualmente, on-line, são experiências legais porque a docência é uma experiência legal, mas foi se empurrando a ideia de ensino remoto e isso me faz questionar como é que tá sendo essa...porque sei lá, as aulas viraram *podcasts*, sabe. A galera fala “eu tô assistindo aula ou eu largo o computador e to ausente”. E uma coisa que eu penso na docência, eu penso como eu sou enquanto aluno porque às vezes, a galera, quando chega na docência, esquece que já foi aluno. E às vezes aquele aluno bem mala. E aí diz: “ah, mas eu espero que meu aluno vá fazer isso, isso e isso, assim”. Cara, perai! Você vai ter alunos que vão querer fazer algumas

⁶⁹ Num diálogo com Foucault, Deleuze utiliza a metáfora da caixa de ferramentas para referir-se à multiplicidade do pensamento: “Uma teoria é como uma caixa de ferramentas. Nada tem a ver com o significante... É preciso que sirva, é preciso que funcione. E não para si mesma.”. (FOUCAULT, 1998, p. 71).

coisas alunos que não vão. E você precisa entender isso. E entender que o caminho de cada um, ele que vai decidir aquilo ali, qual o tipo de profissional.

Condições estruturais e materiais de trabalho, precarização da atividade docente, não reconhecimento e desvalorização da profissão e certa desilusão com a docência permeiam as falas de Caio e de Jorge. Talvez isso seja o indício de uma inadequação da realidade com o que se entende por “atividade docente”, que coloca o professor como um “intelectualista”, ou seja, um sujeito que se vincula aos sistemas culturais e de valores primando pela razão sobre os elementos afetivos ou volitivos. Assim, “o professor deve ser um intelectual”. (AZEVEDO, 2009, p. 11).

Celório (2015, p. 37) afirma que há um desgaste da profissão docente ao longo das últimas décadas, que tem influência das novas tecnologias e precarização do trabalho docente, em especial a questão salarial, que faz com que não haja investimento na profissão docente. Essa é uma questão presente na fala de Caio:

E aí, eu comecei nessa função de docente, né, e como pagava “ruim” a universidade, a coordenadora meio que me convenceu a pegar muitas disciplinas justamente porque o salário ia ficar um pouquinho melhor. Eu peguei oito turmas. Então, assim, são turmas em torno de 60, 70, 120 pessoas. Então, assim, oito vezes isso. Era muita gente, muita gente para dar conta. Enfim, eu me atolei de trabalho. O segundo semestre de 2019 foi extremamente adoecedor para mim. E eu estava somente nessa instituição e na clínica caminhando a passos muito lentos. E eu não tinha tempo para mais nada, obviamente, oito turmas e tudo isso. E aí quando virou o semestre, né, no início de 2020, antes da pandemia, eu falei para a coordenadora que eu não ia querer mais nessas condições de forma alguma ia reduzir a carga horária drasticamente. E assim eu fiz. Por uma obra de Deus (risos), chegou essa seleção da prefeitura e eu fiz e passei. Mas senão eu estaria com um salário, assim, muito, muito, muito baixo.

Baixos salários, dificuldade de relacionar a realidade com a formação, precarização dos meios e a visão do professor como um profissional de menor valor social, além das relações sociais afetivas negativas no ambiente de trabalho, resultam em um investimento menor na docência. As instituições educacionais perdem força, enquanto produção imaginária e instituições sociais, e são fortalecidas enquanto instituições meramente prestadoras de serviços, nem sempre educacionais, o que “[...] revigora ainda mais o papel atribuído ao professor de ‘salvador de almas ignorantes’, tornando a vida docente um fardo a ser carregado, em profundo desalento”. (CELÓRIO, 2015, p. 37).

As narrativas de Caio e Jorge suscitam a discussão sobre quais são os caminhos possíveis para a formação docente e da identidade profissional do professor, que

aparece em um plano menos importante no momento em que nos encontramos. A questão da identidade profissional é discutida amplamente por Rios (2009). A autora apresenta o imaginário da proficiência como algo que está plasmado nos limites da identidade e da existência social dos indivíduos, afirmando que “somos ‘nós mesmos’ exatamente quando nos diferenciamos e somos reconhecidos pelos ‘outros’, ‘outros nós’, identificados na relação” (RIOS, 2011, p.231). A identidade de professores, dessa forma, está associada à identidade de homens, psicólogos e todas as identidades possíveis que constituem esses sujeitos. Nas tentativas de investigar essas identidades, a profissional da docência surge delineada como contingente, provisória, temporária. “ser professor” e “estar professor” parecem ser nitidamente demarcados e diferenciados. O percurso de Jorge inclui a formação e o exercício profissional docente de forma mais presente, enquanto o olhar para a formação de Caio é mais destinada às práticas psicológicas em outros espaços formativos que não a academia.

Cabe aqui uma pontuação breve sobre os espaços educacionais e formativos que estão em questão. Os espaços formativos discutidos aqui, bem como os processos de identificação profissional docente são voltados ao ensino superior. Rios (2009) afirma que essa identidade está impregnada de um imaginário social sobre um exercício docente em um espaço diferenciado, principalmente porque é um espaço onde se articulam ensino, pesquisa e extensão, com objetivo de formar profissionais críticos e criativos, implicados com os processos de formação de uma sociedade democrática e solidária.

Quando faço a Caio a mesma pergunta feita a Jorge, acerca de como vê o futuro da profissão docente, ele aponta para certa alienação e afastamento do processo formativo integral, em detrimento da condição da educação colocada como mercadoria, o que alija o professor intelectual, descrito por Azevedo (2009), da prática nas universidades nas quais trabalhou:

[espero que] seja bem diferente do que estava fazendo. Acho que é isso, assim. E que não é o movimento que eu tô vendo. E é bem desestimulante, porque, por exemplo, na Universidade que eu tava, eles aproveitaram esse ensejo da pandemia para tornar praticamente o curso EAD. Enfim, é muito complicado, assim. Além de tantas outras coisas estúpidas que eles faziam e que eu vejo que não era apenas ela, aquela faculdade. Mas nunca dei aula em faculdade pública, universidade. Mas, assim, as faculdades particulares – que são muitas – que eu tenho visto assim, é um rolê muito, muito ruim, assim. E como essa galera vem se formando. É muito desestimulante, aliás. Mas eu tenho essa esperancinha, de que mude de alguma forma, que essa galera que entre, como sangue *nozóio* (risos) para ser docente, produza essa rigidez com o compromisso ético. Porque no final das contas é isso, assim...É, eu tenho também, ao passo que tem esse movimento, o caminhar de uma galera que está começando a ver, estudar,

gênero e sexualidade na graduação, em disciplina do próprio currículo. Isso é muito diferente da nossa formação, por exemplo. Acredito que a sua também. Então, tem esses dois movimentos. Espero que seja...o que eu espero e desejo seja por esse lado. Mas o movimento que eu tenho visto, principalmente agora com a pandemia, é ela se aproveitando ao máximo para uma lógica mercadológica, né, de venda: “Vou vendendo educação, então os alunos são meus clientes. Eu preciso agradar meu cliente, fazendo com que ele passe, se forme e tenha o diploma dele no final do ano”.

Com relação à alienação, enquanto componente imaginário, Azevedo (2018, p. 118) afirma que “[...] a alienação é a autonomização e a dominância do momento imaginário na instituição que propicia a autonomização e a dominância da instituição relativamente à sociedade”. Isto refere-se a uma dificuldade de olhar para a produção social a partir de crenças e regras sociais cristalizadas e verdades absolutizadas. Azevedo (2009) apontará uma questão importante, ainda, neste imaginário da docência, que é o significado de professor associado ao de trabalhador da educação. Há um distanciamento do professor intelectual, aquele que promove o pensamento livre, que cultiva o espírito e cultiva a si mesmo, que está afetado e afeta o espaço potente da educação como contínuo da vida, do professor operário, aquele que desenvolve uma atividade desprovida de determinados valores. Segundo a autora, os primeiros dificilmente têm baixa autoestima em relação à profissão, pois a visão de si mesmo está relacionada às dificuldades do seu fazer e não no lugar em que é colocado, de menor valia social.

Caio relata o processo de adoecimento e sofrimento que passou no período que desenvolveu atividades docentes. Considerando que era professor-horista e o valor da hora-aula era muito baixo, era necessário ter um número maior de aulas e turmas, a fim de receber um salário mais alto. Assumiu várias turmas, algumas com mais de cem alunos, e então, foi selecionado para trabalhar em outra instituição, com um valor da hora-aula mais alto e um plano pedagógico mais interessante. Nesse momento, ele acumulava duas instituições como docente, um cargo público como Psicólogo e a clínica particular. Quando ia começar seu trabalho na nova instituição recebeu a notícia que o valor da hora-aula seria reduzido, ficando igual ao da outra instituição e o plano de carreira era precário da mesma forma.

E aí, é uma universidade internacional e tem todo um projeto norte-americano de fazer Psicologia... Terrível, assim, péssimo! É um negócio que me dava nojo. E isso me adoeceu profundamente, *cê não tem noção*. Me adoeceu muito, muito, muito, assim. A cada passo eu era confrontado com uma forma de a gente pensar a Psicologia, inclusive desse lugar decolonial, né? E aí vindo esse fazer norte-americanizado, laboratorial, um rolê

estranho, muito estranho, diferente...coisa que nunca vi na vida acontecendo lá. E aí, essa outra, realmente ela é mais comprometida, pelo menos o projeto pedagógico da formação. Agora, não mais comprometido com o trabalhador, né? [risos]. E aí, isso pra mim foi um baque terrível. E aí, quando eu me vi nessas disciplinas extremamente densas, que eu peguei uma disciplina de clínica...tava até bem empolgado com a forma como eu desenhei a disciplina, mas quando me vi assim fazendo leituras extremamente densas, estudando apenas para isso...não tendo tempo de sentar...por exemplo, hoje eu não estaria aqui conversando com você, não estaria escrevendo meu projeto de mestrado, porque eu não tinha tempo, né. Quando eu me vi, assim, minha dedicação e energia completamente disponível...disponibilizada, aliás, pra isso que é uma prática que eu já estava a cada dia que passava, né, mais ciente de que não é o que eu quero estar ou pelo menos não nessas condições, esse lugar de docente, foi que eu me confrontei que eu ia dar um basta, assim, porque eu estava me sentindo entrando num ciclo...eu não...eu estou nessa função de professor por conta do dinheiro, como eu te falei, meio que caí de paraquedas nessa função toda, nessa função de professor por conta do dinheiro.

Celório (2015, p. 36) desenvolve uma pesquisa profunda sobre o adoecimento docente. Em determinado momento traz uma reflexão importante sobre o trabalho docente, que enfraquece a imagem humana total, seja social, psíquica, física, histórica ou cosmicamente, quando influenciada pelo modelo industrial de produção. A forma como o trabalho tem sido estabelecido, afirma o autor, pode reduzir essa potência de vida dos professores a uma força de trabalho, desconsiderando outros aspectos fundamentais da existência. Essas ideias vão muito ao encontro do que sente Caio, que é, inclusive, fonte de adoecimento, desilusão e distanciamento do fazer docente.

E esse processo todo, num sábado, me gerou um adoecimento terrível. Tive ideiação suicida, coisa que eu não tinha há muito, muito, muito tempo. Acho que a última vez que eu tive foi quando eu estava no processo de identificação como homem trans. E isso faz muito tempo. Foi uma dor terrível. E, no caso, quando eu estava pensando sobre a identidade de gênero, foi algo que durou meses, né. Mas essa, só bastou durar um dia...que na realidade eu nem pensei em fazer...foi só a ideia de querer sumir, a ideia de que se acontecesse isso...sendo que eu tava pensando um monte de merda...e eu disse: "cara, isso tá muito errado, tenho que dar um basta nisso. Eu não vou deixar de viver, seja de forma simbólica ou física, por conta desse processo adoecedor. Vou dar um basta nisso". Foi meio que esse o rolê, né. Quando foi no domingo, falei para as duas coordenações que eu ia pedir demissão. Pedi demissão das duas...e meio que foi esse [risos]...as pessoas de fora falam despirocar ou chutar o pau da barraca, né? Mas meio que foi esse processo, que eu leio como muito necessário para o que eu tô vivendo hoje. Soube, sempre soube, né, do ônus que ia ser muito grande, né, porque eu sou Servidor Público, mas são 20 horas [semanais], e aí não paga muito bem. Mas decidi também apostar na clínica como uma aposta mesmo sem tantas certezas, mas é isso. Foi esse o rolê [risos].

Uma postura crítica e reflexiva é endossada pelas práticas de Caio e de Jorge, em especial com o reconhecimento que a formação inicial em Psicologia, a partir de currículos com recortes rígidos e hegemônicos, não dá conta de criar instrumentos consistentes de investigação. Menos pelos instrumentos oferecidos e mais pela forma como isso é operacionalizado na academia e na formação profissional para atuação no mercado de trabalho, incluindo a docência. Assim, a estrutura cisheterocentrada e patriarcal se perpetua e se retroalimenta na própria formação e continuidade das estruturas curriculares.

7.3 UM OLHAR SOBRE A FORMAÇÃO DO PSICÓLOGO

Conforme apontam Pasini e Machado (2012), a profissão de Psicólogo nasce demarcada por três grandes áreas de atuação: clínica, escola e indústria. Se a escola é um território de atuação do Psicólogo desde seu reconhecimento como profissão, é fundamental que se pense a formação do Psicólogo com uma relação mais estreita com a escola, não somente em uma perspectiva de olhar clínico sobre a instituição e sobre as relações educacionais, mas sobre a própria docência.

A Psicologia aplicada é a base da Psicologia como profissão no Brasil, o que se reflete nos cursos de Formação de Psicólogos até os dias atuais. Isso pode ser entendido como um sintoma da própria formação do Psicólogo e de sua identidade como profissional. Trata-se aqui de pensarmos a formação de professores em um sentido de ação criadora, de dar forma, dando corpo a uma ação que produz resultados muito específicos e práticos, conforme aponta Vázquez (1980, p. 20, tradução minha):

A esse tipo de ação que cria um objeto exterior ao sujeito e a seus atos se chama em grego *poiesis*, que significa literalmente produção ou fabricação, ou seja, ato de produzir ou fabricar algo. Nesse sentido, o trabalho do artesão é uma atividade *poética* e não *prática*⁷⁰.

Uma ação criadora, voltada para a prática, considera a fenomenologia implicada no jogo que se estabelece no processo. O olhar do professor precisa estar voltado para os processos presentificados no momento em que os fenômenos acontecem. Nesse sentido, não há conhecimento *a priori* na ação. Não se trata de um jogo qualquer porque não se trata de uma prática qualquer. Conseqüentemente,

⁷⁰ A este tipo de acción que engendra un objeto exterior al sujeto y a sus actos, se le llama en griego *poiésis*, que literalmente significa producción o fabricación, es decir, acto de producir o fabricar algo. En este sentido, el trabajo del artesano es una actividad *poética* y no *práctica*.

não se esperam resultados quaisquer. A ação filosófica e prática, assim como a pedagógica, é uma investigação que se volta para o ato por penetrar na realidade que se desvela ao longo do processo e reverbera em outras ações e outros significados posteriores.

Tanto Jorge quanto Caio pensam a profissão de psicólogo, seja pelo viés da clínica ou pelo viés da docência, com um olhar a partir da esquizoanálise⁷¹. Questiono Caio acerca do olhar sobre a formação do psicólogo, a partir das experiências de professores-psicólogos, de pensar a atenção à população trans, com ênfase à população transmasculina, pelo viés da esquizoanálise. Pergunto sobre como é possível pensar a atenção em saúde pelo viés esquizoanalítico, que é algo que ele se aproxima muito, considerando a formação que se tem hoje no Brasil e a maneira como se tem acesso aos conhecimentos e práticas da esquizoanálise. A resposta de Caio foi a seguinte:

Do docente, é um pouco complicado de responder porque aqui no Nordeste tem um movimento pequeno e aqui no Rio Grande do Norte eu desconheço até. Não que não exista, mas eu desconheço o movimento na esquizoanálise. Eu sei que é comum, não sei como é aí, mas eu sei que é comum no Rio, por exemplo, ver cadeira de esquizoanálise e análise institucional na graduação. Pra gente isso não é uma realidade. Eu nunca tinha ouvido falar...assim, para não dizer que nunca, eu já tinha ouvido falar os nomes Deleuze e Guattari. Por outros colegas mencionando, bem por alto. Nunca vi uma aula sobre isso. Então, não tem como dizer em relação a esse lugar docente e também porque eu não tô mais ocupando esse lugar.

O lugar possível da esquizoanálise, talvez, possa ser analisado a partir da dificuldade de se pensar a formação do currículo dos cursos de Psicologia no Brasil. Por um viés ético-estético-político a esquizoanálise refutará a lógica binária, dualista ou identitária de subjetividade. Assim, rompe com a filosofia tradicional, no sentido de não dicotomizar o sujeito em mente e corpo ou de atribuir uma determinada identidade como essência. A produção de saberes é, por conseguinte, relacional e é ética-estética-política porque está atravessada por valores de vida (ética), de produção de modos particulares de existência (estética) e por vetores coletivos de enunciação (política), num processo constante de ruptura de paradigmas e estabelecimento de novos modos de produzir vida, dinâmica e incessantemente:

⁷¹ *Esquizoanálise* foi um termo criado por Gilles Deleuze e Félix Guattari, em 1972, após o lançamento do livro *O Anti-Édipo*. O termo abarca um conjunto de críticas à psicanálise tradicional e propõe-se como um novo caminho para dar conta da subjetividade. Segundo Hur (2020, p. 2), “A esquizoanálise é um campo de saberes e práticas que articula conhecimentos de diversas disciplinas e tem múltiplas definições. [...] Não se restringe a uma epistemologia e a uma ontologia tal como os saberes acadêmicos tradicionais. Atualiza um paradigma ético-estético-político que visa potencializar e produzir vida em suas diversas atualizações.”

A tarefa da esquizoanálise é desfazer incansavelmente os eus e seus pressupostos, é libertar as singularidades pré-pessoais que eles encerram e recalcam, é fazer correr os fluxos que eles seriam capazes de emitir, de receber ou de interceptar, de estabelecer as esquizas e os cortes cada vez mais longe e de maneira mais fina, bem abaixo das condições de identidade, de montar as máquinas desejanças que recortam cada um e o agrupam com outros. (DELEUZE; GUAITARI, 2010, p. 480/81)

As escolhas de Jorge e Caio podem ser entendidas numa perspectiva de compreender o processo formativo, além do processo analítico, firmado em uma potencialidade criadora, inovadora e que rompe com um estatuto do desejo prefigurado no inconsciente. Esta é uma das principais críticas de Deleuze e Guatarri (2010) sobre a psicanálise, de caráter reducionista. O inconsciente, na perspectiva da esquizoanálise, está aberto à produção do real e os processos são explicados a partir da cultura, conforme apontam Deleuze e Guatarri (2010, p. 360): “Reverter o teatro da representação, fazê-lo verter, correr na ordem da produção desejança: eis toda a tarefa da esquizoanálise”. Assim, o desejo está relacionado às produções do social.

Embora a discussão dos currículos dos cursos de Psicologia não seja o objetivo deste trabalho, é importante pensarmos o lugar político que os profissionais ocupam nos diversos campos da Psicologia frente aos movimentos conservadores e fundamentalistas de alguns setores da sociedade que atacam a Psicologia brasileira. Em grande medida, os ataques visam à manutenção da hegemonia cisheteronormativa. Os movimentos afrontam as posturas de desconstrução das concepções biologizantes de gênero e a despatologização das identidades. (CAVALCANTI; BICALHO; SPOSITO, 2019). Em uma passagem de sua narrativa, Jorge apresenta algumas ideias que corroboram com esse posicionamento:

Isso diz inclusive do modo como me coloco hoje na clínica e sempre me coloquei na psicologia, é preciso se posicionar, é preciso se atentar a alguns fatos e construir perspectivas a partir deles. [...] Sinto que não foi à toa o contato com a esquizoanálise, algo me inquietava nessa coisa do terapeuta que não tem opiniões, mas é óbvio que todo mundo tem alguma opinião sobre as coisas, ninguém está no consultório isento de analisar as questões sob sua própria perspectiva, e em realidade foi assim que as teorias psicológicas alçaram os ideais de poder como ciência neutra que define o outro. Sempre que alguém fala “não cabe mais preconceito na psicologia” gosto de rebater que só não haverá mais preconceito quando a psicologia tocar em todas as suas feridas históricas e assumir o compromisso ético-político de combater opressões. A única coisa neutra é sabão.

A atuação do Psicólogo implica um olhar sensível à instituição de outras formas de partilha de experiências e conhecimentos, sob o prisma da experiência estética e do imaginário. A experiência estética, em questão, aqui, tem como fundamento a sensibilidade como um potencial de sentir em diferentes dimensões que envolvem a relação (olhar, escuta, constituição e representações sociais), que são interceptados e capturados do espaço potencial inter-relacional a partir de uma experiência ético-estética. Uma experiência estética afeta as convicções comuns, suspendendo o que há de normal nas certezas justificadas. Essa experiência é convocada para uma ampliação da compreensão em sentido ético da educação, evidenciando novos elementos de moralidade em substituição da reflexão ética estritamente racional. Essas experiências estéticas de libertação da subjetividade trazem uma perspectiva formativa do eu. (HERMANN, 2010, p. 17). Jorge apresenta uma memória sobre um diálogo com uma aluna que traz essa dimensão da formação do psicólogo estar implicada intimamente com o sentido ético da educação:

Eu me lembro uma vez que eu tive uma aluna, ela era um pouco mais velha, assim, e aí...era sobre metodologia, não era nem sobre psicologia, porque eles precisavam fazer um trabalho, era uma demanda da universidade de lá, uma espécie de gincana geral, assim. [...] Basicamente, as graduações hoje em dia, você faz metodologia online, e isso é pancada, assim, porque depois, quando os alunos precisam produzir alguma coisa, não fazem a mínima ideia de como usar um método, como pensar uma introdução, a própria escrita acadêmica, que não é uma escrita fácil.[...] E aí, assim, eu lembro que eu colocava algumas questões de método e tudo mais e ela ficava “meu Deus, professor, isso tá me fazendo pensar demais”. E eu dizia: “ué, mas aqui é para a gente pensar demais mesmo, para que depois quando tu for colocar em prática tu coloque assim essas questões e fique inquieta”. Eu vi que ela tava muito inquieta. E é isso mesmo, “é para inquietar vocês, porque chegar aqui e só explicar por A mais B como vocês vão abordar as pessoas, vocês precisam compreender algumas questões éticas”. Ética não é só tu pegar um projeto e levar para o comitê de ética.

Quando Caio falava sobre sua formação inicial em Psicologia e sobre as possibilidades de formação docentes, aponto sobre minha percepção de haver muitos atravessamentos, que acabaram subvertendo sua formação inicial, aproximando a formação em Psicologia da própria vida de Caio. Como consequência, há, um movimento investigativo e de lançar-se em diversas possibilidades de pensar e experienciar o que pode constituir-lo como um “vir a ser”, como devir. Ele fala sobre essas descobertas e sobre como isso foi encantando-o ao longo da graduação, em especial nos anos finais. Questiono sobre suas dificuldades

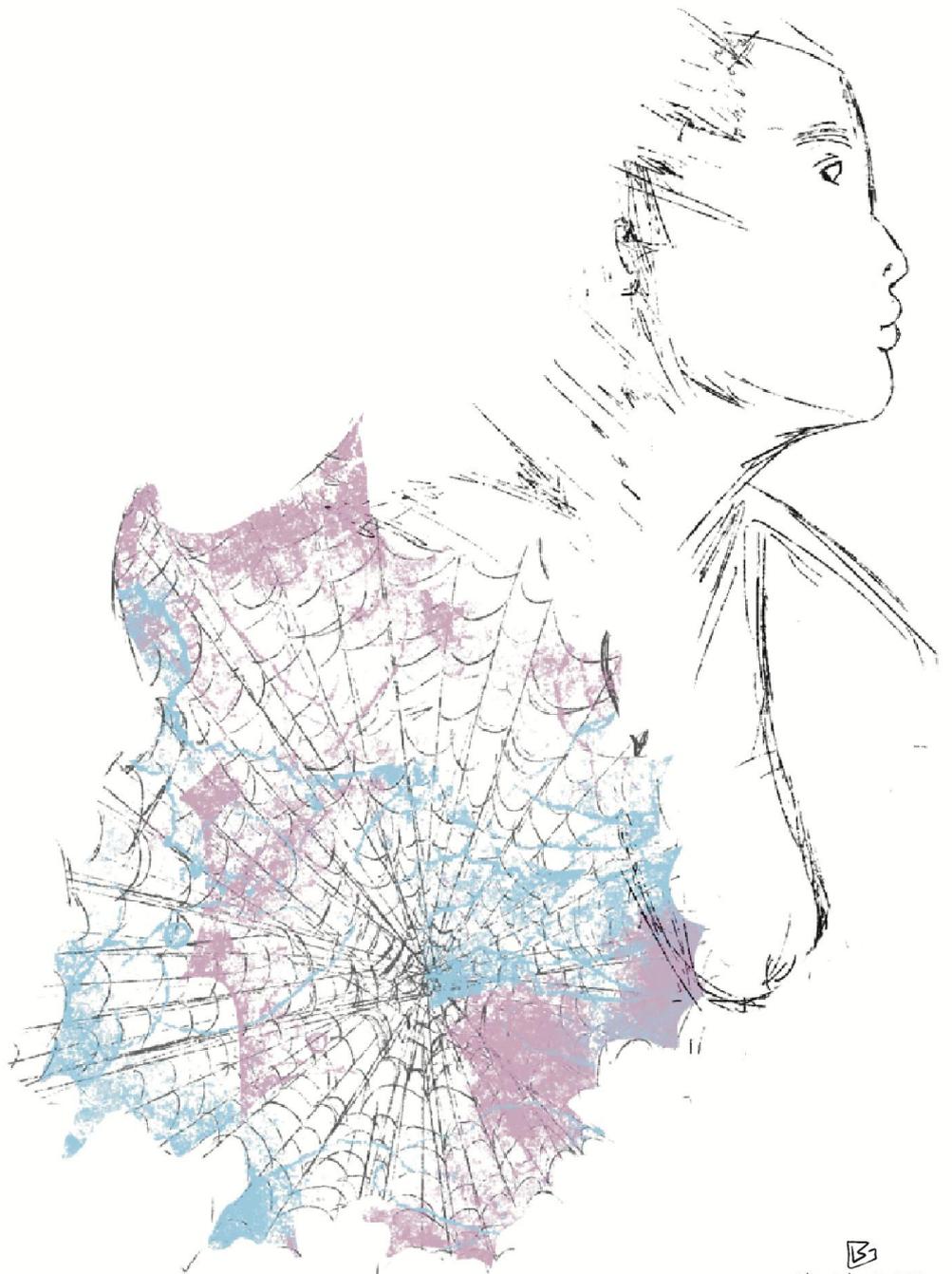
e ele relata que passou por um processo muito grande de não identificação com o curso e conclui:

[...] eu vim a me encontrar com a Psicologia em 2020, para dizer assim: “A Psicologia é o lugar que eu gosto, que eu quero estar, é o lugar que eu quero seguir”. Porque, como eu falei, esse processo de não saber o que eu queria seguir no curso. O que foi apresentado no curso foi a psicanálise, aquela psicanálise do curso, não é toda a psicanálise, hoje eu sei que existe uma diferença. Aquela psicanálise que foi apresentada, né, é uma psicanálise que para mim não faz nenhum sentido, uma psicanálise extremamente dogmática, quase uma igreja, um negócio muito estranho. Então, enfim, era isso que eu conhecia de Psicologia. Então, o encontro com a atenção básica me fez mudar muito. Eu comecei a pensar educação em saúde.

A comunidade é um território que possibilita vivências estéticas produtoras de subjetividades que impulsionam o sujeito a partir de uma relação de produzir a si mesmo como experiência-sentido, movimento que requer tempo, lugar e relação com uma determinada realidade. Jorge relata uma intervenção de um aluno, em uma das disciplinas que ministrou que vem ao encontro desse pensamento:

Eu lembro que uma vez, eu dando aula de Psicologia social, aí um aluno questionou assim: “Mas então, quão diferente meu trabalho seria da Assistente Social?”, porque eu tava falando algumas questões de trabalho em comunidades e *não-sei-o-que*. E eu fiz: “É um problema tão grande trabalhar junto da Assistente Social? Por que você precisa estar o tempo todo no consultório? Por que você não pode ir na comunidade? Por que você não pode promover grupos? Isso é tão ruim assim?”. Então, assim, é a mesma Psicologia.

Ser “a mesma Psicologia” deixa uma pista importante para que pensemos sobre essas novas formas de produzir vivências e sentidos. Nessa pequena passagem é possível evidenciar que Jorge, assim como Caio, está atento e sensível às produções vindas do social e a atender às demandas, clinicamente, fora de um modelo biomédico. Mas, como eles mesmos afirmam, esta não é uma prática comum e a realidade das instituições superiores de formação em Psicologia não refletem, em termos gerais, essa perspectiva tão necessária. Diante dessas reflexões evidencia-se a necessidade premente de desenvolver renovados modelos de atuação, bem como de dar reconhecimento às iniciativas que já surgem nesse sentido, repensando a Formação de Psicólogos e a Formação de Professores em temas emergentes, tais como identidade de gênero e diversidade sexual.



@bernardoguterres.art

†

CARTA DE NAVEGAÇÃO PANDÊMICA: UM PORTO PÓS-PANDÊMICO

Um corpo sem forma, incompleto, com o rosto voltado para o futuro. Nem homem, nem mulher, nem real, nem imaginário, apenas presente. Um corpo Sobre-Vivente. Com esta obra de Bernardo Guterres, inicio esta carta (de encerramento?) que registra minhas principais e primeiras impressões sobre a construção deste trabalho. De fato, não houve ainda o momento pós-pandêmico. Encerro (não digo que concludo porque talvez seja um trabalho que não será concluído) esta dissertação em meados de agosto de 2021 e o Brasil contabiliza, até o dia 1º de agosto, mais de 20 milhões de casos de Covid-19 e 557 mil mortes. A campanha tardia de vacinação resultou em somente 19,7% da população totalmente imunizada com a aplicação de duas doses das vacinas, até a data citada⁷². Isso significa que ainda não chegamos a um porto seguro. Navegar é preciso, viver **também (!)** é preciso, parafraseando Fernando Pessoa.

Nessa travessia que realizei com Jorge e Caio, meus coautores e interlocutores nestes tempos tão estranhos, aprendi que estarmos vivos é nossa força e nossa (re)existência se dá nas ancoragens de afeto e de luta. Lembro imediatamente da frase “não estamos sós, estamos nós” de Ariel Nobre⁷³, um rapaz de olhar castanho profundo, melancólico e vivo, que conheci há algum tempo. Ele marcou o mundo com um grito: “Preciso dizer que te amo”, que denuncia nossa precariedade e nos convoca a olharmos para o que nos tornamos, o que fizemos com os outros e o quanto pode ser perversa a sociedade. Ariel fala sobre visibilidade, representatividade, sobre resistir e estar vivo, mesmo quando alguns desejam corpos transvestigêneres mortos. As palavras dele até hoje ressoam em minha existência: “só os nossos corpos presentes onde se constrói imagem narrativa pode mudar a imagem que a sociedade tem das pessoas trans”.

A primeira pergunta que me fiz, quando as questões sobre as masculinidades começaram a povoar meu repertório acadêmico foi se a Psicologia e a Educação estão preparadas para ouvir e compreender modos de existência dissidentes da cisheteronormatividade e porque ainda se fala tão pouco sobre transmasculinidades na educação superior. Talvez sejam aquelas perguntas para as quais nunca

⁷² Fonte: <https://github.com/CSSEGISandData/COVID-19>. Acessado em 03/08/2021.

⁷³ Artista e comunicador. Idealizou o Projeto Preciso Dizer que Te Amo - campanha de valorização da vida de homens trans desde 2015. Em 2018, dirigiu o curta metragem de mesmo nome que ganhou em 2019 o Prêmio de Melhor Filme no Goiânia Mostra Curtas. Fonte: <https://www.arielnobre.com/>, acessado em 03/08/2021.

encontramos uma resposta definitiva. Se existe certo silenciamento sobre essas questões de gênero na formação docente, isso é um sintoma de quê? Pensei em responder essa pergunta a partir de uma dobra sobre as maneiras que as questões de identidade de gênero afetam a formação do psicólogo. E dessa dobra, outra: como reverbera, na formação docente, a (des) construção das masculinidades frente ao reconhecimento de um corpo transmasculino? Eu não tinha a pretensão, nesta dissertação, de encontrar uma resposta. O mais provável é que tenha arranhado algumas questões, bem de leve, na superfície, e desdobrado em outros questionamentos. O que desejava era ouvir o que as pessoas tinham para dizer desses lugares tão peculiares.

No isolamento controlado por barreiras sanitárias tentei romper distâncias, angústias e silêncios, abri uma pequena janela para o mundo (do outro) e deixei a luz entrar para iluminar minhas dúvidas. Meu texto foi um apanhado de notas, apontamentos, que tentam acomodar fragmentos de algumas vozes que ouvi. Nessa travessia pandêmica, que não acabou, escrevi algumas histórias que não são minhas, mas que depois dos longos meses de escuta se tornaram tão íntimas que posso chamar de minhas. Então, não fui o único autor desta dissertação e meu trabalho foi próximo do trabalho de um artífice, um artesão que costurou as narrativas produzidas pelos meus interlocutores/coautores.

Construí uma tentativa de responder às inquietações sobre a formação docente em Psicologia, tendo como questão principal as maneiras como as vivências não normativas de pessoas de gêneros não conformistas nos convocam a repensarmos a formação de professores-psicólogos. Através do método (auto) biográfico propus trazer à discussão como as narrativas de dois professores-psicólogos, auto identificados como transmasculinos, convocam-nos a pensarmos a formação em Psicologia e as masculinidades não hegemônicas no *cis-tema*. Pretendi conhecer as representações imaginárias desses professores-psicólogos sobre si mesmos, enquanto educadores e psicólogos, bem como sobre o imaginário instituído acerca da Formação de Professores e de Psicólogos em contextos educacionais.

A potência da (auto) biografia desses dois profissionais tem como proposta trazer uma provocação sobre como se constroem (e se desconstroem) contextos educacionais. Em última análise, as narrativas de professores transhomens carregam uma marca necessária para a compreensão sobre educação, em especial

para pessoas cisgêneras. Pretendi, então, apresentar brevemente alguns recortes sobre o que esses professores-psicólogos têm a dizer sobre ser psicólogo, ser professor, ser homem, sobre Educação e sobre Formação. Tomo a ideia de relatar a si mesmo como possibilidade de o sujeito tornar-se intérprete de si e de uma realidade sócio-histórica da qual é produto e produtor. As potencialidades do discurso (auto) biográfico e os percursos de formação são traçados pelo sujeito que produz a si mesmo discursivamente, permitindo dar significados diversos a experiências individuais.

As narrativas foram produzidas a partir de um Roteiro (Auto) Biográfico, composto por tópicos relacionados entre si, mas constituídos de forma a serem desmembrados, possibilitando maior fluidez na produção dos relatos. Assim, cada participante poderia responder às questões de cada tópico na maneira que julgasse melhor, independentemente de ordem e sem a necessidade de ser respondido integralmente. Com esse formato de produção narrativa proponho a abertura de possibilidades diversas de construção de autorrelatos, em diferentes formatos, com diversos elementos, instrumentos e meios. Cada coautor foi convidado a escolher a forma que fosse mais representativa de sua história de vida, como, por exemplo: cartas, fotografias, músicas, audiovisuais, relato oral ou outras linguagens que o participante entendesse que representaria melhor seu pensamento sobre cada questão.

Após a produção das narrativas elegi três categorias principais para análise: Imaginário das Identidades, Imaginário de Gênero (das masculinidades e das transmasculinidades) e Imaginário da Proficiência (Formação do Psicólogo e Formação de Professores). Cada tema foi desenvolvido em um capítulo da segunda seção desta dissertação. Nessa seção, apresentei alguns recortes que julguei mais significativos nas narrativas produzidas com os coautores desta pesquisa. Ambos foram convidados, no início da produção das narrativas, a escolher um pseudônimo, numa espécie de rebatismo, ou “re-rebatismo”, como aponta Caio, um dos coautores, que denominei de “Homem das Apostas” numa referência à sua trajetória de vida. O outro coautor da pesquisa é Jorge, que denominei de “Guerreiro dos Afetos” em alusão ao pseudônimo que escolheu, homenageando São Jorge.

No quarto capítulo da segunda seção, quando abordo as questões relacionadas às identidades, não pretendi somente abordar as questões de gênero, mas, também, sobre as diferentes possibilidades de identidades ou identificações de

Caio e Jorge, para que pudéssemos tocar as questões da formação, ao fim, pela via de identidades afetivas. Observo, inicialmente, principalmente pelas narrativas de Caio, que as experiências narradas por outros podem contribuir para a construção das identidades de cada sujeito, tanto que a identificação com outras narrativas, com outras existências dissidentes, tornou-se objeto de pesquisa de Caio na pós-graduação. Uma característica marcante sobre o tema das identidades é a solidão do processo de autoidentificação e sobre a potência de encontros verdadeiros, a partir de representatividades transmasculinas ou de masculinidades nãohegemônicas, relatado também por Caio.

Jorge reposiciona-se sobre sua identidade e demarca firmemente sua transmasculinidade quando a disputa de identidade em questão é de outra ordem. A questão que a narrativa de Jorge levanta é a da disputa e conflito de corpos sexuados, conforme aponta Bento (2009), em que as determinações de gênero frustradas ou não acolhidas, em especial relacionadas aos marcadores de gênero delimitadas pelo órgão sexual, aliado à (in)adequação das expressões de gênero, na relação com outro, é parte do processo de identificação. Corpo, gênero e desejo não podem ser dissonantes, sob pena de não serem aceitos e compreendidos. As transmasculinidades denunciam a fragilidade da norma da inteligibilidade e das ficções naturalizadas de masculinidades cisheteronormativas, não restando alternativa a não ser a negação e o não reconhecimento de expressões incoerentes.

Quando Jorge afirma sua postura sobre posicionar-se mobilizando identidades diz que é impossível pensarmos a clínica psicológica e nos pensarmos como psicólogos, em uma perspectiva clínica asséptica, dotada de uma “pseudoneutralidade”. Neste ponto de neutralidade asséptica e científica tradicional, é possível colocar a Formação Docente ao lado da Formação do Psicólogo, de se estabelecer uma lógica de produção científica em que não cabe essa perspectiva, pois a produção científica e o olhar para as práticas são de outra ordem. Jorge recorre a Castoriadis (1982) para trazer a questão do simbólico que constitui a sociedade a partir da linguagem. O simbolismo, fundado no natural e no histórico, constitui a sociedade e pode ser abandonado, tendo mobilidade para questionar a sociedade e a própria linguagem.

O imaginário das identidades trata-se de um entrelaçamento de imagens e símbolos das imagens externas com a imaginação, assim se constrói o real, como resultado de um encontro de produções individuais e coletivas. É importante

registrar que a mutabilidade das identidades, constituídas a partir de (re)estruturações e (re)elaboraões incessantes, é um processo observado através da abordagem (auto) biográfica e que também alimenta as produções narrativas.

O processo identitário de Caio suscita a discussão sobre o que podemos compreender da constituição das transmasculinidades, a partir do reconhecimento de si mesmo e reconhecimento social. As transmasculinidades revelam que as masculinidades são atributos naturalizados, sendo necessário interrogar a cisheteronorma, tensionar o instituído e desnaturalizar a falta de acesso e a permanência de pessoas trans no ensino superior. Trata-se de algo que está para além da representatividade ou da inclusão, está relacionado ao reconhecimento natural e legítimo de todos e todas nos espaços de saber-poder.

A teoria do Imaginário Social (CASTORIADIS, 1982) sustentou a proposta de análise sobre a construção imaginária do gênero. O imaginário institui o espaço de indeterminação do sujeito e da sociedade que é, por sua vez, entendida como instituinte do próprio sujeito, por se tratar de uma instituição sócio-histórica. Nesse sentido, as representações binárias de gênero, enquanto criação imaginária sócio-histórica, produzem a cisheteronormatividade compulsória, estabelecida em um masculino e um feminino instituídos. Essa criação pode ser compreendida a partir da instituição imaginária de uma sociedade que categoriza e determina um lugar definido para todos os sujeitos. Desse imaginário se desdobram papéis performativos de gênero e uma rigidez na mobilidade de expressões de masculinidades e feminilidades.

Quanto a essas questões de gênero, Caio posicionou-se sobre o lugar que ocupa, enquanto homem trans, nos espaços públicos. Em especial, observa seu lugar quando está acompanhado de outras pessoas trans, levantando questões relevantes sobre as possibilidades de encontros que produzem vida e marcam afetivamente sua existência. Ele observa com ênfase o que se refere ao binarismo de gênero que pessoas cisgêneras e transgêneras são colocadas. A transfobia, segundo o que relata, é muito mais intensa em relação a mulheres trans, se comparada a violências transfóbicas contra homens trans. Vincula, assim, a transfobia à misoginia, uma vez que os corpos femininos sempre são mais vulnerabilizados que os masculinos. A violência contra mulheres trans é atravessada pela violência contra quaisquer manifestações do feminino, ao passo que as masculinidades estão protegidas e não são interpeladas. Essa questão da violência

contra o feminino não foi aprofundada nesta pesquisa, mas podemos pensar que a misoginia é também um reflexo do machismo estrutural, uma vez que quaisquer deslizamentos performativos das masculinidades em direção às feminilidades são violentamente enfrentados. A resistência surge a partir do questionamento das masculinidades e do posicionamento de outros modos de existir.

Caio ainda suscita um questionamento sobre a inteligibilidade de corpos transmasculinos, frente às possibilidades existenciais de corpos (in)adequados para ocupar determinados espaços de produção de subjetividades, numa dimensão anti-cisnormativa. Podemos pensar a questão da construção simbólica do gênero, na perspectiva castoriadiana, a partir dos conceitos de instituinte e instituído, fundamentais na teoria do autor. Gênero, enquanto instituído, é o resultado de uma construção de uma rede simbólica entrelaçada com a realidade social-histórica. A linguagem surge como um dos primeiros simbólicos, relacionando significantes e significados. A instituição da sociedade pode ser pensada, em termos de construções simbólicas de gênero, em masculinidades e feminilidades que resultam das transformações ontológicas, sem um gênero *a priori*. Dessa constatação, podemos pensar a (des)construção das representações simbólicas instituídas binárias das masculinidades e pensar as transmasculinidades.

A narrativa de Jorge, acerca de sua experiência clínica em psicologia, sobre gênero, corroborou com a ideia de desconstrução das identidades masculinas cisheterocentradas e sobre as possibilidades de estabelecerem-se novos demarcadores de identidades. Caio aponta, seguindo a mesma ideia, algumas questões sobre determinismos sociais de masculino e de feminino. Em sua experiência, ser um corpo masculino passável o coloca em uma posição menos vulnerável, uma vez que a masculinidade é inquestionável e publicamente não é interpelada, mas somente em âmbito privado.

A violência transfóbica, nesse sentido, apresenta-se como uma interdição, menos por ser um corpo de um homem trans, mas por ser um corpo masculino que está politicamente colocado em um espaço público ao lado de um corpo (trans) feminino. Misoginia e machismo, portanto, são violências de gênero hegemônicas que atravessam todas as masculinidades e feminilidades, indistintamente. Entretanto, tem uma carga ainda mais pesada e letal quando se trata da população transexual no Brasil, que mantém, por 12 anos consecutivos, até 2020, o triste título

de país que mais violenta e mata a população LGBTQIAP+ no mundo, segundo dossiê lançado pela ANTRA em 2021⁷⁴.

A performatividade pública do masculino hegemônico pode ser confortável e inquestionável, mas fica evidente que se trata da reprodução do ideal cisheteronormativo do masculino quando se fala de machismo. Caio afirma que frequenta os mesmos espaços, mas os abusos, olhares e as piadas machistas não existem mais porque é um corpo masculino naquele espaço de dominação masculina. Jorge também relata suas impressões sobre as questões relativas ao machismo e as configurações de masculinidades que afetam seu corpo socialmente e das diferentes formas de violência de gênero que corpos transmasculinos e transfemininos sofrem. Novamente constato que o assujeitamento imposto pela cisheteronorma afeta todas as masculinidades, indistintamente.

Ambos os coautores desta pesquisa, no momento em que ocupam os espaços, produzem com seus corpos um discurso que denuncia a crise das masculinidades. Uma crise de origem, pois a sustentação da masculinidade hegemônica é uma grande ilusão. Eles refletem sobre os lugares que ocupam, enquanto homens, e de que forma a ideia de uma masculinidade única é construída de forma perversa e opressora, incidindo, inclusive, nas construções de masculinidades trans. Caio relata como foi libertador desfazer-se dessas construções que transitam entre a patologização das identidades trans e a necessidade de adequação a modelos binários de gênero cisheterocentrados. Existem diversas formas de legitimar uma experiência absolutamente pessoal com relação à própria masculinidade, ao próprio corpo e à própria história. As existências de Caio e de Jorge nos chamam para atribuímos novos significados às nossas posições e práticas, reconhecendo a falta de estabilidade dos gêneros, ilusoriamente construída com a binariedade, como algo possível, necessário e positivo.

Tanto Caio quanto Jorge reafirmam que a estrutura dos currículos dos cursos de Psicologia e as práticas na formação acadêmica não são ideais, produzindo a discussão sobre essa realidade ser efeito colateral ou sintoma de uma estrutura de ensino que vem sendo sistematicamente precarizada e estabelece-se distante da realidade social. Eles têm percepções e sentimentos diferentes em relação à docência. Entretanto, apesar de todas as diferenças de trajetória formativa, algumas

⁷⁴ BENEVIDES, B. G.; NOGUEIRA, S.N.B (Orgs). **Dossiê dos assassinatos e da violência contra travestis e transexuais brasileiras em 2020**. São Paulo: Expressão Popular, ANTRA, IBTE, 2021.

semelhanças são bastante visíveis. Uma delas é o quanto esse percurso formativo na educação foi transformador.

Toda a construção simbólica de homens trans, docentes e psicólogos está em jogo na instituição imaginária do fazer das diversas áreas da Psicologia, enquanto produção de saúde. Jorge e Caio colocam-se como sujeitos políticos e transformadores dos espaços em que se inserem, tanto clínicos quanto educacionais. Ambos colocam seus corpos e suas existências para promover um olhar que desconstrua uma perspectiva biomédica da saúde e de um olhar biologicista, binário e normativo sobre as profissões de professor e de psicólogo. Caio revela que sua inserção no campo da docência não se deu por desejo de ser docente, mas por uma questão de inserção no campo de trabalho. Seu percurso docente não foi muito longo, mas foi intenso e, em certa medida, difícil e doloroso. Jorge promove uma reflexão que vem em dois sentidos: o de pensar a própria formação como professor e psicólogo e o de pensar a relação professor-aluno. Em ambas está implicado o sentido do saber/poder/fazer. Um caminho possível de investigação dessas afecções, nos encontros e desencontros da formação, dá-se a partir do olhar sobre as estruturas de saber e de poder existentes, entre elas os saberes e poderes a partir do gênero.

Caio afirmou que não se trata de serem corpos (trans) errados, mas de serem a eles, e a todos os outros, atribuídos discursos errados. Essa é uma responsabilidade de todos e todas, sejamos cisgêneros ou transgêneros, mas, em especial, a responsabilidade de produzir um discurso “certo” é das pessoas cisgêneras. Existe uma falha significativa por parte das pessoas cisgêneras em capturar e compreender existências não normativas sem o filtro da cisheteronormatividade. Cabe à cisgeneridade, portanto, desconstruir o discurso e ajustar o foco nas questões que realmente precisam ser olhadas.

O número de pessoas trans que conseguem acessar o ensino superior é inexpressivo, menos expressivo ainda é o número de pessoas que chegam à docência no ensino superior. Apenas reconhecer esse fenômeno não é suficiente. É evidente que a criação de políticas públicas de acesso e permanência dessa população é fundamental. Entretanto, é necessário que pensemos quais estratégias formativas são necessárias, aliadas a essas políticas, para acolhimento, diálogo e produção de conhecimento **com** essa população nas universidades. Uma discussão fundamental na educação é a criação de espaços para a produção de

conhecimentos transcendidos, ou seja, a produção científica de pessoas trans **sobre, com e para** pessoas trans.

As narrativas que ouvi para a produção deste trabalho abrem caminho para pensarmos sobre um novo posicionamento do fazer psicológico e educacional e sobre novas formas de produzir vivências e sentidos, rompendo com a lógica biomédica da produção de saúde, enquanto ausência de doença, e da patologização das identidades trans. Diante dessas reflexões, evidencia-se a necessidade premente de desenvolver renovados modelos de atuação, bem como de dar reconhecimento às iniciativas que já surgem nesse sentido, repensando a Formação de Psicólogos e a Formação de Professores em temas emergentes, tais como identidade de gênero e diversidade sexual.

Assim, a discussão dos currículos dos cursos de Psicologia é um tema importante para a continuidade deste trabalho, pois é necessário que pensemos o lugar político que os profissionais ocupam nos diversos campos da Psicologia, frente aos movimentos conservadores e fundamentalistas de alguns setores da sociedade que atacam a Psicologia brasileira. Em grande medida, os ataques visam à manutenção da hegemonia cisheteronormativa. Os movimentos afrontam as posturas de desconstrução das concepções biologizantes de gênero e a despatologização das identidades.

As narrativas de Caio e Jorge suscitam a discussão sobre quais são os caminhos possíveis para a formação docente e da identidade profissional do professor. Jorge pode ser lido como um “Professor-Psicólogo”, enquanto Caio pode ser lido como um “Psicólogo-Professor”? Esta é uma questão que somente pode ser respondida a partir de inferências. Ambos apresentam algumas pistas que podem indicar possíveis respostas. Mas, como diria Oscar Wilde⁷⁵, “definir é limitar” e não entendo que a discussão sobre a docência deva passar por esses rótulos. A questão que emerge é a identidade profissional, incluindo a docente, e os imaginários implicados nessas identidades.

O tema da formação docente surge na dissertação como um desejo meu. Identificar o meu desejo e o desejo do outro é um elemento fundamental na escuta clínica, tanto quando na escuta autobiográfica. É um percurso compartilhado e permeado de empréstimos. Eu empresto um desejo, o outro me devolve esse desejo. Na maior parte do tempo é um jogo dialógico, mas não se trata de uma garantia tácita.

⁷⁵ WILDE, O. **O retrato de Dorian Gray**. Trad. Claudia Lopes. São Paulo: Scipione, 1997.

De fato, as questões da formação docente aparecem com menos força nas narrativas de Caio e Jorge. Isto porque o meu desejo é interditado pelo desejo deles de produzirem sentidos e ressignificarem suas existências na relação (precária e provisória) que estabeleceram comigo ao longo da produção narrativa.

A falta surge como um elemento a ser sustentado (e aqui há mais uma relação com a escuta clínica). Se não houve a emergência de relatos sobre a formação docente, existiram outros tantos relacionados às identidades, inclusive de professores, que emprestam sentidos e são mobilizadoras existencialmente, tanto para eles quanto para mim. A formação, assim, surge como elemento faltante. Poderíamos falar amplamente sobre a falta, mas a escolha na construção e análise narrativa foi a de trabalhar com elementos que surgiram no (e do) encontro com meus interlocutores coautores. Talvez a indicação de que falta uma discussão mais aprofundada sobre a formação de professores universitários, em sentido amplo, e sobre a formação docente em psicologia, especificamente, fique para a continuidade desta pesquisa. Caio e Jorge fizeram escolhas quando narraram suas histórias, sejam elas conscientes ou inconscientes. Minha escolha foi acolher as escolhas de ambos e não produzir narrativas paralelas, elencando discussões sobre discursos ausentes. Se fica uma falta, ela é registrada como um elemento também fundante do que foi dito.

Uma questão que ficou pulsando ao longo do processo de construção das narrativas, e que fiz a Caio e a Jorge, foi sobre quais são as maiores lacunas ou brechas nos estudos sobre as transmasculinidades. Jorge aponta que a maior parte da produção, embora ainda na totalidade seja insipiente, é voltada para o campo da saúde a partir do processo transexualizador, sobre acesso aos serviços e narrativas sobre o processo em si. Há uma produção da área da educação física, que gera um novo escopo, mas sobre homens trans ocupando a docência são poucos trabalhos. Reconhece que há um campo vasto de pesquisa na área das transmasculinidades, a partir da reflexão sobre a própria experiência dessas relações com as masculinidades e como elas afetam as expectativas sobre ocupar o mundo a partir de uma identidade.

Quando solicito a Jorge que deixe um “conselho” para pessoas cisgêneras sobre questões relacionadas às transexualidades, ele faz uma provocação interessante, no sentido de propor uma reflexão a partir da experiência da cisgeneridade e da percepção de onde ela é capturada. Sobre as capturas das transgeneridades, é possível identificá-las, mas é preciso que a própria

cisgeneridade perceba onde ela está sendo colocada e por qual motivo não se permite. Por fim questiona: “Será que não somos todos trans? A cisgeneridade que pense onde ela está sendo capturada. Acho que isso é fundamental”.

Faço a mesma questão sobre as lacunas nas produções sobre transmasculinidades para Caio. Ele responde que tem encontrado dificuldade de estabelecer o debate interseccional, em especial com o recorte de raça. Afirma que existe pouca produção sobre as questões de trazer outras vivências, como do corpo de um homem trans preto, um corpo de um homem trans indígena. Trata-se de trazer para a discussão as vivências de homens trans que não são desse “homem trans genérico”, mas com outros atravessamentos. Ele aponta uma questão que, para mim, enquanto pesquisador cisgênero, sempre foi uma preocupação, que é da ordem das diferenças de escrita de uma pessoa cis e de uma pessoa trans, em especial nos debates sobre questões interseccionais entre raça, classe, gênero e sexualidades.

Como encaminhamento para a continuidade da pesquisa e para o desenvolvimento de outras, Caio deixa demarcada a necessidade de se entender que as vivências trans, de forma geral, não são genéricas e que os debates interseccionais são necessários, pensados nas relações das construções de corpos falantes que são coletivos. Cada sujeito trans que fala sobre suas vivências é a representação de um corpo coletivo, são vozes diversas em uma só voz. Compreender a coletividade dessa fala a partir da singularidade de ouvir o que não é genérico. Enquanto psicólogos, pensamos que isso parece óbvio, mas a operacionalização dessa postura não é tão óbvia, tampouco fácil. E isso talvez diga do quanto as formações em Psicologia precisam estar atentas às vozes que vêm do social. As práticas psicológicas se fundam muito nesse singular e na realidade não se observa essa dinâmica. Caio relata a dificuldade de operacionalizar essa questão, que soa paradoxal, com a leveza que lhe é peculiar: “Não é uma ‘diquinha’ muito fácil de operacionalizar, mas é fundamental”.

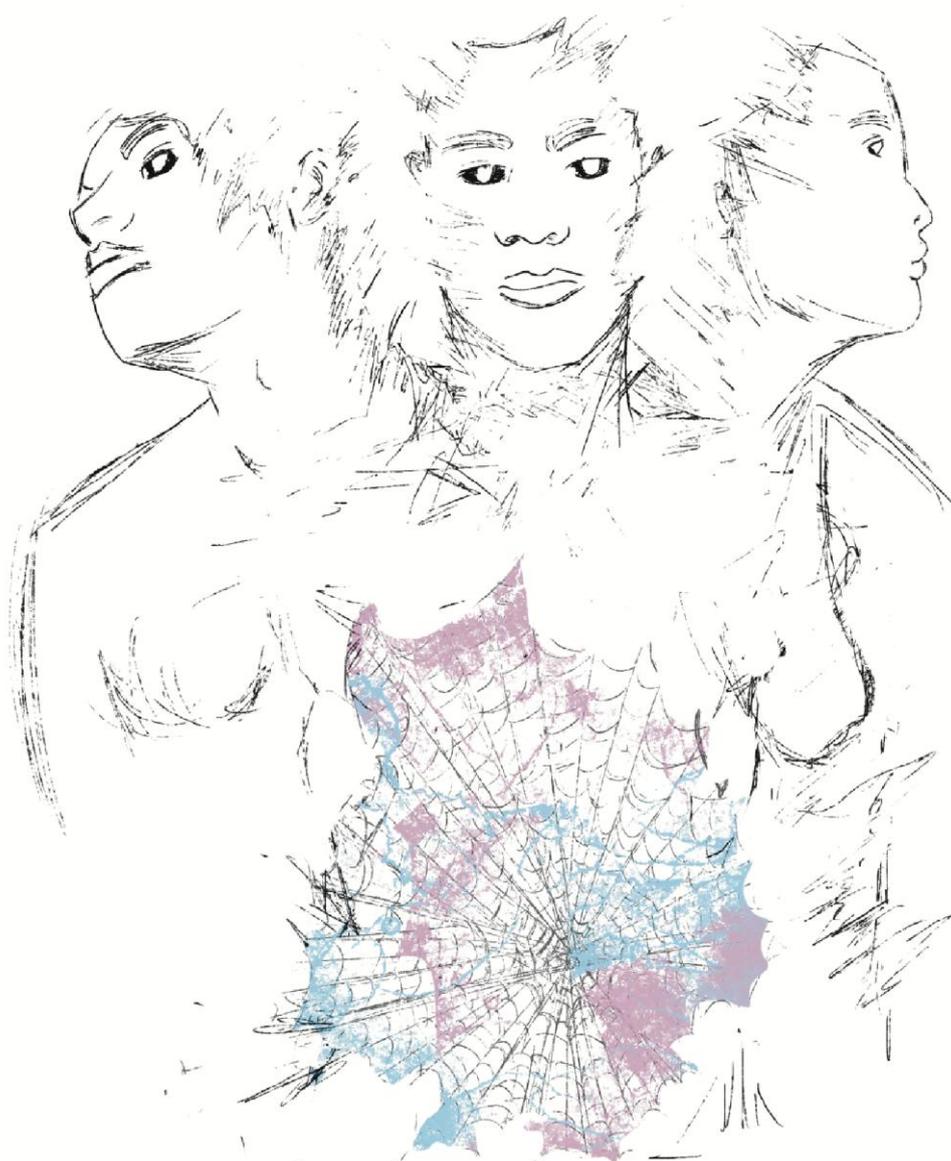
A questão que surge é de estabelecermos uma postura que tente dar conta de uma construção epistemológica que distinga o particular, o singular, do universal, pois o estatuto científico tende a reconhecer construções subjetivas imersas num discurso universalizante. Esta é a estrutura clínica, inclusive, que a psiquiatria monta do que é ser trans, por exemplo. Na perspectiva patologizante, existe um rol de critérios diagnósticos que devem trazer essas experiências - absolutamente

individuais - de identidades em um condicionamento universalizante, que determina o que é, em última análise, a experiência transexual. Essa narrativa única gera repercussões nas existências de pessoas trans. Compreender a experiência das vivências singulares das transexualidades, definidas por Caio como não genéricas, é compreender para além dos debates dos enquadres da sexualidade e do gênero; é compreender que as possibilidades de existência são infinitas, mutáveis e legítimas.

A mais importante mensagem que os coautores desta pesquisa deixam é a de assumirmos que podemos ser de muitas formas e de que as vivências transmasculinas estão para além das transmasculinidades. Trata-se do reconhecimento da multiplicidade das existências, da pluralidade de cada vivência e de não ser permitido que se resuma uma existência à transmasculinidade. Esta, por fim, foi a “terceira diquinha” de Caio. E esse é nosso maior desafio, pois quando não olhamos para os enquadramentos das sexualidades ou das identidades, precisamos olhar para o que está para além deles, olhar para aquela existência particular que carrega essa coletividade. Isso é uma proposta de ruptura profunda com algumas práticas naturalizadas, tanto na Educação quanto na Psicologia. Os encontros com Caio e Jorge instigam a questionar quais são as políticas que produzem sujeitos, sobre os quais há a marca da vulnerabilidade. Ademais, alertam sobre os enquadramentos compulsórios às normas de gênero, que colocam determinadas vidas como indignas de serem vividas, colocando sujeitos ao julgamento de permissão para viver ou (pré)destinação para a morte.

Comecei este texto dizendo que a pesquisa é um convite à compreensão dessas vozes dissidentes sobre formação docente, um convite para adentrar às redes de sentidos na busca por respostas. Do processo da produção de afetos durante a pandemia ficará uma representação, mais do que respostas, uma espécie de “ciborgue-criatura” (HARAWAY, 2009), uma Quimera Transpandêmica. Ela é uma quimera diferente da tradição mitológica: não é feroz, não lança chamas pelas narinas, não devora tudo o que encontra. Pelo contrário, tem um pouco de cada humano nela, vivo, preservado, pulsante. Trata-se de uma figura fantástica, embora absurda, construída de tudo o que vivemos; elementos díspares, incongruentes e utópicos. Guarda cada olhar, cada memória, cada cheiro e cada sabor de toda essa travessia insana. Ela é um relicário, o produto mais real de nossa imaginação, é uma fantasia possível. Ela é o que somos e do que ela nos oferece nos alimentamos para

seguirmos vivos. Será esta a imagem (de afeto e força) que gostaria de deixar gravada nas retinas de quem chegou até aqui:



REFERÊNCIAS

ABREU, C. F.. **Caio 3D**: O essencial da década de 1980. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

ABLGBT. Relatório da Secretaria de Educação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais. **Pesquisa nacional sobre o ambiente educacional no Brasil 2016**: As Experiências de Adolescentes e Jovens LGBT em nossos Ambientes Educacionais. Disponível em: <<https://static.congressoemfoco.uol.com.br/2016/08/IAE-Brasil-Web-3-1.pdf>> Acesso em: 06 julho. 2021.

ALBUQUERQUE, T. Construção. In. AUTORIA COLETIVA. **Antologia Trans**: 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: TRANSformação, 2017.

ALMEIDA, G.. 'Homens trans': Novos matizes na aquarela das masculinidades? Rev. **Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 20, n. 2, p. 513 - 523, mai-ago 2012.

ANTRA - Associação Nacional de Travestis e Transexuais. **Mapa de Assassinatos de Travestis e Transexuais no Brasil em 2017**. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>> . Acesso em: 05 julho 2021.

ARFUCH, L.. **O espaço biográfico**: dilemas da subjetividade contemporânea. Trad. Paloma Vidal. Rio de Janeiro: Ed UERJ, 2010.

AUTORIA COLETIVA. **Antologia Trans**: 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: TRANSformação, 2017.

ÁVILA, S. **Transmasculinidades**: A emergência de novas identidades políticas e sociais. Rio de Janeiro: Editora Multifoco, 2014.

AZEVEDO, N. S. N.. O Imaginário Social e os professores intelectuais. In. AZEVEDO, N.S.N.; SCOFANO, R.G.(organizadores). **Recortes do Imaginário**: novas colagens. Campinas: Editora Alínea, 2009.

_____. Cornelius Castoriadis: Imaginário e autonomia. In. AZEVEDO, N. S. N., SCOFANO, R.G.. (Organizadores). **Introdução aos pensadores do imaginário**. Campinas: Editora Alínea. 2018.

BARROS, M. de. **Poesia completa**. São Paulo: Leya, 2010.

BENTO, B. **A reinvenção do corpo**: sexualidade e gênero na experiência transexual. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Ed. Garamond, 2006.

_____. **O que é transexualidade**. São Paulo: Brasiliense, 2008.

_____. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas**, n. 4, 2009, p. 95-112.

BRAZ, C.; SOUZA, E.R. de. Transmasculinidade, transformações corporais e saúde: algumas reflexões antropológicas. In. CAETANO, M.; SILVA JUNIOR, P.M.da. (orgs). **De guri a cabra-macho**: Masculinidades no Brasil. Rio de Janeiro: Lamparina Editora, 2018. p. 28-42

BUTLER, J. **Quadros de Guerra**: Quando a vida é passível de luto? 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015a.

_____. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Trad. Rogério Betoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015b.

_____. **Problemas de Gênero**: Feminismo e Subversão da Identidade. 12ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. **Corpos em aliança e a política das ruas**: notas para uma teoria performativa de assembleia. 1ª Ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2018a.

_____. Corpos que pensam: sobre os limites discursivos do “sexo”. In. LOURO, G. L. . **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 4. Ed. Trad. Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018b.

_____. **Vida precária**: os poderes do luto e da violência. Trad. Andreia Lieber. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

_____. El capitalismo tiene sus limites. In. AMADEO, P. (org). **Sopa de Wuhan**: pensamiento contemporaneo en tiempos de pandemias. La Plata: ASPO, 2020.

BRASIL. Conselho Federal de Psicologia. **Cartilha do ano da formação em Psicologia**. 2018. Disponível em <https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2018/07/RELAT%C3%93RIO-FINAL-REVIS%C3%83O-DAS-DIRETRIZES-CURRICULARES-NACIONAIS-PARA-OS-CURSOS-DE-GRADUA%C3%87%C3%83O-EM-PSICOLOGIA.pdf> .Acesso em 08 jun. 2020 .

BRESSANI, L. Eu existo. In. AUTORIA COLETIVA. **Antologia Trans**: 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: TRANSformação, 2017.

CALLA. Uma Exclamação. In. AUTORIA COLETIVA. **Antologia Trans**: 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: TRANSformação, 2017.

CASTORIADIS, C.. **A instituição imaginária da sociedade**. Trad. Guy Reynaud. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1982.

_____. **Figuras do pensável**: Encruzilhadas do labirinto – vol. VI. Trad. Eliana Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2004.

CATANI, D. B. et al. História, memória e autobiografia da pesquisa educacional e na formação. In: _____. (Org.) **Docência, memória e gênero**: estudos sobre formação. São Paulo: Escrituras, 1997.

CAVALCANTI, C.S. Patologizações, autodeterminações e fúrias – uma breve carta de amor. In. SOUSA, E.T.; AMARAL, M.S.; Daniel Kerry dos SANTOS, D.K.

(organizadores). **Psicologia, travestilidades e transexualidades**: compromissos ético-políticos da despatologização. Florianópolis: Tribo da Ilha, 2019.

_____.; BICALHO, P.P.G.; SPOSITO, S. E. . O Lugar da Psicologia Frente às Orientações Sexuais e Identidades de Gênero. **Revista Psicologia: Ciência e Profissão**. v. 39 (n.spe 3), 2019, p. 3-5.

CELÓRIO, J. A. . **Narrativas e imaginários de professoras adaptadas**: rumo a uma pedagogia da observância. 2015. 245 f. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Pelotas, Pelotas, RS, 2015.

CONNELL, R. W. Políticas da masculinidade. **Educação & Realidade**. Porto Alegre. Vol. 20, n. 2, 1995, p. 185-206.

CONNELL, R. **Gênero em Termos Reais**. Trad. Marília Moschkovich. São Paulo: nVersos, 2016.

_____.; MESSERSCHMIDT, J. W.. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. Rev. **Estudos Feministas**. Florianópolis, Vol. 21, n. 1, jan-abr 2013, p. 241-282.

COSSI, R. K.. Stoller e a psicanálise: da identidade de gênero ao semblante lacaniano. **Estudos de Psicanálise**, n. 49, julho/2018, p. 31–44.

_____.; DUNKER, C. I. L.. A diferença sexual de Butler a Lacan: gênero, espécie e família. Brasília: **Revista Psicologia: Teoria e Pesquisa**, v. 33, 2016.

DAVID-MÉNARD, M.. **Deleuze e a psicanálise**. Trad. Marcelo Jacques de Moraes. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014.

DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **Mil platôs - Capitalismo e Esquizofrenia**. V.1. Rio de Janeiro: Ed.34, 1995.

_____. **O anti-Édipo**: Capitalismo e esquizofrenia 1. São Paulo: Editora 34, 2010.

DELORY-MOMBERGER, C.. Fundamentos epistemológicos da pesquisa biográfica em educação. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, v. 27, n. 1, p.333-346, abr. 2011.

_____. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. Tradução de Anne-Marie Milon Oliveira. **Revista Brasileira de Educação**, v. 17, n. 51, set./dez. 2012.

ELOAH, I. Pactos. In. AUTORIA COLETIVA. **Antologia Trans**: 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: TRANSformação, 2017.

FERRAROTTI, F.. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA, António; FINGER, Matthias (Orgs.) **O método (auto)biográfico e a formação**. Natal/São Paulo: UFRN/Paulus, 2010, pp. 31 - 57.

FERREIRA, L. S.. Olhem para mim. In. AUTORIA COLETIVA. **Antologia Trans**: 30 poetas trans, travestis e não-binários. São Paulo: TRANSformação, 2017.

FERRY, G.. **Pedagogia de la formación**. 1 ed. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material didático, 2004.

FOUCAULT, M.. **História da Loucura na Idade Clássica**. São Paulo: Perspectiva, 1978.

_____. **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1998.

_____. **História da sexualidade 1: A vontade de saber**. São Paulo: Paz e Terra, 2008.

_____. **Vigiar e punir: nascimento da prisão**. 41ª Ed. Petrópolis: Vozes, 2013.

FREUD, S. (1930). **O mal estar na cultura**. Tradução de Renato Zwick. Porto Alegre, RS: L&PM, 2012.

GULLAR, F. **Os melhores poemas de Ferreira Gullar**. 2ª ed. São Paulo: Global, 1985. p. 144-145.

HARAWAY, Donna. Manifesto ciborgue: ciência, tecnologia e feminismo-socialista no final do século XX. In: TADEU, Tomaz (Org.). **Antropologia do ciborgue: as vertigens do pós-humano**. 2. Ed Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

HERMANN, N. **Autocriação e horizonte comum: ensaios sobre educação ético-estética**. Ijuí: Editora Unijuí, 2010.

HOLANDA, V.. **O casulo Dandara**. Fortaleza: CeNE Editora, 2019.

HUR, D. U. A clínica do corpo sem órgãos: Esquizoanálise e esquizodrama. **PORTO ARTE: Revista de Artes Visuais**. Porto Alegre, RS, v. 25, n. 44, jul-dez 2020.

JANUÁRIO, S. B.. **Masculinidades em (re)construção: Gênero, Corpo e Publicidade**. Covilhã: Editora LabCom.IFP, 2016.

JESUS, J. G de. **Orientações sobre identidade de gênero: conceitos e termos**. 2. Ed. Brasília, 2012. E-book disponível em: <http://www.sertao.ufg.br>, acesso em 15 jul. 2020.

_____. Uma puta educadora: entrevista com Indianara Alves Siqueira. Niterói: **Revista GÊNERO**, v. 14, n. 1, 2º Sem. 2013.

_____. (et. al.) **Transfeminismo: teorias e práticas**. Rio de Janeiro: Metanoia, 2014.

JOSSO, M.-C.. As instâncias da expressão do bio-gráfico singular plural: junção de uma abordagem intelectual à abordagem sensível na busca de doações do corpo biográfico. In: BOIS, D.; JOSSO, M.-C.; HUMPICH, M. (Org.). **Sujeito sensível e renovação do eu: As contribuições da fasciaterapia e da somoto-psicopedagogia**. São Paulo: Paulus; Centro Universitário São Camilo, 2008.

_____. **Experiências de vida e formação**. 2. Ed. Natal: Edufrn, 2010.

_____. O corpo biográfico: corpo falado e corpo que fala. **Educação e Realidade**. Porto Alegre: UFRGS, v. 37, n. 1, p. 19-31, jan. / abr. 2012.

KUPFER, M.C. **Freud e a educação**: o mestre do impossível. São Paulo, SP: Ed. Scipione, 2005.

LACAN, J. **O Seminário – Livro XI**: Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

_____. **O Seminário, Livro V**: as formações do inconsciente. Rio de Janeiro: Zahar, 1998. Seminário empreendido em 1957 e 1958.

_____. O simbólico, o imaginário e o real. Trad. André Telles. In. **Nomes-do Pai**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2005, p. 09-53. (Original publicado em 1953).

LAPLANCHE, J; PONTALIS, J. **Vocabulário de Psicanálise**. São Paulo, SP: Martins Fontes, 2008.

LAURETIS, T. de. A tecnologia do gênero. In: HOLANDA, Heloisa Buarque de (Org.). **Tendências e impasses**: o feminismo como crítica cultural. Rio de Janeiro, Rocco, 1994. p. 206-242.

_____. **O corpo educado**: Pedagogias da sexualidade. 4. Ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2018.

MAFFESOLI, M.. **A Contemplação do Mundo**. Porto Alegre: Oficinas, 1995.

MAGALHÃES, N.M.. **O limite constitutivo entre o cogito cartesiano e o sujeito da psicanálise construído no texto A Ciência e a Verdade**. 2015. 90p. Dissertação (Programa de PósGraduação em Filosofia) - Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, 2015.

MARTINS, A.. **O mais potente dos afetos**: Spinoza e Nietzsche. São Paulo: M. Fontes, 2008.

MATTOS, A.; CIDADE, M. L. R. Para pensar a cisheteronormatividade na Psicologia: lições tomadas do transfeminismo. Revista **Periódicus**, n. 5, v. 1 maio-out. 2016 p. 132-153.

MBEMBE, A. Carta aos Alemães: vivendo nos mitos dos outros. **Goethe Institut**, São Paulo, mai. 2020. Disponível em <<https://www.goethe.de/ins/br/pt/kul/mag/21864261.html>>. Acesso em 15 ago. 2020.

MERÇON, J.. **Aprendizado ético-afetivo**: uma leitura spinoziana da educação. Campinas: Alínea, 2009.

MOREIRA, J. O.. Édipo em Freud: o movimento de uma teoria. **Revista Psicologia em Estudo**. Maringá, PR. v. 9, n. 2, mai./ago. 2004, p. 219-227.

NOLASCO, S.. **De Tarzan a Homer Simpson**: banalização e violência masculina em sociedades contemporâneas. Rio de Janeiro: Rocco, 2001.

NÓVOA, A.. A formação tem de passar por aqui: as histórias de vida no projeto PROSALUS. In: NÓVOA, A; FINGER, M. **O método (auto) biográfico e a formação**. Lisboa: Ministério da Saúde, 1988.

ODARA, T. **Pedagogia da desobediência**: Travestilizando a Educação. 1ª Ed. Salvador: Editora Devires, 2020.

OLIVEIRA, A. L. G.. **“Somos Quem Podemos Ser”**: os homens (trans) brasileiros e o discurso pela (des) patologização da transexualidade. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Mestrado em Ciências Sociais. 2015.

OLIVEIRA, V. F. **Imaginário Social e escola de segundo grau**. Ijuí: Ed. Unijuí, 1997.

_____.; MACHADO, G. E. O olhar do imaginário social sobre as representações de gênero permeadas pela pesquisa autobiográfica. **Conhecimento & Diversidade**. Niterói, v. 10, n. 21, p. 124–136, maio/ago. 2018

PASSEGI, M. C.; SOUZA, E.C. de; VICENTINI, P.P. Entre a vida e a formação: pesquisa (auto) biográfica, docência e profissionalização. **Educação em Revista**. Belo Horizonte, MG, v.27, n.1, abr. 2011, p.369-386.

PASINI, V. L.; MACHADO, E. M.. Clínica (s) em Psicologia. In. Psicologia e Clínica. **Revista Entre Linhas**, Porto Alegre, ano XII, n. 60, out. /nov. /dez., 2012.

PASSOS, G. C. dos ; CASAGRANDE, L. S.. Homens (trans): da invisibilidade às transmasculinidades na educação. Rev. **Cadernos de Gênero e Tecnologia**. Curitiba, v. 11, n. 37, p. 60-72, jan./jun. 2018.

PONTES, J.C.; SILVA, C. G. da. Cisnormatividade e passabilidade: deslocamentos e diferenças nas narrativas de pessoas trans. Salvador: **Revista Periódicus**. Vol. 1 n. 8, nov/2017-abr/2018, p. 396-417

PORCHAT, P. **Psicanálise e transexualismo**: desconstruindo gêneros e patologias com Judith Butler. Curitiba: Juruá, 2014a.

_____. Ato performativo e desconstrução: o gênero em Judith Butler. In. AMBRA, P. E. S.; JUNIOR, N. da S.(orgs.). **Histeria e gênero**. São Paulo: nVersos, 2014b.

PRECIADO, P.B.. **Testo Junkie**: Sexo, drogas e biopolítica na era farmacopornográfica. São Paulo: n-1 edições, 2018.

_____. **Manifesto contrassexual**. São Paulo: n-1 edições, 2017.

REIS, P. G. R. El potencial educativo e investigativo de las narrativas. In: NURIA, C. REIS, P. G. R. **Narrativas de profesores**: reflexiones en torno al desarrollo personal y profesional. Andalucía: Universidade Internacional de Andalucía, 2012, p. 21 - 30.

RIBEIRO, I. M. . **Cidadanias Precárias**: Sujeitos Trans e Educação. 2019. 169 f. Tese (Doutorado em Educação) – Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, 2019.

RIOS, T. A.. Ética na docência universitária: a caminho de uma universidade pedagógica? In. PIMENTA, S. G.; ALMEIDA, M. I. (Org.). **Pedagogia universitária: caminhos para a formação de professores**. São Paulo: Cortez, 2011.

ROCON, P. **Clínica (Trans)sexualiza(dor)a**: Processos formativos de trabalhadores da saúde. 1ª Ed. Salvador: Editora Devires, 2021.

ROUDINESCO, E.; PLOM, M.. **Dicionário de psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.

SAFATLE, V.. Pós-fácio Dos Problemas de Gênero a uma teoria da despossessão necessária: ética, política e reconhecimento em Judith Butler. In. BUTLER, J.. **Relatar a si mesmo**: Crítica da violência ética. Trad. Rogério Betoni. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015.

SANTOS, A. E. C.. **Vivências transmasculinas em espaços educacionais de nível superior do Sul do Brasil e a multiplicidade espacial**. 2020. 283 f. Tese (Doutorado em Geografia - Área de Concentração: Gestão do Território: Sociedade e Natureza) - Universidade Estadual de Ponta Grossa, Ponta Grossa, PR, 2020a.

SANTOS, B. S.. **A cruel pedagogia do vírus**. Coimbra: Almedina, 2020b.

SANTOS, J. M. O.; ESTEVAM, R. A.; MARTINS, T. M.. PESQUISA (AUTO) BIOGRÁFICA. **Ensaio Pedagógico**, vol.2, n.1, jan./abr. 2018, p.45 – 53.

SCOTT, J.. Gênero: uma Categoria Útil de Análise Histórica. **Revista Educação & Realidade**. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995, pp. 71-99.

SIMAS, L. A.; RUFINO, L.. **Encantamento**: Sobre política e vida. Rio de Janeiro: MV serviços e editora, 2020.

SOLER, C.. **O que Lacan dizia das mulheres**. Rio de Janeiro: Zahar, 2005.

SPINOZA, B.. **Ética**. Trad. de Tomaz Tadeu da Silva. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

STOLLER, R. **Sex and Gender**: On the Development of Masculinity and Femininity. NY: Science House, 1968.

UCHOA, L. F. P. **Simplemente homem**: relatos sobre a experiência cotidiana de homens trans. Rio de Janeiro: Metanoia, 2020.

VÁZQUEZ, A. S.. **Filosofia de la praxis**. 3. Ed., México D.F., Editorial Grijalbo, 1980.

VIANA, N.. **Os valores na sociedade moderna**. Brasília: Thesaurus, 2007.

_____. **Cérebro e Ideologia**: uma crítica ao determinismo cerebral. Jundiaí: Paco, 2010.

_____. **A Questão da Organização Revolucionária**. Rio de Janeiro: Rizoma, 2014.

ANEXO A – CONVITE PARA PARTICIPAÇÃO EM PESQUISA

CONVITE

para participação em pesquisa

DESCRIÇÃO

A pesquisa é uma tentativa de discutir inquietações sobre a formação docente em Psicologia. Está sendo realizada a partir da produção de narrativas (auto)biográficas de sujeitos autoidentificados como transmasculinos.

OBJETIVO

Identificar as representações imaginárias sobre a docência, sobre a formação do Psicólogo e sobre masculinidades não-hegemônicas em espaços educacionais

PÚBLICO

Psicólogos-docentes da educação superior, autoidentificados como homens trans ou transmasculines.

CONTATO

Luciano Anchieta Benitez
(055) XXXXXXX
XXXXXXX

SIGAMOS FORTES E SIGAMOS JUNTES!

ANEXO B - ROTEIRO (AUTO) BIOGRÁFICO DE ENTREVISTA PARA PROFESSORES-PSICÓLOGOS

Olá, Professor XXXXX:

Agradeço por aceitar o convite para participar desta pesquisa que integra a dissertação intitulada “**PROFESSORES-PSICÓLOGOS (TRANS) FORMADORES: AUTONARRATIVAS DE MASCULINIDADES NÃO HEGEMÔNICAS DENTRO E FORA DO CIS-TEMA**”⁷⁶. A pesquisa, em nível de Mestrado, está vinculada ao Programa de Pós-Graduação em Educação, da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), Linha de Pesquisa Docência, Saberes e Desenvolvimento Profissional.

Utilizando-me da abordagem (auto) biografias e histórias de vida de professores de Psicologia que se identifiquem como homens trans, transhomens ou transmasculines, pretendo com esta pesquisa colaborar para as discussões sobre a formação de professores, a formação do Psicólogo e principalmente sobre os temas das transmasculinidades e masculinidades dissidentes na Educação e na Formação de Psicólogos e de Professores.

Apresento aqui o **Roteiro (Auto) Biográfico** que orientará a produção do seu relato. O documento está dividido em oito tópicos. Cada tópico corresponde a um aspecto da construção narrativa. A organização foi feita desta forma com objetivo de facilitar nossa o fluxo da produção. Considerando que vivemos um momento tão singular em nossas vidas, ocasionado pela Pandemia do Novo Coronavírus (COVID-19), as possibilidades de encontros são reduzidas. Entretanto, não inviabilizadas.

Este trabalho é uma tentativa de construção narrativa compartilhada. Uma partilha leve, fluída e flexível para atravessarmos este momento (trans)pandêmico⁷⁷ em que vivemos. Você poderá escolher por qual tópico gostaria de iniciar seu autorrelato. Não há necessidade de ser realizado na ordem dos tópicos. Da mesma forma, as questões não precisam ser respondidas uma a uma, podendo ser feito um relato geral que contemple as questões de cada tópico. A produção pode ser realizada com vídeos, áudios, fotografias, textos escritos por você, músicas ou qualquer outra forma de expressão que você se sinta confortável em utilizar e que de alguma forma expresse quem você é e o que sente.

O envio das suas produções pode ser por e-mail, por videoconferências, compartilhado em redes sociais, e-mail, aplicativos de comunicação ou enviado pelos Correios, como você escolher. A periodicidade também será flexível e nós dois decidiremos isso conjuntamente. O importante é que possamos nos conhecer neste percurso que teremos juntos. A organização e disposição narrativa dos materiais enviados será submetida a sua apreciação para considerações e o resultado final deste trabalho também será apresentado, na forma de devolutiva.

Deixo aqui meus contatos para facilitar nossa comunicação:

Fone/whatsapp: xxxxxx

e-mail: xxxxxxxx

Instagram: xxxxxx

Endereço: xxxxxxxxxxxx

⁷⁶ O título da pesquisa foi alterado após a qualificação do projeto de dissertação.

⁷⁷ Uso na pesquisa o termo (trans)pandêmico porque a construção do trabalho será situada temporalmente em três momentos: pré-pandêmico (do processo de construção do projeto), transpandêmico (o momento da produção das narrativas) e pós-pandêmico (construção da dissertação e apresentação/devolução das discussões).

Abraços (à distância) e grato por este bom encontro. Sigamos fortes e sigamos juntos!

Luciano

TÓPICO I – I AM WHAT I AM - APRESENTAÇÃO

1) Apresentação (nome ⁷⁸, idade, formação, religião, orientação sexual, raça/etnia, regime de trabalho e atividades profissionais e informações gerais que tragam elementos gerais sobre você)

TÓPICO II – HISTÓRIA DE VIDA: COMO CHEGUEI ATÉ AQUI

2) Quem é você até aqui? Conte um pouco de sua história (os fatos marcantes da sua vida nos diferentes períodos, situações que sejam significativas, eventos que deixam registros de quem você é hoje)

TÓPICO III – TRAJETÓRIA ACADÊMICA: FORMAÇÃO INICIAL

3) Fale um pouco sobre seus contextos de formação: ano de ingresso e conclusão, instituição, abordagens teóricas e interesses na graduação e/ou pós-graduação, outras formações anteriores, concomitantes ou posteriores.

4) Como era seu desempenho na graduação? Em algum momento você interrompeu os estudos? Teve dificuldades em concluir a graduação?

5) Como as questões de identidade de gênero foram abordadas na graduação?

TÓPICO IV – O HOMEM INSTITUINTE: QUANDO ME DEI CONTA DE QUEM SOU

6) Como você teve acesso ao tema transexualidade?

7) Quando você percebeu que era um homem trans/transhomem/transmasculine?

8) Como foi (ou está sendo) o processo de transição? Ocorreu antes, durante ou depois do período de graduação?

9) Você realizou retificação de nome e gênero na documentação?

10) Quais as principais dificuldades e facilidades encontradas no processo?

TÓPICO V – SER PSICÓLOGO: QUANDO ME DEI CONTA DO QUE QUERO FAZER

11) Fale-me sobre sua trajetória profissional como Psicólogo.

12) De que forma as questões de identidade de gênero afetam sua a formação como Psicólogo?

TÓPICO VI – IMAGINÁRIO DE SER PROFESSOR

13) Fale-me sobre sua trajetória profissional como professor.

14) O que levou você a escolher a docência?

⁷⁸ Gostaria que você escolhesse um pseudônimo para uso exclusivo na coautoria desta pesquisa. Se possível (e se necessário), gostaria que você explicasse ou justificasse sua escolha.

- 15) Como é seu cotidiano no trabalho?
- 16) Como você define ser homem trans/transhomem/transmasculine docente?
- 17) Como você percebe socialmente seu papel como professor, psicólogo e homem?
- 18) A comunidade acadêmica na qual você se insere tem conhecimento sobre sua identidade de gênero? Você é procurado para discutir essas questões? Como você aborda essas questões na comunidade?
- 19) Você trabalha questões relacionada à gênero e diversidade sexual em suas aulas? De que forma?
- 20) Você percebe se há uma desconstrução das masculinidades frente ao reconhecimento de um corpo transmasculino na docência?

TÓPICO VII – REALIDADE SOCIAL DE HOMENS TRANS E TRANSMASCULINES NO BRASIL: A DOR E A DELÍCIA DE SER QUEM SE É

- 21) Você percebe diferenças de inserção e permanência de homens trans/transhomens/transmasculines docentes em relação a mulheres trans?
- 22) Sua identidade de gênero trouxe alguma dificuldade de inserção e/ou permanência no trabalho docente? Se sim, quais?
- 23) Como você percebe a LGBTfobia em sua comunidade acadêmica? De que forma ela é enfrentada institucionalmente?

TÓPICO VIII – SONHOS, DESEJOS E EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO: O QUE EU QUERO DAQUI PARA FRENTE

- 24) O que você deseja ou como imagina o futuro da profissão docente em Psicologia?
- 25) Quais são as maiores brechas nos estudos atuais sobre transmasculinidades?
- 26) Que conselhos você daria para as pessoas cisgêneras com relação às questões relacionadas às transmasculinidades?

ANEXO C - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da pesquisa: PROFESSORES-PSICÓLOGOS (TRANS) FORMADORES: AUTONARRATIVAS DE MASCULINIDADES NÃO HEGEMÔNICAS DENTRO E FORA DO CIS-TEMA⁷⁹

Pesquisador: Luciano Anchieta Benitez

Orientadora: Valeska Maria Fortes de Oliveira

A) INFORMAÇÕES AO PARTICIPANTE

1. Apresentação da pesquisa

A pesquisa trata da formação docente em Psicologia, com ênfase na abordagem de temas relacionados à gênero e diversidade sexual. Com a utilização do método narrativo e (auto) biográfico, traz à discussão a forma como docentes dos cursos superiores de graduação em Psicologia, auto identificados como transmasculinos, percebem sua formação como Psicólogos e como Professores.

2. Objetivos da pesquisa

As questões de pesquisa são a Formação do Psicólogo e a Formação de Professores, discutidas através de autorrelatos de professores de Psicologia transmasculinos, sobre seus processos formativos iniciais e continuados.

3. Participação na pesquisa

A participação na pesquisa será feita por meio de um Roteiro (Auto) Biográfico, entregue a cada participante e respondido conforme orientações do pesquisador. Arquivos de texto serão analisados e arquivados. Arquivos de áudio e vídeo serão gravados e transcritos para análise. Após a transcrição, os arquivos de áudio e vídeo serão arquivados de forma segura, a fim de serem mantidos o sigilo e a confidencialidade.

4. Confidencialidade

Todos os participantes da pesquisa terão seu nome mantido em sigilo. Os dados obtidos nesta pesquisa serão utilizados com fins exclusivamente acadêmico/científico. Nenhuma publicação partindo do material produzido revelará os nomes de quaisquer participantes da pesquisa. Sem consentimento escrito, os pesquisadores não divulgarão nenhum dado de pesquisa no qual qualquer participante seja identificado.

5. Desconfortos, Riscos e Benefícios

5a) Desconfortos e ou Riscos:

Algumas questões da pesquisa referem-se às experiências pessoais dos participantes. Caso alguma questão cause desconforto ou constrangimento a qualquer participante, este poderá escolher não responde-la(s).

5b) Benefícios:

Os benefícios dessa pesquisa são indiretos, pois se espera que com sua realização possa-se contribuir para a discussão e aprofundamento teórico e para ampliar o conhecimento acerca do tema proposto.

6. Direito de sair da pesquisa e a esclarecimentos durante o processo

⁷⁹ O título da pesquisa foi alterado após a qualificação do projeto de dissertação.

Os participantes têm a liberdade e direito de recusar ou retirar o consentimento para participação na pesquisa em qualquer etapa, assim como requerer qualquer esclarecimento em qualquer etapa da pesquisa, sem sofrer nenhuma penalidade.

7. Ressarcimento ou indenização

Esclarece-se que não há nenhum tipo de ressarcimento quanto à participação. No que se refere à indenização, essa será garantida conforme legislação vigente.

B) CONSENTIMENTO

Considerando que fui informado dos objetivos e da relevância do estudo proposto, de como será minha participação, bem como dos procedimentos e riscos decorrentes deste estudo, declaro o meu consentimento em participar da pesquisa, como também concordo que os dados obtidos na investigação sejam utilizados para fins científicos (divulgação em eventos e publicações).

Eu declaro ter conhecimento das informações contidas neste documento e ter recebido respostas claras às minhas questões a propósito da minha participação na pesquisa e, adicionalmente, declaro ter compreendido o objetivo, a natureza, os riscos e benefícios deste estudo. Estou ciente que receberei uma via desse documento.

Após reflexão e um tempo razoável, eu decidi, livre e voluntariamente, participar deste estudo. Estou consciente que posso deixar o projeto a qualquer momento, sem nenhum prejuízo.

Nome completo: _____
 RG: _____ Data de Nascimento: ___/___/____ Telefone: _____
 Endereço: _____ CEP: _____ Cidade: _____ Estado: _____

 _____ Data: ___/___/_____

 Assinatura

Caso necessite de maiores informações sobre o presente estudo, favor entrar em contato com o pesquisador: Luciano Anchieta Benitez E-mail: XXXXXXXX FoneXXXXXX

 Luciano Anchieta Benitez (pesquisador)

Data: _____

ANEXO D – DIÁRIO DE CAMPO (TRANS)PANDÊMICO

Os registros a seguir são uma coletânea dos principais movimentos que os coautores desta pesquisa e eu realizamos juntos. São relatos de como se deram nossos encontros e como produzimos as narrativas. Início relatando, a partir do registro cronológico, os contatos com Caio, O Homem das Apostas e Jorge, O Guerreiro dos Afetos.

1. DIÁRIO DE CAMPO TRANSPANDÊMICO DE CAIO, O HOMEM DAS APOSTAS

1.1 PRIMEIRO ENCONTRO COM CAIO

O encontro aconteceu no dia 31/07/2020, às 15h30min, através de uma chamada de vídeo que não foi gravada. A conversa fluiu tranquilamente. Percebi que Caio⁸⁰ sentia a necessidade de compreender onde estava “se metendo”, quem eu sou e percebo uma necessidade de se apresentar. A conversa toda teve em torno de 1h30min e só foi encerrada porque eu tinha outro compromisso. Ele não demonstrou intenção de encerrar ou “esconder” qualquer informação.

Ele pareceu-me um pouco mais resistente quando falou sobre a família e eu fiz uma intervenção que pode ter soado como investigativa ou interpretativa (falei sobre as representações simbólicas da maternidade e da paternidade. O pai, ele afirma, é mais receptivo que a mãe com relação à sua transmasculinidade. A mãe diz: “você pode ter a barba no pé, nunca vai ser um homem. Eu sei quem eu pari”. Eu relacionei o parir da mãe com o ele parir a si mesmo). Somente em 2020, a mãe começa a falar sobre sua identidade. Ainda assim, resiste em usar o nome de registro atual, usando um apelido a partir de seu “nome morto” de registro. A irmã não aceita muito bem e o pai, falecido em 2020, disse que o amaria como filha ou filho. Falou sobre os registros simbólicos da maternidade e paternidade como algo da ordem da violência simbólica. Quando fez o processo de retificação do nome, foi o pai que retirou a nova certidão de registro civil. A mãe não ficou sabendo disso. O pai foi um apoiador do processo. O interessante que percebi nesse dia, e que gostaria muito de poder escrever, é sobre esse processo de parto, de dar à luz um sujeito. Se a mãe deu à luz um corpo-mulher, a inscrição do nome do pai deu à luz

⁸⁰ Neste momento, ele ainda não havia escolhido o pseudônimo para a produção dos relatos. Antecipo e uso o nome escolhido para preservar a identidade de Caio.

um corpo-homem. Fiquei pensando no quanto gostaria de explorar essas questões. Mas são desejos meus, não de Caio.

Ele começa falando sobre sua graduação em Psicologia, que coincide com o processo transexualizador. Ele diz “entrei e saí outra pessoa”. O processo de invisibilização de pessoas trans foi fazendo com que Caio pensasse seu lugar na sociedade e no mundo. E por ser a única pessoa trans nos espaços que ocupou, foi convocado a ocupar esses espaços politicamente. Me parece uma politização, que embora seja absolutamente necessária, é compulsória quando se trata de corpos trans. É como se o rompimento com uma anatomia que é destino jogasse esses corpos a um outro destino: o que tornar públicos esses corpos, mesmo que politicamente. E aqui poderia surgir outra questão: a existência de corpos trans como corpos normatizados hegemonicamente, em espaços cisheteronormativos. Esse tema me mobilizou por um tempo, mas penso que por enquanto não é uma discussão para mim.

Caio relata que sempre teve dificuldade com a visibilidade, desejava passar despercebido. Com isso, sempre foi muito silencioso/silenciado. Foi necessário romper com o silêncio que o acompanhava por muitos anos quando ocupou a coordenação discente na residência multidisciplinar. Caio foi o primeiro transexual da universidade pública onde estudou e sente que tem uma obrigação ética e política enquanto homem trans nesses espaços hegemônicos. É cearense, mora em mora no Rio Grande do Norte, mas estudou em outro estado do Nordeste. Seu TCC foi sobre transmasculinidades e fez residência multiprofissional após a formação. Diz que esse caminho foi a abertura para pensamentos novos. Com sua preceptora, professora coordenadora da residência (enfermeira), iniciou o primeiro ambulatório trans do nordeste. Não havia ingressado no mestrado nesse momento do nosso contato. Para felicidade dele, e minha também, ele realizou pouco tempo depois o sonho de ingressar no Mestrado. Atuou como docente no ensino superior e atua como psicólogo clínico na clínica particular, além de ser servidor público municipal na área da saúde.

As discussões de gênero sempre foram transversais na sua formação inicial. Afirma que teve uma formação não comprometida com as expectativas. Não queria

exercer a docência. Fez a seleção para a residência para ter dinheiro para a mastectomia⁸¹ (realizada em 2018).

Após, aceitou o cargo de professor para ter como se manter, “por livre e espontânea pressão”. Reconhece seu lugar político como um “corpo trans na docência”. Teve turmas de 120 alunos, se posiciona publicamente como trans, mas não fala necessariamente de forma aberta sobre o assunto, por não ser tema das aulas nas disciplinas que ministrava (pesquisa em Psicologia, por exemplo). Sempre se sentiu questionado nas competências por ser um homem trans. Não sofreu o sofre transfobia em seu ambiente de trabalho. Afirma que talvez seja por sua passabilidade. Sente a dificuldade por parte das pessoas em lidarem com as questões de sujeitos transexuais por não terem conhecimento das questões. Realizou, nesse período, círculos de cultura (Paulo Freire) com temáticas relacionadas à sexualidade.

Caio traz uma questão importante para ser discutida na dissertação: a territorialização. O território (nordeste) no qual encontro os dois únicos homens trans psicólogos e professores que participam da pesquisa, segundo Caio, traz uma questão importante para ser discutida. Por que somente no Nordeste? A não existência de outros homens trans psicólogos e professores de Psicologia que se tem notícia é uma questão que ele julga importante para minha pesquisa. Ou não existem outros homens trans professores psicólogos em outras regiões ou não há acesso a esses profissionais. Falar sobre as transmasculinidades representadas “fora do eixo”, na “periferia”. Por que quando está no Nordeste é regional e quando está no eixo RJ/SP é nacional? Caio ainda indicou duas mulheres trans pesquisadoras para eu incluir na bibliografia da pesquisa: Céu Cavalcanti e Jaqueline Gomes de Jesus.

Quando disse a ele quais eram as possibilidades e como pensei a pesquisa, ele afirmou que teria dificuldades para escrever, em função de tempo e das atividades que desenvolve. Disse que uma mesa de bar é sempre mais potente e que gostaria de fazer entrevistas em um bar. Então, nos encontraremos quinzenalmente, às sextas-feiras, às 16h, para encontros de bar. Será um Bar virtual, onde ele beberá uma cerveja e eu um café. Pensei em nomes possíveis para

⁸¹ Mastectomia é o procedimento cirúrgico para remoção completa da mama e consiste em parte dos procedimentos do processo de redesignação sexual de homens trans.

esses encontros de bar: Bar Transpandêmico, Café Virtual, Bar diário virtual, Encontros Virtuais Norte Sul

1.2 SEGUNDO ENCONTRO COM CAIO: Primeira entrevista

O encontro ocorreu no dia 01/09/2020. Começou às 17h30min e se estendeu até 20h15min, porque Caio desejou que fosse encerrado por estar cansado. Foi realizado através de uma plataforma de comunicação por videoconferências e foi gravado, posteriormente transcrito e submetido à análise de Caio, para somente então ser analisado. Eu havia dito no início que iríamos até o ponto em que ele se sentisse confortável, sem hora para terminar e sem o objetivo de realizar toda a entrevista do roteiro em um único encontro. Nos primeiros 20 min a 30 min conversamos sobre seu percurso acadêmico. Ele relatou que participaria de uma seleção e que queria fazer um projeto de mestrado. Indiquei alguns livros que tenho utilizado nas minhas pesquisas e que talvez o ajudassem. Os livros foram enviados por e-mail após o encerramento da conversa. O encontro foi realizado pelo Meet e foi gravado. A transcrição do material será analisada integralmente, mas não será incluída nos anexos da dissertação por vários motivos, mas principalmente porque algumas questões são mais importantes serem analisadas e outras questões são muito íntimas e não colaboram para a discussão proposta na pesquisa, podendo expor desnecessariamente os coautores.

Ele estava um pouco retraído no início e a conversa foi importante para se sentir mais confortável. Todo o encontro foi realizado em uma conversa fluída e descontraída. Os itens do roteiro foram seguidos, mas não à risca conforme havíamos combinado previamente e era a ideia inicial que eu tinha, quando formulei esse longo roteiro. Em muitos momentos surgiram outras conversas bem mais interessantes e íntimas que os questionamentos que estavam programados, o que tornou o processo muito mais rico. Caio mostrou-se sempre muito disponível e generoso. Tentei não o interromper durante sua fala para evitar a interrupção desse fluxo. Tentei, ainda, retomar algumas questões como aprofundamento do que havia sido dito. Muitas questões que ele apresentou são diretamente relacionadas com a construção teórica que venho fazendo no projeto.

1.3 DA DURA TRAVESSIA PANDÊMICA: Meses subsequentes...

De setembro a janeiro não encontrei Caio para entrevistas, embora tenhamos mantido contato esporádico pelas redes sociais e nos encontrado em outros espaços. Fiz as transcrições da primeira entrevista, num total de 47 páginas. Encaminhei para ele ler e fazer suas considerações. Conversamos pouco nesse período. Nos encontramos em eventos virtuais, mas não tive retorno das leituras da transcrição.

Agendamos um encontro no dia 08/01/2021, data e horário definidos por ele. Mas ocorreu um problema de saúde com ele e desmarcamos. Agendamos o próximo encontro para o dia 15/01/2021, às 15h. Analisei as transcrições, levantei questões para serem retomadas nesse encontro, bem como a conclusão do roteiro inicial. Foram feitas quatro perguntas, acerca do observado na primeira entrevista:

- 1) Com pensar a atenção à população trans, em especial à população transmasculina, pelo viés esquizoanalítico?
- 2) Como vem articulando o MOTINN e outros movimentos na pandemia?
- 3) Como vê as vulnerabilidades trans na pandemia? Como tem sido esse “estar com” virtual/presencial neste período? Como tem percebido a questão das violências?
- 4) Quais são as dificuldades e facilidades da produção de afetos como transhomem? Relacionando com o processo de subjugação de corpos trans para relacionamento afetivo?

As questões do roteiro foram:

EIXO VI – IMAGINÁRIO DE SER PROFESSOR

- 27) Como você define ser homem trans/transhomem/transmasculine docente?
- 28) Você percebe se há uma desconstrução das masculinidades frente ao reconhecimento de um corpo transmasculino na docência?

EIXO VII – REALIDADE SOCIAL DE HOMENS TRANS E TRANSMASCULINES NO BRASIL: A DOR E A DELÍCIA DE SER QUEM SE É

- 29) Você percebe diferenças de inserção e permanência de homens trans/transhomens/transmasculines docentes em relação a mulheres trans?

30) Sua identidade de gênero trouxe alguma dificuldade de inserção e/ou permanência no trabalho docente? Se sim, quais?

31) Como você percebe a LGBTfobia em sua comunidade acadêmica? De que forma ela é enfrentada institucionalmente?

EIXO VIII – SONHOS, DESEJOS E EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO: O QUE EU QUERO DAQUI PARA FRENTE

32) O que você deseja ou como imagina o futuro da profissão docente em Psicologia?

33) Quais são as maiores brechas nos estudos atuais sobre transmasculinidades?

34) Que conselhos você daria para as pessoas cisgêneras com relação às questões relacionadas às transmasculinidades?

1.4 TERCEIRO ENCONTRO: Segunda entrevista

O terceiro e último encontro aconteceu com a retomada das questões anteriores, conclusão do roteiro e fechamento. Foi um encontro bonito, terno e afetuoso, como Caio é. Conversamos em torno de 1h30min, tempo estabelecido por ele, que tinha outro compromisso posteriormente. Estava presente na sala da casa de Caio uma amiga, também psicóloga. Ela não participou, embora ele algumas vezes tenha se virado para ela (que estava sentada em um sofá atrás dele), convocando-a para a conversa ou fazendo referências a ela. Demorei mais de dois meses para transcrever e devolver a ele a transcrição para análise e considerações.

Digo que foi um encontro bonito, potente e afetuoso porque percebi que tivemos uma boa conexão. Caio dividiu comigo muitas de suas angústias e posicionamentos, trouxe histórias de sua vida e uma poesia, que quero deixar registrada no processo de construção das narrativas da dissertação como ele deixou marcadas em mim suas palavras. A parte final do nosso último encontro, eu nomeei de “Encontro terminável e encontro interminável: Fragmentos de afeto em meio ao apocalipse da pandemia”.

Caio relata o momento que estava vivendo quando escreveu a poesia “Fim do Samba”. Conta que foi no final de um encontro de pessoas trans, fechado para pessoas cis, que foi muito intenso e marcado pelo suicídio de um homem trans. Ele iria para Brasília e precisava embarcar em Fortaleza, que fica a 250km de onde

estava. No caminho, presencia discursos transfóbicos do motorista do carro que o conduzia contra uma mulher trans que estava na rua. Ele fica atônito e, estando muito mobilizado com tudo o que estava acontecendo e com o evento que acabara de ocorrer, escreveu, no avião para Brasília, a poesia. De tão lindo e significativo que foi para mim ouvir, na voz de Caio, essa poesia de dolorosa beleza, deixo-a registrada:

Fim do samba

E lá se iam as batidas da banda que tocava na rua.
 Aos poucos, o som alegre do samba se dissipou
 e só nos restou o silêncio.
 Mais uma de nós assassinada.
 Mais um de nós suicidado.
 Um minuto de silêncio.
 Mais uma vida trans
 Trucidada pela máquina cisnormativa.
 E o que eles fazem? Riem.
 Gargalham frente aos montes
 de nossos corpos enterrados
 Caçoam da nossa existência
 E zombam do nosso genocídio.
 Mas saibam vocês que não somos
 Pedra, que dela nada surge.
 Somos carne
 sangue vivo que se multiplica
 em nós, carregamos nossos ancestrais
 que vocês mataram
 carregamos em nós a dor
 de cada um que vocês fizeram sofrer.
 Saibam vocês, nunca deixaremos de existir.
 Nós somos a existência que vocês jamais apagarão.

Encerramos de forma emocionante nosso encontro. Agradei e disse que talvez eu possa fazer uma pequena contribuição com meu trabalho. Mas que quero que ele saiba que tenho certeza absoluta que isso que vivemos juntos até aqui me transforma e me torna um homem melhor. E que bom que que outras pessoas possam encontrar homens como ele e que nós possamos ter outros homens que sejam transformadores na vida da gente. Encerrei dizendo que estávamos exatamente na hora que ele havia estabelecido e que não é um adeus, é um “até logo”, pois desejava profundamente que nos reencontrássemos.

2 DIÁRIO DE CAMPO TRANSPANDÊMICO DE JORGE, O GUERREIRO DOS AFETOS

2.1 PRIMEIROS CONTATOS

Em 18/07/2020 realizei o primeiro contato, através de uma rede social (Instagram) enviei a seguinte mensagem:

Boa tarde. Escrevo para fazer um convite e pedir auxílio. Seu contato foi indicado pela ANPTrans. Sou psicólogo e pesquisador em gênero e educação. Estou realizando uma pesquisa de mestrado em (auto) biografia e história de vida. Meus coautores de pesquisa são homens trans e transmasculines com formação em Psicologia que atuem na docência em cursos de graduação em Psicologia. Com a pandemia estou tendo dificuldades em acessar os sujeitos de pesquisa que colaborariam com meu estudo. Gostaria de saber se você aceitaria participar da produção dessa pesquisa. Além disso, solicito apoio no sentido de indicar profissionais com esse perfil de Psicólogo-docente para que eu possa realizar o convite para participação. Antecipadamente, agradeço imensamente.

A resposta de Jorge foi pouco tempo depois e ele escreveu o seguinte:

Oi, Luc, posso participar sim
 Não conheço tantos outros homens trans psi que sejam docentes, inclusive um dos poucos que conheço também sinalizou lá no grupo que poderia te passar o contato e acredito que *fulano*⁸² já mandou, é o *fulano*
 Mas se souber de outros que topem participar vou falando contigo
 Como será a pesquisa?

Enviei a seguinte resposta:

Oi, Jorge⁸³. Fico super feliz por ter aceitado o convite. Entrei em contato com **** também. Na segunda-feira e enviarei o convite oficial com algumas informações sobre o projeto e podemos marcar um dia e horário para conversarmos sobre como pretendo desenvolver a pesquisa. Ótimo final de semana e muitíssimo obrigado pela disponibilidade. Abraços.

Em 21 de Julho de 2020 enviei o primeiro e-mail para Jorge, formalizando o convite. O texto foi o seguinte:

Boa noite, Jorge:
 Estou enviando, em anexo, o convite formal para participação na pesquisa de mestrado, intitulada “PROFESSORES-PSICÓLOGOS (TRANS)FORMADORES: AUTONARRATIVAS DE MASCULINIDADES NÃO HEGEMÔNICAS DENTRO E FORA DO CIS-TEMA”⁸⁴. Além do

⁸² Suprimi os nomes, a fim de preservar a identidade dos citados.

⁸³ Neste momento, ele ainda não havia escolhido o pseudônimo para a produção dos relatos. Antecipo e uso o nome escolhido para preservar a identidade de Jorge.

⁸⁴ O título da pesquisa foi alterado após a qualificação do projeto de dissertação.

convite, estou enviando o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE), que solicito que seja enviado preenchido e assinado, e o Roteiro (Auto) Biográfico, acompanhado de algumas instruções.

Gostaria, se possível e se você achar necessário, de marcar com você uma conversa por vídeo chamada ou por áudio para conversarmos sobre suas impressões iniciais e para alguma orientação que precise. Fico à sua disposição para agendar o dia, hora e forma que ficar melhor para você.

Abraços.

Luc.

A resposta Jorge ao e-mail foi:

Luciano, perdão pela demora, consegui dar uma olhada com calma no e-mail. Podemos marcar uma vídeo chamada para próxima semana, o que acha? O melhor horário pra mim é a noite por volta das 19h, se você estiver livre na quarta podemos deixar marcado. Um abraço!

2.2 PRIMEIRO ENCONTRO

O encontro ocorreu no dia 29/07/2020, às 19h. Foi uma conversa de 1h20min, por videoconferência e não foi gravada. Nos apresentamos e falamos sobre nossas trajetórias de vida acadêmica. Ele faz doutorado na Psicologia no Rio Grande do Norte. Mora no estado de Alagoas. Trabalha com transmasculinidades na região nordeste e atualmente não trabalha na área da Psicologia (clínica ou docência). Foi demitido da faculdade onde lecionava durante a pandemia. Apenas quase 40 min de conversa, as questões especificamente sobre transmasculinidades surgiram e quase 1h depois sobre o processo e transição dele, em uma fala sobre um ex-terapeuta que é “bolsominion”. Foi um encontro interessante. Jorge tem trânsito em temas sobre gênero, masculinidades e transmasculinidades, atravessados por autores da Psicologia e da Filosofia.

Diferentemente de Caio, Jorge prefere que nossas trocas para a produção de narrativas sejam produzidas por escrito, através de cartas, trocadas em interlocução com suas pesquisas no doutorado. As cartas serão parte do diário de campo de sua pesquisa. Trocaremos E-mails com as narrativas e de tempos em tempos conversaremos por videoconferência.

Quando ele relatou sobre seu desejo de trocar cartas e que essas produções sejam atravessamentos em suas pesquisas no doutorado, recordei de uma disciplina que realizei em 2020, chamada “Seminário: O Cuidado de Si na formação

docente”⁸⁵. Nessa disciplina fomos convocados a escrever um relato autobiográfico, como exercício de cuidado de si. Acabei escrevendo uma carta, que chamei de “Carta Autobiotranspandêmica Para Além-Muros” (ANEXO E). Essa carta serviu como um dispositivo para as cartas que troquei com Jorge. As cartas trocadas entre nós também serão incluídas neste anexo, com a formatação original de cada uma, tanto as recebidas quanto as respondidas, em destaque para facilitar a identificação. Escolhi incluir as cartas por se tratarem de produções com um dispositivo específico e porque nossos registros serão também parte da tese de Jorge.

Jorge lança um desafio e faz uma convocação: É necessário que todos nós façamos um pacto, o de “bater na masculinidade”, lançando um olhar sobre esses espectros da masculinidade hegemônica que violenta todos os corpos.

2.3 PRIMEIRA CARTA DE JORGE

No dia 26/10/2020 recebi a primeira carta de Jorge, que incluo a seguir, acompanhada do seguinte e-mail:

Luc, tudo bem? Como está esse final de ano pandêmico?
Dei uma sumida, mas bem, consegui me organizar para te mandar o TCLE assinado e algumas colocações. Vamos nos falando, espero que esteja bem. Um abraço.

Oi, Luc, tudo bom?

Antes de tudo te peço desculpas pelo sumiço, muita coisa acontecendo para além da pandemia. Bom, nesse primeiro momento estou te enviando o TCLE assinado e aproveitar para falar um pouco sobre minha trajetória pessoal e acadêmica.

Você pediu para escolher um pseudônimo e decidi por “Jorge”, o motivo é pelo santo São Jorge, sincretizado com Ogum e Oxóssi na Umbanda a depender da região. Durante minha adolescência me afastei de práticas religiosas voltando recentemente a entrar em contato com a espiritualidade. Venho de uma família católica, mas atualmente me defino como umbandista e desde antes de entrar definitivamente na religião já sentia uma conexão com São Jorge, bem como com Ogum e Oxóssi, por esse motivo, escolho o pseudônimo.

No momento estou com 26 anos e basicamente em dedicação exclusiva ao doutorado, devido a pandemia, eu e outros professores fomos demitidos da instituição de ensino.

A escolha pela graduação em Psicologia foi um tanto aleatória, eu sabia que independente da graduação queria seguir uma carreira acadêmica, cheguei a ingressar na faculdade de música após passar no vestibular para Psicologia. Na época, a dúvida era entre Filosofia, Sociologia, Direito, Psicologia ou Música. Minha mãe queria demais que eu fizesse Direito e até cogitei, mas na época, uma prima advogada me falou que até para ir em congressos haviam roupas específicas para estudantes de Direito e aquilo me apavorou. Já

⁸⁵ Disciplina ofertada pelo Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGE) da Universidade Federal de Santa Maria (UFSM), ofertado para mestrado e doutorado e ministrada pelos professores: Valeska Fortes de Oliveira (UFSM) Tânia Micheline Miorando (UFSM) e José Aparecido Celório (UEM).

tinha um tempo que não usava “roupas femininas”, só de pensar em usar saia já desisti da graduação. A transexualidade já existia ali, mas ainda era imaturo e não tinha condições de me afirmar enquanto pessoa trans, desse modo acabou sobrando pra Psicologia, pois as outras graduações foram substituídas pelo vestibular de música na universidade federal. Direito e Psicologia eram escolhas para instituições privadas. Acabei trancando a faculdade de Música um tempo depois, o deslocamento para Maceió impossibilitava de estudar de manhã em uma faculdade e à noite na outra. Eu era ansioso demais, não estava conseguindo ter o tempo de prática necessário para os instrumentos e acabei escolhendo Psicologia por entender que me daria um leque maior de pesquisa. Ainda pretendo voltar a estudar música, mas não sei se será como graduação.

Na graduação, busquei apresentar trabalhos em congressos e etc para poder ter um currículo legal quando fosse tentar o mestrado, e como sempre tive interesses para além de uma prática psicológica mais redonda como consultório, por exemplo, acabei ingressando num mestrado interdisciplinar, até por conta do meu objeto de pesquisa: o audiovisual.

Durante a graduação não tive muitas questões, pelo menos como aluno, mas em relação a questões de gênero e orientação sexual rolavam alguns conflitos. “Não era” homem trans até então, mas me identificava como uma mulher lésbica, então basicamente já havia ali a identidade LGBT, quase sempre que o assunto emergia era aquele fuzuê em que todo mundo esperava que eu dissesse alguma coisa. Um momento muito engraçado foi durante a disciplina de psicopatologia, numa das primeiras aulas. Alguns colegas evangélicos tentaram uma justificativa para qualificar a homossexualidade como um transtorno mental, ficavam olhando pra mim, numa certa provocação e eu calado, pois a professora estava extremamente tranquila explicando que se uma mãe tinha problema com a homossexualidade do filho, o problema estava na mãe e não no filho, mas eles continuavam “professora, mas a senhora está dizendo que se uma condição causa um problema ou sofrimento é doença mental!”, e ela calmamente “mas o sofrimento não decorre de algo que gere um problema para o filho, gera pelo preconceito dela, por isso ela quem precisa de ajuda”, então eles olhavam para mim, acho que esperavam que eu me estressasse ou sei lá o quê, foram quase 40 minutos desse lenga-lenga, até que a professora indiretamente mandou eles se tratarem. Essa professora era maravilhosa, não por isso, mas pela didática e tranquilidade dela, fiquei triste pelos alunos que não tiveram aula com ela quando soube que saiu da instituição para terminar o mestrado, o professor que a substituiu em Psicopatologia é péssimo. Fico pensando o tanto de professoras excelentes que tive e não estavam em cargos de chefia, enquanto professores medíocres estavam nas posições de coordenação.

A questão da transexualidade pouco era falada, a discussão de gênero era bem fraca na realidade, quando eu saí da graduação e fui para o mestrado na mesma instituição a coisa mudou de figura. A discussão começava a ficar quente, especialmente sobre pessoas trans, intersecções, se como graduando esse assunto pouco me atravessou, como mestrando quase todo mês haviam rodas de conversa, cheguei a produzir oficinas na instituição. Eu não pesquisava sobre pessoas trans, mas como pesquisador na área de gênero e masculinidades juntava minha experiência pessoal e acadêmica em diversos momentos.

Bom, basicamente essas são algumas questões mais gerais, o que te chamar atenção a gente pode ir conversando, é um início, para não acabar respondendo tudo de uma vez. Vamos nos falando, um abraço.

2.3.1 PRIMEIRA CARTA EM RESPOSTA A JORGE

Quando recebi a primeira carta, respondi por e-mail, em 26/10/2020:

Oi, Jorge. Coisa boa receber teu contato e saber que está bem. Por aqui, a conhecida loucura pandêmica, que virtualiza as experiências tanto quanto virtualiza as relações. Mas vamos resistindo no afeto e no café. Vou ler com cuidado e carinho tua carta e em breve te respondo e vamos conversando. Obrigado! Abração,
Luc.

A resposta à primeira carta ocorreu em 26/10/2021 e foi enviada em 29/10/2020, acompanhada do seguinte e-mail:

Oi, Jorge! Espero que esteja tudo bem contigo. Por aqui tudo dentro do (a)normal. Estou enviando a resposta à tua primeira carta. Espero que esteja sendo uma boa experiência. Sigamos firmes! Abração!!
Luc

Santa Maria, 26 de outubro de 2020.

Olá, Jorge!

Fico feliz com sua carta. Já começo me desculpando pela demora em responder sua primeira carta. Estamos vivendo, pelos meus cálculos, o oitavo mês deste ano pandêmico e às vezes a vida acaba nos atropelando com suas demandas, regras e exigências. E as demandas acabam tendo uma carga extra: viver atendendo aos protocolos sanitários e de biossegurança. São tempos às vezes um pouco tristes para bons encontros. Talvez estejamos um pouco ressentidos pelas ausências e queiramos de toda forma manter o contato (e isso poderia explicar a demora também, talvez). Mas seguimos resistindo. Aliás, Jorge, o da Capadócia, é o santo guerreiro que nos protege de todo mal, quando andamos vestidos e munidos das armas dele. E nestes tempos pandêmicos, como se não bastasse tudo o que urge dar conta diariamente, precisamos vestir uma armadura de máscaras, álcool gel e alguns afetos (porque senão a gente não aguenta).

Essa conexão com a espiritualidade que você relata é bonita e necessária para que possamos também nos reconectarmos conosco, né? Lembro da etimologia da palavra religião, dada por Lactâncio, o conceito de “religare”, trazendo essa noção de sentimento que religa os seres humanos entre si e, em última instância, com a divindade. Estamos vivendo um tempo de ressignificar nossas ligações com a

realidade, com as pessoas e com o mundo. E sinto um pouco isso pelo que você escreve. Gostaria de saber mais o que você pensa sobre esse movimento, se podemos chamar assim, de *relegare* consigo e com os outros.

Vejo um ecletismo rico e bonito quando você fala sobre suas inclinações profissionais e, que vai da Filosofia à arte. E pensei que talvez sua escolha pela Psicologia tenha se dado por essa possibilidade de junção de justiça, questões sociais, arte e filosofia. Uma boa armadura para essas batalhas cotidianas. E salve Jorge!

Você comentou que sua mãe queria que você se formasse em Direito. E de alguma forma era um desejo seu também. Fiquei querendo saber mais sobre sua vida, como foram feitas suas escolhas até aqui. Gostaria de me contar alguns fatos marcantes da sua vida, eventos ou situações que deixaram registros de quem você é hoje?

Me chamou a atenção os motivos pela desistência da faculdade de direito. Quando nossa vida não cabe nas roupas com as quais nos vestem, não adianta. Pode ser assustador viver nossa verdade, não é mesmo? Mas é libertador também. Principalmente quando encontramos a roupa certa para nossa existência. E mais uma vez, salve Jorge!

Achei bem impressionante o relato que você fez sobre seus colegas da Psicologia, na graduação, sobre as questões relacionadas à gênero, em especial à orientação sexual homossexual. Como foi seu acesso às questões de identidade de gênero e à transexualidade? Eu gostaria de saber um pouco mais sobre as oficinas que produziu na época do mestrado. Poderia me contar mais sobre isso?

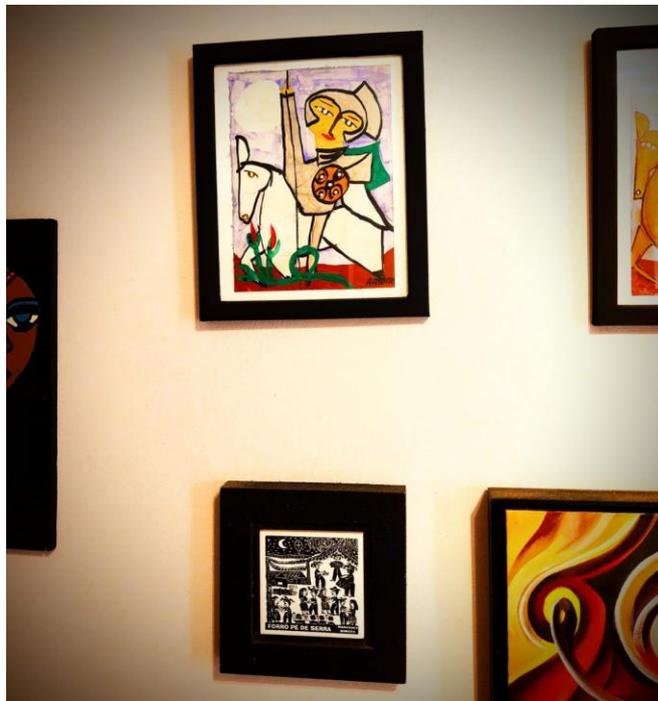
Ler sua carta me desperta muitas questões. É bastante interessante a expressão “‘*não era*’ homem trans até então” e você afirmou que nessa época se identificava como uma mulher lésbica. Quando você percebeu ‘*que era*’ um homem trans? Gostaria de saber mais um pouco sobre como foi ou está sendo o processo de transição, quando começou e quais são as principais dificuldades encontradas no processo?

Agradeço imensamente pelo nosso encontro e ainda ficam pulando na minha cabeça muitas questões. Mas, como você mesmo parece sugerir, vamos aos poucos para não responder tudo de uma vez. Fique super à vontade para escrever o que

seu coração mandar. Me despeço com a parte da oração de São Jorge que eu mais gosto:

*Eu andarei vestido e armado com as armas de São Jorge
Para que meus inimigos, tendo pés não me alcancem,
Tendo mãos não me peguem,
Tendo olhos não me vejam,
E nem em pensamentos eles possam me fazer mal.*

Compartilho com você uma imagem que decora (e protege?) minha casa. É uma gravura que me acompanha há muitos anos e é de autoria de um artista plástico gaúcho chamado Arturo.



Que esse Jorge prateado, de escudo em riste, nos proteja.

Com um abraço fraterno,

Luc.

2.4 SEGUNDA CARTA DE JORGE

A segunda correspondência de Jorge chegou em 26/01/2021, em resposta à minha carta de outubro de 2020 (exatos três meses). Ela veio acompanhada do seguinte e-mail: “Olá, meu querido, segue a resposta a tua carta. Um abraço!!”

Marechal Deodoro, 26 de Janeiro de 2021

Oi, Luc, como está? Veja só, pela data de nossas cartas fazem exatos 3 meses que não nos falamos. Bom, muita coisa aconteceu (e continua acontecendo). Abri meu consultório de Psicologia, demandas de saúde de familiares e demandas da vida mesmo, mas sem dúvida, todas essas coisas que me pressionaram me fizeram refletir e me reconectar comigo mesmo, especialmente nesse início de 2021. A pandemia deixou muito claro para mim a importância do cuidado com o outro, mas essencialmente o cuidado consigo mesmo, e aceitar quando o outro tem o próprio processo de se expor e de aceitar ou não as situações como elas são. A espiritualidade teve papel importante nisso, encontrar esse equilíbrio entre doar energia e usá-la comigo mesmo. Okê arô, Oxóssi.

Acho que um fato marcante, que foi um ponto de inflexão para que eu me apresentasse enquanto Jorge, foi o meu divórcio. Após quase 4 anos com uma moça que tinha muita dificuldade em aceitar minha transgeneridade, acabamos de uma forma bem dolorosa, a partir dali entendi que era necessário que eu fosse radical no sentido de não abrir mão de mim, de quem eu era/sou. Isso fez com que dali em diante só me relacionasse com quem entendia o ônus e o bônus, é claro, de estar comigo.

O divórcio coincidiu com o fim da graduação e início do mestrado. Iniciei o mestrado ainda me apresentando com uma identidade feminina, apesar de já estar tudo muito claro sobre a necessidade das mudanças, coisa que sabia desde sempre, mas que, por haver uma certa zona de conforto em ser aceito socialmente como uma “mulher lésbica”, eu ia deixando de lado, até que o divórcio me fez entender que não dava mais, que eu precisava me fortalecer emocionalmente e encarar o que viria. A maior dificuldade de todas foi minha mãe, ela insistia que aceitava e respeitava, mas foram brigas e mais brigas até que tudo ficasse mais tranquilo.

Ao mesmo tempo, no mestrado, encontrei colegas que encaparam essa “viagem” comigo, uma delas, foi fundamental para o processo da construção de oficinas e momentos onde discutíamos gênero e sexualidade. A maioria em formato de roda de conversa mesmo,

com alunos de diversos lugares da graduação. Acho que o momento mais legal do mestrado foi justamente quando fizemos um mutirão de retificação de registro de pessoas trans. Aquilo valeu uma pesquisa inteira.

Hoje, tenho me sentido cada vez mais confortável para lidar com a vida e todas as situações que se apresentam. A transexualidade não é uma questão, afinal, não fui eu quem dei nome aos bois, ou criei a ideia de gênero binários, muito menos, defini o que é transgeneridade. Estou aqui para aproveitar a experiência. Com a benção de São Jorge, não há inimigo que me alcance.

Gratidão pela imagem da gravura, achei um desenho cuidadoso e delicado, e por algum motivo me lembrou o nordeste. Que a força das matas nos abençoe.

Um abraço,
Jorge.

2.4.1 SEGUNDA CARTA EM RESPOSTA A JORGE

No dia 02/03/2021 enviei a resposta à segunda carta, acompanhada do seguinte texto:

Jorge!
Espero que te encontres bem quando receber esta carta. Apesar do delay, envio uma resposta com algumas reflexões e afetos que quero compartilhar contigo.
Abraço fraterno
Luc

Santa Maria, 01 de março de 2021.

Olá, Jorge!

Receber sua carta mais uma vez me enche de alegria. Novamente me desculpo pela demora em responder. Parece que temos um *delay* longo. Mas atribuo isto às demandas da vida e à necessidade de elaborar tudo o que vivemos. Ou talvez seja só o tempo da criação, o tempo Kairós, que se ergue contra o tempo Kronos, o tempo do relógio, tão nefasto e perverso neste sem-fim pandêmico.

Sua carta anterior chegou a mim em 27 de janeiro de 2021. Este dia é bastante emblemático para mim. Relembramos, tristemente, oito anos de uma tragédia ocorrida na minha cidade, o incêndio na Boate Kiss, que ceifou 245 vidas e deixou marcas indelévels em 245 famílias. Exatamente hoje, vivemos outra tragédia, mais lenta e tão letal quanto. O número de vítimas fatais de COVID 19 no dia 27,

aqui na cidade, foi de 191 pessoas. E hoje, 01 de Março, chegamos à marca de 253, maior que a tragédia da Boate e que deixará marcas indeléveis nos corações de tantas famílias. Lembrei da música “Dedo na ferida”, de autoria do rapper e poeta Emicida: “Ainda vivemos como nossos pais, Elis / Quanto vale uma vida humana, me diz?” Li e reli sua carta algumas vezes. Ensaiei respostas, mas algumas palavras insistiam em não sair. Isso me fez pensar nos processos de cada um, que você falou, e em aceitar (ou não) as situações como elas são.

Peço desculpas por começar de forma tão melancólica esta carta, com esses números assustadores. Mas nossas vidas são afetadas por isso também e nessas horas recorremos à força da espada de São Jorge, lembrando da sua espiritualidade tão bonita e necessária. A partir do que você falou sobre a pandemia ter deixado claro para você a importância do cuidado com o outro e consigo mesmo, senti-me autorizado a compartilhar essas percepções. Que São Jorge Guerreiro nos proteja!

O que me motiva a trazer esse recorte da realidade que vivo é o que você fala sobre suas percepções neste início de 2021. Os três meses que separaram nossa primeira carta da segunda e os quase dois que separam a segunda da terceira foram o tempo de pensar e de viver. Pensar no que vivemos e viver o que pensamos. Fico feliz por você estar trabalhando no consultório e refletindo sobre suas demandas de vida. As pessoas precisam, cada vez mais, do acolhimento e da escuta atenta e sensível que você pode oferecer.

Que intenso e bonito o que você fala sobre a construção de sua identidade, marcada pelo seu divórcio. Quando fala de radicalidade e a não abrir mão de você e do que você é, me remete a pensar no seu processo formativo como psicólogo. E agora, aproveitando sua (re?) entrada no consultório, gostaria de saber mais sobre sua trajetória como Psicólogo e de que forma as questões de identidade de gênero afetaram sua formação profissional.

Quando você falou sobre seu processo de construção e identidade, momento em que coincidem o divórcio, a conclusão da graduação e o ingresso no mestrado, fiquei pensando sobre sair do armário significar sair da zona de conforto. Embora, como canta Zeca Baleiro, na música Armário, “dentro do armário / só tem bolor e naftalina” e que fora “é que tem / calor e adrenalina”, para muitas pessoas, cis e trans, o armário é a única possibilidade de existência. Você relata como um momento de libertação (e que bonito isso!). Linda a maneira que relata seu percurso

como uma “viagem”, na qual você teve companhia de colegas. Isto me suscita algumas questões.

Gostaria de saber um pouco sobre sua trajetória profissional como professor, como é seu cotidiano e o que lhe mobilizou a ser docente. Fiquei pensando, especificamente, em como você se define enquanto professor, homem e psicólogo e como a comunidade acadêmica reconhece sua identidade. Pelo que você fala, tencionou essas questões de gênero no ambiente acadêmico desde a sua formação inicial, como você trabalha essas questões em sala de aula? Você percebe se há uma desconstrução das masculinidades frente ao reconhecimento de um corpo transmasculino na docência?

Tenho muitas questões e é sempre instigante e desafiador receber suas cartas. Desejo profundamente que você continue bem e que não haja inimigos que lhe alcancem, com a bênção de São Jorge. Encerro esta carta com um ditado iorubá que abre o documentário “AmarElo: É tudo para ontem” (que se você não assistiu, assista! É lindo demais!), narrado por Emicida: “Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que só jogou hoje”. Na mitologia iorubá, Exu é o último orixá e o primeiro humano, ele representa o movimento, muda a lógica do tempo, reinventa a memória e ressignifica o passado. Ele é mensageiro de orum e nos ensina que podemos reinventar sempre. Afeto é para ontem, respeito é para ontem, acolhimento é para ontem, abraço é para ontem, encontro é para ontem, vacina é para ontem! Sigamos reinventando nossas existências!

Um abraço!

Luc

2.5 TERCEIRA CARTA DE JORGE

No dia 07/04/2021 recebi a terceira carta de Jorge, acompanhada do seguinte e-mail: “Meu querido, desejo que você e os seus estejam bem, segue a resposta para a sua carta. Um abraço!!!”

Luc,

Exu matou um pássaro ontem com uma pedra que atirou hoje. Laroiê, Exu. Senhor dos caminhos, pai do meu orí, o malandro na encruzilhada. Exu é irmão de Ogum que é também irmão de Oxóssi. Escutando o Benzina essa semana, num podcast sobre Oxóssi, falaram sobre como a partir dos erros os Orixás se tornaram Orixás. Nesses tempos que nos exigem tanta certeza, tanta capacidade de superar situações, não temos escutado o que os erros têm a nos ensinar. Seguimos errando no combate a pandemia, seguimos errando no respeito às normas sanitárias que poderiam ter evitado a tragédia da boate Kiss, seguimos errando em permitir que empresários furem fila da vacina, seguimos errando atribuindo uma culpa a um povo que não tem o poder da caneta, seguimos errando e estamos voltando ao mapa da fome após 17 anos.

Não sei quando aprenderemos com os erros. Mas então me lembro de Exu, aquele que assegura a energia karmica. Que a cada um seja dado de acordo com o seu merecimento. E que nos cuidemos. São mais de 4 mil pessoas morrendo todos os dias, uma incerteza sobre o futuro e nada que nos dê alguma segurança. Não há como não ficar triste.

Isso diz inclusive do modo como me coloco hoje na clínica e sempre me coloquei na Psicologia, é preciso se posicionar, é preciso se atentar a alguns fatos e construir perspectivas a partir deles. Tive recentemente uma discussão com minha mãe sobre a ideia do terapeuta como um espelho neutro na clínica, um terapeuta que não pontua, por exemplo, que uma pessoa está passando por uma situação de violência doméstica, ela dizia que é necessário que a pessoa chegue a essa conclusão sozinha, enquanto claramente discordo, algumas estruturas psíquicas não dão conta em determinados casos de violência, e acredito que como terapeuta é necessário trazer isso para que o outro não mergulhe mais ainda numa situação de abuso. Sinto que não foi à toa o contato com a esquizoanálise, algo me inquietava nessa coisa do terapeuta que não tem opiniões, mas é óbvio que todo mundo tem alguma opinião sobre as coisas, ninguém está no consultório isento de analisar as questões sob sua própria perspectiva, e em realidade foi assim que as teorias psicológicas alçaram aos ideais de poder como ciência neutra que define o outro. Sempre que alguém fala “não cabe mais preconceito na Psicologia” gosto de rebater que só não haverá mais preconceito quando a Psicologia tocar em todas as suas feridas históricas e assumir o compromisso ético-político de combater opressões. A única coisa neutra é sabão.

Nesse sentido, a docência caminha no mesmo processo, é chamar a atenção dos alunos para esse processo ético-político necessário da Psicologia, não sei se há necessariamente uma desconstrução das masculinidades frente a um corpo transmasculino, pois é um corpo que ainda expressa algum nível de masculinidade hegemônica, e essa encruzilhada criada pela cisnormatividade permite no máximo que criemos rasuras, provoquemos tensões, e modos de fazer isso é, inclusive, debatendo a importância do posicionamento, desconstruindo a ideia de um terapeuta sabe tudo, do terapeuta que pode dizer sobre o outro até mais do que ele mesmo, porque isso se conecta com as ideias de masculinidade, é a masculinidade hegemônica quem aponta o que o outro é, para onde o outro poder ir, como ele deve se portar, talvez não seja a toa que os teóricos mais lidos da Psicologia sejam homens, e que eles digam tanto sobre os outros e quase nada sobre si mesmos. Afinal, o problema do Édipo resvala na mãe não é mesmo?

Lembro numa certa aula, quando havia chegado naquele semestre numa universidade, uma aluna do 7º período me disse “professor, pela primeira vez no curso eu consigo enxergar um caminho na Psicologia”. Sem romantismos, sem aquela coisa do professor super-herói, ou de um senhor sabedor que tem o “dom” de ensinar, a fala dela dizia sobre o debate estar situado na neutralidade, e olhe que os colegas que lá trabalhavam, alguns tinham pensamentos muito similares aos meus, mas nem sempre conseguiam produzir determinados tensionamentos, como, certa vez, produzi seminários com temas diversos e um deles era

debater sobre masculinidade. Sempre tem um seminário pra falar de gênero, de mulher, de LGBT, e aí eu fico “tá bom, mas quando é a que a gente debate o que é ser homem?”. Então essas tensões não ficam somente no debate teórico, mas é a minha posição enquanto psicólogo, e ela é demarcada, não significa por isso que minha base teórica não possua respaldo do fazer científico, assumir uma posição não é anti-ciência, pelo contrário, é não esquecer que sempre a ciência esteve situada e não há nada mais honesto na construção do saber que delimitar as próprias posições, isso dá fôlego à produção do conhecimento.

Percebo também que isso fala sobre autocuidado, pois nos protege nesse jogo que é a produção científica de assumirmos uma postura que não diz sobre nós, e nos dá segurança para os confrontos em bancas da vida. Tudo é pra ontem, mas talvez a pandemia tenha ensinado a importância de parar, escutar e aceitar o próprio ritmo. No jogo do tudo é pra ontem da academia, desejo que você consiga encontrar o seu tempo na produção do conhecimento para se sentir satisfeito com aquilo que vai produzir, que você possa mastigar tua escrita, sentir o sabor das palavras e temperar bem teus conceitos. Vejo muita gente se sentindo mal pensando “mas e se eu morrer amanhã, o que deixei? Eu preciso deixar alguma coisa”. Hoje uma prima respondeu a um comentário meu em uma foto dela dizendo “que saudade da tua leveza”, pois penso que não há alegria maior que deixar isso, saber que ao se lembrar de você, pessoas esquecerão o coração lembrando da sua leveza. Calvino diz que a leveza na escrita deve ser como a leveza de um pássaro e não como a de uma pluma, pois o pássaro sabe para onde vai, a pluma é maleada pelas artimanhas do vento, te desejo a leveza de Calvino nessa reta final de dissertação.

Luiz Antônio Simas tem dito que a melhor resistência contra esse governo que exalta a morte é viver, pois decido que vivo, como homem trans, como psicólogo, como professor, como pesquisador, como escritor, como filho, como tio, como amante e que se mesmo estiver morto, continuo vivo para lembrar que ser homem também pode ser leve, a leveza de Calvino, a leveza de um pássaro, o pássaro que Exu matou ontem com uma pedra que jogou hoje. Viverei com Exu nas encruzilhadas, terreirizando a vida. Como diz uma música de Alcione “Aruanda chamou, eu virei orixá, cavaleiro de Oxalá, hoje eu sou defensor, guardião do luar, sou São Jorge, Ogum Beira-Mar”.

Abraços, Jorge.

2.5.1 TERCEIRA CARTA EM RESPOSTA A JORGE

Essa carta não teve uma resposta terminada. Comecei a escrever algumas palavras, a partir do que ele despertou em mim, mas nunca cheguei a enviar a carta. Tornou-se uma carta-fantasma a ninguém, uma carta errática, desgarrada e inconclusa. Talvez resultado de tudo o que abandonamos nesses meses todos sem olhares na presença e sem abraços. O resultado foi apenas este:

Santa Maria, 07 de Abril de 2021.

Olá, Jorge!

Mais uma vez feliz em receber sua carta. Olha que grande coincidência: eu recebi li sua carta enquanto ouvia uma música, aleatoriamente, numa dessas *playlist* de plataforma de streaming. Confesso que eu não conhecia a música, mas logo nome e no primeiro verso me chamou a atenção.

Bluesman é um disco do *rapper* Baco Exu do Blues, lançado em novembro de 2018. Entre os pensadores contemporâneos que estão usando o rap brasileiro como veículo de transformação social, o nome de Baco Exu do Blues se destaca. *Bluesman* vem confirmar o seu talento e deixar evidentes as pautas políticas e sociais que promove.

A partir de agora considero tudo blues
 O samba é blues, o rock é blues, o jazz é blues
 O funk é blues, o soul é blues
 Eu sou Exu do Blues
 Tudo que quando era preto era do demônio
 E depois virou branco e foi aceito eu vou chamar de blues
 É isso, entenda
 Jesus é blues

[...]

No mesmo dia 07 de abril, à noite, entramos em contato por uma rede social, nosso principal contato além dos e-mails. Jorge me informou que havia enviado a resposta da carta, conversamos um pouco e ele se disponibilizou para uma conversa por videoconferência, a fim de concluirmos a produção das narrativas através de cartas e fazermos um fechamento e avaliação do processo.

Fiquei super feliz, eu estava indo fazer uma corrida ao ar livre, uma das poucas coisas que ainda produziam saúde mental nestes tempos, e a resposta dele me deixou animado e cheio de ideias para essa conversa. O encontro foi marcado para o dia 10/04/2021, um sábado, às 20h30min. Todo mundo espera alguma coisa de um sábado à noite. Eu esperava que fosse um bom encontro.

2.6 ÚLTIMO ENCONTRO VIRTUAL: Carta Audiovisual Pandêmica

Combinei com Jorge que nosso encontro de encerramento seria no sábado, dia 10/04/21, às 20h30. Ele desmarcou poucos minutos antes do encontro, pois teve um imprevisto. Reagendamos para o dia 12/04/21, às 20h30. Pensei em contextualizar a carta através da questão do olhar, da necessidade do encontro visual. Falamos no encontro sobre essas questões, mas indiretamente. Algumas coisas são compreendidas pelo olhar e não precisamos de muitas palavras ditas. A carta que pensei em enviar antes do encontro, seria uma carta de agradecimento, após o encontro desse dia, com algumas impressões que sentir necessário registrar. Assim, a resposta à carta poderia ser uma “carta de encerramento”. Nossas trocas, entretanto, no encontro virtual foram intensas a ponto de não ser necessário.

Retomei algumas questões que ele trouxe na última carta e os dois últimos eixos do roteiro de entrevista. Não retomei as questões que ele tangenciou, mas deixei o registro na análise que as questões foram feitas e não foram respondidas ou foram respondidas de forma evasiva, o que me fez pensar que alguns temas não eram importantes para Jorge e a ideia era propor a narrativa a ser produzida, não a direcionar ou cerceá-la.

2.6.1 QUESTÕES RETOMADAS DA ÚLTIMA CARTA:

1) O que os erros têm a nos ensinar? O que os erros te ensinaram?

2) Uma questão que sempre é um tanto incômoda quando estamos pensando na formação do Psicólogo, e isso acho que tu podes falar por duas vias, a de psicólogo e de professor, é a imagem de psicólogo que se constrói na academia. A imagem da profissão e do profissional assépticos, essa neutralidade científica parece ser algo que tu reconheces que é impossível. Gostaria que tu falasses um pouco mais sobre o teu posicionamento, principalmente a partir do encontro com a esquizoanálise.

3) Questões do final do questionário:

a. EIXO VII – REALIDADE SOCIAL DE HOMENS TRANS E TRANSMASCULINES NO BRASIL: A DOR E A DELÍCIA DE SER QUEM SE É

i. Você percebe diferenças de inserção e permanência de homens trans/transhomens/transmasculines docentes em relação a mulheres trans?

ii. Como você percebe a LGBTfobia em sua comunidade acadêmica? De que forma ela é enfrentada institucionalmente?

b. EIXO VIII – SONHOS, DESEJOS E EXPECTATIVAS SOBRE O FUTURO: O QUE EU QUERO DAQUI PARA FRENTE

i. O que você deseja ou como imagina o futuro da profissão docente em Psicologia?

ii. Quais são as maiores brechas nos estudos atuais sobre transmasculinidades?

iii. Que conselhos você daria para as pessoas cisgêneras com relação às questões relacionadas às transmasculinidades?

2.6.2 ENVIO DA TRANSCRIÇÃO

No dia 11/05/21 enviei a transcrição da última entrevista, ocorrida no dia 12/04/21, acompanhada da seguinte mensagem:

Olá, Jorge. Estou enviando a transcrição do nosso último encontro online. Por favor, caso tenha alterações ou sugestões, entra em contato. Abraço e mais uma vez muito obrigado!

Ele respondeu ao e-mail no dia 17/05/21 com a seguinte mensagem: “Oi, Luc! Pode deixar, essa semana dou uma lida com calma e te retorno. Abraços!!!” Alguns dias depois recebi uma resposta informando que não desejava fazer nenhuma alteração e dei início à análise das narrativas produzidas com Jorge.

ANEXO E – CARTA-DISPOSITIVO

CARTA AUTOBIOTRASPANDÊMICA PARA ALÉM-MUROS

Algum Lugar perto do paralelo 30 S, centésimo trigésimo nono dia do segundo milésimo vigésimo ano gregoriano.

A quem possa interessar:

Agora são 7h 40min. Despertei de uma noite meio inquieta, inundada pelo submundo onírico que conheço pouco e que está sempre aqui. Para registrar, hoje é dia dezoito (jamais começaria a escrever no dia dezessete. 17 NUN-CA!) e estou afastado do mundo que chamava de "real" há sessenta dias. Exatos ses-sen-ta dias. Dois meses que o caos de fora invadiu o caos de dentro e tornou tudo uma massa amorfa de devir dividida em fases. Já vivi quase todas elas: exercícios, meditação, superprodutividade, total improdutividade, álcool gel, álcool 14% (vinho, néctar para bacantes), álcool 27% (a boa tequila. Arriba!), álcool 70% (para higienizar até a alma), contaminação, descontaminação, desencanto, cansaço, paranoia, choro, lamento, adaptação e resignação.

Hoje acordei ouvindo Gaby Moreno, uma guatemalteca de voz Linda que descobri na trilha sonora de uma das séries maratonadas, numa dessas noites insones e mornas. Na minha cabeça ela cantava Quizás, Quizás, Quizás... *"Siempre que te pregunto / que quando, como y donde / tu siempre me respondes / Quizás, Quizás, Quizás // Y así pasan Los días / y yo desesperado, / y Tú, Tú contestando / Quizás, Quizás, Quizás"*. E assim passam os dias, cheios de talvez. Estou abandonado definitivamente em minha latinidade. Porque minhas visceras em tempos de pandemia são, mais do que nunca, do extremo do sul do equador. *Hasta quando, hasta quando?*

Sai da cama para fazer o que tenho feito há sessenta dias: preparar chá para beber com meus fantasmas. Hoje foi de hibiscos e anis. Levemente amargo, cítrico ou umami, o sexto gosto que sentimos. Assim como o termo "pandemia" ressignifica o modo de existir no mundo, "Umami", termo que descobri esses dias, deu novo sentido ao paladar. Enquanto a casa era invadida pelo cheiro floral do chá, remexi nos bolsos do roupão puído e achei uma pequena fibra de juta. Era do tapete da porta, esgarçado pelo tempo em que havia entra e sai frenético. Larguei ao lado de uma pequena pirâmide de quartzo rosa. Essa peça, confesso que bem cafona, ficava na casa dos meus pais, sobre uma mesa de centro de mogno envernizado e tampo de vidro, nos idos anos de 1990. Tenho apego a memórias que os outros descartam. Com essa pirâmide foi assim. Da mesma forma aconteceu com as antigas molduras que adornam a parede do corredor que leva aos quartos, algumas louças, fotografias, um telégrafo e o velho relógio-cuco dos meus bisavôs. Lá estão eternizadas as histórias daqueles que me são caros. Histórias que tomei para mim e hoje contam a minha história. Ou pelo menos a história que eu gostaria de contar.

Queria ter discos de vinil para colocar na vitrola antiga que só serve de aparador na sala. Queria ouvir a voz rouca, densa e melancólica de Chavela Vargas, La Llorona: "*Yo soy como el chile verde, Llorona / Picante pero sabroso!*" Um arremedo de *vintage* que forjo para manter (ou plantar) memórias. Me alimento de memórias e do pão que insisto bravamente em aprender a fazer. Sessenta dias tentando aprender a produzir um pão decente. Sessenta dias arrastando o chinelo pela casa cada vez menor, vestindo o velho roupão todas as manhãs e tirando memórias dos bolsos. Hoje tirei uma foto de infância. Eu devia ter dois anos. Nela, caminhava pela calçada, próximo à antiga casa onde vivia, um sobrado com uma grande varanda ornada com quatro colunas jônicas. Na foto, eu era guiado pela mão por minha mãe. Ela usava um vestido azul rodado, com gola bordada, estampado de *petit pois* brancos bem miúdos e ostentava uma barriga linda de cinco ou seis meses. Era meu irmão. Meu rosto era iluminado por um sorriso orgulhoso da minha mãe auxiliando-me a dar os primeiros passos na vida. E meu olhar parecia um misto de temor e alegria pelo mundo novo que aparecia diante de mim. Era verão e eu usava short e sandálias. Quase consegui sentir o calor daquele dia. Ilusão, é claro.

Restam-me memórias, receitas de pão, algumas folhas para um chá, alguns livros não lidos, filmes não vistos e conexões com o mundo exterior impedidas pelo sinal fraco wi-fi ou pelo sinal forte do cosmo. A sabedoria do universo às vezes ajuda a impedir o acesso daquilo que queremos bloquear. Aderi aos cancelamentos. Cancelei tanta gente, tantos programas de TV, sites de compra, videochamadas, vídeos de dicas, tutoriais, canais e perfis ensinando-me a "ser" que restam vários silêncios, fissuras e buracos. De tudo o que falta, fica evidente apenas o excesso de conexão. Fiz todos os planos para não enlouquecer (só não previ que buscar sanidade poderia ser enlouquecedor e que a loucura é filha da vida). Montei tabelas e listas de atividades (*hashtag-obsessivo*); marquei na agenda todas as aulas ao vivo de yoga (*hashtag-mente-sã*); fiz muitas *selfies*: com o bolo de chocolate ou orgulhosamente abraçado no que tinha preparado para o jantar para dois, porque enfrentar esse momento sozinho "é osso" (*hashtag-na-cozinha*); *selfie* de antes e depois dos cabelos cortados em frente ao espelho embaçado do banheiro (*hashtag-faça-em-casa*); *selfie* de máscara (*hashtag-fique-em-casa*); distribuí estrategicamente álcool gel em todos os cantos e higienizei tudo e todos que ultrapassavam a barreira de descontaminação da soleira da porta, marcada com uma linha imaginária (*hashtag-higienizado*); programei para assistir dezenas de *Lives* (*hashtag-conectado*); fiz inscrições em cursos online (*hashtag-atualizado*); programei aulas não-presenciais e reuniões à distância (*hashtag-produtivo*); dei print das salas de conversa com amigos (*hashtag-rolê-de-sábado*); segui notícias na TV dias inteiros (*hashtag-informação24h*); ri das Fake News no Twitter do Presidente da República (*hashtag-não-me-representa*); indignei-me com declarações verdadeiras que

deixariam envergonhado o mais veemente genocida (*hashtag-higieniza-Brasil*). Nenhuma *selfie* de sucesso foi publicada, muitas aulas não foram assistidas, não participei das aulas de yoga, não segui as Lives da blogueira *fitness*, não fiz dieta, não colorir a barba de azul, não concluí os cursos online, das poucas *Lives* que assisti, um número ainda menor assisti até o final. Não comentei sobre política com quase ninguém. Silenciei e aceitei sem culpa a possibilidade real de fracassar. Tive um *bug* de acessos

Diariamente tenho feito o mesmo ritual: na hora marcada, abandono o roupão, visto uma roupa apresentável, passo um café bem aromático, queimo um incenso de alfazema, afofo as almofadas da sala de estar, ajusto a LUZ, escovo os dentes, alinho os cabelos e a barba e tento aparentar normalidade. Quase sempre é uma grande e necessária *mise-en-scène*. O moletom e o chinelo com meias escondidos do foco da câmera denunciam que nada é normal agora e que tenho que aceitar o olhar do outro sobre mim, lançado sem anuência. Minha vida não foi feita para *home office*. Minha *home* sempre foi um refúgio de livros, músicas, filmes e alguns poucos afetos. Sempre foi um *bunker* provido de vinho, café e chá. Meu *office* era um lugar quase sagrado, onde chegava de corpo e alma na hora marcada e saía de corpo e alma, exatamente oito horas depois. Assim produzia saúde e flertava com a Loucura. Agora, arrumo os cabelos mal cortados e ajusto a LUZ para ser barbaramente invadido pelos fantasmas do mundo exterior. Produzo Loucura e flerto com a sanidade.

A água ferveu e joguei-a sobre as folhas desidratadas, num balé aromático e pigmentado de carmim. Segurei a caneca de louça com meu chá fumegante com as duas mãos para aquecer as pontas dos dedos. Esta época começa a proporcionar sensações térmicas estranhas e confortantes. Sentei na poltrona do canto e vi a LUZ entrar pela janela, iluminando a pequena pirâmide. Janelas pequenas em uma sequência monótona e familiar. Todas elas são exatamente iguais à minha. A repetição desse padrão estético é a única vista que tenho neste grande condomínio popular. A melhor vista (que grande ironia) é impedida por paredes cegas, que chamo de "*medianeras*" porque vi uma vez em um filme. Quem pensou na arquitetura deste prédio não pensou em quem viveria aqui. Fico imaginando as vidas das pessoas que, assim como eu, estão isoladas e também foram esquecidas pelos arquitetos. Não pensava no isolamento social que se tornou símbolo de resistência à necropolítica institucional que vivemos. Pensava no isolamento das pessoas de tantas coisas que agora ficam mais insuportavelmente claras: saúde, educação, informação, qualidade de vida e uma vista bonita de um horizonte possível do futuro. Não há para onde olhar nem para onde ir, as janelas das vidas dos outros turvaram o horizonte. Estamos todos isolados em nossas sacadas, batendo panelas, vaiando ou aplaudindo novos "heróis". Estou recluso e posso olhar para a vida com uma caneca de chá que compartilho com meus fantasmas. Estar aqui e preservar minha existência é direito básico que não é só meu. Mas nestes tempos sombrios e sufocantes, que nem o sol e o ar entrando pela janela aberta conseguem aplacar, esse direito básico à vida se torna quase um privilégio. E eu, enrolado no meu roupão vermelho, com minha xícara fumegante de chá em riste, olhando do alto a vida lá fora, paro e penso no que resta de vida aqui dentro.

Caro (des)conhecido, se você está lendo esta carta, saiba que do lado de cá desse muro branco ainda há o que a gente chamava de "Vida". Aquela vida de antes de perdermos sorrisos atrás de máscaras, antes do medo que o ar da rua estivesse envenenado e antes de abraços e beijos oferecerem risco. Joguei um pouco dessa vida pelos cantos desta casa cada vez menor, que consigo percorrer contando os passos de olhos fechados no escuro: do quarto para o banheiro são dez passos e dele para a cozinha mais quinze. Do quarto até a janela da sala de estar são doze e dela para a rua são vinte. Daqui até você, meu caro, é como se peregrinasse o caminho de Santiago de Compostela, condensando toda a vida que consegui juntar nestas poucas páginas que te entrego agora.

Você perceberá que a carta foi amarrada com uma corda de fibras de juta. Ela é feita daquele capacho puído da porta de entrada da minha casa. Não tenho a quem desejar "seja bem-vindo". Mas queria que essa mensagem de boas-vindas desfiada chegasse até você, numa anti-boas-vindas, talvez uma mensagem de boas-idas. Sei que as palavras não têm tanto peso para romper o grande limite branco. Então, amarrei-a bem forte à pirâmide de cristal de quartzo. Mando também a foto da pequena criança conduzida pela mão. Isto é para você lembrar que o caminho deve ser percorrido passo a passo e que sempre tem alguém que nos oferece a mão sem o medo da contaminação. Se a carta e a foto não significarem nada para você, sem culpa descarte-as. Mas a pirâmide pode servir como uma fonte de energia cósmica canalizada para guiar seu caminho ou como um peso para papéis que você não sabe se guarda ou joga fora. A vida é rara. Então, cuide-se, cuide de quem você ama e viva bem.

Abraços (à distância),

L.

